

Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba



CURITIBA
A CIDADE DA GENTE

2006

Volume 3
- Ensino Fundamental



CURITIBA
A CIDADE DA GENTE

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
Beto Richa

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO
Eleonora Bonato Fruet

SUPERINTENDÊNCIA EXECUTIVA
Jorge Eduardo Wekerlin

SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO EDUCACIONAL
Fábio Dória Scatolin

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL
Ida Regina Moro Milléo de Mendonça

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL
Nara Luz Chierighini Salamunes

DEPARTAMENTO DE TECNOLOGIA E DIFUSÃO EDUCACIONAL
Ricardo Antunes de Sá

COORDENADORIA DE ATENDIMENTO ÀS NECESSIDADES
ESPECIAIS
Iaskara Maria Abrão

EDUCAÇÃO – PRIORIDADE POLÍTICA

Desde janeiro de 2005, nossas equipes de profissionais das diferentes instâncias pedagógicas e administrativas se mobilizaram para efetivar os compromissos que assumimos com a população de Curitiba, sendo, o principal deles, a educação.

Em seu sentido amplo, entendemos educação como o processo de formação continuada dos cidadãos, a partir de saberes historicamente situados e de práticas educacionais pautadas na cooperação, na colaboração, no respeito mútuo, no respeito à diversidade étnico-racial e cultural, na inclusão irrestrita, nos valores éticos e na preservação da vida.

Esse processo deve proporcionar aos cidadãos o seu autoconhecimento, para que possam conviver democraticamente em busca de uma sociedade mais justa e igualitária. Uma sociedade consciente de seus direitos e deveres e de suas responsabilidades com a promoção de uma vida digna para todos e com o uso racional dos recursos naturais, contribuindo assim para o desenvolvimento sustentável e a continuidade da vida na Terra.

Sabemos que a educação não se dá somente no ambiente escolar, mas sim em todos os espaços e práticas sociais, em todas as instâncias da cultura. Por essa razão, em diferentes momentos e locais se evidencia a relevância social da educação. É por meio dela que valores e práticas são reconstruídos e que novos e diferentes saberes são veiculados em virtude das exigências econômicas e tecnológicas advindas das necessidades de uma sociedade em constante transformação.

Temos consciência de que a educação escolar não é a solução para todos os problemas sociais. Reconhecer, porém, sua limitada capacidade de transformar não significa que a vejamos como mera reprodutora de ações de uma determinada organização social.

Sabemos que a transformação de um modelo de sociedade, que privilegia a poucos, somente será possível se os cidadãos tiverem condições de acesso permanente aos conhecimentos e tecnologias produzidos pela sociedade e participarem efetivamente nas decisões sobre os rumos e formas da organização social e econômica.

Em uma sociedade complexa como a nossa, a escola é uma das instâncias sociais mais importantes entre as responsáveis por oportunizar aos cidadãos a construção de saberes imprescindíveis para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias às ações individuais e coletivas.

A fim de que esse processo se concretize, é fundamental o esforço da comunidade, dos educadores e dos governantes para ofertar educação de qualidade, que desenvolva práticas que configurem tanto as transformações almejadas para a sociedade quanto a formação humana para a promoção da vida. Nesse sentido, oferecer educação de qualidade é um dos nossos objetivos essenciais.

Este documento é o primeiro resultado dos estudos e reflexões que os educadores do município de Curitiba desenvolveram ao longo do ano de 2005 e resume o que acreditamos ser imprescindível fazer pela educação de nossa cidade.

Agradecemos a todos que contribuíram e contribuem para a elaboração/execução deste projeto e participam da construção das ações que o concretiza em cada comunidade e o torna realidade vivida nas práticas educativas da nossa Cidade.

Beto Richa

Prefeito de Curitiba

Eleonora Bonato Fruet

Secretária da Educação

SUMÁRIO

I - UMA REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DA ELABORAÇÃO DAS DIRETRIZES.....	1
II - O ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS.....	3
III - A ORGANIZAÇÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO.....	5
1 APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO.....	5
IV - O CURRÍCULO E A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	8
1 CONTEÚDOS.....	9
1.1 Conteúdos conceituais.....	10
1.2 Conteúdos procedimentais	10
1.3 Conteúdos atitudinais	11
V - ÁREAS DO CONHECIMENTO	13
1 CIÊNCIAS NATURAIS	13
1.1 Fundamentos teórico-metodológicos para a área de Ciências Naturais	13
1.2 Área de Ciências Naturais Ciclo I – Etapa Inicial, 1. ^a e 2. ^a etapas (1. ^o , 2. ^o e 3. ^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)	20
1.3 Área de Ciências Naturais Ciclo II – 1. ^a e 2. ^a etapas (4. ^o e 5. ^o anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	28
1.4 Área de Ciências Naturais Ciclo III – (6. ^o e 7. ^o anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	41
1.5 Área de Ciências Naturais Ciclo IV – (8. ^o e 9. ^o anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	52
2 EDUCAÇÃO FÍSICA.....	65
2.1 Fundamentos teórico-metodológicos para a área de Educação Física.....	65
2.2 Área de Educação Física Ciclo I – Etapa Inicial, 1. ^a e 2. ^a séries (1. ^o , 2. ^o e 3. ^o anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	75
2.3 Área de Educação Física Ciclo II – 1. ^a e 2. ^a etapas (4. ^o e 5. ^o anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	79
2.4 Área de Educação Física Ciclo III e IV – (6. ^o , 7. ^o , 8. ^o e 9. ^o anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	83
3 ENSINO DA ARTE	86

3.1 Fundamentos teórico-metodológicos para o Ensino da Arte	86
3.2 Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)	93
3.3 Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)	98
3.4 Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)	103
3.5 Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)	108
4 GEOGRAFIA.....	113
4.1 Fundamentos teórico-metodológicos para a área de Geografia	113
4.2 Área de Geografia Ciclo I – Etapa Inicial, 1.ª e 2.ª séries.....	117
4.3 Área de Geografia Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)	121
4.4 Área de Geografia Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)	124
4.5 Área de Geografia Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)	127
5 ENSINO RELIGIOSO	130
5.1 Fundamentos teórico-metodológicos para o Ensino Religioso	130
5.2 Área de Ensino Religioso Ciclo I – Etapa Inicial, 1.ª e 2.ª etapas (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)	145
5.3 Área de Ensino Religioso Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)	146
5.4 Área de Ensino Religioso Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)	148
6 HISTÓRIA	151
6.1 Fundamentos teórico-metodológicos para a área de História	151
6.2 Área de História Ciclo I – Etapa Inicial, 1.ª e 2.ª etapas – (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)	161
6.3 Área de História Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas – (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)	165

6.4	Área de História Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	169
6.5	Área de História Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	174
7	LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	181
7.1	Fundamentos teórico-metodológicos para área de Língua Estrangeira.....	181
7.2	Área de Língua Estrangeira Ciclo I – Etapa Inicial, 1.ª e 2.ª etapas (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	187
7.3	Área de Língua Estrangeira Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	189
7.4	Área de Língua Estrangeira Ciclos III e IV – (6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	192
8	LÍNGUA PORTUGUESA.....	197
8.1	Fundamentos teórico-metodológicos para área de Língua Portuguesa.....	197
8.2	Alfabetização e letramento.....	203
8.3	Leitura – Condição básica para a formação da cidadania.....	208
8.5	Práticas de oralidade.....	214
8.6	Prática da escrita.....	216
8.7	Análise Lingüística.....	219
8.8	Área de Língua Portuguesa Ciclo I – Etapa Inicial, 1.ª e 2.ª etapas – (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	221
8.9	Área de Língua Portuguesa Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas – (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	227
8.10	Área de Língua Portuguesa Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	234
8.11	Área de Língua Portuguesa Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	240
9	MATEMÁTICA.....	247
9.1	Fundamentos teórico-metodológicos para a área de Matemática.....	247



CURITIBA

A CIDADE DA GENTE

Secretaria da Educação

9.2 Área de Matemática Ciclo I – Etapa Inicial, 1. ^a e 2. ^a etapas – (1. ^o , 2. ^o e 3. ^o anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	256
9.3 Área de Matemática Ciclo II – 1. ^a e 2. ^a etapas – (4. ^o e 5. ^o anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	261
9.4 Área de Matemática Ciclo III – (6. ^o e 7. ^o anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	267
9.5 Área de Matemática Ciclo IV – (8. ^o e 9. ^o anos do Ensino Fundamental de nove anos).....	272
REFERÊNCIAS	278
FICHA TÉCNICA	298

I - UMA REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DA ELABORAÇÃO DAS DIRETRIZES

Em janeiro de 2005, iniciamos um período de revisão da Educação Municipal, por meio de entrevistas com profissionais da educação, visitas às unidades escolares e reuniões com diretores de nossos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) e escolas. No decorrer desse processo, percebemos as necessidades existentes, entre elas a de reavaliarmos as Diretrizes Curriculares para o município de Curitiba.

Em março, ocorreu um Seminário Interno da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, que serviu para a apresentação e avaliação dos processos de cada um dos departamentos desta Secretaria. Nesse Seminário, os departamentos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental apontaram lacunas existentes no documento "Diretrizes Curriculares: o currículo em construção", enviado às escolas em dezembro de 2004.

A partir dessa constatação, deflagramos o processo de reflexão, análise, revisão, reorganização e aprimoramento das proposições curriculares para o nosso município, com a participação de todos os profissionais do Magistério Municipal.

O Departamento de Educação Infantil e a Coordenadoria de Atendimento às Necessidades Especiais promoveram momentos de discussão, análise e reflexão, com suas equipes, bem como o Departamento de Ensino Fundamental. Neste Departamento, o processo ocorreu no período de março a julho de 2005, por meio de encontros presenciais e de fóruns virtuais, subdivididos em grupos temáticos, dentre eles: Língua Portuguesa e Alfabetização; História e Ensino da Arte; Geografia e Ciências; Educação de Jovens e Adultos; Gestão Escolar e Legislação; Matemática; Projetos; Educação Especial e Educação Integral; Concepção Teórica; Língua Estrangeira e Ensino Religioso; Educação Física e Educação Ambiental.

Paralelamente, ocorreram em nossos CMEIs e escolas estudos e reflexões que resultaram em outros relatórios enviados a esta Secretaria da Educação. Os registros foram categorizados por escola, por núcleo e por temáticas abordadas. A discussão, tanto nos momentos presenciais como também nos virtuais, foi registrada e está contemplada neste documento.

Nos documentos apresentados pelas escolas, ficou bastante evidente a necessidade de se ter um referencial curricular básico, em que estejam registrados objetivos, conteúdos e critérios de avaliação comuns a toda a Rede. Essa evidência também foi observada nos fóruns e debates presenciais.

Diferentemente do que requer uma organização escolar em ciclos de aprendizagem, 21 escolas propuseram que os conteúdos e os objetivos fossem organizados por etapas anuais. No entanto, os conteúdos, objetivos e critérios de avaliação estão registrados, neste documento, conforme uma organização em ciclos, e não por etapas anuais ou séries. De qualquer forma, entendemos que essa questão é relevante e está relacionada ao trabalho de organização curricular de cada escola.

Os conteúdos que dizem respeito a determinado ciclo têm que ser adequados à prática pedagógica em função de vários fatores que não se restringem a uma prescrição prévia. Tais fatores dizem respeito à condição de desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes, às configurações culturais específicas a cada estudante, grupo e escola, às condições estruturais disponíveis ao processo pedagógico, entre outros.

A partir dessas análises, o presente documento objetiva nortear a prática pedagógica em nossos Centros Municipais de Educação Infantil e escolas, como fruto da participação dos diferentes profissionais que contribuíram e contribuem na contínua reflexão sobre nossa educação.

II - O ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS

Em 1961, o ensino obrigatório brasileiro era composto por quatro anos de escolaridade. Até 1970, havia o compromisso governamental de ampliação para seis e, em 1971, a escolaridade obrigatória passou a ser de oito anos.

Hoje, a organização do Ensino Fundamental de nove anos é um movimento mundial. Na América Latina, vários países já o adotam (BRASIL, 2004), e, há mais de vinte anos, RIBEIRO (1984) preconizava a necessidade de ampliação do tempo escolar, tanto em número de anos quanto em número de horas diárias.

Dos anos oitenta para cá, a democratização do ensino no Brasil oportunizou o acesso escolar à grande parcela da população antes excluída da educação básica. Em face da demanda para a primeira série do Ensino Fundamental com duração de 08 (oito) anos, a matrícula era obrigatória, até 2004, para as crianças aos 07 (sete) anos de idade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394/96, em seu art. 34, sugere a ampliação gradativa do período de permanência do aluno na escola.

A Lei n.º 10.172, de 09 de janeiro de 2001, do Plano Nacional da Educação, propõe o Ensino Fundamental com 09 (nove) anos de duração e o ingresso obrigatório aos 06 (seis) anos de idade, na medida em que for sendo universalizado o acesso ao Ensino Fundamental à faixa etária de 07 (sete) a 14 (quatorze) anos.

Em 08 de junho de 2005, a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação aprovou o Parecer n.º 06/2005, que estabelece normas nacionais para a ampliação do Ensino Fundamental para 09 (nove) anos a todos os brasileiros a partir de 06 (seis) anos de idade.

Com a aprovação desse Parecer, cada sistema de ensino deve refletir sobre sua realidade quanto aos recursos financeiros, materiais

e humanos para sua implantação e proceder às orientações necessárias para o cumprimento da Lei.

Em 6 de fevereiro de 2006, a Lei n.º 11.274, que altera artigos da Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996, dispõe que o Ensino Fundamental obrigatório é composto de nove anos com matrícula a partir de seis anos de idade, mas essa obrigatoriedade será implantada de forma gradativa até 2010.

O Ensino Fundamental de nove anos é, portanto, uma meta nacional a ser atingida. Em Curitiba, o atingimento dessa meta não causa impactos significativos, pois desde a implantação da organização do ensino em ciclos de aprendizagem em 1999 o progressivo atendimento escolar às crianças de seis anos vem se dando em caráter facultativo.

Atualmente, as escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, na sua maioria organizadas em Ciclos de Aprendizagem, estruturam-se em dois segmentos: o primeiro segmento composto por 05 (cinco) anos, o qual compreende o Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas, em 03 (três) anos; o Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas, em 02 (dois) anos; e o segundo segmento composto por 04 (quatro) anos compreende o Ciclo III – 1.^a e 2.^a etapas (5.^a e 6.^a séries), em 02 (dois) anos, e o Ciclo IV – 1.^a e 2.^a etapas (7.^a e 8.^a séries), em 02 (dois) anos. Mas o simples aumento do tempo da criança na escola não assegura melhores aprendizagens. É preciso uma nova organização dos conteúdos, das práticas de sala de aula e, especialmente, o emprego eficaz do tempo escolar.

Na Rede Municipal de Ensino de Curitiba, as metas quantitativas de atendimento ao Ensino Fundamental estão sendo cumpridas. No entanto, ainda há o que avançar em termos de melhoria da qualidade de ensino.

III - A ORGANIZAÇÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO

1 APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

Os diferentes tempos biológicos e culturais – os ritmos da natureza e da vida cotidiana – constituem o contexto que interfere nos processos de aprendizagem e nas vivências dos seres humanos. Um desses tempos é o tempo escolar.

A escola tem buscado rever suas práticas e atividades reguladas por meio de horários e calendários, no sentido de considerar as trajetórias humanas dos estudantes, suas vivências e suas experiências, para articulação dos seus tempos com os tempos da vida (SANTOS, 2005).

O tempo escolar como construção cultural, aliado aos tempos da vida, que se revelam por meio das transformações corporais, dos desejos, dos comportamentos, das atitudes, das emoções e dos sentimentos, propicia aos estudantes desenvolvimento e aprendizagens significativas para toda a vida.

Aprendizagem e desenvolvimento são processos diferenciados, mas intimamente relacionados.

O desenvolvimento é o fenômeno de mudanças das manifestações comportamentais dos seres humanos, entre elas as afetivas, sociais, cognitivas e psicomotoras, que ocorrem ao longo da vida e dependem da carga hereditária, da maturação orgânica e do meio ambiente físico e sociocultural.

A aprendizagem é também um fenômeno que trata de mudanças de comportamento dos seres humanos, mas que ocorre em prazo relativamente curto, mediante a intervenção de algo ou de alguém, também levando em consideração a carga hereditária, a maturação orgânica e o meio ambiente físico e sociocultural.

A aprendizagem deve ser considerada sempre como aprendizagem de algo para a construção de conceitos e competências ao longo do desenvolvimento. É a aprendizagem que impulsiona o desenvolvimento, que novamente impulsiona uma nova aprendizagem. Para entendermos a aprendizagem como um fenômeno inerente ao desenvolvimento do homem, devemos levar em consideração os mecanismos de construção do conhecimento, de conceitualização do mundo e as dinâmicas do desenvolvimento cognitivo humano ocorridas nas interações sociais (MORO, 2005).

Entende-se então a aprendizagem como um processo construído internamente, mediante conflitos cognitivos que oportunizam reorganizações cognitivas, que dependem dos níveis de desenvolvimento do estudante, mediante a tomada de consciência das ações que executa, suas inter-relações e seus resultados (PERRET-CLEMONT, 1984).

Logo, a organização do tempo escolar deve possibilitar ao estudante o estabelecimento de relações essenciais para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, tais como atenção, percepção, memória, pensamento, imaginação e capacidade de aprendizagem.

Cabe aos profissionais da educação desenvolver práticas educacionais dinâmicas e contextualizadas, que propiciem ao estudante uma nova compreensão da realidade em que está inserido, levando-o ao desenvolvimento de estratégias cognitivas e metacognitivas, construindo assim sua autonomia.

A metacognição refere-se à organização dos processos cognitivos, ao desenvolvimento da capacidade de os estudantes aprenderem sobre suas próprias aprendizagens. É claro que isso é um processo longo e requer práticas pedagógicas que os levem a refletir sobre suas ações e suas formas de encontrar soluções para os problemas com os quais se deparam. Dessa forma, as estratégias metacognitivas possibilitam aos estudantes a potencialização da aprendizagem.

É preciso considerar os estudantes em suas especificidades e potencialidades, desenvolvendo ações e espaços que os tenham como centro da organização do processo pedagógico, no qual suas vivências, experiências, saberes e valores sejam contemplados. Isso implica em reorganização da escola levando em conta os tempos da vida, das aprendizagens, dos fazeres e das construções dos estudantes.

IV - O CURRÍCULO E A ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Todo currículo é uma construção social, um fenômeno histórico resultante de um processo dinâmico, sujeito a múltiplas influências: práticas políticas, sociais, culturais e pedagógicas do interior da escola, da comunidade e do mundo. É uma manifestação cultural construída na prática pedagógica de forma coletiva.

É o currículo que, através de sua função socializadora, revela a intenção educativa da escola e a concepção subjacente ao processo que constitui o fazer pedagógico, pois a configuração curricular da escola é o resultado das tomadas de decisões marcadas por aspectos internos e externos à sua organização.

O processo histórico vivido na atualidade requer a superação da linearidade da organização curricular. Isso porque essa organização tornou-se insuficiente na busca de suprir as necessidades de uma nova consciência reflexiva acerca do mundo, pois o enfrentamento de nossa realidade sugere uma organização curricular sistêmica e inter-relacional que ultrapasse a visão uniforme do conhecimento.

No currículo, os enfoques de análise devem ser múltiplos, envolvendo a totalidade do conhecimento, com os diferentes focos das áreas do conhecimento articulados, como lentes para a leitura da realidade, como uma rede de relações articuladas entre si com vistas à aprendizagem e à proposição de soluções para os problemas que se apresentam.

Nessa estrutura, o currículo torna-se um processo dinâmico de construção de saberes, em que práticas e possibilidades se articulam e se complementam, numa interação dialógica de auto-organização e de permanente adaptação de práticas para que se efetive a aprendizagem.

A organização desse currículo é, portanto, ponto de partida e resultado das incontáveis relações de troca e inúmeras experiências de integração, de investigação. Não se trata, porém, de conceber currículo como sinônimo de um conjunto de conhecimentos predeterminados que

se enquadram em disciplinas "cientificamente" definidas e delimitadoras, que aprisionam e reduzem os conhecimentos da cultura humana em modelos daquilo que será vivenciado na escola num dado espaço e tempo igualmente rígidos.

O currículo deve ser entendido para além de sua forma e estrutura, caracterizando-se por um conjunto de ações que cooperam para a formação humana nas múltiplas dimensões que a constituem.

A escola precisa estar sintonizada com a complexidade da sociedade, interconectada com os movimentos sociais, culturais, políticos, econômicos, éticos, étnico-raciais e históricos. Movimentos que devem se tornar objeto de estudo, para que os estudantes possam desenvolver habilidades, conhecimentos e competências que lhes dêem subsídios para serem cada vez mais capazes de analisar, refletir e atuar em face da realidade em que vivem, para que não somente possam descrever o mundo que os rodeia, mas sim transformá-lo no sentido de uma configuração mais justa e respeitosa dos ciclos da vida de todas as espécies e gerações.

Para isso, a escola precisa organizar os conteúdos curriculares de forma mais ampla, não se restringindo somente aos conteúdos de natureza conceitual, mas também incorporando à prática pedagógica conteúdos de natureza procedimental e atitudinal.

1 CONTEÚDOS

Entende-se que "os conteúdos designam o conjunto de conhecimentos ou formas culturais cuja assimilação e apropriação pelos alunos e alunas é considerada essencial para o seu desenvolvimento e socialização" (COLL, 2000, p. 12).

Levando em conta essa abordagem, os conteúdos são categorizados em seus aspectos conceituais (fatos e conceitos), procedimentais e atitudinais (valores e normas). Um mesmo conteúdo pode se apresentar segundo essas três categorias. É fundamental

então planejar e desenvolver atividades que permitam o trabalho de forma inter-relacionada.

1.1 Conteúdos conceituais

Em todos os âmbitos do conhecimento, há a presença contínua dos fatos e dos conceitos. É na vida cotidiana que os conceitos auxiliam na categorização e organização da realidade.

É por meio da construção conceitual que se compreende e se dá sentido a tudo: atribuindo-se características que assemelham e/ou distinguem objetos, classificando-os. Um conceito nunca é um elemento isolado, mas sim “uma hierarquia ou rede de conceitos” (POZO, 2000, p. 21).

Para se construir um conceito é fundamental estabelecer relações significativas com conhecimentos prévios. Quanto mais entrelaçada estiver a rede de conceitos que um sujeito possui, maior também será a capacidade desse sujeito de estabelecer novas aprendizagens.

Portanto, nem a mera aprendizagem de fatos e dados (nomes, imagens/representações), a chamada aprendizagem memorística, nem a simples compreensão de conceitos, a aprendizagem significativa, são suficientes ao entendimento dos conteúdos.

O conteúdo conceitual é aquele então que alia a um fato e/ou dado uma significativa interpretação e compreensão com a aquisição de novos conceitos; é uma construção ativa de capacidades intelectuais que permitem organizar a realidade (BRASIL, 1997).

1.2 Conteúdos procedimentais

Considera-se como procedimentos os hábitos, as técnicas, as estratégias, as habilidades, os métodos, as rotinas, o conjunto de ações orientadas de maneira sistemática e ordenada que revelam a

capacidade de saber fazer e de saber agir de maneira eficaz e eficiente.

As ações humanas buscam selecionar, combinar e relacionar conhecimentos diversos, na intenção de se construir “soluções”, pessoais e autônomas a um problema para o qual não se tinha de antemão uma resposta conhecida. É na busca dessas soluções que utilizamos diferentes procedimentos (COLL, et al., 2000).

Não se deve confundir um procedimento com uma metodologia, com um recurso ou conjunto de atividades que levem os estudantes à aprendizagem. O ensino de um procedimento não se dá somente na escola, pois há determinados saberes que são aprendidos na vida cotidiana. Ao se ensinar procedimentos também se ensina uma forma de pensar e produzir conhecimentos.

O conteúdo procedimental é aquele que possibilita a percepção das formas de atuar e de usar conhecimentos para descobrir, interpretar, observar, identificar, representar, comparar, rever, refletir e analisar novos caminhos, conceitos e ações.

1.3 Conteúdos atitudinais

O conceito de atitude é freqüentemente utilizado na tentativa de se explicar e compreender o comportamento humano. Uma atitude que, além de levar em conta a personalidade individual de cada ser humano, se vê também influenciada por determinantes sociais: crenças, hábitos, valores, normas. Entretanto, uma atitude se diferencia do temperamento, do estado de ânimo ou de humor, dos valores, das crenças e das opiniões, dos hábitos e das habilidades pessoais.

Consideramos atitude como tendência ou predisposição relativamente estável de avaliar de um determinado modo um objeto, pessoa, fato ou situação, para que se possa atuar de acordo com essa avaliação (SARABIA, 2000).

No interior da escola, o processo socializador das dinâmicas interativas dos estudantes gera um cenário próprio para o surgimento de várias e diferentes atitudes relativas ao conhecimento, ao professor, aos colegas, às disciplinas, às tarefas, à sociedade.

Embora parte das atitudes de cada estudante não seja sistematicamente ensinada, as atitudes são consideradas conteúdos concretos de ensino, que guiam os processos perceptivos e cognitivos e conduzem a aprendizagem de toda categoria, todo tipo de conteúdo (SARABIA, 2000).

A participação ativa de cada estudante em sala de aula intervém decisivamente na aquisição de conhecimentos, no sucesso ou no fracasso da aprendizagem e na possibilidade de atitudes que incentivem seu interesse e sua participação nas aulas.

V - ÁREAS DO CONHECIMENTO

1 CIÊNCIAS NATURAIS

1.1 Fundamentos teórico-metodológicos para a área de Ciências Naturais

O ensino de Ciências Físicas e Biológicas, ao ser introduzido no currículo do Ensino Básico Brasileiro, entre os anos 50 e 60, tinha como principal meta atender às necessidades do desenvolvimento tecnológico do país.

Na década de 50, a escola era apenas para alguns poucos privilegiados. Os programas curriculares eram rígidos, e os professores não tinham formação pedagógica – médicos, padres, engenheiros ministravam as aulas. No final dessa década e início dos anos 60, o impacto do lançamento do primeiro satélite artificial, o *Sputnik*, pelos soviéticos, levou os países ocidentais, sobretudo os Estados Unidos e a Inglaterra, a questionarem e repensarem o ensino de Ciências nas escolas, resultando disso a elaboração de novos projetos curriculares.

Até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 4.024/61, o ensino de Ciências era considerado uma atividade neutra, objetiva e reprodutora de uma verdade inquestionável, sendo primordial a quantidade de conteúdos que eram trabalhados em sala de aula.

Na década de 70, houve um deslocamento do foco pedagógico tradicional para uma maior participação do estudante no processo de aprendizagem. A principal meta do ensino de Ciências passou a ser a de identificar problemas a partir de fatos observados, construir hipóteses, testá-las, tirar conclusões ou abandoná-las, se fosse necessário. O estudante deveria ser capaz de redescobrir o que a ciência já havia descoberto. O professor deveria conhecer o que o estudante pensava para fazer com que suas idéias, a princípio

“simples” e “erradas”, fossem transformadas em conceitos mais elaborados e científicos, pois a ciência era considerada a detentora da verdade absoluta e inquestionável.

Nos anos 80, as questões ambientais decorrentes da industrialização desencadearam a discussão sobre as implicações sociais do desenvolvimento científico, e a escola passou a objetivar a formação de um cidadão trabalhador, “peça essencial para responder às demandas do desenvolvimento” (KRASILCHIK, 1987).

Entretanto, o que prevalece no ensino de Ciências que é dado hoje nas escolas são as práticas tradicionais, com alguns retoques e inovações, ainda insuficientes para transformar o trabalho de sala de aula.

Neste século, na dinâmica da vida contemporânea, a sociedade tem exigido mais informações relacionadas à ciência e à tecnologia do que em qualquer outra época. Convive-se com a crescente miniaturização dos sistemas de computação e com a crescente ampliação do seu uso. A maioria da população convive com inúmeros produtos da ciência e da tecnologia, porém sem refletir sistematicamente sobre os processos de produção e distribuição desses bens culturais, fato que impede o exercício pleno da cidadania crítica e consciente. Na era do conhecimento, a ciência expressa as interrogações dos sujeitos em face de um mundo mais complexo e mais inesperado do que poderia imaginar a ciência clássica. Mais do que nunca, a ciência aparece como um dos mais fascinantes diálogos que o homem já travou (PRIGOGINE, apud CHASSOT, 1997, p. 181).

Segundo POZO e CRESPO (1998), o que tem justificado a inclusão das ciências da natureza como parte do currículo da Educação Básica, atualmente, é a necessidade de proporcionar aos estudantes uma cultura científica, que lhes permita compreender o funcionamento da natureza e a influência dos avanços científicos e tecnológicos na vida social das pessoas.

O ensino das Ciências Naturais na escola é essencial para: proporcionar ao cidadão em formação a constituição do pensamento

científico a respeito do ecossistema, aqui compreendido em sua complexidade; desvelar a ciência e a tecnologia, apresentando-as como atividades humanas, historicamente produzidas, proporcionando uma visão crítica sobre a natureza da ciência e seu papel na sociedade contemporânea; gerar representações de como o ser humano entende o Universo, o espaço, o tempo, a matéria e a vida.

Para tanto, optou-se por denominar essa área de Ciências Naturais, visto que engloba os campos da Biologia, Física, Química, Geociências e Astronomia, considerando que os conhecimentos dessas diferentes disciplinas podem proporcionar ao estudante a construção do conhecimento científico numa perspectiva crítica, que leve à compreensão das relações de interdependência que existem entre o ser humano, o restante da natureza e a cultura.

É preciso que todo cidadão tenha conhecimentos científicos para entender e debater questões a respeito do funcionamento da natureza, da ciência e da tecnologia. É preciso que haja maior aproximação entre a linguagem científica e a linguagem sociocultural para que os estudantes compreendam a importância daquilo que aprendem na escola.

Pretende-se que o currículo escolar – aqui entendido como a seleção de elementos culturais – seja direcionado para a educação científica focada nos temas sociais, e não somente em conceitos científicos fechados em si mesmos, um currículo que se preocupe com estratégias de ensino que promovam a interdisciplinaridade e a contextualização.

Os conteúdos organizados em eixos norteadores podem identificar saberes do campo das Ciências Naturais que, a partir de seus desdobramentos em conteúdos pontuais, garantam a abordagem dos objetos de estudos desta área em sua totalidade e complexidade.

Assim, o trabalho terá como eixos norteadores:

- Ecossistema.
- Culturas e Sociedades.
- Natureza da Ciência e Tecnologia.

No eixo Ecossistema, estão contemplados conteúdos referentes às complexas relações entre os sistemas físicos, químicos, geológicos e biológicos – entre os quais está o ser humano como parte integrante e agente de transformações –, considerando também os fluxos de matéria e energia e as transformações que ocorrem no ambiente terrestre.

No eixo Culturas e Sociedades, estão contemplados conteúdos referentes às relações entre ciência e sociedade, nas dimensões econômica, política e cultural. A ciência, nesse contexto, é compreendida como atividade humana, historicamente produzida, impregnada de valores e costumes de cada época, sujeita à influência de fatores sociais, econômicos e culturais, numa visão de ser humano concebida a partir de seus variados pertencimentos e de suas múltiplas relações com a natureza (MACEDO, 2004).

A ciência não é um corpo de conhecimentos pronto e acabado, mas é dinâmica, pois apóia-se em verdades relativas. Essa abordagem tem por finalidade mostrar também que suas teorias podem ser refutadas, e esse processo é regulado pelo desenvolvimento tecnológico e pelo aparecimento de novos fatos.

Os conteúdos desse eixo provêm das questões sociais e do reflexo da ciência na cultura, com a intenção de criar possibilidades para que o estudante compreenda o seu cotidiano e supere interpretações ingênuas sobre a realidade vivida. A história das idéias científicas e das relações do ser humano com o seu próprio corpo e com os outros elementos do ambiente é importante fonte de conteúdo deste eixo para que os estudantes construam uma concepção de ciência contextualizada nas relações entre a sociedade humana e a natureza.

A perspectiva do eixo Natureza da Ciência e Tecnologia traz elementos que permitem compreender as dimensões do fazer científico, a sua relação com a tecnologia e o caráter não neutro desses fazeres humanos. Essa discussão se justifica pela necessidade de formar sujeitos capazes de compreender e utilizar os recursos tecnológicos

disponíveis e suas implicações éticas e ambientais de produção e utilização desses recursos. Pode-se citar como exemplo, situações de consumo de determinado produto verificando não somente sua aplicabilidade, mas também sua ação relacionada à saúde humana, ao ambiente e à responsabilidade ética e social do fabricante.

É importante salientar que os eixos não devem ser tratados de forma isolada, pois indicam a perspectiva de abordagem e de organização dos conteúdos, possibilitando estabelecer conexões entre si, com as outras áreas e com os temas sociais contemporâneos. Parte-se de uma visão de ensino que considera o estudante um sujeito constituído no seu grupo social, que lida com diferentes tipos de conhecimentos, interpretando-os a partir de suas idéias, seus valores e crenças, os quais, por sua vez, provêm das influências socioculturais que fazem parte de suas vivências. Dessa maneira, cada estudante, considerado um ser biopsicossocial, é constituído por seu corpo físico e biológico, e também por sua cultura, por suas experiências, que estão relacionadas à sua maneira de perceber, vivenciar e interpretar o mundo que conhece.

Nesse contexto, o estudante deixa de ser visto como um “balde vazio” a ser preenchido pelo conhecimento científico. Ao contrário, é considerado um sujeito social, histórico e cultural, com conhecimentos ou representações pessoais que são constantemente confrontadas com os conhecimentos da ciência. Assim, o ensino de Ciências Naturais não objetiva apenas a promoção de mudanças conceituais nos estudantes para que eles incorporem o conhecimento científico em detrimento do seu modo de pensar. Em vez disso, propõe que eles sejam capazes de tematizar sua cultura e seus conhecimentos e também o conhecimento científico, a fim de ficarem informados e melhor preparados para tomar decisões no seu cotidiano, percebendo que diferentes formas de conhecimento interagem e podem ser utilizadas em diferentes situações.

SANTOS (2000) defende a idéia de que é necessário que o conhecimento científico e o conhecimento comum se fundam, dando

origem a um saber mais amplo que os dois isoladamente e, portanto, mais capaz de interpretar a complexidade do mundo.

Assim, quando um professor trabalha visando à aprendizagem significativa, deve ficar atento ao fato de que os estudantes sempre têm algo a dizer sobre o assunto. “O ensino dialógico-problematizador enriquece ainda mais quando professores desenvolvem suas ações pedagógicas tendo em vista a pluralidade cultural e o amplo espectro de saberes que se acham à sua volta” (OLIVEIRA, 2001, p.127 - 128).

Desconsiderar isso supõe que somente o professor sabe das coisas e é o único que pode dar respostas sobre o mundo que nos cerca. Daí a importância de considerar a cultura dos estudantes, oportunizar o desenvolvimento das suas idéias e dos conceitos que eles já têm, criando situações interessantes e significativas, fornecendo informações que permitam a reelaboração e a ampliação dos conhecimentos prévios, fazendo com que estabeleçam relações entre fatos, comparem, julguem, dêem significados, entre outros. Enfim, que eles façam articulações entre os conceitos construídos para organizá-los em um corpo de conhecimentos sistematizados.

Um trabalho fundamental a ser desenvolvido na escola é o de identificação de problemas do cotidiano que permitam estabelecer relações entre a ciência, a realidade sociocultural e a produção de tecnologia.

Ensinar Ciências Naturais de forma contemporânea significa desenvolver uma prática dialógica, criadora de fenômenos e inseparável da técnica pela qual se investiga. Essa compreensão é fundamental para o nosso trabalho, pois possibilita uma mudança qualitativa na aprendizagem.

São procedimentos que possibilitam a aprendizagem significativa: a problematização, a observação, a experimentação, a comparação, o estabelecimento de relações entre fatos e idéias, a leitura e a escrita de textos, a organização de informações por meio de tabelas, desenhos, gráficos, esquemas e textos, o confronto entre suposições, a obtenção de dados por investigação e a proposição de soluções de

problemas. Existem muitos recursos didáticos à disposição do professor que podem contribuir para a melhoria do seu trabalho pedagógico, como o livro didático, laboratórios, vídeos, *softwares*, entre outros. Fica a critério do professor selecionar o melhor recurso disponível, conforme sua realidade.

Quanto ao livro didático, ele deve ser escolhido segundo o ponto de vista conceitual e metodológico. Nele deve estar evidente a preocupação com a integridade física dos estudantes e com o tratamento dado à diversidade cultural. O livro deve ser um apoio efetivo tanto para o professor quanto para os estudantes, oferecendo informações corretas e adequadas à realidade e à fase de desenvolvimento em que estes se encontram.

Quanto à experimentação, é importante salientar que é uma prática essencial nas aulas de Ciências Naturais; entretanto, somente o experimento não garante um bom aprendizado. AXT (1991) afirma que a experimentação é indissociável do ensino das Ciências, que ela pode ser o ponto de partida para desenvolver a compreensão de conceitos ou para que os estudantes percebam sua relação com as idéias discutidas em aulas. Quando o estudante realiza um experimento, tem a oportunidade de verificar se aquilo que pensa ocorre de fato e encontrar explicações sobre os resultados obtidos enriquece o processo. Além disso, o laboratório escolar deve ser um espaço de observação das relações interdisciplinares.

Quanto ao uso de novas tecnologias no ensino de Ciências Naturais, os computadores podem ser muito úteis na escola para o acesso à internet, a busca e transmissão de dados, as simulações, as pesquisas bibliográficas e o uso de programas específicos, como planilhas eletrônicas e processadores de texto.

A seguir, serão apresentados os objetivos, os conteúdos e os critérios de avaliação considerados básicos para a formação em Ciências Naturais no Ensino Fundamental.

1.2 Área de Ciências Naturais Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Objetivo I	CrITÉrios de AvaliaÇão
<p>Identificar a presença de seres vivos e de elementos não vivos em diferentes ambientes terrestres, as relações de interdependência que existem entre eles, bem como a forma como o ser humano utiliza esses elementos e transforma os ambientes.</p>	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identifica os componentes comuns e as particularidades de ambientes diversos, naturais e transformados, classificando os elementos desses ambientes em vivos e não vivos, por meio de observações diretas e indiretas. - Compreende que os diferentes ambientes terrestres são constituídos pelos mesmos elementos e se diferenciam pelos tipos de seres vivos, pela disponibilidade dos outros componentes e pelo modo como o ser humano age sobre eles. - Descreve características da fisionomia e da composição de diferentes ambientes aquáticos e terrestres, naturais e transformados. - Estabelece relação entre as características e propriedades dos diferentes materiais existentes no ambiente e as transformações desses materiais em objetos feitos pelo ser humano em diferentes tempos e espaços. - Percebe a importância de se adotar atitudes responsáveis em relação às questões ambientais e identifica o ser humano como parte integrante da natureza.

Área de Ciências Naturais Ciclo I – Etapa Inicial, 1.ª e 2.ª etapas (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Ocorrência de seres vivos e elementos não vivos (ar, água, solo, luz) em diferentes ambientes terrestres e suas relações de interdependência. - Algumas propriedades dos materiais (cheiro, sabor, consistência, agregação, formato), bem como as formas de energia existentes no ambiente. - O Sol como fonte primária de energia (luz e calor) dos ambientes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os ambientes e os seres vivos do ecossistema urbano local e de outros mais distantes no tempo e no espaço. - Adaptação do ser humano aos diferentes ambientes (condições ambientais da vida humana). - Práticas predatórias e suas conseqüências para o ambiente e para a saúde humana. - Animais de criação e de cativeiro. - Materiais que podem causar acidentes para o ser humano. - Formação de hábitos e costumes em relação ao consumo sustentável: separação do lixo reciclável, economia de água e energia elétrica. - Tipos de construções humanas feitas em diferentes culturas e utilizadas como proteção e abrigo (vestimentas e habitação). 	<ul style="list-style-type: none"> - Ambientes construídos pelo ser humano: cidades, pastagens, hortas. - Papel dos zoológicos nas cidades. - Animais que são nocivos à saúde humana e surgem nas cidades devido ao acúmulo de lixo. - Recursos naturais utilizados pelo ser humano como matéria-prima e os processos de produção de objetos, alimentos, remédios, embalagens, tecidos; fonte de materiais para a conseqüência de certos modos de interferência humana. - Reciclagem de papel e de outros resíduos. - Perigos da energia elétrica (tomadas e fios). - Cuidados com a exposição ao sol – prevenção de doenças.

Área de Ciências Naturais Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
	- Materiais que o ser humano lança no ambiente: lixo e dejetos; poluentes do ar, da água e do solo.	

Área de Ciências Naturais Ciclo I – Etapa Inicial, 1.ª e 2.ª etapas (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Objetivo II	Critérios de Avaliação
<p>Investigar o corpo humano, estabelecendo diferenças e semelhanças entre os seres humanos e os outros seres vivos e utilizando as informações para elaborar classificações e para valorizar a diversidade de vida dos diferentes ambientes terrestres e o respeito às diferenças individuais entre os seres humanos.</p>	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreende a reprodução e o desenvolvimento para entender o ciclo vital como característica comum a todos os seres vivos. - Identifica algumas características do corpo humano nas diferentes fases da vida, respeitando as diferenças individuais. - Identifica hábitos específicos de higiene corporal, como lavar as mãos antes das refeições ou após o uso de sanitários, como recursos para prevenção a doenças contagiosas e como valor de convivência. - Identifica hábitos específicos de higiene ambiental, como cobrir alimentos, limpeza das casas e das ruas, cuidado com o lixo, como recursos para a manutenção da saúde coletiva e individual. - Compreende a importância da higiene do vestuário, da alimentação e da habitação para a manutenção da saúde. - Relaciona o uso de vacinas à prevenção de doenças. - Avalia a maior diversidade de seres vivos nos ambientes naturais que nos ambientes transformados pelo ser humano. - Reconhece e classifica os seres vivos utilizando os seguintes critérios: alimentação, cobertura do corpo, número de patas e tipo de locomoção, percepção do meio, presença de esqueleto e coluna vertebral e a sustentação, reprodução e desenvolvimento. - Valoriza o respeito às diferenças individuais relacionadas às diferentes culturas, etnias, biotipos físicos e gêneros.

Área de Ciências Naturais Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Semelhanças e diferenças entre animais e plantas quanto à alimentação: Animais carnívoros, herbívoros e onívoros e suas estratégias de busca pelo alimento. - Fotossíntese. - Cadeias e teias alimentares. - Semelhanças e diferenças entre animais e plantas quanto à reprodução e ao desenvolvimento: - Ciclo vital de diferentes espécies. - Diferenças quanto ao desenvolvimento: animais ovíparos e vivíparos. - Condições necessárias para a germinação das sementes e crescimento das plantas. - Épocas do cio e rituais de acasalamento de alguns animais vertebrados. - Tempo de gestação. - Cuidados com a prole. 	<ul style="list-style-type: none"> - Alimentação do ser humano no cotidiano, em diferentes lugares do mundo e em outras épocas. - Influência da alimentação no crescimento e no desenvolvimento do ser humano em diferentes culturas. - Higiene da alimentação como fator de prevenção de doenças. - Influência da mídia na escolha dos alimentos e na definição de padrões de beleza. - Diferenças individuais do ser humano quanto a cor, idade, biótipo e diferenças socioculturais. - Algumas doenças próprias da infância: sarampo, coqueluche, catapora. - Características do corpo humano e transformações que ocorrem nas diferentes fases da vida com relação a hábitos e valores associados à cultura, comparando crianças, adolescentes e adultos. - Prevenção de doenças em animais domésticos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Alimentos industrializados e outras técnicas de preservação dos alimentos no tempo e no espaço. - Plantas e animais utilizados pelo ser humano como alimentação e técnicas de obtenção, como hortas, pomares e lavouras, criação de animais em granjas, viveiros e pastagens. - Tecnologias utilizadas para auxiliar a gestação (inseminação artificial, ecografia, incubadora). - Condições artificiais de germinação de sementes (estufa). - Vacinação como meio de prevenção de doenças na infância.

Área de Ciências Naturais Ciclo I – Etapa Inicial, 1.ª e 2.ª etapas (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Tempo que os filhotes levam para amadurecer. - Semelhanças e diferenças entre animais quanto a: presença de esqueleto, coluna vertebral, cobertura do corpo, número de patas e forma de locomoção, levando em consideração o meio em que vivem. - Órgãos dos sentidos nos animais e nos seres humanos como meios de percepção do ambiente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cuidados com os filhos e com as gestantes em diferentes culturas. - Domesticação de animais. - Posse responsável de animais domésticos. - Postura do ser humano no decorrer de sua evolução. - Doenças ósseas e musculares relacionadas à postura (LER, doenças ocupacionais – a ergonomia). - Limites e capacidades do corpo humano na prática de esportes (atletismo, natação, saltos ornamentais, ginástica, pára-quedismo, etc.). - Tratamento dado aos portadores de necessidades especiais. - Prevenção de acidentes, como quedas, ferimentos, afogamento, asfixia e queimaduras. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aparelhos e instrumentos que o ser humano constrói como medida corretiva de algumas deficiências físicas. - Objetos e aparelhos fabricados como medida corretiva para as deficiências dos órgãos dos sentidos nos seres humanos.

Área de Ciências Naturais Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas (1.^o, 2.^o e 3.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Objetivo III	CrITÉrios de AvaliaÇão
Observar a regularidade da ocorrência de alguns fenômenos celestes, sua influência no ambiente e nas atividades humanas, permitindo que o ser humano se organize no espaço e no tempo.	Verificar se o estudante: <ul style="list-style-type: none">- Compreende os movimentos da Terra em relação ao Sol, percebendo a interferência de alguns corpos celestes na organização da vida humana.- Relaciona o ciclo do dia e da noite com o movimento de rotação da Terra.- Percebe a influência dos fenômenos celestes no ambiente e na vida do ser humano, relacionando-os com a simultaneidade e a sucessão dos acontecimentos diários.- Entende que o Sol é fonte primária de luz e calor, reconhecendo sua importância para todos os seres vivos.

Área de Ciências Naturais Ciclo I – Etapa Inicial, 1.ª e 2.ª etapas (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Movimento aparente do Sol. - O Sol como fonte de luz e calor para a Terra. - Variação das sombras no decorrer do dia. - Movimento de rotação e suas conseqüências: dias e noites e os ritmos diários nos animais e nas plantas como abertura e fechamento de flores ao longo do dia; animais de hábitos noturnos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Organização das atividades humanas em dependência aos dias e à noite. - Formas de adaptação do ser humano com relação ao tipo de vestimenta, habitação e alimentação, nas diferentes estações do ano em diferentes culturas. - História da astronomia. - Influência das variações climáticas locais nas atividades humanas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Objetos construídos pelo ser humano como formas de marcar os dias, no tempo e no espaço: relógio de sol, ampulhetas, relógios analógicos, relógios digitais, calendários. - Instrumentos construídos para estudar astronomia: lunetas, telescópios, foguetes, estações espaciais, satélites, etc.

1.3 Área de Ciências Naturais Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivo I	Critérios de Avaliação
<p>Identificar as características e propriedades do ar, da água e do solo, bem como a utilização e a transformação desses elementos pelo ser humano, em diferentes tempos e espaços, considerando as causas e as conseqüências dos impactos ambientais causados por essas transformações.</p>	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percebe que a água está presente de diversas formas, em diferentes locais do ambiente, reconhecendo a interferência do ser humano nas condições desse elemento. - Interpreta mudanças de estado da água em situações do cotidiano, produzidas ou não pelo ser humano – ocorrências naturais ou não. - Estabelece relação entre os diferentes tipos de solos, os seres vivos e a interferência do ser humano. - Identifica os processos de captação, distribuição e armazenamento de água e os modos de tratamento, tanto doméstico quanto em estações de tratamento, relacionando essas condições à manutenção da saúde. - Compreende a importância e a necessidade da presença do ar nos diferentes ambientes, entendendo também os riscos da poluição do ar para a saúde do ser humano e para o ambiente. - Reconhece a existência de agentes poluidores do solo e a necessidade de cuidados com o destino adequado dos resíduos sólidos na cidade para a manutenção da saúde humana. - Reconhece os diferentes estados físicos dos materiais no ambiente e sua aplicabilidade na tecnologia. - Estabelece relação entre luz, água e fotossíntese.

Área de Ciências Naturais Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)
conclusão

Objetivo I	Critérios de Avaliação
	<ul style="list-style-type: none">- Reconhece diferentes misturas no ambiente, identificando a água como solvente universal.- Caracteriza materiais recicláveis e alguns processos de tratamento dos resíduos sólidos nas cidades.

Área de Ciências Naturais Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<p>ÁGUA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estados físicos em que a água se apresenta na Terra. - Ciclo da água. - Água nos seres vivos. - Ambiente aquático e as adaptações dos seres vivos. - Relação da água com a luz e a formação de arco-íris. <p>SOLO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formação e composição. - O solo como elemento do ecossistema. - Características e propriedades do solo nos diferentes ambientes. - Presença de ar, água e matéria orgânica no solo. <p>AR</p> <ul style="list-style-type: none"> - Composição da atmosfera terrestre. - O ar e os seres vivos: fotossíntese e respiração. 	<ul style="list-style-type: none"> - Impactos ambientais causados pela construção de usinas hidrelétricas. - Potabilidade da água e a saúde. - Formas caseiras de tornar a água potável. - Utilização da água no decorrer da história da humanidade. - Consumo e desperdício em diferentes lugares do mundo. - Formas de conservação dos rios nas cidades. - Causas da poluição da água. - Usos do solo na agricultura e na pecuária. - Ocupação urbana e a impermeabilização do solo. - Práticas de preservação e desgaste do solo (queimadas, erosão, desertificação, permeabilidade e fertilidade, assoreamento dos rios). - Agentes poluidores do ar relacionados ao tráfego de automóveis e à presença de indústrias no ambiente urbano. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização da água como fonte de energia elétrica. - Estação de Tratamento da Água e de Esgoto. - Doenças relacionadas com a água (dengue, malária, cólera). - Transporte aquático. - Inseticidas e agrotóxicos. - Adubos naturais e artificiais. - Destino dado ao lixo nas cidades: lixões, aterros sanitários e incineração. - Transporte ferroviário e rodoviário. - Utilização do vento como fonte de energia (energia eólica). - Aquecimento global (efeito estufa). - Radiação solar X camada de ozônio: causas e conseqüências; proteção da pele. - Ar e saúde: doenças mais comuns veiculadas pelo ar, como: meningite, rubéola, gripe, etc. (formas de contágio e profilaxia).

Área de Ciências Naturais Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)
conclusão

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
	<ul style="list-style-type: none">- Qualidade do ar na cidade e no campo.- Medidas de controle da poluição atmosférica.	<ul style="list-style-type: none">- Transportes aéreos.- Poluição eletromagnética.

Área de Ciências Naturais Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)
continua

Objetivo II	Critérios de Avaliação
<p>Reconhecer o corpo humano como um todo integrado, estabelecendo relações entre os processos da digestão, respiração, circulação e excreção, compreendendo a saúde como bem-estar físico, social e psíquico do indivíduo.</p>	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece que, no corpo humano, assim como no de todos os seres vivos, existe uma organização. - Localiza os principais órgãos dos sistemas do corpo humano em representações figurativas. - Estabelece relação entre os sistemas digestório, respiratório, circulatório e excretor para compreender o corpo como um todo integrado: transformações sofridas pelo alimento na digestão e na respiração, transporte dos materiais pela circulação e eliminação de resíduos pela urina. - Identifica o alimento como fonte de matéria e energia para a manutenção e o crescimento do corpo saudável. - Associa o processo da circulação com o transporte e distribuição de materiais pelo corpo. - Reconhece que a urina é produto da filtração do sangue pelos rins, processo que concorre para a eliminação de resíduos do corpo. - Estabelece relação entre os aspectos biológicos, afetivos, culturais e socioeconômicos na preservação da saúde para compreendê-la como bem-estar físico, psíquico e social. - Compreende a necessidade de comportamentos favoráveis à saúde em relação à alimentação, à higiene ambiental e pessoal, relacionando essas condições à eficiência do sistema imunológico e à existência de defesas naturais e estimuladas.

Área de Ciências Naturais Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Objetivo II	CrITÉrios de Avaliação
	- Identifica o sistema imunológico como forma de defesa natural do organismo, que pode ser estimulada por vacinas, considerando que a eficiência desse sistema está associada às condições de higiene, alimentação e repouso, e ao bem-estar psíquico e social do indivíduo.

Área de Ciências Naturais Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<p>CORPO HUMANO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Noções sobre a organização do corpo humano: células, tecidos, órgãos e sistemas. - Relações entre os diferentes sistemas que realizam as funções de nutrição: digestão, respiração, circulação e excreção. - Transformações sofridas pelo alimento na digestão e na respiração, transporte de materiais pela circulação e eliminação de resíduos pela urina. - Sistema circulatório humano e defesas do organismo: glóbulos brancos, glóbulos vermelhos e plaquetas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Alimentação cotidiana do ser humano. - Alimentação em diferentes tempos e lugares do mundo. - Alimentação em situações especiais: estações espaciais, altitudes extremas, diferentes temperaturas, atletismo profissional, etc.). - Obesidade e anorexia. - Alimentação escolar. - Alimentação nas diferentes fases da vida e em diferentes condições de saúde. - Relação entre alimentação e doenças de carência. 	<ul style="list-style-type: none"> - Alimentos orgânicos. - Alimentos industrializados. - Utilização de fertilizantes e agrotóxicos prejudiciais à saúde no cultivo de alimentos. - Alimentos geneticamente modificados. - Tecnologias empregadas para diagnosticar problemas relacionados aos sistemas circulatório, digestório, respiratório e excretor. - Saúde bucal e suas técnicas de prevenção. - Vacinação, medicamentos, soros e fitoterapia. - Saneamento básico: condições de moradia, acesso à água tratada e ao sistema de esgoto.

Área de Ciências Naturais Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Objetivo III	Critérios de Avaliação
<p>Caracterizar os sistemas genitais masculino e feminino e as mudanças que ocorrem no corpo humano durante a puberdade, respeitando as diferenças individuais do corpo e do comportamento nas diferentes fases da vida.</p>	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estabelece relação entre os aspectos biológicos, afetivos e culturais para a compreensão da sexualidade e de suas manifestações, nas diferentes fases da vida humana, valorizando os vínculos entre afeto, responsabilidade, sexualidade e auto-estima. - Entende as funções dos órgãos que compõem os sistemas genitais, reconhecendo a necessidade de cuidados quanto à higiene e à prevenção de doenças em todas as fases da vida. - Compreende o momento de desenvolvimento em que se encontra, considerando as variações individuais ligadas à hereditariedade e ao histórico pessoal. - Compara os órgãos e funções dos sistemas genitais masculino e feminino, relacionando seu amadurecimento às mudanças que ocorrem no corpo e no comportamento de meninos e meninas, respeitando as diferenças individuais. - Reconhece que a atividade sexual é uma forma de contágio de doenças específicas como a AIDS e outras DSTs.

Área de Ciências Naturais Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Sistema Reprodutor Humano: - Órgãos genitais masculinos e femininos: aspectos anatômicos e funcionamento. - Concepção, fecundação e gravidez. - O papel dos hormônios para o funcionamento do corpo e para o amadurecimento sexual. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aspectos afetivos e culturais da sexualidade e suas manifestações nas diferentes fases da vida de homens e mulheres. - Gravidez na adolescência. - Higiene dos órgãos genitais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Métodos anticoncepcionais. - Tecnologias de reprodução <i>in vitro</i>. - Manipulação genética: clonagem e células-tronco. - Prevenção e forma de tratamento de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e da AIDS.

Área de Ciências Naturais Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Objetivo IV	Critérios de Avaliação
<p>Compreender que o ser humano é parte integrante da natureza, interage com o meio através dos órgãos dos sentidos e reage aos estímulos do ambiente por intermédio dos sistemas muscular e esquelético, identificando o papel do sistema nervoso e hormonal na coordenação dessas funções.</p>	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none">- Entende os movimentos do corpo como a relação entre esqueleto e músculos, reconhecendo a importância dos cuidados com a nutrição e a prevenção de acidentes.- Estabelece relação entre o sistema nervoso e hormonal, as funções do corpo e a percepção do ambiente.- Associa a realização dos movimentos com a atividade dos músculos, ossos e nervos.- Associa o aumento do movimento respiratório e dos batimentos cardíacos com o aumento da intensidade da atividade física.

Área de Ciências Naturais Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Sistemas de coordenação humana: aspectos anatômicos e funcionamento do sistema nervoso e hormonal. - Estruturas de sustentação e movimentação do ser humano: esqueleto e músculos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Relação entre a alimentação e o bom funcionamento do sistema ósseo e muscular. - Drogas e automedicação. - <i>Doping</i> e os limites do corpo humano nas práticas esportivas. - Prevenção de acidentes com lesões ósseas e musculares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tecnologias que podem causar danos ao sistema nervoso central: radiação. - Usos e avanços tecnológicos da neurociência. - Próteses que substituem parte e funções de alguns órgãos do corpo humano: implantes dentários, pinos ósseos, etc.

Área de Ciências Naturais Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Objetivo V	Critérios de Avaliação
<p>Reconhecer e identificar a regularidade de alguns fenômenos celestes e sua influência no ambiente e nas atividades humanas, permitindo que o ser humano se organize no espaço e no tempo.</p>	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identifica o Sol, os planetas e outros astros como constituintes do Sistema Solar. - Relaciona o intervalo de tempo de um ano com o movimento de translação da Terra em torno do Sol. - Compreende a influência dos fenômenos celestes no ambiente e na vida do ser humano, relacionando-os com os acontecimentos diários. - Infere a estação do ano em um hemisfério ao ser informado sobre a estação no hemisfério oposto, mostrando conhecer o fato de que, quando é inverno no hemisfério sul, é verão no hemisfério norte e vice-versa.

Área de Ciências Naturais Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Sistema solar e seus componentes. - Astros luminosos e iluminados: asteróides, cometas, meteoros, satélites, estrelas e planetas. - Planeta Terra: características internas e externas. - Condições necessárias à vida na Terra. - Relação entre o movimento de translação da Terra e os ritmos biológicos dos seres vivos (ritmos circanuais ou sazonais – arrastados pelas estações do ano). - Frutificação, época de plantio e colheita de algumas plantas nas diferentes estações do ano. - Lua: fases, marés, eclipses. 	<ul style="list-style-type: none"> - Organização das atividades humanas, conforme o período do ano. - Comportamentos relacionados com a forma de alimentação e vestimenta no decorrer do ano, em diferentes culturas. - Formas de previsão de tempo em diferentes culturas. - Observação da natureza como forma de fazer a previsão e o controle do tempo. - Influência da Lua em algumas atividades humanas: plantio, corte de cabelo, nascimento, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> - Instrumentos fabricados para marcar o tempo no decorrer da história, em diferentes lugares do mundo. - Meteorologia: diferença entre clima e tempo, formas científicas de se fazer a previsão do tempo – estações meteorológicas. - Cronopatologias.

1.4 Área de Ciências Naturais Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivo I	Critérios de Avaliação
<p>Identificar diferentes astros do Universo e em especial os do Sistema Solar, reconhecendo a regularidade dos fenômenos celestes, sua influência no ambiente e nas atividades humanas, permitindo que o ser humano se organize no espaço e no tempo.</p>	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observa, busca e organiza informações sobre a duração dos dias e das noites, em diferentes épocas do ano, e os movimentos da Terra, da Lua e das estrelas, ao longo do tempo, reconhecendo a natureza cíclica desses eventos, associando-os a ciclos dos seres vivos e às atividades humanas. - Organiza informações sobre os astros do Sistema Solar, buscando uma concepção científica de Universo. - Caracteriza a constituição da Terra e as condições para a existência de vida. - Conhece e valoriza outras formas de conhecimento para explicar os fenômenos celestes. - Identifica diferentes astros do Universo e em especial os do Sistema Solar, reconhecendo a regularidade dos fenômenos celestes, sua influência no ambiente e nas atividades humanas, permitindo assim a organização e orientação espaço-temporal hoje e em outros tempos. - Compara, a partir de dados fornecidos em tabelas, ilustrações ou textos, as características da Terra (tamanho, temperatura, período de rotação e translação, atmosfera e presença de vida) com as dos demais planetas. - Avalia informações sobre a duração do período iluminado de um dia, em diferentes lugares e épocas do ano. - Julga proposições e representações figurativas sobre as estações do ano, associando-as à inclinação do eixo da Terra em relação ao plano de sua órbita.

Área de Ciências Naturais Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Objetivo I	Critérios de Avaliação
	<ul style="list-style-type: none">- Relaciona conhecimentos astronômicos e calendários de povos antigos e de outras culturas com suas aplicações em diferentes atividades humanas, como agricultura, navegação, etc.- Associa os principais instrumentos de observação astronômica (telescópios, lunetas, satélites e sondas) aos tipos de informação coletados com seu uso.- Discrimina elementos da estrutura da Terra (núcleo, manto, litosfera, hidrosfera e atmosfera) quanto a composição, tamanho e localização.

Área de Ciências Naturais Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedade	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Concepção de Universo. - Sistema Terra – Sol – Lua. - Movimento de rotação e o ciclo dia e noite. - Duração do dia em diferentes épocas do ano. - Ritmo cíclico do dia e da noite e os ritmos biológicos de plantas e de animais. - Movimento de translação, a posição do eixo terrestre e as estações do ano. - Ritmos cíclicos das estações do ano e os ritmos biológicos de plantas e animais. - Hábitos de animais e comportamentos de vegetais em decorrência de mudanças climáticas. - Comparação da Terra com outros planetas do Sistema Solar: composição e condições de vida, distância do Sol, temperatura, presença de água, gravidade, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> - Visões do Universo e da Terra em diferentes culturas e em outras épocas. - Calendários lunares. - Interpretação das constelações pelo ser humano em diferentes culturas. - Organização diária das atividades pessoais e sociais em diferentes culturas. - Utilização de conhecimentos sobre os hábitos de animais e o comportamento das plantas no trabalho agrícola e zootécnico. - Características climáticas em diferentes locais, no decorrer do ano. - Adaptação do ser humano a diferentes condições de localização e às zonas climáticas. 	<ul style="list-style-type: none"> - História da astronomia. - Construção de modelos do Universo na história. - Modelos geocêntrico e heliocêntrico. - Instrumentos utilizados para observar o céu (lunetas, telescópios, foguetes, satélites artificiais, etc.). - Modelos da estrutura da Terra (superfície e estrutura interna). - Projetos espaciais do passado e do futuro. - Lixo espacial. - Telecomunicações: internet, ondas magnéticas, fibra óptica, etc. - Controle das atividades humanas por meio de imagens dos satélites artificiais. - Influência da tecnologia no cotidiano.

Área de Ciências Naturais Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Estrutura física e química da Terra: núcleo, manto, crosta terrestre e biosfera. - Vulcões. - Zonas climáticas e adaptações das plantas e animais às condições de localização. - Relação entre iluminação, aquecimento, retenção de calor e a vida na Terra. - Lua: satélite natural da Terra, suas fases e eclipses. - Constelações: conceito e principais exemplos. - Influências dos astros sobre a vida na Terra. 		

Área de Ciências Naturais Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Objetivo II	Critérios de Avaliação
<p>Valorizar a vida em sua diversidade compreendendo a adaptação dos seres vivos aos diferentes ambientes, e a interferência da ação humana, adotando posturas que venham assegurar a conservação da vida.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identifica bactérias, fungos, protozoários e vírus, a partir da descrição de suas características. - Percebe a relação entre ambientes terrestres e as adaptações dos seres vivos. - Reconhece as funções de raiz, caule, folha, flor, fruto e semente nos vegetais. - Associa diferentes seres vivos com a sua utilização pelo ser humano, como ervas utilizadas como remédios, árvores das quais se extraem madeira, carvão, fibras para papel, cana-de-açúcar para produção de álcool e diferentes fontes de alimento, microorganismos para produção de antibióticos e alimentos. - Discute por que e para que as classificações biológicas existem. - Classifica os seres vivos por meio de observações diretas e pesquisas mediante critérios próprios, como anatomia externa, elementos da anatomia interna, habitats, hábitos, etc.

Área de Ciências Naturais Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Diferentes ambientes (naturais e transformados) da Terra e suas características com relação à água, à luz e aos seres vivos. - Ambientes aquáticos e terrestres e as adaptações dos seres vivos a esses ambientes. - A biodiversidade da Terra. - Origem da vida. - Características gerais dos grupos de seres vivos: Protozoários, Algas, Bactérias, Fungos, Vírus. - Caracterização das plantas: Briófitas, Pteridófitas, Gimnospermas, Angiospermas. - Características gerais das plantas de diferentes ambientes – adaptações: mangue, desertos, caatinga, florestas, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> - Interferências do ser humano no ambiente aquático e terrestre (desmatamento, caça, pesca, uso de agrotóxicos, desvio de cursos de água, construção de barragens, aterros sanitários), etc. - Forma como os seres humanos tratam os animais e as plantas ao longo do tempo (domesticação, criação e culturalização). - Posse responsável de animais domésticos. - Explicações sobre a origem da vida e do ser humano em diferentes culturas (culturas antigas, criacionismo, culturas indígenas, outras). - Características do organismo humano comparado ao dos demais animais e diferenças em relação à socialização. 	<ul style="list-style-type: none"> - Formas como o ser humano transforma os ambientes retirando os recursos naturais como matéria-prima para construir objetos e instrumentos. - História das invenções (lâmpadas, computadores, etc.). - Medidas de proteção e recuperação do ambiente. - Animais extintos – estudos sobre os dinossauros. - Explicações evolucionistas e evidências da evolução (DNA e RNA, fósseis, etc.). - Classificação científica dos seres vivos, critérios de agrupamento e as chaves de classificação. - Posição dos vírus na classificação biológica dos seres vivos. - Viroses humanas (dengue, etc.) e formas de prevenção. - História evolutiva dos seres vivos – estudo dos fósseis.

Área de Ciências Naturais Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Caracterização das partes de uma planta completa (morfologia e fisiologia): Raiz, Caule, Folha, Flor, Fruto, Semente. - Características gerais dos animais: anatomia externa e interna, hábitat, hábitos, reprodução, alimentação, abrigos, adaptações no ambiente em que vivem. - Caracterização dos animais: Poríferos, Celenterados, Platelintos, Asquelmintos, Anelídeos, Artrópodes, Moluscos, Equinodermos, Cordados. - Relação entre os seres vivos: sociedade, colônia, mutualismo, comensalismo, parasitismo, predatismo, competição, canibalismo e inquilinismo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ambientes brasileiros e os impactos provocados pelo ser humano ao longo do tempo. - Utilização das algas como alimentação em diferentes culturas. - Cultivo de algas e fungos na alimentação em diferentes culturas. - Animais que utilizam o ser humano como hospedeiro e sua relação com hábitos de higiene (verminoses, viroses, zoonoses, etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> - Equipamentos que permitem a observação e a descrição de seres vivos: microscópios, lupas, etc. - Animais em cativeiro: zoológico. - Museus e confecção de herbários. - Biotecnologias da utilização de bactérias e vírus: guerras biológicas, vacinas e medicamentos. - Utilização de algas e fungos na indústria. - Processos de inseminação artificial para obtenção de descendentes selecionados e de maior interesse econômico. - Organismos geneticamente modificados. - História da penicilina e da pasteurização.

Área de Ciências Naturais Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivo III	Crítérios de Avaliação
<p>Compreender a existência dos diferentes elementos da natureza (água, ar, solo e seres vivos) e a relação de interdependência existente entre eles, interpretando situações de equilíbrio e desequilíbrio ambiental e as conseqüências da interferência humana na geração de agentes poluidores e na dinâmica das cadeias alimentares, adotando posturas responsáveis e conscientes em relação ao ambiente.</p>	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece a importância da água para a vida na Terra e para a vida diária dos seres humanos. - Relaciona as mudanças de estado físico com o ciclo hidrológico, reconhecendo a interferência humana nessa circulação. - Percebe a relação entre formas de utilização dos recursos minerais e as conseqüências de seu uso indevido. - Reconhece a influência do ar e a sua relação com as atividades humanas. - Reconhece as formas de utilização dos recursos naturais, relacionando a poluição e a degradação do ambiente ao uso indevido desses recursos. - Compreende como as atividades humanas interferem nas cadeias alimentares. - Reconhece os alimentos como fonte de nutrientes para suprir as necessidades energéticas e como substâncias de construção do corpo. - Explica características do solo, como permeabilidade e fertilidade, e suas alterações em situações experimentais ou do cotidiano, em ambientes naturais ou transformados pelo ser humano. - Interpreta situações de desequilíbrio nas teias alimentares em função das mudanças no ambiente: introdução ou extinção de espécies, aumento ou diminuição excessiva de água, redução do espaço, presença de poluição.

Área de Ciências Naturais Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Objetivo III	Critérios de Avaliação
	<ul style="list-style-type: none">- Analisa o fluxo de energia e a transferência de matéria em cadeia alimentar, interpretando a pirâmide de energia.- Explica situações naturais ou experimentais de apodrecimento de alimentos ou restos de seres vivos, aplicando o conceito de decomposição pela atividade trófica de bactérias e fungos.

Área de Ciências Naturais Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<p>AR</p> <ul style="list-style-type: none"> - Composição. - Relação com os seres vivos: respiração e fotossíntese. <p>ÁGUA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Propriedades. - Estados físicos. - Nos seres vivos. - Ciclo hidrológico. <p>SOLO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Rochas. - Composição. - Tipos de solos e sua relação com o regime das chuvas, relevo e vegetação. - Fertilidade. - Erosão. <p>CADEIAS E TEIAS ALIMENTARES</p> <ul style="list-style-type: none"> - Produtores, consumidores e decompositores. - Organismos saprófitos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Poluição atmosférica e suas causas: indústrias, automóveis, combustão. - Aquecimento global. - Protocolo de Kyoto. - Qualidade do ar e saúde do ser humano. - Doenças do sistema respiratório e a poluição do ar. - Consumo e usos da água (doméstico, industrial, agricultura) em diferentes culturas e tempos. - Poluição das águas. - Necessidade da utilização racional dos recursos minerais. - Alternativas para a utilização racional dos recursos minerais: reciclagem e consumo sustentável. - Maneiras de preservação do solo em diferentes culturas. - Ocupação humana nos diferentes biomas terrestres e brasileiros. - Reflexos para o ambiente e para a saúde do ser humano em razão da ocupação do solo para o cultivo de cana-de-açúcar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Formas alternativas para redução da poluição atmosférica: filtros, catalisadores, células a combustível (hidrogênio). - Energia eólica. - Hidroponia. - Energia elétrica. - Aproveitamento humano de alguns fluxos naturais de energia: movimento do ar, das águas. - Obtenção de materiais de valor econômico a partir de rochas: metais e minerais. - Aproveitamento da energia do carvão, petróleo e gás natural e óleos vegetais. - Produção e oferta de alimento no Brasil. - Uso de agrotóxicos e de aditivos químicos para conservação e alteração das características do alimento. - Monoculturas.

Área de Ciências Naturais Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade do uso racional de combustível. - Como as atividades humanas interferem nas cadeias alimentares. - Obtenção de alimentos e seus processos culturais de produção. - Nutrição: pirâmide alimentar. - Dietas: características de diferentes idades e condições socioculturais. - Hábitos alimentares em diferentes culturas. - Problemas socioambientais: fome, miséria. - Papel dos nutrientes na constituição e saúde do organismo humano. - Ação dos decompositores no ecossistema urbano, como em cemitérios e aterros sanitários. - Higiene ambiental. - Direitos do consumidor. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização do álcool de cana-de-açúcar e do biogás como substituto do petróleo. - Técnicas artesanais e domésticas ligadas ao preparo e à conservação de alimentos. - Alimentos industrializados e os aditivos químicos. - Mídia e consumo de alimentos industrializados. - Produção e oferta de alimento no Brasil e sua tecnologia de produção. - Uso de agrotóxicos e de aditivos químicos para conservação e alteração das características do alimento. - Tipos de nutrientes: sais minerais, água, carboidratos, lipídios, proteínas, vitaminas e fibras.

1.5 Área de Ciências Naturais Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Objetivo I	Critérios de Avaliação
<p>Compreender o organismo humano como um todo, interpretando diferentes relações entre sistemas, órgãos, tecidos em geral, reconhecendo fatores internos e externos ao corpo humano que concorrem na manutenção do equilíbrio, as manifestações e os modos de prevenção de doenças e o papel da sociedade na preservação da saúde coletiva e individual.</p>	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estabelece relação de inclusão entre as estruturas do organismo humano: sistemas, órgãos, tecidos e células. - Relaciona os processos da passagem de nutrientes e da água do tubo digestório para os capilares sanguíneos, seu transporte pelo sistema circulatório e absorção pelos tecidos, compreendendo a nutrição humana. - Reconhece os elementos figurados do sangue – hemácias, leucócitos e plaquetas – e suas respectivas funções. - Associa a manutenção das condições internas do corpo com a eliminação de resíduos através da urina e do suor. - Analisa situações-problema relativas ao cotidiano ou a situações de risco (acidentes, uso indevido de medicamentos, ou drogas) considerando o sistema imunológico como sistema de relação entre os sistemas internos do corpo. - Percebe a locomoção como relação entre a ação dos músculos e do esqueleto, bem como a necessidade de exercícios físicos para o bom desenvolvimento e funcionamento muscular. - Compreende a relação entre as funções digestiva, respiratória, circulatória e excretora com a nutrição do organismo.

Área de Ciências Naturais Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Noções sobre organização do corpo humano: sistemas, órgãos, tecidos e células. - Organização e funcionamento dos sistemas humanos: digestório, circulatório, respiratório e excretor. - Anatomia e fisiologia dos sistemas de nutrição de outros vertebrados. - As defesas do organismo e o sistema imunológico. - Estrutura do esqueleto e ação dos músculos na locomoção. 	<ul style="list-style-type: none"> - Problemas da realidade local, as políticas de saúde pública e as causas de algumas doenças. - Os perigos da automedicação. - Importância das atividades físicas para o bom desenvolvimento e funcionamento muscular e a relação com a vida sedentária. - Dietas, índice de massa corporal e padrões de beleza. - Problemas de saúde causados pelo hábito de fumar. - Postura e doenças do sistema esquelético e muscular. - Zoonoses transmitidas ao ser humano por animais domésticos e semidomiciliados. 	<ul style="list-style-type: none"> - Microscopia. - Doenças humanas causadas por outros seres vivos e suas relações com as tecnologias de prevenção. - Alimentos <i>light</i> e <i>diet</i>. - Consumo de energia/kcal. - Fabricação de vacinas e medicamentos. - Anabolizantes. - História da ciência sobre os micróbios Pasteur e Koch. - Doação de sangue e de órgãos. - Tecnologias relacionadas ao diagnóstico de doenças dos sistemas digestório, respiratório, circulatório e excretor. - Correção de lesões ósseas e musculares: traumatismos, fraturas e lesões.

Área de Ciências Naturais Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivo II	Crítérios de Avaliação
<p>Compreender e discutir a relação entre os fenômenos físicos e químicos que ocorrem na biosfera, na atmosfera, na litosfera e hidrosfera, por meio de estudos sobre a formação dos ciclos de matéria e da vida, explicitando diferentes relações tanto no nível local quanto no planetário.</p>	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compara exemplos de utilização de tecnologias em diferentes situações culturais, avaliando o papel da tecnologia no processo social e explicando as transformações de matéria, energia e vida. - Interpreta processos de recuperação ou de degradação em ambientes locais e mais distantes, utilizando conhecimentos sobre a exploração de recursos naturais e a interferência do ser humano nos ciclos naturais. - Compreende que nos processos vitais ocorrem reações químicas. - Identifica a origem dos principais combustíveis – gasolina, querosene, diesel, álcool, carvão mineral e vegetal e gás natural. - Reconhece o petróleo como fonte de várias substâncias e materiais muito utilizados, como plásticos, fibras têxteis e combustíveis. - Relaciona as transformações de uma forma de energia em outra, sua aplicabilidade e os devidos cuidados em relação ao uso. - Resolve problemas que envolvem o cálculo da aceleração, sistemas de forças, aceleração da gravidade, trabalho, potência, equilíbrio de alavancas, velocidade das ondas e dos sons. - Seqüencia as transformações de energia que ocorrem em equipamentos ou máquinas, como nos veículos, na iluminação, no rádio, em usinas hidrelétricas, termoelétricas, termonucleares.

Área de Ciências Naturais Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Objetivo II	Critérios de Avaliação
	<ul style="list-style-type: none">- Relaciona exemplos do cotidiano à utilização adequada de materiais condutores ou isolantes de calor ou eletricidade.- Relaciona as cores do arco-íris com a decomposição da luz solar ocorrida nas gotículas de água em suspensão na atmosfera ou por meio de um prisma e a cor dos objetos com o fenômeno da absorção e reflexão da luz.- Explica, em situações-problema, as máquinas simples como dispositivos mecânicos que facilitam a realização de um trabalho.

Área de Ciências Naturais Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<p>QUÍMICA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estruturas dos materiais que compõem o ambiente: substâncias químicas, moléculas, átomos. - Reações químicas: reagentes e produtos. - Substâncias químicas do ambiente: ácidos, bases, sais e óxidos. - Reações químicas e físicas que se relacionam com os processos metabólicos: digestão, respiração e fotossíntese. - Ciclos biogeoquímicos na biosfera: ciclo da água, ciclo do carbono, do oxigênio, do nitrogênio. - Respiração celular e fotossíntese. - Petróleo e xisto: formação, constituição química e geológica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Interferência dos seres humanos nos ciclos naturais pela criação de novas necessidades e consumo, e a relação com a destruição de recursos naturais, como a água, o ar e o solo. - Aquecimento global: efeito estufa. - Escassez de água potável. - O solo e as atividades agrícolas. - Poluição do ar, da água e do solo. - Chuva ácida e destruição da camada de ozônio. - Uso de agrotóxicos na agricultura. - Impactos ambientais ligados aos diferentes modos de obter energia e os riscos que representam ao ambiente e à saúde humana. 	<ul style="list-style-type: none"> - Classificação dos elementos químicos. - Tabela periódica. - Obtenção de materiais a partir de reações químicas: corantes, plásticos, cimento, vidro, borracha, saponáceos, e outros materiais sintéticos. - A química nos alimentos industrializados. - Evolução tecnológica e os impactos ambientais que alteram a qualidade de vida: monoculturas, deposição de rejeitos industriais nos rios, construção de usinas hidrelétricas. - Relatório de Impacto Ambiental (RIMA). - Estudos de Impacto Ambiental (EIA). - Agenda 21. - Tecnologias que utilizam a água como a construção de usinas hidrelétricas e indústrias de refrigeração. - Formas de energia presentes no ambiente: eólica, solar, células de hidrogênio.

Área de Ciências Naturais Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<p>FÍSICA - Grandezas: físicas, escalares e vetoriais.</p> <p>Força: - Elementos, unidades e sistemas de força.</p> <p>Gravidade: - Aceleração da gravidade. - Leis de Newton. - Determinação do centro de gravidade dos corpos.</p> <p>Máquinas: - Alavancas. - Equilíbrio das alavancas. - Plano inclinado. - Roldana.</p> <p>Termologia: - Calor.</p>	<p>- Relação entre saúde, consumo de água limpa e qualidade de vida em diferentes lugares do mundo. - A química e seus benefícios para nosso dia-a-dia. - História da química em diferentes culturas. - Consumismo e o desperdício de recursos naturais. - História da Física. - Acidentes ocasionados com materiais radioativos. - Fontes de energia em diferentes culturas. - História da invenção de instrumentos e da tecnologia em diferentes culturas. - História da metalurgia (do minério de ferro ao aço).</p>	<p>- Obtenção e tratamento da água potável: floculação, decantação, filtração e cloração. - Mistura e separação de substâncias. - Transformações das formas de energia, sua origem e recursos tecnológicos necessários a essas transformações. - Funcionamento de uma usina hidrelétrica comparada com as termoelétricas e as termonucleares. - Processos de destilação de petróleo nas refinarias para a produção de gasolina, diesel querosene e derivados. - Transformações de energia: fogos de artifício, etc. - Resistência do ar no desenvolvimento de aeronaves e outros veículos (bicicletas). - Construção de máquinas simples para facilitar o dia-a-dia: tesoura, balança, martelo, alicate, carrinho-de-mão.</p>

Área de Ciências Naturais Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Temperatura. - Escalas termométricas. - Transmissão de calor: condução, convecção, irradiação. - Condutores de calor. - Dilatação térmica. <p>Ondas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pulsos. - Ondas periódicas. - Velocidade de propagação. - Ondas eletromagnéticas. <p>Acústica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Produção de sons. - Características do som. <p>Energia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formas de energia: química, nuclear, elétrica e magnética. - Transformações e medida de energia. 	<ul style="list-style-type: none"> - A eletricidade em nossas vidas. - História da lâmpada elétrica e do pára-raios. - Evolução de objetos e brinquedos movidos a pilha. - Evolução de objetos e utensílios domésticos que utilizam energia elétrica. - Interpretação das contas de luz das residências, no tempo. - Consumo e economia de energia elétrica. - Aparelhos que utilizam ondas eletromagnéticas (raios-X, controles remotos, alarmes, microondas, rádio). 	<ul style="list-style-type: none"> - Instrumentos usados na medida da temperatura: termômetros. - Instrumentos usados como isolantes térmicos: isopor, panela de metal com cabo de madeira, colher de pau, garrafa térmica, geladeira, entre outros. - Ondas de: rádio, televisão, radar, controle remoto, navegação aérea, raios-X, forno de microondas, satélite, entre outros. - Armazenamento do som: discos convencionais, fita magnética, CD (<i>compact disc</i>). - Instrumentos musicais. - Utilização de sonares. - Aplicação da reflexão (eco). - Condução de eletricidade. - Instalações elétricas. - Pára-raios. - Utilização do ímã (alto-falantes, trincos magnéticos, ímã de geladeira, etc.). - Cartão magnético. - Instrumento usado para orientação de navios e aviões – bússola.

Área de Ciências Naturais Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<p>Mecânica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Divisões da mecânica: estática, cinemática e dinâmica. - Trajetória: movimentos. - Velocidade. - Aceleração. - Frequência. <p>Óptica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fontes de luz: primária e secundária. - Princípios da óptica geométrica. - Lei da reflexão angular. - Espelhos. - Lentes. <p>Eletricidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estática. - Atmosférica. - Dinâmica. <p>Magnetismo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Propriedades magnéticas. 		

Área de Ciências Naturais Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Objetivo III	Critérios de Avaliação
Compreender os sistemas nervoso e hormonal como sistemas de relação entre os elementos internos do corpo e do corpo com o ambiente, em situações do cotidiano ou de risco à integridade pessoal e social, valorizando condições saudáveis de vida.	Verificar se o estudante: - Compreende as relações entre os sistemas nervoso e hormonal, na coordenação das funções orgânicas e os órgãos dos sentidos como diferentes possibilidades de relação do organismo com o ambiente.

Área de Ciências Naturais Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Funções reguladoras: a ação do sistema nervoso e do hormonal que coordena e regula as funções vitais. - Relação entre as substâncias produzidas pelas glândulas, a recepção de estímulos pelos órgãos dos sentidos e a transmissão do impulso nervoso e a equilíbrio do organismo. - Os sentidos humanos comparados com os de outros animais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Comportamentos e emoções: reações e semelhanças para diferentes situações culturais. - Consumo abusivo de drogas como álcool, barbitúricos, tranqüilizantes, antidepressivos e narcóticos. - Voluntariedade dos atos humanos e a participação em ações sociais que visam ao amadurecimento pessoal do indivíduo e do grupo a que pertence. 	<ul style="list-style-type: none"> - Descobertas e teorias sobre a neurociência e sua relação com o fazer científico – o significado das inovações e de como elas são obtidas.

Área de Ciências Naturais Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Objetivo IV	Critérios de Avaliação
Compreender os processos de reprodução humana – fecundação, gestação e parto –, conhecendo vários métodos anticoncepcionais e estabelecendo relações entre o uso de preservativos, a contracepção e a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, valorizando o sexo seguro e a gravidez planejada.	Verificar se o estudante: - Relaciona a reprodução humana a aspectos biológicos, psicológicos, econômicos e culturais. - Compreende as diferentes dimensões da reprodução humana e os métodos contraceptivos, valorizando o sexo seguro e a gravidez planejada.

Área de Ciências Naturais Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Conteúdos		
Ecossistema	Culturas e Sociedades	Natureza da Ciência e Tecnologia
<ul style="list-style-type: none"> - Funções da reprodução humana: anatomia e fisiologia dos sistemas genitais masculino e feminino. - Reprodução sexuada e assexuada nos outros seres vivos: bactérias, algas, protozoários, animais e plantas. - Mudanças hormonais relacionadas ao amadurecimento sexual. - Noções de genética e de hereditariedade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Rituais de passagem da infância para a adolescência em diferentes culturas. - Sexualidade: aspectos afetivos, comportamentais e culturais. - Controle da natalidade. - Cuidados médicos, de nutrição e higiene com a gestante e com o recém-nascido. - Importância do aleitamento materno nos primeiros meses de vida. - Aspectos sociais e legais do aborto. - Gravidez precoce e indesejada. - Formas de contágio das principais DSTs e as questões de políticas públicas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Métodos contraceptivos: utilização correta, seu modo de ação, eficiência e efeitos colaterais. - Agentes mutagênicos. - As leis de Mendel e estrutura gênica. - DSTs: formas de contágio e prevenção. - Aconselhamento genético como forma de prevenção de malformações genéticas. - Campanhas de prevenção de doenças ligadas ao sistema sexual, como câncer de mama, próstata e útero.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA

2.1 Fundamentos teórico-metodológicos para a área de Educação Física

A Educação Física escolar, ao longo da história, passou por inúmeras e significativas mudanças, que refletem as características das relações sociais em diferentes momentos e em diferentes espaços.

Inicialmente, sofreu a influência da visão dos militares e dos médicos, segundo uma concepção militarista-higienista. As instituições militares tinham por norma a prática de exercícios sistematizados que, ao serem ressignificados pelo conhecimento médico, compunham uma perspectiva terapêutica e pedagógica (BRACHT, 1999). Nesse período, as aulas de Educação Física objetivavam principalmente a preparação militar, a disciplina cívica, o endurecimento do corpo e a energia física, visando educar o corpo para promover a saúde, gerando homens fortes para a defesa da pátria, adestrados para o combate.

A Educação Física escolar também foi influenciada pelo movimento decorrente do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova na década de trinta, que buscava integrá-la como disciplina educativa por excelência, substituindo o exercício executado por obrigação pelo executado por prazer.

Com a tendência tecnicista, a Educação Física escolar passa a privilegiar o desporto de alto nível e o treinamento desportivo. De acordo com essa visão, o esporte era conteúdo a ser trabalhado nas escolas, os estudantes eram vistos como atletas e o professor, como treinador.

Em contraposição à tendência tecnicista, surgem os Movimentos Renovadores da Educação, trazendo discussões para a elaboração de novas propostas e pressupostos na busca de alternativas que aproximassem a Educação Física da realidade dos estudantes e da escola.

Entre esses Movimentos Renovadores estão: o viés da psicomotricidade, que objetiva o desenvolvimento do estudante em seu ato de aprender, considerando os processos cognitivos, afetivos e psicomotores; a perspectiva construtivista, que busca a construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo, num processo construído pelo indivíduo durante toda a sua vida; a abordagem desenvolvimentista, que considera o movimento como o principal meio e fim da Educação Física e a perspectiva que visa à saúde e à aptidão física dos sujeitos, em um enfoque sociocultural.

Atualmente, as Teorias Progressistas da Educação Física escolar sugerem procedimentos didático-pedagógicos que propiciam o posicionamento crítico a respeito dos temas da cultura corporal, isto é, da ginástica, da dança, do jogo, da luta e do esporte.

Partindo dessa perspectiva, concebe-se a Educação Física escolar como uma área do conhecimento que, por meio da prática pedagógica, aborda elementos da cultura corporal, entendendo-se por esse termo os conhecimentos acerca do movimento historicamente construídos e socialmente transmitidos.

Dessa forma, a Educação Física escolar deve propiciar aos estudantes o acesso a um conhecimento organizado a respeito da cultura corporal, permitindo o desenvolvimento pessoal, a participação na sociedade, bem como a vivência de valores e de princípios éticos e democráticos.

Considera-se o movimento como objeto de estudo da Educação Física escolar, portanto é o elemento principal da cultura corporal. A Educação Física, na prática pedagógica, oportunizará o desenvolvimento da consciência corporal, dando significado às ações e efetivando o movimento consciente, por meio dos conteúdos dos eixos norteadores da ginástica, da dança, do jogo, da luta e do esporte, que serão especificados abaixo.

- **Ginástica:** Entendemos a ginástica como uma forma de exercitação em que, com ou sem o uso de aparelhos, abre-se a

possibilidade de vivenciar atividades que provoquem ricas experiências corporais (SOARES et al., 1992).

Nas aulas de Educação Física, o professor poderá desenvolver, além dos elementos fundamentais da ginástica, a Ginástica Geral, elementos da Ginástica Rítmica, elementos da Ginástica Artística, Ginástica de Condicionamento Físico e o Relaxamento.

O professor deve observar, de acordo com os objetivos da sua aula, se o estudante:

- executa, com coordenação, os elementos fundamentais da ginástica (andar, correr, saltar, lançar, chutar, girar, rastejar, transportar, balançar, etc.), com ou sem o uso de materiais, com e sem deslocamentos, em diferentes posições e direções;
- mantém equilíbrio em plano elevado e inclinado, parado e em deslocamento;
- constrói, a partir das práticas vivenciadas, outras formas de movimentar-se;
- executa os movimentos básicos das várias formas da ginástica.

O professor deve levar em consideração principalmente a vivência do movimento ginástico, e não a execução perfeita do movimento.

▪ **Dança:** É uma manifestação cultural, que busca a expressão corporal mediante a presença de estímulos sonoros, envolvendo movimentos e ritmos diversificados.

Durante as aulas de Educação Física, o professor poderá desenvolver a dança por meio de seus elementos básicos, de atividades rítmicas e expressivas; de brinquedos cantados; de cantigas de roda; de danças folclóricas; de danças populares e de danças criativas.

Nas aulas de dança, o professor deve observar se o estudante:

- realiza os movimentos básicos da dança em diferentes planos, direções, apoios e tempos;

- expressa-se por meio da dança, participando de brinquedos cantados, cantigas de roda e na criação e execução de coreografias simples;
- cria movimentos e formas de expressão em diferentes ritmos musicais;
- participa em danças simples ou adaptadas, pertencentes às manifestações culturais;
- orienta-se no espaço, discriminando localização, direção e dimensão;
- realiza movimentos discriminando as diferentes velocidades no deslocamento.

Assim, a Educação Física escolar deve proporcionar ao estudante a possibilidade de conhecer e de se expressar por meio da dança.

Jogo: Manifestação corporal que implica a existência de regras e objetivos, podendo estes ser alterados conforme a necessidade, interesse e realidade dos participantes.

Existe uma relação entre o desenvolvimento neuropsicofisiológico do estudante e o jogo que o estimula, estando este presente em todas as fases de sua vida.

Por meio do jogo, o estudante exercita a sua cognição, produz e reproduz as suas vivências e compreende o seu meio. O jogo se constitui em um momento de lazer, de socialização e de desenvolvimento do raciocínio lógico.

Nas aulas de Educação Física escolar, podemos trabalhar jogos psicomotores, jogos de interpretação, jogos recreativos, jogos tradicionais, jogos sensoriais, jogos intelectivos, jogos pré-desportivos e jogos cooperativos.

Durante a realização do jogo, o professor deve observar se o estudante:

- reconhece o jogo como componente da cultura corporal;
- compreende, respeita e é capaz de modificar as regras dos jogos, utilizando habilidades motoras e cognitivas;

- adota postura cooperativa e de respeito, em face de situações de conflito geradas no jogo, demonstrando bom relacionamento com os colegas;
- apresenta habilidades de memória, raciocínio e concentração nos jogos intelectivos.

Portanto, o papel do jogo no contexto escolar vai além do simples ato de ensinar e aprender, o que importa é construir conhecimentos e formar sujeitos autônomos, capazes de cooperar, de questionar, de criticar e de transformar a sua realidade.

Luta: Forma de manifestação corporal em que, através de estratégias de desequilíbrio, imobilização ou exclusão de determinado espaço, se busca o desenvolvimento de ações de ataque e defesa.

A capoeira, forma de luta considerada também dança, esporte e jogo, é a mais conhecida nos meios escolares. Segundo HEINE (2005), constituída de um sistema de autodefesa e treinamento físico, destaca-se por ser a única originalmente brasileira e fundamentada em nossas tradições culturais.

Embora a capoeira tenha sido oficialmente considerada luta, o professor poderá desenvolvê-la ora como dança, ora como jogo, ora como esporte, sempre respeitando o seu valor pedagógico e cultural.

De acordo com a realidade escolar, com o conhecimento e o interesse do professor, pode-se também trabalhar outras formas de luta: o judô, o caratê e a esgrima, entre outras.

Nas aulas de Educação Física escolar, o professor poderá trabalhar: noções do histórico, os elementos e habilidades básicas da luta; atividades recreativas que envolvam situações de desequilíbrio, imobilização ou exclusão de determinado espaço; vivências de jogo e roda de capoeira.

No trabalho com a luta, o professor deve observar se o estudante:

- desenvolve estratégias de desequilíbrio, imobilização ou exclusão de determinado espaço, buscando ações de ataque e defesa, procurando valorizar o respeito ao próximo;

- compreende o histórico e vivencia a movimentação básica da luta, por meio de atividades lúdicas;
- realiza os elementos básicos da luta: rolamentos, técnicas de mão e pernas, deslocamentos do corpo, formas fundamentais de domínio no solo.

Na escola, o trabalho com a luta deve enfatizar a filosofia que lhe dá sustentação para que, muito mais do que despertar formas de violência, a luta seja vista como melhoria da qualidade dos movimentos corporais e como controle das emoções.

Esporte: Prática corporal, individual ou coletiva, que possui regras sistematizadas e oficiais, e caráter competitivo.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o trabalho com o esporte acontece através dos jogos recreativos e pré-desportivos. Não se pode negar a prática do esporte, porém não se deve correr o risco de expor crianças a situações para as quais o seu desenvolvimento físico, motor e cognitivo não corresponda à exigência dos esportes de alto nível. Portanto, nessa fase, o esporte se caracteriza sob o enfoque da apreciação e da discussão acerca dos acontecimentos esportivos sociais que estão ocorrendo.

Os jogos recreativos no Ciclo I propiciam o desenvolvimento de capacidades físicas, como a resistência e a força; condutas psicomotoras, como a coordenação motora geral e a organização e orientação espaço-temporal; elementos que socializam, como o trabalho em grupo, a construção das regras e a tentativa de cumpri-las; também oportunizam a vivência com erros e acertos (BREGOLATO, 2005).

No Ciclo II, essas habilidades serão aprimoradas e desenvolvidas através dos jogos pré-desportivos. Esses jogos possuem regras modificadas e adequadas ao nível de habilidade motora e cognitiva dos estudantes da faixa etária correspondente.

Nos ciclos III e IV, o esporte deve ser trabalhado como meio de desenvolvimento integral do estudante, e não como fim em si mesmo.

Cada esporte deve ser contextualizado historicamente, isto é, deve ser definido por sua origem, pela sociedade em que foi produzido, pela forma com que foi incorporado pela sociedade brasileira, pelas modificações que passou ao longo da história e pela forma com que é apresentado atualmente no contexto social.

Na escola, podem ser trabalhados o voleibol, o basquetebol, o futebol, o handebol, o atletismo e outros esportes que estejam de acordo com a realidade local e com o interesse dos alunos e da escola.

Nesse sentido, o professor dos ciclos III e IV deve observar se o estudante:

- compreende o histórico e as regras de cada modalidade, as necessidades que desencadearam sua produção e as transformações ocorridas até os dias atuais;
- executa com coordenação os fundamentos relativos às modalidades esportivas vivenciadas;
- utiliza os fundamentos das modalidades esportivas no desenvolvimento tático do jogo.

A prática esportiva escolar deve enfatizar não só a competição, mas principalmente resgatar valores como a solidariedade, a cooperação mútua e o respeito. Portanto, na escola, o esporte deve oportunizar a participação de todos os estudantes, respeitando as suas possibilidades e habilidades.

Isso posto, deve-se considerar que, antes e após a realização de qualquer prática corporal, é necessário realizar o alongamento, com a função de preparar os músculos e as articulações para o desenvolvimento da atividade física, procurando diminuir o risco de lesões e proporcionar um melhor desempenho. Depois da prática corporal, o alongamento serve como relaxamento, pois, durante o esforço, os músculos ficam contraídos (BREGOLATO, 2002).

Ao desenvolver o trabalho pedagógico, o professor deve elaborar o planejamento elencando os objetivos que pretende alcançar ao longo do ano letivo, baseando-se na realidade do seu cotidiano escolar,

respeitando as características e individualidades de cada estudante, buscando harmonia entre a atividade intelectual e a atividade corporal, de forma a melhor integrá-lo no seu relacionamento com o mundo (TEUBER et al., 1996).

SILVA (1996) acredita que as práticas corporais devem estar relacionadas ao contexto atual vivido pelos estudantes, ampliando sua abrangência através da referência a outros contextos históricos ou socioculturais.

Conforme o princípio da simultaneidade, defendido por SOARES et al. (1992), as práticas corporais são organizadas e apresentadas aos estudantes de modo simultâneo. Nessa perspectiva, o que mudaria de um ciclo para o outro seria a amplitude das referências sobre cada prática corporal vivenciada, isso porque o conhecimento não é pensado por etapas, ele é construído no pensamento de forma espiralada, ampliando-se concomitantemente.

A Educação Física escolar deve dar, de forma democrática e não seletiva, oportunidades a todos os estudantes para que desenvolvam suas potencialidades. Nesse contexto, estão inseridos aqueles com necessidades educacionais especiais, considerados estudantes de inclusão.

O trabalho escolar com as diversidades culturais exige muitas vezes transformações nos ambientes físicos, na forma de utilização de materiais e, principalmente, na mentalidade das pessoas, pois o processo de inclusão pressupõe a participação de todos em todas as atividades escolares. A Educação Física escolar para estudantes com necessidades educacionais especiais não se diferencia em conteúdos, mas na forma de organização das atividades, nas técnicas e nos métodos adequados ao desenvolvimento daqueles com comprometimento motor, neurológico ou intelectual.

Os processos de ensino-aprendizagem devem considerar as características dos estudantes em todas as suas dimensões (cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social). Os estudantes devem obter conhecimentos anatômicos,

fisiológicos, biomecânicos e bioquímicos, ou seja, necessitam aprender respectivamente a perceber os ossos e músculos envolvidos nos diferentes movimentos, compreender as alterações que ocorrem durante as atividades físicas a longo prazo, adequar os hábitos posturais, compreender os processos metabólicos de produção de energia, eliminação e reposição de nutrientes básicos.

O estudante deve, além de aprender as técnicas de execução da prática corporal, apreciá-las criticamente, analisá-las esteticamente, avaliá-las, recriá-las e discutir regras e estratégias.

As práticas corporais devem ser organizadas metodologicamente em ação – reflexão – nova ação consciente. Entende-se por ação a vivência prática dos elementos significativos da cultura corporal, sempre considerando o conhecimento que o estudante já detém sobre eles.

A reflexão é o momento da ampliação do conhecimento que o estudante já possui, ou seja, nessa fase da aula, busca-se por meio de problematizações, questionamentos, pesquisas bibliográficas, entrevistas, vídeos e novas tecnologias, a compreensão do estudante para a dinâmica histórica dessas práticas corporais e sua significação social atual.

O momento em que ocorre a reelaboração da prática corporal trabalhada, após ter sido refletida, configura a nova ação consciente. Dessa forma, após o estudante ter vivenciado a prática corporal, ter compreendido sua dimensão histórica e ter discutido sobre questões pertinentes à atualidade, ele irá reelaborar a prática corporal, na qual usará suas experiências anteriores acrescidas de novos conhecimentos. Dessa forma, haverá uma combinação entre conceitos sobre o corpo e a motricidade e uma reflexão sobre a realidade baseada em conhecimentos científicos.

Na área de Educação Física, os eixos norteadores de conteúdos estão integrados, tendo em vista a educação para um estilo de vida saudável, buscando a Qualidade de Vida. O conceito de Qualidade de Vida é diferente de pessoa para pessoa, porém o que o determina são

os múltiplos fatores socioambientais (moradia, transporte, assistência médica, lazer, educação, etc.) e individuais (hábitos alimentares, controle do estresse, atividade física, relacionamentos, etc.).

Sendo a educação para um estilo de vida saudável uma das tarefas educacionais fundamentais que a Educação Física escolar tem a realizar, é importante fazer com que os estudantes incluam hábitos de atividades físicas em seu cotidiano, sentindo prazer na sua realização, compreendam os conceitos básicos relacionados com a saúde e a aptidão física e desenvolvam um certo grau de habilidade motora, o que lhes dará motivação para as práticas corporais (NAHAS, 2001).

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, propõe-se o trabalho com as práticas corporais que promovam o desenvolvimento de habilidades motoras e, principalmente, o gosto pela prática de atividade física. Nos anos seguintes, deverá ser introduzido o conhecimento sobre os componentes da aptidão física relacionado à saúde. Um efetivo trabalho teórico-prático possibilita a discussão dos conceitos e a realização de atividades e experiências necessárias para promover mudanças comportamentais mais permanentes (GUEDES e GUEDES, 1993).

A seguir, serão apresentados os objetivos, os conteúdos e os critérios de avaliação considerados básicos para a formação em Educação Física no Ensino Fundamental.

2.2 Área de Educação Física Ciclo I – Etapa Inicial, 1.ª e 2.ª séries (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Vivenciar elementos da cultura corporal (ginástica, dança, jogo e luta), orientando-se em espaços e tempos necessários a essas práticas. - Construir outras possibilidades de movimentar-se corporalmente, reelaborando as práticas vivenciadas, com apoio dos professores e dos colegas. - Reconhecer suas possibilidades de movimentação corporal, percebendo-se como único, diferente de seus colegas, compreendendo e respeitando as diferenças individuais. - Interagir, dentro do ambiente escolar, adotando atitudes de respeito, na tentativa de superar inibições e/ou atitudes de preconceito/discriminação. - Resolver as situações de conflito surgidas com os colegas na realização das práticas corporais, por meio do diálogo. - Aplicar os conhecimentos adquiridos na resolução de desafios corporais, com apoio dos professores e dos colegas. - Respeitar a diversidade cultural, participando de atividades trazidas pelos colegas. - Reconhecer algumas das alterações fisiológicas que ocorrem em seu corpo durante e após a realização das práticas corporais (cansaço, elevação dos batimentos cardíacos, sudorese, aumento da frequência respiratória). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Movimenta-se corporalmente, dentro da prática corporal trabalhada, demonstrando domínio motor. - Constrói, a partir da reelaboração do conteúdo trabalhado, outras formas de movimentar-se corporalmente, com apoio dos professores e colegas. - Reconhece suas possibilidades de movimentação corporal dentro do conteúdo trabalhado, seus limites e seus avanços na execução do movimento. - Compreende e respeita as diferenças pessoais na execução do movimento corporal. - Interage corporalmente com os colegas dentro da prática vivenciada, com atitudes de respeito, superando preconceitos e discriminações. - Supera inibições próprias referentes à execução da atividade trabalhada. - Resolve situações de conflito com os colegas, por meio do diálogo. - Aplica os conhecimentos adquiridos na resolução de desafios corporais. - Aceita e participa de atividades práticas trazidas pelos colegas. - Percebe em seu corpo as alterações corporais provocadas pelo exercício físico, tais como: cansaço, elevação dos batimentos cardíacos, sudorese, aumento da frequência respiratória.

Área de Educação Física Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a séries (1.^o, 2.^o e 3.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Objetivos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none">- Reconhecer, nos elementos da cultura corporal, uma opção de prática para o preenchimento sadio do tempo livre.- Participar de práticas corporais que possibilitem o reconhecimento do corpo como meio de comunicação, de expressão e de atuação nas relações sociais.	<ul style="list-style-type: none">- Realiza, fora do contexto escolar, elementos da cultura corporal em tempos livres.- Participa e se expressa em atividades corporais.

Área de Educação Física – Ciclo I – Etapa inicial, 1.ª e 2.ª etapas (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Conteúdos			
Ginástica	Dança	Jogo	Luta
<p>Elementos fundamentais da ginástica</p> <ul style="list-style-type: none"> - Habilidades básicas (andar, correr, saltar, lançar, chutar, etc.) em diversas formas, com e sem material. <p>Ginástica geral</p> <ul style="list-style-type: none"> - Elementos da ginástica associados a outros elementos da Cultura Corporal, de forma livre e criativa. <p>Elementos da ginástica artística (olímpica)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Rolamento para frente e para trás. - Roda ou estrela. - Ponte. - Vela. - Parada de três apoios. - Parada de dois apoios (com ajuda). 	<p>Movimentos da dança</p> <ul style="list-style-type: none"> - Elementos básicos: saltos, quedas, giros, deslizamentos, rolamentos, movimentações dos braços, balanceios, em diferentes planos, apoios, direções e tempos. <p>Atividades rítmicas e expressivas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressão corporal espontânea, em diferentes ritmos. <p>Cantigas de roda e brinquedos cantados</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formas variadas e em diferentes movimentações. <p>Danças folclóricas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Regionais. - Nacionais. 	<p>Psicomotores</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogos que desenvolvam as condutas psicomotoras: lateralidade, coordenação motora ampla e fina, coordenação oculomanual e oculopedal, equilíbrio, organização e orientação espaço-temporal, ritmo, etc. <p>Tradicionalis</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogos resgatados das brincadeiras antigas. <p>Cooperativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogos de socialização. <p>Sensoriais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogos que envolvem a estimulação dos sentidos. 	<p>Capoeira</p> <ul style="list-style-type: none"> - Histórico. - Movimentações básicas de ataque e defesa. - Jogo e vivência na roda. <p>Elementos da luta</p> <ul style="list-style-type: none"> - Histórico. - Habilidades básicas. - Rolamentos. - Técnicas de mão. - Técnicas de perna. - Deslocamento do corpo. - Domínio no solo. <p>Atividades recreativas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atividades que envolvam situações de desequilíbrio, imobilização ou exclusão de determinado espaço.

Área de Educação Física – Ciclo I – Etapa inicial, 1.^a e 2.^a etapas (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Conteúdos			
Ginástica	Dança	Jogo	Luta
<p>Elementos da ginástica rítmica</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mãos livres. - Com arco. - Com bola. - Com corda. - Com maça. - Com fita. <p>Relaxamento.</p>	<p>- Internacionais.</p> <p>Danças populares</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diversos ritmos nacionais e internacionais. 	<p>Interpretativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogos de dramatização e de imitação como representação simbólica. <p>Recreativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogos de perseguição. - Jogos com ou sem materiais. - Jogos que envolvem elementos de ataque e defesa. <p>Intelectivos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogos de raciocínio lógico. 	
<p>Obs.: Os conteúdos estão subdivididos por elementos da cultura corporal, porém nem sempre são desenvolvidos isoladamente, eles estão interligados, complementando-se.</p>			

2.3 Área de Educação Física Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Vivenciar os elementos da cultura corporal (ginástica, dança, jogo e luta), utilizando as habilidades básicas de movimento necessárias a essas práticas. - Construir outras possibilidades de movimentar-se corporalmente, reelaborando as práticas vivenciadas, com autonomia. - Reconhecer as possibilidades e limites do próprio corpo, percebendo a importância de construir um estilo pessoal de movimentar-se, compreendendo e respeitando as diferenças individuais. - Interagir, dentro do ambiente escolar, adotando uma postura de respeito e solidariedade, com vistas à superação de preconceitos e/ou discriminações. - Resolver, com autonomia, situações de conflito surgidas com os colegas no desenvolvimento das práticas corporais. - Aplicar os conhecimentos adquiridos na resolução de desafios corporais, com autonomia. - Identificar algumas das alterações fisiológicas desencadeadas em seu corpo durante e após a realização das práticas corporais (nos sistemas respiratório e cardiovascular, na temperatura do corpo, nas sensações de cansaço/excitação e de bem-estar). - Identificar-se com elementos da cultura corporal como uma opção de prática corporal de lazer, utilizando-os nos tempos disponíveis. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Movimenta-se com domínio corporal, dentro da prática vivenciada. - Executa as habilidades básicas de movimento com domínio motor. - Constrói, a partir da reelaboração do conteúdo trabalhado, outras formas de movimentar-se corporalmente, com autonomia. - Conhece as possibilidades e os limites de seu corpo, conforme o conteúdo trabalhado, construindo um estilo pessoal de movimentar-se. - Compreende e respeita as diferenças pessoais na execução do movimento corporal. - Interage corporalmente com os colegas durante a prática vivenciada, com atitudes de respeito, superando preconceitos e discriminações. - Resolve situações de conflito com os colegas, com autonomia. - Aplica os conhecimentos adquiridos na resolução de desafios corporais, com autonomia. - Identifica em seu corpo as alterações corporais provocadas pelo exercício físico, tais como: alterações nos sistemas respiratório e cardiovascular e na temperatura do corpo, sensações de cansaço/excitação e de bem-estar.

Área de Educação Física Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)
conclusão

Objetivos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none">- Reconhecer a relação existente entre o seu corpo como meio de comunicação e as questões sociais relevantes.- Perceber a importância da avaliação em grupo nas diferentes práticas corporais realizadas no contexto escolar, como condição de melhoria para a sua atuação.	<ul style="list-style-type: none">- Realiza, fora do contexto escolar, elementos da cultura corporal em tempos livres como opção prática de lazer.- Reconhece a relação existente entre o seu corpo e as questões sociais que o envolvem.- Percebe a importância da avaliação em grupo nas diferentes práticas corporais, como condição de melhoria para a sua atuação.

Área de Educação Física Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)
continua

Conteúdos dos Elementos da Cultura Corporal			
Ginástica	Dança	Jogo	Luta
<p>Elementos fundamentais da ginástica</p> <ul style="list-style-type: none"> - Habilidades básicas (andar, correr, saltar, lançar, chutar, etc.) em diversas formas, com e sem material. <p>Ginástica geral</p> <ul style="list-style-type: none"> - Elementos da ginástica associados a outros elementos da Cultura Corporal, de forma livre e criativa. <p>Elementos da ginástica artística (olímpica)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Rolamento para frente e para trás. - Roda ou estrela. - Ponte. - Vela. - Parada de três apoios. - Parada de dois apoios. 	<p>Movimentos da dança</p> <ul style="list-style-type: none"> - Elementos básicos: saltos, quedas, giros, deslizamentos, rolamentos, movimentações dos braços, balanceios, em diferentes planos, apoios, direções e tempos. <p>Atividades rítmicas e expressivas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressão corporal espontânea, em diferentes ritmos. <p>Cantigas de roda e brinquedos cantados</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formas variadas e em diferentes movimentações. 	<p>Tradicionais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogos resgatados das brincadeiras antigas. <p>Cooperativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogos de socialização. <p>Sensoriais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogos que envolvem a estimulação dos sentidos. <p>Interpretativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogos de dramatização e de imitação como representação simbólica. <p>Recreativos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogos de perseguição. - Jogos com ou sem materiais. - Jogos que envolvem elementos de ataque e defesa. 	<p>Capoeira</p> <ul style="list-style-type: none"> - Histórico. - Movimentações básicas de ataque e defesa. - Jogo e vivência na roda. <p>Elementos da luta</p> <ul style="list-style-type: none"> - Histórico. - Habilidades básicas. - Rolamentos. - Técnicas de mão. - Técnicas de perna. - Deslocamento do corpo. - Domínio no solo. <p>Atividades recreativas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atividades que envolvam situações de desequilíbrio, imobilização ou exclusão de determinado espaço.

Área de Educação Física Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)
conclusão

Conteúdos dos Elementos da Cultura Corporal			
Ginástica	Dança	Jogo	Luta
Elementos da ginástica rítmica <ul style="list-style-type: none"> - Mãos livres. - Com arco. - Com bola. - Com corda. - Com maça. - Com fita. - Relaxamento.	Danças folclóricas <ul style="list-style-type: none"> - Regionais. - Nacionais. - Internacionais. Danças populares <ul style="list-style-type: none"> - Diversos ritmos nacionais e internacionais. Dança criativa	Intelectivos <ul style="list-style-type: none"> - Jogos de raciocínio lógico. Pré-desportivos <ul style="list-style-type: none"> - Jogos preparativos para modalidades esportivas individuais e coletivas. 	
Obs.: Os conteúdos estão subdivididos por elementos da cultura corporal, porém nem sempre são desenvolvidos isoladamente, eles estão interligados, complementando-se.			

2.4 Área de Educação Física Ciclo III e IV – (6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Os objetivos elencados abaixo serão os mesmos para os quatro anos finais do Ensino Fundamental. No entanto, nos dois últimos anos, os estudantes estarão aprimorando suas habilidades motoras, aprofundando seus conhecimentos através de desafios mais complexos, de conteúdos mais elaborados e da postura crítica diante de questões esportivas e sociais.

Área de Educação Física Ciclo III e IV – (6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos) continua

Objetivos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Vivenciar os elementos da cultura corporal (ginástica, dança, jogo, luta e esporte), utilizando habilidades técnico-táticas solicitadas por essas práticas. - Reelaborar, individual e/ou coletivamente, as práticas vivenciadas, construindo outras formas de execução. - Conscientizar-se das possibilidades e limites corporais, utilizando um estilo pessoal durante a realização das práticas corporais, respeitando as diferentes capacidades de movimentação. - Interagir, no ambiente escolar, de forma cooperativa, adotando atitudes de respeito. - Resolver as situações de conflito surgidas durante a realização das práticas corporais, com autonomia responsável. - Aplicar conhecimentos adquiridos, solucionando os desafios corporais, com discernimento e autonomia. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vivencia os elementos da cultura corporal, aprimorando as habilidades técnico-táticas da prática corporal trabalhada. - Reelabora coletivamente, com autonomia, as práticas corporais vivenciadas, favorecendo a inclusão de todos. - Constrói um estilo pessoal de movimentar-se, reconhecendo e valorizando as diferenças individuais. - Interage corporalmente com os colegas na prática vivenciada, com atitudes de respeito, superando preconceitos e discriminações. - Resolve situações de conflito com os colegas, com autonomia. - Aplica os conhecimentos adquiridos para a resolução de desafios corporais, com discernimento e autonomia.

Área de Educação Física Ciclo III e IV – (6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)
conclusão

Objetivos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Perceber o seu corpo como meio de comunicação, de expressão e de atuação nas relações sociais, por meio da realização consciente das práticas corporais. - Perceber o funcionamento do seu corpo, bem como as alterações fisiológicas ocorridas nas diferentes práticas corporais, relacionando-as com o esforço e com a intensidade empregados, reconhecendo e respeitando seus limites e suas possibilidades corporais. - Organizar e utilizar os elementos da cultura corporal, como uma opção de prática para o preenchimento sadio das horas livres, reconhecendo-os como necessidade e direito do cidadão e fator de saúde e qualidade de vida. - Compreender a cultura corporal como um acervo construído historicamente, reconhecendo a possibilidade de vir a ser sujeito na construção de suas práticas. - Realizar leitura crítica dos fenômenos esportivos, estéticos, lúdicos e de suas relações com questões sociais relevantes necessárias ao desenvolvimento da consciência corporal e à atuação como sujeito ativo da história. - Reconhecer a importância da auto-avaliação e da avaliação em grupo nas diferentes práticas corporais realizadas no contexto escolar e fora da escola como condição de melhoria para a sua atuação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identifica em seu corpo as alterações corporais provocadas pelo exercício físico, como dispositivos de alerta, tais como: alterações nos sistemas respiratório e cardiovascular, na temperatura do corpo e nas sensações de cansaço/excitação. - Percebe os limites fisiológicos e as possibilidades de seu corpo. - Reconhece e utiliza, fora do contexto escolar, elementos da cultura corporal em horários livres, como opção prática de lazer, reconhecendo-os como necessidade e direito do cidadão. - Compreende a cultura corporal como um acervo construído historicamente, reconhecendo a possibilidade de vir a ser sujeito na construção de suas práticas. - Reflete sobre os fenômenos esportivos, estéticos, lúdicos e suas relações com questões sociais relevantes, visando ao desenvolvimento da consciência corporal. - Reconhece a importância da auto-avaliação e da avaliação em grupo nas diferentes práticas corporais no contexto escolar e fora da escola como condição de melhoria para a sua atuação.

Área de Educação Física Ciclo III e IV – (6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Conteúdos dos Elementos da Cultura Corporal - Práticas Corporais

- Ginástica geral.
- Elementos fundamentais da ginástica artística (olímpica): rolamento para frente e para trás, roda ou estrela, ponte, vela, parada de dois e três apoios.
- Elementos fundamentais da ginástica rítmica: mãos livres, com arco, com bola, com corda, com fita, com maça.
- Ginástica de condicionamento físico: localizada, modalidades aeróbicas e alongamento.
- Relaxamento.
- Atividades rítmicas e expressivas.
- Danças criativas.
- Danças folclóricas.
- Danças populares.
- Jogos pré-desportivos.
- Jogos cooperativos
- Jogos tradicionais.
- Atletismo: saltos, arremessos e lançamentos, corridas.
- Esporte orientação.
- Voleibol e suas variações.
- Vôlei de praia.
- Futebol e suas variações.
- Futsal.
- Basquetebol.
- Handebol.
- Xadrez.
- Capoeira.
- Elementos da luta: rolamentos, técnicas de mão, técnicas de perna, deslocamento do corpo, domínio no solo das diversas lutas.
- Punhobol.
- Peteca.
- Softbol.
- Tênis e tênis de mesa.
- Esportes radicais.

3 ENSINO DA ARTE

“Toda obra de Arte é de alguma maneira feita duas vezes.
Pelo criador e pelo espectador, ou melhor, pela sociedade à qual
pertence o espectador.”
Pierre Bourdieu

3.1 Fundamentos teórico-metodológicos para o Ensino da Arte

A concepção que se tem de ensino é a que orienta a definição de conteúdos e objetivos, a forma do trabalho pedagógico e o tipo de educação que se pretende desenvolver. A reflexão sobre o ensino deve ser uma constante no trabalho dos educadores, pois, de acordo com BOURDIEU (1998), a escola é o local privilegiado e instituído para a aprendizagem sistemática e organizada. O domínio dos códigos e a relação que se estabelece com obras de outras culturas e de outros tempos dependem da comunicação pedagógica que acontece na escola. A escola é responsável por estabelecer as comunicações entre a diversidade cultural de nosso tempo e a de outros tempos, possibilitando ao estudante a construção de sua individualidade. Esta só pode ser concretizada na medida em que existam os meios que propiciem a realização de sua subjetividade. O homem só pode vir a ser numa relação mútua com as condições cotidianas de sua própria vida, ao mesmo tempo que realiza a cultura humana.

A cultura como realização humana é concomitante ao processo de hominização. O homem, na sua atividade construtiva da realidade, cria cultura, cria idéias que representarão a realidade. A cultura é, pois, a concretização humana, o acúmulo de experiências indissociáveis do processo de construção da existência. “A cultura é um produto do existir do homem, resulta de vida concreta no mundo que habita e das condições, principalmente sociais, em que é obrigado a passar a existência” (PINTO, 1985, p.135).

Nesse sentido, a arte, as formas de expressão artística e sua dimensão estética, como criações humanas, são cultura, resultante das condições objetivas de vida. Princípio esse válido tanto para a arte erudita quanto para as tendências e impactos da cultura popular e da arte do cotidiano.

Diante da diversidade cultural que permeia o mundo contemporâneo, é necessário repensar um ensino da arte que propicie ao estudante o desenvolvimento do pensamento estético voltado a essa diversidade, de forma a promover o pensamento reflexivo não só em relação às formas artísticas, mas também no sentido de compreender as relações da produção artística e cultural como produto das relações sociais e da individualidade do artista.

À escola cabe propiciar uma educação estética que amplie o universo das experiências do estudante em direção à construção da sua identidade e da reflexão. É graças à riqueza da sensibilidade cultivada que o ouvido se torna musical, que o olho percebe a beleza da forma, que os sentidos se humanizam (MARX, 1978).

Mas o que é a dimensão estética? Segundo SWANWICK (2003), a estética pode ser definida por uma multiplicidade de maneiras, sendo necessária a tomada de um determinado conceito. Nesse sentido, abordaremos o caráter filosófico da estética, de acordo com PAREYSON (1989).

A estética não pode pretender estabelecer o que deve ser a arte ou o belo, mas tem a incumbência de dar conta do significado da estrutura artística e das possibilidades que se apresentam na experiência estética. Esta diz respeito ao encontro do homem com a arte, desde o momento da concepção e da criação da obra até o primeiro contato do espectador com ela, sua fruição, leitura e diálogo. Segundo o autor, a estética é filosofia justamente porque é reflexão sobre a própria experiência estética, na qual entra a experiência do artista, do leitor ou de qualquer um que desfrute de determinada obra. A estética possui um caráter concreto, que é a experiência, e, enquanto filosofia, apóia-se sobre ela para sobre ela refletir – a experiência para

estimular a filosofia e a filosofia para explicar e fundamentar a experiência.

Em síntese, o caráter concreto é a própria experiência estética que inclui a contemplação, quer seja artística ou intelectual, a interpretação e a avaliação, e as teorizações das técnicas das várias artes.

O ensino da arte¹, através da disciplina de Educação Artística², possibilitará um conhecimento revelador, na medida em que a reflexão possa proporcionar a superação do senso comum e o desvelamento das relações implícitas na produção artística.

Porém, o desenvolvimento estético não pode ser separado do desenvolvimento da capacidade criadora, pois a educação estética envolve uma ampla gama de experiências, incluindo a produção de formas artísticas. A estética é um processo ativo de percepção, é a interação entre um indivíduo e um objeto.

Arte é construção, arte é um fazer, um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza ou pela cultura, se constrói algo. Num primeiro momento, pensa-se que arte é livre expressão. E se assim prosseguir, acaba-se por relegar o fazer artístico a um simples meio de liberar emoções, retirando do processo criativo a reflexão. A perspectiva que se quer apontar aqui diz respeito à arte enquanto conhecimento a ser construído. Atua-se no mundo lendo e produzindo linguagens, como sistemas de signos e sistemas simbólicos. Toda e qualquer linguagem é instrumento para recortar, categorizar e perceber o mundo. É na construção da linguagem artística, através da utilização dos seus signos, que o ser humano leva ao extremo sua capacidade de expressão. Se a arte é um sistema estruturado de signos, precisa-se compreender como operar e manejar tal sistema (MARTINS, 1998).

¹ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394/96 – art. 26, parágrafo 2.º: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento de alunos” (BRASIL, 1997).

² Instrução n.º 14/2004 do DIE/CDE/SEED, (DIE – Departamento de Infra-Estrutura; CDE – Coordenação de Documentação Escolar; SEED – Secretaria de Estado da Educação) com código específico da disciplina de n.º 0701 cadastrado no SERE (Sistema Estadual de Registro Escolar).

Portanto, cabe ao ensino da arte a tarefa de proporcionar ao estudante o conhecimento dos códigos das diferentes linguagens artísticas, no sentido de instrumentalizá-lo para a leitura e a interpretação, e o desenvolvimento da capacidade criadora ou criatividade estética para a auto-expressão.

Entende-se por criatividade estética a aptidão para produzir, de uma maneira específica e diferenciada (segundo os indivíduos e as ocasiões), acontecimentos, formas, objetos, ou seja, para mobilizar as virtualidades sensoriais e emocionais, as reservas de imagens do espaço íntimo, de acordo com uma lógica de júbilo e de comunicação.

Tornar a criatividade operatória requer um instrumental de informações, de exercícios e de conhecimentos que resulte em poder de realização e decisão, ao qual o indivíduo criador deve submeter-se para dar à sua criação uma forma, um valor objetivo. Assim, o papel da escola é proporcionar ao estudante o acesso aos conhecimentos necessários para expressão e criação, convertendo sua potencialidade expressiva em realização organizada. Nesse sentido, estudos dos materiais expressivos, das técnicas, dos elementos das linguagens artísticas, de exercícios, de diferentes modos de resolver questões estéticas e da produção cultural do homem alimentarão o potencial expressivo do estudante. Nutrir esteticamente os sentidos é propiciar muitas e diferentes experiências estéticas, provocando uma percepção mais ampla das linguagens artísticas. “Sem isto a criatividade é apenas uma virtualidade que só pode tornar-se concreta mediante a operação de um trabalho pedagógico que proporcione a aquisição dos instrumentos de expressão” (FORQUIN, 1982, p. 33).

A partir do exposto, destacam-se os seguintes conceitos-chave dessa concepção: **cultura, pensamento estético, reflexão, arte como produção cultural, capacidade criadora e auto-expressão**, que nortearão o trabalho pedagógico do professor em sala de aula.

O desenvolvimento do pensamento estético se efetivará pelo trabalho de análise e reflexão da arte como produção cultural, a partir da especificidade de cada área artística e do desenvolvimento da

capacidade criadora. Entende-se que o **objeto de estudo** do ensino da arte, compreendido como produção cultural, **é toda forma de expressão que se utiliza das linguagens artísticas num dado tempo e espaço**, já que é construção humana.

Dois eixos norteiam, simultaneamente, objetivos, conteúdos e critérios de avaliação:

1. o entendimento da arte e das formas de expressão artísticas como produção cultural, social e histórica;
2. a especificidade das linguagens artísticas.

Esses dois eixos devem ser sempre trabalhados articulada e simultaneamente, de forma que não se privilegie um aspecto em detrimento de outro. O trabalho com os elementos de cada linguagem deve ser compreendido a partir de um contexto em certo tempo e espaço.

A perspectiva da compreensão da especificidade das linguagens e de seus elementos formais busca o entendimento do pensamento e das relações sociais em diferentes épocas e culturas, pois a diversidade de expressões artísticas são representações com historicidade. Nesse sentido, o discurso estético se vale de elementos alegóricos, que flagram ângulos ocultados da realidade e assim ampliam a capacidade reflexiva. O sentido etimológico de *alegoria* é *dizer o outro*, falar de outra coisa, como uma mensagem que não é apreendida de imediato, mas que estimula os sentidos à percepção do subjetivo. “Nesta perspectiva, a questão do alegórico surge como um processo interessante na medida em que na sua constituição as contradições históricas se instauram e na fruição para além do estético é possibilitado aos sentidos a percepção da sua historicidade” (FABIANO, 1998, p.169).

Considerando esses aspectos, o ensino da arte contempla o estudo das Artes Visuais, da Música, do Teatro e da Dança, cada qual com o seu objeto de estudo e elementos formais. Desse modo, o professor deverá levar em conta a especificidade de cada linguagem artística, seus objetos de estudo e elementos formais, considerando a

totalidade das formas de expressão artística como produção cultural, social e histórica.

Nenhum elemento formal, como, por exemplo, o timbre na música ou a cor nas artes visuais, deve ser trabalhado isoladamente. Deve-se sempre lembrar que o homem, na sua atividade construtiva, cria cultura. Cria idéias indissociáveis do processo de construção da existência. Uma obra é realização humana, constituída na sua totalidade pela utilização de certos elementos formais.

Assim, estudar música como cultura requer olhar o som, matéria-prima da música, como estrutura sonora composta de significados formais e culturais. A estrutura sonora é a própria música, produção da cultura humana, carregada de traços de história, cultura e identidade social, sendo ela própria o objeto de estudo. Na perspectiva cultural são abordados os elementos formais do som – timbre, altura, duração e intensidade –, e os elementos formais da música – instrumentação e vocal, melodia, ritmo e dinâmica.

A disposição dos elementos formais na estrutura artística e a relação que estabelecem entre si, situadas no espaço e no tempo, produzem diferentes formas visuais. Entende-se “forma” como o estado final e conclusivo da arte, isto é, configuração visível da obra. Formas artísticas visuais são constituídas pela relação dos elementos formais linha, cor, plano, volume e textura, impregnadas de aspectos culturais. Entende-se então como objeto de estudo das artes visuais toda forma de expressão que utilize a linguagem artística visual. A escultura, a pintura, a gravura, a fotografia, o cinema, a instalação, a videoarte, o videoclipe, entre outras formas, são exemplos.

Para o desenvolvimento do trabalho com a linguagem cênica, é necessário compreender que o objeto de estudo é a representação, e que esta vem composta de elementos formais e culturais. Todas as estruturas cênicas são organizadas a partir dos seguintes elementos formais: texto, personagem, caracterização, cenografia, sonoplastia e iluminação. O teatro, enquanto estruturação desses elementos, só existe a partir da relação de três outros elementos: texto, ator e

público. Portanto, uma história só poderá ser contada se existir a figura do ator que irá contá-la para alguém.

Para conduzir o trabalho em dança, entende-se o movimento como sua matéria-prima. A estruturação intencional dos movimentos, com ou sem som, tanto na filogênese quanto na ontogênese, estabelece comunicações antes da palavra. A estruturação do movimento na perspectiva artística, ou seja, a dança, como produção do homem, está impregnada de significados da diversidade cultural. Nesse sentido, dança é arte, e não somente movimento. Portanto, os elementos formais do movimento, força, tempo, espaço e fluência devem ser estudados na perspectiva da totalidade da estrutura artística. Dançar, compreender, apreciar, contextualizar e refletir sobre danças de diversas origens culturais, provocando uma percepção mais ampla, alimenta o potencial expressivo do estudante.

No desenvolvimento do trabalho pedagógico, o professor deverá elaborar objetivos, conteúdos e critérios a partir dos eixos propostos neste documento, observando sempre o conceito de cultura abordado. Deverá considerar ainda dois aspectos fundamentais: a realidade, compreendida como necessidades da turma e o cotidiano; e a ampliação do repertório do estudante, através do conhecimento da arte elaborada pelo homem, na construção da sua humanidade.

Não é excessivo recordar que a escola é o espaço socialmente instituído para o estudo sistemático e organizado, que possibilitará ao estudante o acesso a conhecimentos que não estão ao seu alcance fora dela, bem como a compreensão do mundo em que vive. Os objetivos, conteúdos e critérios propostos devem ser considerados como ponto de partida, favorecendo a ampliação do repertório do estudante.

**3.2 Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)**

continua

Objetivos - Artes Visuais	
Compreensão das artes visuais como produto cultural, social e histórico. <ol style="list-style-type: none">1. Perceber a função social das artes visuais.2. Relacionar a produção artística visual com o contexto social em diferentes tempos e espaços.3. Identificar a utilização da linguagem visual no cotidiano.4. Reconhecer a produção visual como patrimônio cultural e sua importância na sociedade.5. Reconhecer e identificar a interferência cultural nas estruturas artísticas visuais.6. Analisar a produção artística da humanidade, na busca da compreensão dos seus modos de produção, em diferentes perspectivas culturais.7. Reconhecer a importância da conservação e preservação do patrimônio cultural.8. Reconhecer e analisar a variedade de significados expressivos e de valor simbólico nas formas visuais e suas conexões temporais, geográficas e culturais.9. Perceber as concepções estéticas presentes nas diversas produções visuais (regionais, nacionais e internacionais).10. Perceber a si próprio como produtor, inserido em determinado tempo e espaço.11. Reconhecer e analisar as concepções estéticas presentes nas diversas produções visuais (regional, nacional e internacional).12. Reconhecer a si próprio como produtor, inserido em determinado tempo e espaço.	Compreensão da produção artística visual, a partir da especificidade da linguagem visual. <ol style="list-style-type: none">1. Perceber forma e conteúdo nas estruturas artísticas.2. Identificar os elementos formais da linguagem visual nas estruturas artísticas.3. Identificar diferentes técnicas e materiais nas estruturas artísticas.4. Experimentar diferentes possibilidades de uso dos elementos formais da linguagem visual.5. Representar suas idéias utilizando os elementos formais da linguagem visual.6. Identificar forma e conteúdo nas estruturas artísticas.7. Experimentar diferentes possibilidades de uso dos elementos formais da linguagem visual, na perspectiva da função simbólica.8. Representar suas idéias atribuindo função simbólica aos elementos formais da linguagem visual, ultrapassando o caráter da experimentação.9. Identificar a função simbólica dos elementos formais da linguagem visual nas estruturas artísticas.10. Analisar a utilização da linguagem visual no cotidiano, percebendo as inter-relações dos elementos formais em diferentes modalidades (vitrines, meios televisivos, cinema, roupas, espaços).11. Perceber os elementos visuais presentes na configuração do meio ambiente construído.12. Desenvolver a percepção visual através da leitura de diferentes tipos de imagem (fotografia, publicidade, histórias em quadrinhos, imagens midiáticas, etc.).

**Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)**

conclusão

Objetivos - Artes Visuais

13. Analisar suas produções e as dos colegas, considerando seu tempo e espaço.

14. Elaborar crítica pessoal sobre diferentes manifestações artísticas.

13. Criar formas de expressão visual utilizando os elementos próprios da linguagem.

14. Reconhecer e analisar os elementos visuais presentes na configuração do meio ambiente construído.

15. Desenvolver formas de representação pessoal, com liberdade, imprimindo sua marca pessoal através da utilização de diferentes técnicas e procedimentos e dos elementos formais da linguagem visual.

16. Analisar suas produções e as dos colegas, na perspectiva dos elementos formais, técnicas e procedimentos.

17. Desenvolver a percepção visual através da leitura de diferentes tipos de imagem (videoclipe, instalação, publicidade, holograma, etc.).

**Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)****Conteúdos – Artes Visuais**

<ol style="list-style-type: none">1. Diferentes obras de artes visuais, artistas e movimentos artísticos de diversas culturas (regionais, nacionais e internacionais), em diferentes tempos da história.2. Ritos, cotidiano, cultura local e cultura de tradição.3. Arte em Curitiba, arte paranaense e arte brasileira.4. Espaços construídos pelo homem, em diferentes culturas.5. Mídia, multiculturalidade e culturas tribais.6. Manifestações artísticas nas diferentes culturas: culturas orientais e ocidentais.7. Pensamento ocidental: no renascimento, barroco, clássico, neo-clássico e romântico; movimentos modernistas (impressionismo, fauvismo, cubismo, futurismo, expressionismo) e o pós-modernismo.8. Aspectos culturais, sociais e históricos das diferentes formas de representações artísticas – pintura, escultura, arquitetura, fotografia, cinema, gravura, desenho, publicidade e propaganda, colagem, instalações, <i>design</i>, performance, computação gráfica e outras.	<ol style="list-style-type: none">1. Elementos formais próprios da linguagem visual – textura, linha, plano, volume, cor – organizados em diferentes formas de representação artística.2. Textura: tátil e gráfica.3. Linhas: reta, curva, quebrada, interrompida, longa, entre outros.4. Plano: bidimensional (altura e largura).5. Volume: tridimensional (altura, largura e comprimento).6. Cor primária, secundária, quente, fria e neutra, monocromia, policromia, tom, escalas cromáticas.7. Perspectiva e proporção.8. Materiais expressivos e técnicas variadas.9. Elementos formais e sua representação simbólica.10. Transposição de planos.11. Movimento visual.12. Semelhanças e contrastes.
--	---

**Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)**

continua

Critérios de Avaliação - Artes Visuais

Verificar se o estudante em sua produção escrita, oral e visual:

<ol style="list-style-type: none">1. Percebe a função social das artes visuais.2. Relaciona a produção artística visual com o contexto social em diferentes tempos e espaços.3. Identifica a utilização da linguagem visual no cotidiano.4. Reconhece a produção visual como patrimônio cultural e sua importância na sociedade.5. Reconhece e identifica a interferência cultural nas estruturas artísticas visuais.6. Analisa a produção artística da humanidade, na busca da compreensão dos seus modos de produção, em diferentes perspectivas culturais.7. Reconhece a importância da conservação e preservação do patrimônio cultural.8. Reconhece e analisa a variedade de significados expressivos e de valor simbólico nas formas visuais e suas conexões temporais, geográficas e culturais.9. Percebe as concepções estéticas presentes nas diversas produções visuais (regional, nacional e internacional).10. Percebe a si próprio como produtor, inserido em determinado tempo e espaço.11. Reconhece e analisa as concepções estéticas presentes nas diversas produções visuais (regionais, nacionais e internacionais).12. Reconhece a si próprio como produtor, inserido em determinado tempo e espaço.13. Analisa suas produções e as dos colegas, considerando seu tempo e espaço.	<ol style="list-style-type: none">1. Percebe forma e conteúdo nas estruturas artísticas.2. Identifica os elementos formais da linguagem visual nas estruturas artísticas.3. Identifica diferentes técnicas e materiais nas estruturas artísticas.4. Experimenta diferentes possibilidades de uso dos elementos formais da linguagem visual.5. Representa suas idéias utilizando os elementos formais da linguagem visual.6. Identifica forma e conteúdo nas estruturas artísticas.7. Experimenta diferentes possibilidades de uso dos elementos formais da linguagem visual, na perspectiva da função simbólica.8. Representa suas idéias atribuindo função simbólica aos elementos formais da linguagem visual, ultrapassando o caráter da experimentação.9. Identifica a função simbólica dos elementos formais da linguagem visual nas estruturas artísticas.10. Analisa a utilização da linguagem visual no cotidiano, percebendo as inter-relações dos elementos formais em diferentes modalidades (vitrines, meios televisivos, cinema, roupas e espaços).11. Percebe os elementos visuais presentes na configuração do meio ambiente construído.12. Desenvolve a percepção visual através da leitura de diferentes tipos de imagem (fotografia, publicidade, histórias em quadrinhos, imagens midiáticas, etc.).
---	--

**Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)**

conclusão

Critérios de Avaliação - Artes Visuais

Verificar se o estudante em sua produção escrita, oral e visual:

14. Elabora crítica pessoal sobre diferentes manifestações artísticas.

13. Cria formas de expressão visual utilizando os elementos próprios da linguagem.

14. Reconhece e analisa os elementos visuais presentes na configuração do meio ambiente construído.

15. Desenvolve formas de representação pessoal, com liberdade, imprimindo sua marca pessoal através da utilização de diferentes técnicas, procedimentos e dos elementos formais da linguagem visual.

16. Analisa suas produções e as dos colegas, na perspectiva dos elementos formais, técnicas e procedimentos.

17. Desenvolve a percepção visual através da leitura de diferentes tipos de imagem (videoclipe, instalação, publicidade, holograma, entre outros).

3.3 Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos – Música	
<p>Compreensão da música como produto cultural, social e histórico.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Perceber a função social da música. 2. Relacionar a produção musical com o contexto social, em diferentes tempos e espaços. 3. Identificar a utilização da linguagem musical no cotidiano. 4. Reconhecer a produção musical como patrimônio cultural e a sua importância na sociedade. 5. Reconhecer e identificar a interferência cultural na organização da obra musical, em diferentes tempos e contextos. 6. Analisar a produção musical da humanidade, na busca da compreensão dos seus modos de produção, em diferentes perspectivas históricas e culturais. 7. Reconhecer a si próprio como produtor, inserido em determinado tempo e espaço. 8. Analisar suas produções e as dos colegas, considerando seu tempo e espaço. 9. Elaborar crítica pessoal sobre os diferentes modos de produção musical, em diferentes contextos socioculturais. 10. Elaborar crítica pessoal sobre aspectos estéticos das diferentes manifestações musicais. 11. Comparar as produções musicais da humanidade, na busca da compreensão das interpenetrações que se dão entre elas. 	<p>Compreensão da produção artística a partir da especificidade da linguagem musical.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Identificar e registrar graficamente os elementos do som e da música. 2. Identificar diferentes técnicas e materiais nas estruturas musicais. 3. Experimentar diferentes possibilidades de uso dos elementos formais da linguagem musical. 4. Interpretar: cantar, tocar e movimentar-se. 5. Representar idéias utilizando os elementos formais da linguagem musical. 6. Perceber e identificar diferentes formas musicais. 7. Identificar diferentes técnicas e materiais na obra musical. 8. Identificar a função simbólica dos elementos do som e da música. 9. Experimentar diferentes possibilidades de uso dos elementos formais da linguagem musical, na perspectiva da função simbólica. 10. Representar suas idéias utilizando a função simbólica dos elementos da linguagem musical, ultrapassando o caráter da experimentação. 11. Registrar graficamente suas idéias e representações musicais. 12. Analisar a utilização dos elementos sonoros e da música, percebendo sua inter-relação em diferentes produções musicais. 13. Desenvolver formas de representação pessoal, com liberdade, imprimindo sua marca pessoal através da utilização de diferentes técnicas, procedimentos e dos elementos formais da linguagem musical.



Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Objetivos – Música

14. Analisar suas produções e as dos colegas, na perspectiva dos elementos formais, técnicas e procedimentos.
15. Interpretar músicas de diferentes tempos e espaços, vocalmente ou com instrumentos, individualmente ou em grupo.
16. Criar formas de registro sonoro e de registro de suas próprias criações sonoras.
17. Ler registros gráficos dos elementos sonoros e musicais de suas produções e de outros.

**Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)****Conteúdos – Música**

<ol style="list-style-type: none">1. Ritos e cotidiano (brincadeiras, jogos e parlendas), tecnologias, indústria cultural, mídia; jingles, videocliques, propaganda, cinema, indústria cultural.2. A música de diferentes épocas, culturas e etnias.3. Obras, compositores, intérpretes, gêneros e estilos musicais.4. Função social da música.5. Arte local: popular e erudita – músicos paranaenses e curitibanos, música de tradição.6. Cultura oriental: chineses, indianos, japoneses, árabes, etc.7. Cultura ocidental: renascimento, barroco, classicismo, impressionismo e modernismo, música eletrônica, etc.8. Tendências populares da música brasileira: modinha, marchinha, choro, samba, bossa-nova, jovem guarda, tropicalismo, rock, reggae, rap, música eletrônica, música de raiz, música de tradição, etc.9. Cultura ocidental: rock-and-roll, pop, rap, heavy metal, tecnopop, blue, jazz, etc.10. Música erudita brasileira.	<ol style="list-style-type: none">1. Elementos sonoros: timbre, altura, duração, intensidade2. Elementos da música: instrumentação, melodia, ritmo, dinâmica.3. Percepção sonora .4. Percepção musical.5. Relação grafia/som6. Registro gráfico dos elementos.7. Música instrumental.8. Música vocal.9. Utilização da voz: técnica e higiene vocal.
---	---

**Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)**

continua

Critérios de Avaliação – Música

Verificar se o estudante em suas produções escritas, orais e sonoras:

<ol style="list-style-type: none">1. Percebe a função social da música.2. Relaciona a produção musical com o contexto social, em diferentes tempos e espaços.3. Identifica a utilização da linguagem musical no cotidiano.4. Reconhece a produção musical como patrimônio cultural e sua importância na sociedade.5. Reconhece e identifica a interferência cultural na organização da obra musical, em diferentes tempos e contextos.6. Analisa a produção musical da humanidade, na busca da compreensão dos seus modos de produção, em diferentes perspectivas históricas e culturais.7. Reconhece a si próprio como produtor, inserido em determinado tempo e espaço.8. Analisa suas produções e as dos colegas, considerando seu tempo e espaço.9. Elabora crítica pessoal sobre os diferentes modos de produção musical, em diferentes contextos socioculturais.10. Elabora crítica pessoal sobre aspectos estéticos das diferentes manifestações musicais.11. Compara as produções musicais da humanidade, na busca da compreensão das interpenetrações que se dão entre elas.	<ol style="list-style-type: none">1. Identifica e registra graficamente os elementos do som e da música.2. Identifica diferentes técnicas e materiais nas estruturas musicais.3. Experimenta diferentes possibilidades de uso dos elementos formais da linguagem musical.4. Interpreta: canta, toca e movimenta-se.5. Representa idéias utilizando os elementos formais da linguagem musical.6. Percebe e identifica diferentes formas musicais.7. Identifica diferentes técnicas e materiais na obra musical.8. Identifica a função simbólica dos elementos do som e da música.9. Experimenta diferentes possibilidades de uso dos elementos formais da linguagem musical, na perspectiva da função simbólica.10. Representa suas idéias utilizando a função simbólica dos elementos da linguagem musical, ultrapassando o caráter da experimentação.11. Registra graficamente suas idéias e representações musicais.12. Analisa a utilização dos elementos sonoros e da música, percebendo sua inter-relação em diferentes produções musicais.13. Desenvolve formas de representação pessoal com liberdade, imprimindo sua marca pessoal através da utilização de diferentes técnicas, procedimentos e dos elementos formais da linguagem musical.14. Analisa suas produções e as dos colegas, na perspectiva dos elementos formais, técnicas e procedimentos.
---	---

**Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)**

conclusão

Critérios de Avaliação – Música

Verificar se o estudante em suas produções escritas, orais e sonoras:

15. Interpreta músicas de diferentes tempos e espaços, vocalmente ou com instrumentos, individualmente ou em grupo.
16. Cria formas de registro sonoro e de registro de suas próprias criações sonoras.
17. Lê registros gráficos dos elementos sonoros e musicais das suas produções e das de outros.

**3.4 Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)**

continua

Objetivos – Teatro	
<p>Compreensão das artes cênicas como produto cultural, social e histórico.</p> <ol style="list-style-type: none">1. Perceber a função social das artes cênicas.2. Relacionar a produção cênica com o contexto social, em diferentes tempos e espaços.3. Identificar a utilização da linguagem cênica nas produções teatrais, cinematográficas e em meios televisivos.4. Reconhecer e identificar a interferência cultural nas produções teatrais.5. Reconhecer a produção teatral da humanidade como patrimônio cultural e sua importância na sociedade.6. Analisar a produção em artes cênicas da humanidade, na busca da compreensão dos seus modos de produção, em diferentes perspectivas culturais.7. Compreender e identificar as diferentes formas de construção das narrativas e estilos (tragédia, comédia, drama, mitos, fábulas, entre outras).8. Reconhecer a si próprio como produtor, inserido em determinado tempo e espaço.9. Analisar as suas produções e as dos colegas, considerando seu tempo e espaço.10. Elaborar crítica pessoal sobre diferentes manifestações artísticas: aspectos estéticos e modos de produção.11. Comparar as produções do homem nas artes cênicas, na busca da compreensão das interpenetrações que acontecem entre elas.	<p>Compreensão da produção artística cênica, a partir da especificidade da linguagem cênica.</p> <ol style="list-style-type: none">1. Perceber forma e conteúdo nas estruturas teatrais.2. Identificar os elementos formais da linguagem cênica: texto, personagem, caracterização, cenografia, iluminação e sonoplastia nas estruturas teatrais.3. Experimentar diferentes possibilidades de representação cênica, a partir dos elementos formais próprios da linguagem, através da expressão corporal, expressão vocal e jogos teatrais com variados estímulos.4. Representar suas idéias utilizando os elementos formais da linguagem cênica.5. Identificar forma e conteúdo nas estruturas teatrais.6. Reconhecer a função simbólica dos elementos formais utilizados em produções teatrais, cinematográficas e em meios televisivos.7. Utilizar a expressão corporal e jogos teatrais como preparação para a representação cênica.8. Representar idéias atribuindo função simbólica aos elementos formais da linguagem cênica.9. Reconhecer e experimentar diferentes formas de representação cênica: sombras, formas animadas, máscaras, etc.10. Realizar adaptações de textos literários, de diferentes representações, como meios televisivos, cinema, etc.

**Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)**

conclusão

Objetivos – Teatro

11. Analisar a utilização dos elementos cênicos no cotidiano, percebendo as inter-relações dos elementos formais em diferentes modalidades (performance, meios televisivos e cinematográficos).
12. Analisar a função simbólica dos elementos formais utilizados em produções teatrais, cinematográficas e em meios televisivos.
13. Utilizar diferentes formas de representação cênica: sombras, formas animadas, máscaras e outras.
14. Desenvolver formas de representação pessoal, com liberdade, imprimindo sua marca pessoal através da utilização de diferentes técnicas, procedimentos e dos elementos formais das artes cênicas.
15. Analisar suas produções e as dos colegas, na perspectiva dos elementos formais, técnicas e procedimentos.

**Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)****Conteúdos – Teatro**

1. Manifestações cênicas em diferentes épocas, culturas (ocidental, oriental e tribal) e etnias.
2. Diferentes formas e técnicas utilizadas em representações cênicas: teatro de formas animadas, teatro de máscaras, improvisação e outras.
3. Formas teatrais regionais, nacionais e internacionais.
4. Diferentes momentos da história do teatro, dramaturgos, estilos, encenadores, e cenógrafos.
5. Teatro de diferentes culturas: crenças, hábitos, narrativas e visualidade.
6. Diferentes formas de construção e narrativas: tragédia, drama, comédia, farsa, melodrama, teatro épico, circo, mitos, fábulas, etc.
7. Ritos, cotidiano, cultura da mídia – teatro, cinema, telenovelas, telejornais, programas de auditório e outros.
8. Diferentes tipos de obras literárias: mitos, clássicos, literatura infantil, poesia, entre outros.

1. Elementos formais próprios da linguagem cênica – texto, personagem, caracterização, cenografia, iluminação e sonoplastia.
2. Elementos formais e sua representação simbólica.
3. Expressão vocal, jogos, expressão corporal e performances.
4. Diferentes formas de representação cênica: sombras, formas animadas, máscaras e outras.

**Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)**

continua

Critérios de Avaliação - Teatro

Verificar se o estudante em suas produções escritas, orais e cênicas:

<ol style="list-style-type: none">1. Percebe a função social das artes cênicas.2. Relaciona a produção cênica com o contexto social, em diferentes tempos e espaços.3. Identifica a utilização da linguagem cênica nas produções teatrais, cinematográficas e em meios televisivos.4. Reconhece e identifica a interferência cultural nas produções teatrais.5. Reconhece a produção teatral da humanidade como patrimônio cultural e sua importância na sociedade.6. Analisa a produção artística da humanidade, na busca da compreensão dos seus modos de produção, em diferentes perspectivas culturais.7. Compreende e identifica as diferentes formas de construção das narrativas e estilos (tragédia, comédia, drama, mitos, fábulas, entre outros).8. Reconhece a si próprio como produtor, inserido em determinado tempo e espaço.9. Analisa suas produções e as dos colegas, considerando seu tempo e espaço.10. Elabora crítica pessoal sobre diferentes manifestações artísticas: aspectos estéticos e modos de produção.11. Compara as produções do homem nas artes cênicas, na busca da compreensão das interpenetrações que acontecem entre elas.	<ol style="list-style-type: none">1. Percebe forma e conteúdo nas estruturas teatrais.2. Identifica, nas estruturas teatrais, os elementos formais da linguagem cênica: texto, personagem, caracterização, cenografia, iluminação e sonoplastia .3. Experimenta diferentes possibilidades de representação cênica a partir dos elementos formais próprios da linguagem, através da expressão corporal, expressão vocal e jogos teatrais, com variados estímulos.4. Representa suas idéias utilizando os elementos formais da linguagem cênica.5. Identifica forma e conteúdo nas estruturas teatrais.6. Reconhece a função simbólica dos elementos formais utilizados em produções teatrais, cinematográficas e em meios televisivos.7. Utiliza a expressão corporal e jogos teatrais como preparação para a representação cênica.8. Representa idéias atribuindo função simbólica aos elementos formais da linguagem cênica.9. Reconhece e experimenta diferentes formas de representação cênica: sombras, formas animadas, máscaras, etc.10. Realiza adaptações de textos literários, diferentes representações, como meios televisivos, cinema, etc.11. Analisa a utilização das artes cênicas no cotidiano, percebendo as inter-relações dos elementos formais em diferentes modalidades (performance, meios televisivos e cinematográficos).
--	---

**Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)**

conclusão

Critérios de Avaliação - Teatro

Verificar se o estudante em suas produções escritas, orais e cênicas:

12. Analisa a função simbólica dos elementos formais utilizados em produções teatrais, cinematográficas e em meios televisivos.
13. Utiliza diferentes formas de representação cênica: sombras, formas animadas, máscaras e outras.
14. Desenvolve formas de representação pessoal, com liberdade, imprimindo sua marca pessoal através da utilização de diferentes técnicas, procedimentos e dos elementos formais das artes cênicas.
15. Analisa suas produções e as dos colegas, na perspectiva dos elementos formais, técnicas e procedimentos.

3.5 Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos – Dança	
<p>Compreensão da dança como produto cultural, social e histórico.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Perceber a função social da dança. 2. Relacionar a produção artística de dança com o contexto social, em diferentes tempos e espaços. 3. Identificar a utilização da dança no cotidiano (festas populares, ritos e mídia). 4. Reconhecer e identificar a interferência cultural na dança. 5. Analisar a produção artística da humanidade, na busca da compreensão dos seus modos de produção, em diferentes perspectivas culturais. 6. Perceber o papel do corpo na dança. 7. Reconhecer a si próprio como produtor, inserido em determinado tempo e espaço. 8. Analisar suas produções e as dos colegas, considerando seu tempo e espaço. 9. Elaborar crítica pessoal sobre diferentes manifestações artísticas, na perspectiva dos seus modos de produção. 10. Refletir sobre o papel do corpo na dança. 	<p>Compreensão da dança, a partir da especificidade da linguagem.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Adquirir consciência corporal: das partes do corpo e dinâmicas do movimento. 2. Perceber a forma e o conteúdo em diferentes composições de dança. 3. Identificar, nas estruturas artísticas, as qualidades dos elementos estruturais da dança – peso, fluência, espaço e tempo. 4. Experimentar diferentes possibilidades de movimentação do corpo. 5. Experimentar as possibilidades de uso das raízes de habilidades motoras na construção do movimento. 6. Experimentar diferentes possibilidades de uso dos elementos estruturais da dança, a partir de suas qualidades de movimento. 7. Representar suas idéias utilizando as raízes de habilidades motoras e as qualidades de movimento da dança: composição coreográfica. 8. Improvisar utilizando as possibilidades de uso das raízes de habilidades motoras na construção do movimento, com e sem estímulo. 9. Improvisar utilizando diferentes possibilidades de uso dos elementos estruturais da dança, a partir de suas qualidades de movimento, com e sem estímulo.

**Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)**

conclusão

Objetivos – Dança

10. Analisar a utilização da dança no cotidiano, percebendo as inter-relações dos elementos formais em diferentes modalidades (meios televisivos, na comunidade, etc).
11. Representar suas idéias atribuindo função simbólica aos elementos estruturais da dança e suas qualidades de movimento.
12. Desenvolver formas de representação pessoal, com liberdade, imprimindo sua marca pessoal através da utilização de diferentes técnicas, de procedimentos e dos elementos formais da linguagem da dança.
13. Analisar e elaborar crítica de suas produções e as de outros, na perspectiva dos elementos formais, técnicas e procedimentos.

**Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)****Conteúdos – Dança**

1. Aspectos culturais, sociais e históricos das diferentes formas de dança: erudita, popular, folclórica, antiga e contemporânea.
2. A dança em diferentes culturas: representação simbólica.
3. Diferentes repertórios – erudito e popular.
4. Ritos, cotidiano e cultura local.
5. Folclore.
6. Diferentes culturas tribais.
7. Cultura oriental e cultura ocidental: diferentes gêneros e estilos.
8. Cultura nacional: dança brasileira – grupos de dança, coreógrafos e dançarinos, em diferentes épocas e regiões.
9. Cultura oriental e cultura ocidental: grupos de dança, coreógrafos e dançarinos, em diferentes épocas e regiões.

1. Elementos estruturais da dança e suas qualidades de movimento: peso, fluência, espaço e tempo.
2. Raízes de habilidades motoras: articulares, giros, saltos, rolamentos e quedas.

**Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)**

continua

Critérios de Avaliação - Dança

Verificar se o estudante, por meio da palavra, do uso do corpo e em composições de dança:

1. Percebe a função social da dança.
2. Relaciona a produção artística de dança com o contexto social, em diferentes tempos e espaços.
3. Identifica a utilização da dança no cotidiano (festas populares, ritos e mídia).
4. Reconhece e identifica a interferência cultural na dança.
5. Analisa a produção artística da humanidade, na busca da compreensão dos seus modos de produção, em diferentes perspectivas culturais.
6. Percebe o papel do corpo na dança.
7. Reconhece a si próprio como produtor, inserido em determinado tempo e espaço.
8. Analisa suas produções e as dos colegas, considerando seu tempo e espaço.
9. Elabora crítica pessoal sobre diferentes manifestações artísticas.
10. Reflete sobre o papel do corpo na dança.

1. Manifesta sua consciência corporal através da dança.
2. Percebe forma e conteúdo em diferentes composições de dança.
3. Identifica, nas estruturas artísticas, as qualidades dos elementos estruturais da dança – peso, fluência, espaço e tempo.
4. Experimenta diferentes possibilidades de movimentação do corpo.
5. Experimenta as possibilidades de uso das raízes de habilidades motoras na construção do movimento.
6. Experimenta diferentes possibilidades de uso dos elementos estruturais da dança, a partir de suas qualidades de movimento.
7. Representa suas idéias utilizando as raízes de habilidades motoras e as qualidades de movimento da dança: composição coreográfica.
8. Improvisa utilizando as possibilidades de uso das raízes de habilidades motoras na construção do movimento, com e sem estímulo.
9. Improvisa utilizando diferentes possibilidades de uso dos elementos estruturais da dança, a partir de suas qualidades de movimento, com e sem estímulo.
10. Analisa a utilização da dança no cotidiano, percebendo as inter-relações dos elementos formais em diferentes modalidades (meios televisivos, na comunidade, etc).
11. Representa suas idéias atribuindo função simbólica aos elementos estruturais da dança e suas qualidades de movimento.



Área de Ensino da Arte Ciclo I, II, III e IV – (1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Critérios de Avaliação - Dança

Verificar se o estudante, por meio da palavra, do uso do corpo e em composições de dança:

12. Desenvolve formas de representação pessoal com liberdade, imprimindo sua marca pessoal através da utilização de diferentes técnicas, procedimentos e dos elementos formais da linguagem dança.

13. Analisa e elabora crítica de suas produções e das de outros, na perspectiva dos elementos formais, técnicas e procedimentos.

4 GEOGRAFIA

“Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana.”
Milton Santos

4.1 Fundamentos teórico-metodológicos para a área de Geografia

A Geografia estuda a dinâmica da sociedade e a da natureza, assim como as relações entre elas. A dinâmica da sociedade compreende as relações econômicas, políticas e culturais estabelecidas entre os seres humanos. E a dinâmica da natureza compreende as relações estabelecidas entre os elementos naturais: água, ar, solo, vegetação e relevo. Essas relações culminam nos diferentes fenômenos físicos (vulcânicos, climáticos e sísmicos).

Portanto, a natureza possui uma dinâmica própria, caracterizada pela instabilidade, que pode ser facilmente percebida nas variações do tempo meteorológico, na alternância do dia com a noite e na alternância das estações do ano.

Da relação entre as dinâmicas da sociedade e da natureza resulta o objeto de estudo da Geografia: o espaço geográfico. Por espaço geográfico entende-se o espaço produzido, transformado e organizado pela ação humana, de forma direta ou indireta. Por isso, a ênfase do ensino recai sobre a investigação de como a sociedade ocupa, organiza e transforma o lugar onde vive em espaço geográfico.

Para que ocorra a compreensão do espaço geográfico, trabalha-se com os eixos **sociedade**, **espaço** e **natureza**, assim como com as representações da vida dos estudantes, inter-relacionando conteúdos escolares e conhecimentos do cotidiano.

É de fundamental importância provocar situações de aprendizagem que valorizem os conhecimentos resultantes das experiências dos estudantes, adquiridas na convivência com diferentes grupos sociais.

Entende-se o ensino da Geografia como educação para a consciência do espaço, compreendido nas suas dinamicidades.

Para que esse processo ocorra, é fundamental a utilização de recursos didáticos (imagens, filmes, músicas, textos diversos, aulas de campo, mapas, maquetes) que possibilitem o desvelamento da realidade e dos discursos sobre ela.

A construção da noção de espaço pelo estudante ocorre gradativamente e pressupõe o trabalho com as relações topológicas, projetivas e euclidianas, que perpassam todos os conteúdos de Geografia e são essenciais para a compreensão dos mapas e de outras formas de representação do espaço. Cabe à escola o papel de sistematizar e propiciar condições para que isso ocorra de forma contextualizada.

As relações topológicas são as primeiras noções espaciais que a criança estabelece; são relativas ao seu espaço de ação (mais próximo). A compreensão dessas noções ocorre quando a criança consegue estabelecer relações entre os elementos observados no espaço e reproduzi-las no desenho. Para que isso se efetive, o professor deve trabalhar os elementos do espaço de forma exploratória.

As relações projetivas envolvem o referencial do observador, ou seja, a perspectiva. É a constatação de que a localização de elementos fixos pode ser diferente em relação à posição do observador, por exemplo, quando a criança percorre uma quadra da rua e percebe a ordem das edificações: farmácia, açougue, revistaria, escola. Na volta do percurso, essas edificações aparecerão na ordem inversa, embora não tenham mudado de lugar: escola, revistaria, açougue e farmácia.

As relações euclidianas são fundamentadas na noção de distância. Por meio delas, pode-se localizar um elemento do espaço em

relação a outro, desde que se considere um sistema de medidas padrão (medidas de comprimento e largura na construção dos espaços). Pressupõem a utilização de referenciais abstratos dos sistemas de coordenadas, tais como: distância, comprimento e superfície.

A sistematização da noção de espaço acontece em três níveis de compreensão: do vivido, do percebido e do concebido simultaneamente.

O espaço vivido é o espaço físico vivenciado por meio do movimento e do deslocamento. É o espaço do cotidiano, onde o indivíduo estabelece relações topológicas elementares, tais como:

- relações de vizinhança: perto, longe;
- relações de separação: junto, separado;
- relações de sucessão: antes, depois;
- relações de inclusão: fora, dentro.

Para iniciar o trabalho com o espaço vivido, utilizam-se referências **locais**, tais como a escola, a rua da escola, o entorno da escola, o bairro, sempre estabelecendo e ampliando relações com o **geral**, aqui entendido como outros espaços.

O espaço percebido é aquele que não precisa ser experienciado fisicamente. O indivíduo estabelece relações entre espaços e objetos, utilizando as noções topológicas e projetivas. É quando ocorre a descentração, processo pelo qual o indivíduo consegue alterar gradativamente o ponto de referência de si próprio para outras pessoas e outros objetos.

Outro importante conceito espacial é o de reversibilidade, que é a capacidade de considerar outros referenciais para localizar objetos e lugares. É a capacidade de perceber, por exemplo, que o Estado do Paraná está localizado ao sul do Estado de São Paulo e ao norte do Estado de Santa Catarina. Nesse caso, o referencial não é o próprio corpo do indivíduo, mas sim as direções cardeais (ALMEIDA, 1989).

O espaço concebido é aquele em que são estabelecidas conexões que favorecem a percepção das relações euclidianas. É quando o estudante consegue ler e compreender um mapa, sem precisar percorrer ou conhecer o espaço representado. Traduz-se também na

capacidade de traçar um mapa mental, representando o percurso de um local ao outro, comumente utilizado por pessoas para explicar endereços ou por motoristas quando se deslocam no trânsito.

São instrumentais básicos do saber geográfico os conteúdos/conceitos: localização, orientação, distribuição e representação dos fenômenos socionaturais, paisagem, lugar, região, limite, território, nação e fronteira, além da alfabetização cartográfica, que instrumentaliza o estudante para ser, em primeira instância, mapeador ativo (alguém que constrói seus mapas) e, a partir daí, leitor de mapas oficiais.

Fica claro, assim, que a Geografia caracteriza-se pelo estudo da organização do espaço geográfico, que se manifesta aparentemente através da paisagem, entendida como realidade física vista e sentida pelo ser humano.

A paisagem é referência para o conhecimento do espaço geográfico por ser o dado da realidade que as pessoas percebem. Constitui um conjunto de elementos da natureza (relevo, vegetação, hidrografia, etc.) e de elementos culturais criados pela sociedade (edificações, vias de circulação, represas, etc.). A paisagem está sempre em mudança, é uma espécie de marca da história do fazer humano, do movimento da sociedade, e, segundo SANTOS (1986, p. 5) “é a acumulação desigual de tempos”. Portanto, compreender a paisagem implica ultrapassar o seu concreto aparente para chegar ao conhecimento das relações sociais que a construíram.

A sociedade desenvolve um complexo tecnológico que não tem fim em si mesmo, mas é um meio para satisfazer suas necessidades e realizar também as suas metas. A Geografia tem enfatizado o aspecto técnico e o aspecto instrumental da sociedade, os quais não podem ser abandonados, mas devem ser vistos dentro do contexto social em que são desenvolvidos.

Portanto, o trabalho com os conteúdos geográficos reveste-se de grande valor social na medida em que contribui para a construção de conhecimentos que permitem tratar questões relacionadas à ocupação

e à gestão do espaço em diferentes níveis, com maior consciência das peculiaridades existentes, bem como com maior responsabilidade no trato de tais questões.

A Geografia exerce, na verdade, papel decisivo na formação do indivíduo para o exercício da cidadania. Ler e pensar o mundo, compreendendo que o ser humano e os demais elementos da natureza constituem, de maneira integrada, o espaço socialmente construído, transformado e organizado, é o papel da Geografia na constituição do saber escolar.

Tal tarefa só será realizada num ambiente escolar que se revista de uma atmosfera investigativa, em que se permita o diálogo e se exercite a reflexão sobre o conhecimento e as práticas sociais.

A seguir, serão apresentados os objetivos, os conteúdos e os critérios de avaliação considerados básicos para a formação em Geografia no Ensino Fundamental.

4.2 Área de Geografia Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a séries

“Ler e escrever, em geografia, exige o domínio da linguagem cartográfica.” (ALMEIDA, 2001, p. 18).

“O que determina a maior ou menor concentração de competências em cada nível e em cada ciclo é a capacidade operatória do aluno, esta sim, caracterizada pelo desenvolvimento das estruturas da inteligência.”

SAEB – Sistema Nacional de Avaliação Básica

Área de Geografia Ciclo I – Etapa Inicial, 1.ª e 2.ª etapas (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)
Eixos: Sociedade/Espaço/Natureza

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Sistematizar a noção espacial, percebendo a proporção, distância e direção dos objetos, por meio da observação, representação e localização destes em diferentes espaços.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Observação de objetos em relação à forma e ao tamanho. ▪ Representação dos objetos nas visões: frontal, vertical e oblíqua. ▪ Localização dos objetos no espaço: lateralidade (à direita de, à esquerda de); anterioridade (em frente de, atrás de); profundidade (longe, perto, em cima, embaixo). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreende e utiliza as categorias espaciais (longe, perto, direita, esquerda, frente, atrás, em cima, embaixo) ao construir e interpretar representações de espaços do cotidiano (espaço vivido), percebendo as diferenças entre as formas dos objetos.
<p>2. Utilizar as categorias espaciais (topológicas, projetivas e euclidianas) para construir representações (tridimensionais e bidimensionais) legendadas dos diferentes espaços conhecidos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Observação da organização dos espaços vividos. ▪ Identificação das semelhanças e diferenças entre objetos do espaço a serem representados. ▪ Reconhecimento da função de cada objeto (para que servem?). ▪ Representação de espaços conhecidos: sala de aula, cômodos da casa, utilizando medidas não convencionais (passos, palmos): <ul style="list-style-type: none"> - Bidimensional (representação no plano – mapa); - Tridimensional (maquete). - Legenda. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreende e utiliza as categorias espaciais (longe, perto, direita, esquerda, frente, atrás, em cima, embaixo) ao construir e interpretar representações de espaços do cotidiano (espaço vivido), percebendo as diferenças entre as formas dos objetos.

Área de Geografia Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Eixos: Sociedade/Espaço/Natureza

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>3. Reconhecer e utilizar os referenciais de localização e orientação espacial para se deslocar nos diferentes espaços.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Localização e orientação espacial. ▪ Referenciais espaciais: <ul style="list-style-type: none"> - particulares (pontos de referência utilizados pelos alunos no espaço vivido); - locais (pontos de referência no bairro). ▪ Orientação pelo Sol e pela bússola. ▪ Referenciais geográficos (direções cardeais: Norte, Sul, Leste, Oeste). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhece e utiliza, no cotidiano, os referenciais espaciais de orientação, distância e localização, fazendo uso do próprio corpo como referencial para localizar objetos nos diferentes espaços.
<p>4. Perceber que o espaço geográfico é ocupado por várias sociedades, que se organizam de formas diferenciadas e compõem o espaço global.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O lugar de vivência: o entorno da escola. ▪ Paisagem do lugar de vivência. ▪ Elementos formadores da paisagem: <ul style="list-style-type: none"> - elementos da natureza (naturais); - elementos construídos pelo ser humano (culturais). ▪ Os códigos criados pela sociedade para organizar o espaço: 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Utiliza adequadamente os procedimentos de observação, pesquisa e interpretação como instrumentos básicos para a leitura crítica do espaço, por meio da identificação das relações que nele se estabelecem.

Área de Geografia Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas (1.^o, 2.^o e 3.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)
Eixos: Sociedade/Espaço/Natureza

conclusão

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
	<p>- sinalização de trânsito: vertical e horizontal; placas de orientação (com nomes de ruas, praças, indicação de direções, entre outros).</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os diferentes lugares do bairro: tipos de moradia, casas comerciais, templos, áreas de lazer e cultura (parques, áreas verdes, áreas degradadas, escolas, teatros, cinemas, bibliotecas, entre outros). ▪ Transformação das paisagens: mudanças e permanências dos elementos naturais e culturais da paisagem no processo de transformação do espaço e os efeitos da ação antrópica no processo de transformação. 	

4.3 Área de Geografia Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Eixos: Sociedade/Espaço/Natureza

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Ler, interpretar e construir representações, como mapas (tanto os confeccionados pelo estudante como os oficiais), gráficos e plantas simples, utilizando elementos da linguagem cartográfica.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Diferentes formas de representação do espaço: <ul style="list-style-type: none"> - tridimensional; - bidimensional. ▪ Elementos do mapa: <ul style="list-style-type: none"> - título; - orientação; - escala; - legenda. ▪ Convenções cartográficas: sistema de cores. ▪ Gráficos envolvendo representação de: <ul style="list-style-type: none"> - distribuição de elementos e fenômenos naturais e culturais; - séries cronológicas ou temporais; - deslocamento ou fluxos de pessoas e bens de consumo no espaço e no tempo. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Produz e lê mapas simples, gráficos, maquetes e pequenos roteiros, utilizando as convenções cartográficas, noções de direção, distância, proporção, limites e sistema de cores.
<p>2. Perceber que as referências universais de localização – N, S, E, O, NE, SE, NO, SO – são imprescindíveis para a circulação e o conhecimento do espaço geográfico, situando os elementos formadores das paisagens – humanos e físicos – nos espaços vivido, percebido e concebido.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Representação na visão oblíqua e vertical. ▪ Orientação pelo Sol e pela bússola e localização: pontos de referência (cardeais e colaterais). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Utiliza o próprio corpo e o Sol como referências para identificar posições ocupadas pelos elementos no espaço, utilizando a lateralidade e considerando o movimento aparente do Sol como referência para a orientação.

Área de Geografia Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Eixos: Sociedade/Espaço/Natureza

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>3. Compreender que as sociedades são multiculturais, formadas por grupos de diferentes etnias, identificando as diversas construções dos espaços que materializam a cultura dos povos que os constroem, num processo contínuo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Espaços de referência: Paraná e Brasil • População: <ul style="list-style-type: none"> - número de habitantes; - população absoluta; - densidade demográfica; - movimentos populacionais (migração, emigração, imigração). • Formação cultural e a configuração do espaço: <ul style="list-style-type: none"> - as contribuições das diferentes etnias nos diferentes espaços; - formação do território paranaense e brasileiro. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Utiliza os conceitos de migração, imigração e emigração, relacionando-os às diferentes características dos espaços de Curitiba, Paraná e Brasil; entendendo que estes revelam e/ou materializam a forma de viver dos povos que os constituíram.
<p>4. Construir os conceitos de urbano e rural, identificando as atividades desenvolvidas em cada espaço e suas características.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Organização dos espaços do município, do estado, do país e a relação entre eles. <ul style="list-style-type: none"> - espaço rural, espaço urbano, áreas de transição e a interdependência entre campo e cidade; - atividades produtivas nos diferentes espaços e nos setores primário, secundário e terciário; - áreas de produção agropecuária; 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Identifica os espaços urbano e rural, reconhecendo que suas configurações resultam da forma como os seres humanos estabelecem relações entre si e com a natureza. ▪ Reconhece as áreas de transição identificando-as como espaços entre campo e cidade.

Área de Geografia Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Eixos: Sociedade/Espaço/Natureza

conclusão

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
	<ul style="list-style-type: none"> - indústria; - comércio, prestação de serviços; - turismo; - comunicação e transportes. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Identifica as atividades primárias do espaço rural nomeando os tipos de produção da agricultura e pecuária. ▪ Compreende que, no espaço urbano, são desenvolvidos os setores secundário e terciário, reconhecendo as atividades neles desenvolvidas, como: indústria, turismo, comércio e prestação de serviços.
<p>5. Identificar, localizar e conceituar os fenômenos naturais, compreendendo a dinâmica da natureza e a interdependência entre relevo, clima, vegetação e hidrografia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Elementos da natureza, preservação e conservação: <ul style="list-style-type: none"> - ar (tempo atmosférico); - água (hidrografia, distribuição e utilização das águas); - solo (relevo, distribuição); - vegetação (tipos de formações vegetais). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreende a inter-relação entre os elementos formadores da paisagem, estabelecendo relações entre eles e a ação antrópica.

4.4 Área de Geografia Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Eixos: Sociedade/Espaço/Natureza

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Reconhecer a importância da cartografia para ler, interpretar e construir representações em diferentes escalas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A história da cartografia. • Elementos da linguagem cartográfica. • Sistema de referência: coordenadas geográficas – latitude e longitude. • Fusos horários e sistema de orientação: direções cardeais e colaterais. • Formas de representação: projeções, mapas temáticos e gráficos. • Regionalização - os sistemas de produção no espaço e as transformações no trabalho: espaços de referência – município, estado, país e continente. • Regionalização e representação: o Brasil no continente e no mundo: <ul style="list-style-type: none"> - país, continente; - limite, fronteira; - território; - paisagem; - lugar; - região. • Regionalização: <ul style="list-style-type: none"> - divisão do IBGE; - divisão geoeconômica. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Faz uso adequado da noção de inclusão de espaços no processo de construção dos conceitos e categorias do espaço geográfico, como: município, estado, região, país, continente, fronteira, território, paisagem, lugar e região, por meio da leitura e interpretação de diferentes representações espaciais. ▪ Entende os diferentes critérios de regionalização do espaço brasileiro, comparando as diferentes representações: regiões naturais, geoeconômicas e as definidas pelo IBGE.

Área de Geografia Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Eixos: Sociedade/Espaço/Natureza

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>2. Reconhecer as diferentes técnicas, modos de vida e produção que caracterizam a paisagem urbana e rural, identificando semelhanças e diferenças para compreender o espaço.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A organização do espaço e as transformações da indústria. <ul style="list-style-type: none"> - As atividades produtivas no Brasil: <ul style="list-style-type: none"> - da indústria artesanal à máquina-fatureira; - localização dos principais pólos industriais e portos; - agricultura, pecuária, extrativismo. - comunicação e transporte encurtando distâncias e mudando a dimensão do tempo. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhece os elementos que dão identidade às paisagens urbanas e rurais, percebendo o grau de interferência da ação antrópica no ambiente e suas conseqüências. ▪ Estabelece relações entre a circulação e comunicação dos espaços compreendendo a sua importância e função social.
<p>3. Compreende a relação do ser humano com a natureza para a produção do espaço e manutenção da vida.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Relações socionaturais e a interdependência entre os elementos da natureza: preservação, conservação, poluição. • Relevo (formas de relevo, modificação do relevo, relação com a hidrografia). <p>Hidrografia (principais bacias hidrográficas, aproveitamento dos rios, potencial energético).</p>	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Identifica as diferentes manifestações do tempo natural na paisagem e sua importância na leitura dos fenômenos geográficos.

Área de Geografia Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Eixos: Sociedade/Espaço/Natureza

conclusão

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
	<ul style="list-style-type: none"> • Clima (elementos do clima, zonas climáticas, fenômenos climáticos, classificação climática). ▪ Vegetação (vegetação nativa ontem/hoje, tipos de vegetação, áreas de preservação ambiental, áreas de degradação ambiental). 	
<p>4. Compreender que a organização do espaço resulta das relações políticas/econômicas/culturais entre os seres humanos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O processo de ocupação do território brasileiro. • Quem são os brasileiros? Diferentes origens, diferentes culturas (origens asiática, africana, européia, indígena). • Densidade demográfica e representação (conceitos: povoado, populoso e vazios demográficos). • Movimentos populacionais. • Problemas sociais (saúde, educação, distribuição de renda). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Entende que a organização do espaço resulta da interação entre as pessoas, estabelecendo relações entre a distribuição da população e o crescimento demográfico.

4.5 Área de Geografia Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Eixos: Sociedade/Espaço/Natureza

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Reconhecer a importância da cartografia para ler, interpretar e construir representações em diferentes escalas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A história da cartografia. • Elementos da linguagem cartográfica. • Sistema de referência: coordenadas geográficas – latitude e longitude. • Fusos horários e sistema de orientação: direções cardeais e colaterais. • Formas de representações: projeções, mapas temáticos, gráficos. • Regionalização – os sistemas de produção no espaço e as transformações no trabalho: espaços de referência – América, Europa, Ásia, África e Oceania. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Utiliza adequadamente conceitos e categorias do espaço geográfico, tais como: território, paisagem, lugar e região, bem como conceitua e reconhece os elementos caracterizadores das diferentes paisagens mundiais.
<p>2. Reconhecer a importância das diferentes formas de representação (mapas, gráficos, fotos aéreas, maquetes, imagens de satélites, entre outros.) para o estudo e compreensão dos fenômenos espaciais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Diferentes formas de representação do espaço americano, africano, europeu, asiático e da Oceania. • Formas de organização do espaço geográfico mundial: conceitos de fronteiras, estado-nação. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Domina a linguagem cartográfica e compreende que o mundo é construído a partir de ações humanas e que nem sempre as decisões emergem do consenso numa sociedade.

Área de Geografia Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Eixos: Sociedade/Espaço/Natureza

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>3. Reconhecer conceitos básicos da geografia estabelecendo a relação entre conceitos de diferentes territorialidades e temporalidade, entendendo que estes definem os ritmos e processos socionaturais na construção das paisagens.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As regionalizações da América: <ul style="list-style-type: none"> - segundo as línguas oficiais faladas; - baseadas na posição das terras americanas no globo terrestre; - baseadas na economia e no nível tecnológico. • A regionalização do espaço europeu, asiático, africano e da Oceania. <ul style="list-style-type: none"> - compreensão das mudanças geopolíticas (conflitos); - as diversidades culturais e territoriais. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Utiliza, em diferentes contextos, conceitos tais como: formação socioespacial, território, região, nação, paisagem e lugar.
<p>4. Identificar e analisar o processo de desenvolvimento tecnológico e suas conseqüências socioambientais, compreendendo o conceito de globalização.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Globalização, um conceito controverso. • Transporte, comunicação e tecnologia mudando a noção de tempo e encurtando distâncias. • Intervenções antrópicas no ambiente: <ul style="list-style-type: none"> - o capitalismo e a sociedade de consumo; 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreende que os problemas sociais, políticos, ambientais são resultado das mudanças nas relações políticas internacionais e a atual ordem mundial.

Área de Geografia Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Eixos: Sociedade/Espaço/Natureza

conclusão

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
	<ul style="list-style-type: none"> - impactos ambientais; - a participação do cidadão para a sustentabilidade. 	
<p>5. Compreender a interdependência entre os elementos formadores da paisagem, nos diferentes continentes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Relevo. • Hidrografia. • Clima – índices pluviométricos, umidade relativa do ar, pressão atmosférica, fatores climáticos: altitude, correntes marítimas, influência do relevo, entre outros. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreende as características, a interdependência e a dinâmica dos elementos formadores da paisagem nos diferentes continentes.

5 ENSINO RELIGIOSO

5.1 Fundamentos teórico-metodológicos para o Ensino Religioso

Em nosso país, desde a época da colonização até por volta da década de 70, o Ensino Religioso teve caráter catequético, perdurando uma concepção evangelizadora, cuja finalidade era a de fazer seguidores para a Igreja Católica Apostólica Romana.

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 5.692/71, o Ensino Religioso passou a centrar-se no desenvolvimento da religiosidade do estudante. Nesse âmbito, apresentava como conteúdo os valores humanos voltados para uma vivência ética, sem se ater a qualquer forma de doutrinação. A metodologia aplicada nessa concepção objetivava o questionamento sobre a realidade do estudante e possíveis mudanças de atitudes constituídas pelo ver, julgar, agir e celebrar.

A Lei n.º 9.475/97, que apresenta uma nova redação para o art. 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN - 9394/96), aponta novos avanços e perspectivas para o Ensino Religioso no âmbito escolar: ressalta a importância de se assegurar o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, veda qualquer forma de proselitismo³ e assegura ao estudante, como cidadão, o direito de ter acesso ao conhecimento sobre o fenômeno religioso. A escola pública não pode se eximir dessa responsabilidade, porém não pode abrir espaço para doutrinação, evangelização ou catequese nem impor aos estudantes práticas religiosas desta ou daquela igreja ou religião. As orientações para a adesão a alguma crença religiosa são responsabilidade da família e das comunidades de fé.

³ Segundo o Dicionário Aurélio (1986), proselitismo significa converter a uma doutrina, idéia ou sistema.

A Lei deixa claro que o Ensino Religioso não deve ser ministrado por voluntários ou pessoas alheias à educação. Os próprios professores é que devem assumir a tarefa. É de responsabilidade do Sistema de Ensino e das Secretarias Municipais da Educação habilitar e atualizar devidamente os professores.

De acordo com a legislação atual, é facultativa a freqüência às aulas do Ensino Religioso, mas obrigatória a oferta por parte da escola no horário normal, cabendo ao estudante fazer a opção de freqüência no ato da matrícula. Segundo a Resolução n.º 6.856/93 da SEED/PR, o estudante menor de 18 anos que optar pela não-freqüência necessitará de documento assinado pelo pai ou responsável. No caso de não-freqüência, cabe à escola organizar programas e atividades que possam atendê-lo no horário de trabalho dessa área, não podendo haver dispensa das aulas devido à obrigatoriedade do cumprimento das 800 (oitocentas) horas mínimas previstas no art. 23 da LDBEN 9394/96.

O Ensino Religioso, como área do conhecimento e parte integrante da Base Nacional Comum, conforme a Resolução n.º 2 de 7 de abril de 1998 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, deve ser trabalhado sistematicamente, articulado às demais áreas, no horário normal das escolas. Tem objeto de estudo próprio, critérios e instrumentos de avaliação, metodologia, objetivos e conteúdos específicos.

Objeto de Estudo

O Ensino Religioso, como área do conhecimento, é diferente de “aula de religião”, ou catequese, ou da escola bíblica, ou ainda de qualquer modelo de doutrinação, não pressupondo a adesão e muito menos o proselitismo ou a propagação de determinada crença religiosa. Sua especificidade é a decodificação ou a análise das manifestações do sagrado, possibilitando ao estudante o conhecimento e a compreensão do **fenômeno religioso** como fato cultural e social, bem

como uma visão global de mundo e de pessoa, promovendo, assim, o respeito às diferenças no convívio social.

O objeto de estudo do Ensino Religioso é o fenômeno religioso que compreende o conjunto das diferentes manifestações do sagrado no âmbito individual e coletivo. Esse fenômeno acontece no universo de uma cultura, é influenciado por ela e, conseqüentemente, também a influencia.

O Conhecimento Religioso

As tradições religiosas e místicas são fatos culturais e sociais que oferecem um vasto campo de investigação, permitindo ampliar a visão de mundo, compreender as manifestações do sagrado, enquanto transcendente/imanente⁴, valorizar o conhecimento religioso como patrimônio da humanidade, construído ao longo da história de maneira bastante peculiar, em diferentes contextos geográficos e culturais.

Desde os primórdios da história da humanidade, o ser humano defronta-se com grandes desafios e situações-limite: a enfermidade, a morte, a separação, o heroísmo, entre tantas outras. Diante desses acontecimentos da vida, muitas vezes se questiona: Quem sou? Por que estou aqui? Para onde vou? O que acontece depois da morte? Qual é o sentido da vida? Na procura de respostas a essas questões surge o conhecimento religioso.

Essas perguntas são a razão da busca empreendida pelos seres humanos através dos tempos, na tentativa de desvendar “o mistério”, superar sua fragilidade e sua finitude. Como conseqüência, surgiram diferentes manifestações religiosas, místicas e filosóficas no transcurso

⁴ Segundo ELIADE (1995), o sagrado implica em manifestações de uma ordem diferente da ordem material, segue uma lógica que não pertence a este mundo. O autor diferencia o sagrado do profano, palavras de significados opostos. **Transcendente**, nesta relação, segundo o DICCIONÁRIO del Cristianismo (1974), significa aquilo que está além; **imanente**, em oposição a transcendente, significa dentro, aquilo que é interior ao ser.

da história. Assim, o conhecimento religioso é o conjunto das respostas sistematizadas às questões fundamentais da vida humana.

A construção e a socialização desse conhecimento na escola devem promover uma abertura ao diálogo inter-religioso, na perspectiva dos valores comuns a todas as tradições, tendo por base a alteridade e o direito à liberdade de consciência e opção religiosa. O Ensino Religioso deve ser entendido como um processo interativo entre professores e estudantes, na busca da realização destes como seres humanos, reconhecidos e respeitados como cidadãos inseridos numa realidade plural, marcada pelas diferenças.

Avaliação

A avaliação faz parte do processo metodológico, portanto é um elemento integrador, no qual interagem estudante e professor. Ela permite que ambos conheçam o progresso alcançado e que o professor reelabore a sua prática pedagógica, quando necessário. Os critérios da avaliação estão vinculados à organização curricular e têm diferentes funções no processo ensino-aprendizagem.

Entende-se que é possível mapear o desenvolvimento dos estudantes através da análise de suas produções. Os registros da avaliação poderão ser efetivados por meio de tabelas, gráficos, listas e pareceres descritivos, entre outros. São recomendadas também as atividades de auto-avaliação, escritas ou orais, por meio das quais o estudante verifica o seu progresso. Esse mapeamento de resultados informa se ele atingiu os objetivos e em que se deverá investir mais esforços para a superação das dificuldades na aprendizagem.

Metodologia e Tratamento Didático dos Conteúdos

A metodologia do Ensino Religioso deve contemplar a análise de diferentes relações entre fenômenos, num “fazer pedagógico” dinâmico, permitindo a interação e o diálogo no processo de construção e socialização do conhecimento, de maneira que professor e estudante juntos possam (re)significar o conhecimento. Para tanto, sugerem-se, como momentos metodológicos, uma problematização inicial para introduzir o assunto a ser estudado e a observação – reflexão – informação, na seqüência. Observe-se que esses momentos se interligam numa dinâmica, num movimento constante, portanto não são estanques nem isolados (FONAPER, 2000, p. 34-35).

Desse modo, busca-se decodificar e analisar os elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, enfocando os conteúdos em uma rede de relações, de forma progressiva, propiciando ao estudante a ampliação de sua visão de mundo, o exercício do diálogo inter-religioso e a valorização das diferentes expressões religiosas e místicas, a partir do seu contexto sociocultural.

A construção e a socialização do conhecimento religioso são subsidiadas pelos esclarecimentos do professor, pelo compartilhamento de experiências entre os estudantes, pela pesquisa em diversas fontes, pela leitura e interpretação de textos, pela análise de fotos, ilustrações e objetos simbólicos, pela confecção de cartazes, maquetes, álbuns, pelo acesso a filmes, entre outros.

Dessa forma, por meio da descrição e interpretação de diferentes fenômenos e processos da realidade, pelo que são, sem preconceitos, o Ensino Religioso permite a releitura do fenômeno religioso, favorecendo ao estudante a análise e a compreensão das manifestações do sagrado, a partir de sua realidade sociocultural.

O tratamento didático dos conteúdos precisa considerar:

- A necessidade de esclarecer pais e responsáveis acerca da proposta do Ensino Religioso, enfatizando a característica não-proselitista dessa área do conhecimento, evitando assim a imposição religiosa no espaço escolar.
- O planejamento das atividades de acordo com o ciclo, a série e a realidade de cada escola.
- A organização do espaço (sala de aula), de forma a facilitar o diálogo e a interação entre estudantes e professores, de acordo com o conteúdo e a metodologia.
- A organização do tempo na semana, prevendo um horário específico para o Ensino Religioso.
- O tratamento interdisciplinar do Ensino Religioso, contextualizando e estabelecendo a inter-relação dos conteúdos.
- A seleção criteriosa de uso de materiais (objetos simbólicos, fotos, textos, entre outros) e recursos didáticos.
- O estabelecimento de relações entre os saberes, facilitando o diálogo na mediação de conflitos.
- Os conhecimentos anteriores do estudante, como ponto de partida para a construção e a socialização do conhecimento religioso.
- A complexidade do fenômeno religioso.
- A possibilidade de aprofundamento gradativo, dada a amplitude dos assuntos abordados sobre o fenômeno religioso.
- O uso de linguagem pedagógica adequada ao contexto escolar, permitindo, assim, a decodificação do conhecimento religioso e a sua compreensão.
- O respeito e o reconhecimento do direito à liberdade de consciência e de opção religiosa dos estudantes.
- A necessidade de múltiplas leituras na abordagem da pluralidade religiosa.

Objetivos Gerais

Propiciar o conhecimento sobre o fenômeno religioso, analisando e compreendendo as diferentes manifestações do sagrado, a partir da realidade sociocultural do educando.

Contribuir com a construção da cidadania, promovendo o diálogo inter-religioso, o respeito às diferenças, a superação de preconceitos e o estabelecimento de relações democráticas e humanizadoras.

Organização dos Conteúdos

O fenômeno religioso, como objeto de estudo do Ensino Religioso, deve ser o referencial para a seleção e a organização dos conteúdos, que são trabalhados de forma contextualizada e inter-relacionada, na busca da superação da fragmentação dos conhecimentos e saberes.

A realidade do estudante deve ser o ponto de partida e o ponto de chegada no processo ensino-aprendizagem. Nessa concepção, consideram-se as peculiaridades ou particularidades da comunidade na qual se insere a escola para que o estudante chegue ao entendimento da diversidade das manifestações do sagrado e construa um referencial de respeito às diferenças.

O sagrado constitui o foco do fenômeno religioso, portanto o estudo desse fenômeno tem a intenção de propiciar ao estudante a compreensão das diferentes manifestações do sagrado, ressaltando o respeito às opções das pessoas na busca da espiritualidade e no exercício do diálogo inter-religioso. Segundo OTTO, “sagrado é uma categoria que abrange algo inefável. Possibilita uma avaliação daquilo que é exclusivamente religioso, e que, ao seu tempo, escapa ao domínio racional” (apud BIRCK, 1993, p. 24).

O fenômeno religioso abrange uma multiplicidade de manifestações do sagrado no âmbito individual e coletivo. Assim, propõe-se que os conteúdos do Ensino Religioso sejam organizados a partir do eixo **manifestações do sagrado**.

Esse eixo integra um amplo conjunto de conteúdos, alguns dos quais são explicitados a seguir.

Alteridade – Alteridade é o estado ou a qualidade daquilo que é “outro” ou diferente. Alteridade significa reconhecer o “outro”. “Alteridade é o ser outro, o colocar-se ou constituir-se como outro. A alteridade é um conceito mais restrito do que diversidade e mais extenso do que diferença” (DICIONÁRIO de Filosofia, 1970, p. 32).

Vivenciar a alteridade requer a valorização e a aceitação das pessoas com as suas singularidades, sejam estas pessoais, culturais ou religiosas.

Para conviver numa sociedade pluralista, faz-se necessário reconhecer o direito à diferença, aceitando o outro com naturalidade e respeito. É possível conviver de modo harmonioso com pessoas de diferentes culturas, religiões, filosofias de vida e mentalidades.

Cada ser humano precisa compreender-se como um ser em relação com todos os seres da natureza e entender que a riqueza dos seres humanos e demais seres consiste nas diferenças e nas interações entre si. Assim, é importante aprender a ver o outro como ele é e deixar de querer transformá-lo ou convertê-lo naquilo que achamos ser o único padrão correto.

A consciência de pertença no coletivo se constrói com base no respeito às diferenças, numa atitude de acolhida à diversidade. O respeito é o valor básico para a construção da paz, do diálogo e do entendimento entre as pessoas.

Ethos – Palavra de origem grega que significa caráter. “É a forma interior da moral humana em que se realiza o próprio sentido do ser. É formado na percepção interior dos valores, de que nasce o dever como

expressão da consciência e como resposta do próprio ‘eu’ pessoal” (FONAPER, 1997, p. 37). Diz respeito aos costumes e maneiras de viver e conviver das pessoas.

A ética religiosa, que faz parte do *ethos*, se relaciona ao sagrado e se constitui num conjunto de princípios, padrões de conduta, prescrições, mandamentos e máximas que os fiéis ou adeptos devem assimilar e cumprir.

Alguns desses preceitos se repetem em quase todas as religiões do mundo, como, por exemplo: não matar, não roubar, não praticar imoralidades, socorrer os necessitados, amparar os aflitos, amar o semelhante, promover a paz.

Cabe ao Ensino Religioso promover nos estudantes a percepção de que, mesmo nas diferenças, é possível uma convivência de qualidade. Importa ressaltar os pontos comuns das tradições religiosas, místicas e filosóficas, que, em sua maioria, buscam organizar e estabelecer regras para a vida em sociedade, fundamentadas em valores comuns.

Tradições religiosas, místicas e filosóficas – Esse conteúdo aborda as diferentes tradições, analisando seu papel, origem histórica, mudanças evolutivas no decorrer dos tempos, estrutura hierárquica, ação social, modo de ser, pensar e agir das pessoas, bem como a possibilidade de diálogo inter-religioso. Aborda também o que é cultura religiosa e como se estabelecem as relações na convivência entre pessoas de diferentes crenças, permitindo, assim, a compreensão do fenômeno religioso.

As religiões influenciam as várias formas de compreender e representar a natureza e o destino dos seres humanos. São fontes inspiradoras da arquitetura, da música, da dança, do teatro, da pintura, da poesia, entre outras. “Todas as religiões mudaram com o tempo, algumas mais relutantemente do que outras. A religião não vai desaparecer. Somos basicamente religiosos; somos preparados para a

religião desde o berço, como somos preparados para inúmeros outros comportamentos básicos” (BOWKER, 1997, p.10).

OTTO define religião como “o encontro do homem com o sagrado” (apud BIRCK, 1993, p.19), sendo o sentimento numinoso⁵ uma característica exclusiva dessa área.

Pode-se concluir que religião é a forma concreta, visível e social do relacionamento pessoal e comunitário do ser humano consigo mesmo, com o outro e com o sagrado. Ou ainda que é um fenômeno que as sociedades humanas têm produzido em diferentes contextos geográficos, históricos e culturais para dar respostas às questões fundamentais da vida.

As tradições religiosas ou religiões, como sistemas organizados a partir de uma estrutura hierárquica, conjunto de doutrinas, ritos, símbolos e normas éticas, podem ser dogmáticas, mas também abertas e flexíveis. Sua função básica, pelo menos no plano ideal, é contribuir para com o processo civilizador da humanidade, orientar as pessoas em sua busca e relação com o sagrado, dar respostas às questões existenciais e sustentação à existência da comunidade por meio de preceitos éticos. Exemplos de algumas tradições religiosas: Hinduísmo, Jainismo, Sikhismo, Taoísmo, Confucionismo, Xintoísmo, Zoroastrismo, Judaísmo, Cristianismo, Islamismo e Fé Bahá'í.

Algumas tradições místicas e filosóficas não se caracterizam como religiões, mas como filosofias de vida e escolas de pensamento, embora possuam aspectos similares aos sistemas religiosos, como rituais, símbolos, práticas espirituais e espaços destinados a reuniões. Em sua maioria, essas tradições têm como finalidade ensinar e capacitar as pessoas a viver em harmonia com as leis cósmicas e naturais, de forma adogmática. AMORC – Antiga Mística Ordem Rosacruz, Gnosticismo, Maçonaria, Teosofia, Círculo Esotérico da

⁵ Sentimento numinoso, conforme BIRCK (1993, p. 31), é um estado afetivo não derivado de outros elementos emocionais, mas produzido pela presença do objeto numinoso. O objeto numinoso se relaciona ao sagrado.

Comunhão do Pensamento e Sociedade Brasileira de Eubiose são alguns exemplos.

Partindo das experiências dos estudantes, da descoberta de si mesmos como seres religiosos que participam ou não de determinada religião ou filosofia de vida, busca-se analisar e compreender as diferentes tradições presentes na realidade local e global.

Textos Sagrados – Para que os ensinamentos de uma religião se perpetuem, faz-se necessário que sejam transmitidos às novas gerações, na forma oral, escrita e pictórica, entre outros modos.

Nos textos sagrados, pela revelação, o sagrado se faz conhecer aos seres humanos, transmitindo-lhes regras, mostrando sua vontade e seus mistérios. Cada tradição religiosa os tem, e seus ensinamentos são referenciais de fé e fundamentos das normas de conduta para os seguidores. Eis alguns exemplos: Vedas ou Escrituras Védicas são textos sagrados do Hinduísmo; o Sutra de Lótus e o Pali Tripitaka são do Budismo; o Tanach é do Judaísmo; a Bíblia, do Cristianismo; o Corão, do Islamismo; o Kitáb-I-Aqdas, da Fé Bahá'í.

Há textos escritos cujo processo de produção ocorreu ao longo da história, em diferentes contextos culturais e geográficos. Inicialmente, alguns desses textos eram transmitidos oralmente. Depois de um tempo mais ou menos longo, foram escritos e elegidos, passando a constituir o cânon, ou o conjunto das escrituras sagradas.

Os textos sagrados, fruto da caminhada religiosa de um povo, são sempre elaborados num determinado contexto histórico, por isso exigem uma interpretação e exegese posterior.

Expressam mensagens e, nesse aspecto, podem ser escritos, desenhados, pintados, falados, dançados, enfim, podem ser transmitidos por meio de várias formas comunicantes do significado religioso. Conhecer as diferentes linguagens simbólicas que constituem as culturas religiosas e suas tradições possibilita a (re)leitura dos textos sagrados e seus mitos.

A linguagem mítico-simbólica encontra-se nos textos sagrados de diversas tradições. Por meio dessa linguagem metafórica, busca-se explicar realidades além da categoria racional.

Rito e mito caminham juntos. O rito complementa o mito e vice-versa. O mito é uma tentativa de explicar algo utilizando uma linguagem metafórica. Muitas vezes os mitos explicam acontecimentos que deram origem ao mundo, como, por exemplo, os mitos de criação. O mito tem por objetivo dar uma explicação geral da existência, e não revelar fatos históricos.

No senso comum, a palavra mito é utilizada em sentidos diferentes. No contexto religioso, traz conotações psicológicas profundas, apontando para processos da espiritualidade humana.

Segundo ELIADE (1992), todo rito, todo mito, toda crença ou figura divina reflete a experiência do sagrado, que é um elemento presente na estrutura da consciência humana.

Assim, o texto sagrado, para algumas tradições religiosas, possui um grande valor e significado espiritual, sendo considerado como a palavra divina revelada, e não apenas um simples livro histórico. Por isso, é digno de respeito e veneração.

Símbolos Religiosos – Os símbolos religiosos são linguagens que comunicam idéias do âmbito do sagrado. Têm também valor evocativo, mágico e místico. Desde as mais antigas civilizações até a atualidade, as tradições religiosas e místicas produziram uma vasta representação simbólica para comunicar suas idéias, perpetuar e reforçar valores e ensinamentos sobre o sagrado. Essa linguagem se apresenta na forma de desenho, pintura, escultura, arquitetura, vestimenta, alimentos, elementos da natureza, entre outras.

Todo símbolo permite múltiplas interpretações. Para o fiel ou adepto de determinada tradição, o símbolo religioso pode evocar a presença do sagrado, proteção e auxílio divino.

Segundo SANDNER (1997, p. 22), símbolo é qualquer coisa que pode veicular uma idéia, como um numeral, uma palavra, um ato, um

rito, um sonho, uma obra de arte. Qualquer elemento pode ser, desse modo, um símbolo que porta um conceito que lhe dá significados.

Espiritualidades – As espiritualidades são métodos ou práticas que permitem aos adeptos uma relação imediata com o sagrado. A prece, a leitura de um texto sagrado, a entoação de cânticos litúrgicos e a meditação são alguns exemplos de espiritualidades.

Ritos e Rituais – o rito se refere a uma técnica mágica ou religiosa que visa controlar as forças naturais, objetivo de que as técnicas racionais não dão conta. O ser humano obtém relativa garantia de salvação em face dessas forças (DICIONÁRIO de Filosofia, 1970).

Os **ritos** são gestos simbólicos sagrados, linguagens corpóreas que muitas vezes dispensam palavras. O ser humano ritualiza para expressar seus desejos, sua fé e seu sentimento religioso.

Uma série de ritos forma o que chamamos de ritual, ou seja, o ritual designa um conjunto de ritos, como, por exemplo, o batismo. (DICCIONÁRIO del Cristianismo, 1974)

Os **rituais** são dinâmicos: mudam conforme a época e as circunstâncias. Muitas tradições possuem seus próprios rituais para celebrar os momentos importantes na vida de seus adeptos.

Existem os rituais de passagem, litúrgicos, celebrativos, divinatórios, mortuários, entre outros. “Os ritos de passagem se associam às grandes mudanças na condição do indivíduo. As principais transições marcadas por esses ritos são o nascimento, a entrada na idade adulta, o casamento e a morte” (HELLERN, NOTAKER E GAARDER, 2000, p. 28).

Os mitos, algumas lendas e os grandes acontecimentos religiosos são revividos através de rituais, linguagens pelas quais muitas pessoas articulam e lidam com suas esperanças e temores.

Espaços Sagrados – Entre os diversos espaços considerados sagrados, alguns tiveram origem em uma história ou lenda que

envolveu uma hierofania (manifestação do sagrado); outros foram construídos pelos homens e se tornaram centros de peregrinações ou romarias: são os templos, os santuários, as catedrais, as capelas, os locais de prece e meditação, as mesquitas, os terreiros, etc.

Segundo ROSENDAHL (1999), os santuários paleolíticos são exemplos dos primeiros indícios de vida cívica. A caverna desempenhou uma função importante na expressão da arte e na realização de rituais da época.

Lugares sagrados, como rios, montanhas, cidades, florestas, cavernas e grutas sempre exerceram forte atração. A função desses lugares é ser a morada e a manifestação do sagrado. Ali o devoto peregrino ou romeiro pode, de modo privilegiado, realizar a sua experiência de fé ou experiência do sagrado, por meio de práticas devocionais e do pagamento de promessas.

As práticas religiosas em espaços sagrados conferem-lhes característica própria, firmada pela expressão do sagrado. Esses espaços podem, porém, apresentar outras funções além da religiosa, como a de turismo e de comércio.

Há tradições religiosas, como o Catolicismo, o Hinduísmo, o Islamismo, o Budismo e a Fé Bahá'í, que incentivam seus adeptos a realizarem peregrinações, como motivação para o fortalecimento e vivência mais intensa da espiritualidade.

Muitas pessoas procuram esses lugares ou espaços sagrados para cumprir promessas ou fazer votos, pedir e agradecer benefícios ou graças alcançadas.

Crença na Vida Além-Morte – Cada religião, cada filosofia de vida interpreta a realidade última do ser humano de maneiras diversas, entre elas: ancestralidade, reencarnação, ressurreição e nada.

- Ancestralidade: crença defendida por algumas tradições antigas de que a vida dos antepassados continua presente de alguma forma. Em algumas tradições, os espíritos dos antepassados manifestam-se

em elementos da natureza. Para a ancestralidade, os antepassados são presença constante através das gerações.

- Reencarnação: doutrina que afirma que o indivíduo possui um elemento independente de seu ser físico, que, após a morte, pode renascer em outro corpo, num processo de expiação, evolução e auto-redenção. Essa crença está presente em diferentes religiões e filosofias de vida.

- Ressurreição: ação de voltar à vida. Tradições religiosas como o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo apresentam interpretações diferenciadas sobre a doutrina da ressurreição dos mortos. Algumas tradições religiosas, por exemplo, acreditam que a ressurreição acontecerá no que chamam “dia do juízo final”, quando todos os seres humanos ressuscitarão para serem julgados e recompensados segundo as suas obras. Os justos ressuscitarão para a felicidade eterna, e os injustos, para serem punidos.

- Nada: é a negação da vida além-morte, que recebe diferentes interpretações conforme o grupo social. Por exemplo, para alguns, a morte consiste em uma dissolução completa daquilo que era e, para outros, essa dissolução é uma dispersão de partículas atômicas que retornam ao Universo.

A seguir, serão apresentados os objetivos, os conteúdos e os critérios de avaliação considerados básicos para a formação em Ensino Religioso no Ensino Fundamental.

5.2 Área de Ensino Religioso Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Reconhecer o outro, refletindo e vivenciando o diálogo e o respeito às diferenças religiosas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Alteridade: <ul style="list-style-type: none"> - Eu e os outros somos nós. - Cada pessoa tem o seu jeito de ser e de acreditar. - As diferenças religiosas. - A riqueza das diferenças religiosas. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeita a si mesmo e ao outro nas diferenças religiosas.
<p>2. Reconhecer a diversidade religiosa presente na realidade próxima, construindo o seu referencial de entendimento das diferenças.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tradições Religiosas: <ul style="list-style-type: none"> - A religião na vida das pessoas. - As tradições religiosas de nossa comunidade. - As religiões e a prática do bem (caridade, solidariedade, etc.). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece a diversidade religiosa em situações do cotidiano, no contexto onde vive.
<p>3. Identificar os símbolos religiosos, estabelecendo a relação de seus significados.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Símbolos Religiosos: <ul style="list-style-type: none"> - O que são símbolos religiosos. - Símbolos religiosos na vida das pessoas. - Principais símbolos de algumas religiões. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identifica os símbolos religiosos, estabelecendo seus significados a partir do contexto sociocultural.
<p>4. Conhecer alguns espaços sagrados existentes na comunidade, identificando a função desses espaços.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Espaços Sagrados: <ul style="list-style-type: none"> - O que são espaços sagrados. - Espaços sagrados da comunidade. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece os espaços sagrados e identifica a sua função na vida das pessoas.

5.3 Área de Ensino Religioso Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Refletir sobre a alteridade e o respeito às diferenças, reconhecendo o direito à liberdade de expressão religiosa do outro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Alteridade: <ul style="list-style-type: none"> - A valorização de si mesmo e do outro. - As pessoas e suas diferentes crenças. - A diversidade das opções religiosas. - Valores que aproximam as pessoas de diferentes religiões. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece o outro, vivenciando o respeito às diferenças religiosas no convívio social.
<p>2. Identificar as diferentes tradições religiosas, reconhecendo a importância da religião na vida das pessoas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tradições Religiosas: <ul style="list-style-type: none"> - A religião no cotidiano. - A pluralidade religiosa em nossa comunidade. - A diversidade religiosa no Brasil. - O diálogo inter-religioso. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identifica a diversidade religiosa, demonstrando abertura ao diálogo com pessoas de outras crenças religiosas.
<p>3. Conhecer os textos sagrados, percebendo-os como referenciais de ensinamentos sobre a fé e a prática das tradições religiosas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Textos Sagrados: <ul style="list-style-type: none"> - O que são textos sagrados. - Textos sagrados orais e escritos, entre outros. - Mitos da criação do mundo e do homem. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhece os textos sagrados, percebendo-os como referenciais de ensinamentos de fé e de prática das tradições religiosas.

Área de Ensino Religioso Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)
conclusão

Objetivo	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>4. Conhecer as principais espiritualidades de algumas tradições religiosas, identificando-as como métodos e práticas de relação com o sagrado.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Espiritualidades: <ul style="list-style-type: none"> - As práticas religiosas no cotidiano das pessoas. - Espiritualidades das tradições religiosas. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhece as espiritualidades de algumas tradições religiosas, analisando-as como métodos e práticas que permitem a relação com o sagrado.
<p>5. Identificar ritos e rituais, reconhecendo a importância do seu significado cultural.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ritos e Rituais: <ul style="list-style-type: none"> - O significado dos ritos das tradições religiosas. - Rituais de passagem, celebrativos e litúrgicos. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identifica ritos e rituais de algumas tradições religiosas, reconhecendo a importância do seu significado na vida dos adeptos.
<p>6. Identificar espaços sagrados, analisando a sua função.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Espaços Sagrados: <ul style="list-style-type: none"> - Espaços sagrados da comunidade. - Lugares de peregrinação do Brasil e do mundo. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identifica os espaços sagrados, reconhecendo a sua função e significado.

5.4 Área de Ensino Religioso Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Conhecer aspectos do <i>ethos</i> de algumas religiões e filosofias de vida, reconhecendo o outro em suas diferenças.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Ethos</i>: <ul style="list-style-type: none"> - A convivência na diversidade religiosa. - Regra áurea segundo algumas religiões e filosofias de vida. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhece aspectos do <i>Ethos</i> de algumas religiões e filosofias de vida, demonstrando atitudes de respeito às diferenças.
<p>2. Identificar as diferentes tradições, analisando-as como fato social e cultural.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tradições Religiosas, Filosóficas e Místicas: <ul style="list-style-type: none"> - Religião e religiosidade. - A diversidade religiosa no Brasil. - Origem histórica das tradições religiosas, filosóficas e místicas. - Estrutura hierárquica das religiões. - A questão de gênero nas religiões. - Personagens religiosos de hoje e de outros tempos. - Diálogo inter-religioso e a cultura da paz. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identifica as diferentes tradições, analisando-as como fato ou fenômeno produzido pelas sociedades humanas.
<p>3. Conhecer os textos sagrados, compreendendo a sua linguagem mítico-simbólica.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Textos Sagrados: <ul style="list-style-type: none"> - O sagrado na vida das pessoas. - Os textos sagrados. 	<p>Verificar se o estudante:</p>

Área de Ensino Religioso Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivo	Conteúdos	Critérios de Avaliação
	<ul style="list-style-type: none"> - A linguagem mítico-simbólica dos textos sagrados. - Mitos de algumas tradições religiosas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhece os textos sagrados de algumas tradições religiosas, compreendendo sua linguagem mítico-simbólica.
<p>4. Identificar símbolos religiosos, ritos, rituais e espiritualidades, reconhecendo sua importância na expressão do sagrado.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Símbolos, Espiritualidades, Ritos e Rituais: <ul style="list-style-type: none"> - Símbolos que identificam as tradições religiosas, filosóficas e místicas. - Ritos e rituais – os gestos sagrados. - Espiritualidades – a relação com o sagrado. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identifica símbolos religiosos, espiritualidades, ritos e rituais, reconhecendo a importância destes na expressão do sagrado.
<p>5. Identificar espaços sagrados, analisando a sua função e simbologia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Espaços Sagrados: <ul style="list-style-type: none"> - Origem e função dos espaços sagrados. - Simbologia da arquitetura religiosa. - Lugares de peregrinação. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identifica os espaços sagrados e descreve a sua função.

Área de Ensino Religioso Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>6. Conhecer as crenças sobre a vida além-morte, refletindo sobre as questões fundamentais da vida.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Crença na Vida Além-Morte: <ul style="list-style-type: none"> - A valorização da vida nas religiões e filosofias de vida. - A crença na ancestralidade, reencarnação, ressurreição e nada. - A busca do sentido de vida nas tradições religiosas e místicas. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhece as crenças na vida além-morte, segundo algumas religiões e filosofias de vida, compreendendo a importância da busca do sentido de vida.

6 HISTÓRIA

“Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse ‘sentido do passado’ na sociedade e localizar suas mudanças e transformações.”

Eric Hobsbawm

6.1 Fundamentos teórico-metodológicos para a área de História

As abordagens historiográficas⁶ apontam para uma multiplicidade de perspectivas da História, em razão dos diferentes contextos de produção do conhecimento histórico que procura desvelar as relações que se estabelecem entre as diferentes coletividades, nos diferentes tempos e espaços. O conhecimento histórico é aqui entendido como a compreensão dos processos históricos das formações sociais e a compreensão dos sujeitos históricos. Novos objetos e abordagens têm sido incorporados pela historiografia⁷ para explicar as uniformidades e as regularidades das formações sociais, bem como as rupturas e as diferenças que vão se constituindo e se estabelecendo no embate das ações humanas, conforme BEZERRA (apud KARNAL, 2004).

Privilegiar a compreensão dos processos das formações sociais e dos sujeitos históricos é superar um ensino de História que enfoca apenas a ação de personagens históricos; é perceber que a trama histórica não pode ser entendida a partir de ações individuais, mas concebida como construção com a participação de todos os agentes sociais: individuais e coletivos. Nessa perspectiva, volta-se o olhar para sujeitos sociais, tais como homens e mulheres: idosos, jovens, e crianças.

⁶ As diferentes abordagens historiográficas têm sido pautadas em historiadores como Edward P. Thompson, Eric Hobsbawm, Michel de Certeau, Roger Chartier, entre outros.

⁷ Historiografia pode ser entendida como o estudo e a explicação da História

Assim, tomam-se como objeto do ensino de História as formações sociais, bem como as relações sociais que nelas se estabelecem. Formações sociais aqui compreendidas como as sociedades que se constroem historicamente, num processo dinâmico e contraditório. As relações sociais devem ser entendidas nas diferentes coletividades, percebidas as diferenças e semelhanças, conflitos e contradições, igualdades e desigualdades.

A produção do conhecimento histórico na perspectiva positivista nega a subjetividade do historiador. Subjetividade vista negativamente, que deve ser controlada, segundo o pressuposto de que os acontecimentos falam por si só. Nesse contexto, o historiador narra o que acontece, não sendo permitido que emita juízo de valor nem generalizações. No entanto, a historiografia recente aponta que as explicações fornecidas pela História são interpretações construídas a partir de um ponto de vista do historiador e, por isso, provisórias e sujeitas a controvérsias (BARCA, 1998).

Para a “iniciação histórica”, é necessário que o professor propicie situações em que o estudante comece uma reflexão procurando explicar os **comos** e os **porquês** das mudanças que ocorrem nas diferentes coletividades, percebendo as diversidades e as similitudes. Perceber essas diferenças e transformações é inerente ao trabalho do historiador. No entanto, esse olhar voltado às diferenças e transformações que ocorrem em diferentes contextos deverá estar presente na ação pedagógica, possibilitando ao estudante o exercício do raciocínio histórico (CABRINI, 1994).

Para que o ensino de História não seja a “regurgitação do passado”, o professor deve estimular o pensamento crítico de seus estudantes adotando alguns procedimentos específicos, como investigar as idéias que eles já possuem, possibilitando que reflitam sobre diferentes hipóteses em História; exercitar com seus alunos a seleção das diferentes respostas historiográficas para aquele contexto histórico; estimulá-los a construir novas hipóteses investigativas, ou seja, novas questões de investigação (BARCA, 1998).

Para que o estudante compreenda a História, o professor deve não só falar de situações do passado, mas promover a interpretação desse passado, a partir de um trabalho com documentos históricos. O professor deve mostrar que os historiadores, ao escreverem a história, utilizam-se de questões sobre algum acontecimento que não conhecem, no entanto, existem “pequenos pormenores que fazem da História algo de lógico: as fontes diretas e o conhecimento do contexto que as enquadram” (LEE, apud BARCA, 2001, p. 14).

Assim como as fontes são imprescindíveis ao historiador na sua busca por evidências para produzir o conhecimento histórico, os documentos são fundamentais ao trabalho em aulas de História. Essa metodologia ajuda o estudante a conhecer os conteúdos da História a partir de diferentes fontes; estimula-o na observação, auxilia-o na reflexão histórica, bem como lhe propicia o entendimento do sentido da História.

A ação pedagógica deve promover no estudante a compreensão sobre a interlocução entre o acontecido e o narrado, levando-o à percepção de que quem escreve a história lança diversos olhares sobre um mesmo acontecimento, bem como de que os diferentes registros são fontes de informação do passado. Os estudantes devem entender que o que estão estudando já foi estudado por alguém; também devem compreender que os historiadores não copiam os testemunhos, mas fazem inferências e interpretações, a partir das evidências históricas.

No processo de escolarização, é necessário que o professor oportunize situações para que o estudante comece a pensar historicamente. Isso significa pensar temporalmente, compreendendo e explicitando os critérios da periodização em História, estabelecendo relações de acontecimentos no tempo, tendo como referência a anterioridade, a posterioridade, a simultaneidade, permanências, mudanças, continuidades, descontinuidades e rupturas; saber buscar informações em diferentes documentos históricos, textos didáticos, manifestações artísticas e folclóricas, depoimentos orais, entre outros, para ajudá-lo a refletir sobre o sentido da História; passar a usar os

conceitos próprios dessa ciência; passar a construir narrativas explicativas.

Ensinar História envolve mudanças, tanto em relação ao objeto em si como em relação à ação pedagógica. O objeto em si, ou seja, o “fazer histórico”, é dinâmico, fruto de mudanças sociais, das descobertas arqueológicas, das novas documentações e dos debates metodológicos. A ação pedagógica modifica-se, tendo em vista que mudam os professores, os alunos, as legislações escolares, assim como as expectativas familiares (KARNAL, 2004).

Além disso, o conhecimento histórico escolar pressupõe uma transposição didática do saber histórico em saber histórico escolar, ou seja, um processo que consiste na “transposição da ciência de referência para uma situação de ensino, permeando-se, em sua elaboração, com o conhecimento proveniente do ‘senso comum’, de representações sociais de professores e alunos e que são redefinidos de forma dinâmica e contínua na sala de aula” (BITTENCOURT, 2001, p. 25).

Assim, o conhecimento histórico deve ser ensinado para que o estudante tenha “condições de participar do processo do fazer, do construir a História”, de acordo com SCHMIDT (apud BITTENCOURT, 2001, p. 59). Com isso, não se pretende transformar os estudantes em pequenos historiadores. Cabe ao professor auxiliá-los a compreender que a história está em constante transformação e que existem diferentes interpretações e explicações históricas. A escola deve iniciar um processo de reflexão para que os estudantes consigam perceber que as interpretações históricas são construídas a partir das evidências e que “está na natureza da História haver diversas versões do passado”, mas que, apesar disso, a História não é “apenas uma questão de opinião” (LEE, 2005, p. 1-2).

Para a iniciação histórica no Ensino Fundamental, é necessário que o professor privilegie, em sua prática pedagógica, conteúdos que possam contribuir para o processo da construção do conhecimento histórico escolar. Para tanto, propõem-se eixos articuladores dos

conteúdos: **cultura, identidade e cidadania**. Eixos cujos conceitos são criados e datados, constituem-se historicamente em meio a mudanças e permanências, em diferentes tempos e em diferentes espaços, portanto, possuem uma história. A construção de conceitos faz parte dos procedimentos do ensino de História, o que possibilita ao estudante a análise, a interpretação e a comparação entre diferentes acontecimentos históricos, bem como a construção de sua própria narrativa histórica, nas palavras de SCHMIDT (apud BITTENCOURT, 2001).

O conceito de **cultura** é aqui definido como um modo determinado de vida, um modo de pensar, de viver das pessoas. Mas cultura não é só isso, é também compartilhamento de significados, de sentidos, de valores, de comportamentos de determinado grupo social. A cultura é uma produção social e deve ser analisada em seu contexto histórico. Nos diferentes grupos sociais ocorre um processo de seleção: determinados elementos da cultura são selecionados, e outros não. Ao longo desse processo de “tradição seletiva”, vai se constituindo a memória cultural de um grupo, de um país, da humanidade. Uma parte passa a compor a cultura universal, a cultura da humanidade, outra parte é conservada em arquivos, como fonte documental, mas uma boa parte é rejeitada e ou esquecida, como afirma WILLIAMS (apud FORQUIN, 1993).

A cultura tem especificidades. Cada época, cada geração tem uma forma de expressá-la. Assim, ao privilegiar a cultura como eixo articulador dos conteúdos, propõem-se reflexões sobre cultura popular, cultura erudita, cultura hegemônica, cultura política, cultura dos negros, indígenas, imigrantes, minorias, indústria cultural, bem como as diversidades culturais, nos diferentes tempos e espaços.

O conceito de **identidade** é aqui tomado na relação com o conceito de diversidade cultural, para que se possam compreender os diferentes sujeitos sociais, até então negligenciados pela historiografia tradicional. Assim, estudos sobre negros, índios, populações migrantes

passam a ter uma dimensão de grande relevância nas abordagens historiográficas recentes, bem como nas reflexões históricas escolares.

Ademais, o conceito de identidade está sendo aqui apropriado como “sentimento de identidade”. Sentimento de identidade, ou “sentido de imagem de si, para si e para os outros”, na perspectiva da consciência histórica, que é a “forma de nos sentirmos em outros que nos são próximos, outros que antecipam a nossa existência que, por sua vez, antecipará a de outros”. A consciência histórica contribui para a afirmação da identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que assegura o “sentimento de continuidade no tempo e na memória (e na memória do tempo)” (PAIS, 1999, p.1).

Esse conceito é eixo articulador dos conteúdos, considerando-se sua historicidade, e privilegia questões como da: identidade individual, coletiva e étnica, identidade de classe e de gênero, identidade nacional.

O conceito de **cidadania** é definido a partir da idéia de que as pessoas não são cidadãos só com o nascimento, mas se tornam cidadãos no processo de construção social. A formação da cidadania moderna caracterizou-se pela participação dos sujeitos na luta por garantias de direitos civis, políticos e sociais.

Apesar de os direitos estarem definidos constitucionalmente, existe uma distância entre esses direitos e a realidade social. Essa distância pode ser percebida: na ampliação do desemprego e subemprego; na precariedade de atendimento à saúde; na falta de oportunidade de escolarização nas diferentes instâncias educacionais; nos preconceitos, implícitos e explícitos, presentes nas relações étnicas, religiosas e de gênero.

Além disso, o conceito de cidadania deve ser entendido em sua historicidade, ou seja, conceito que se constrói historicamente, apresentando mudanças e permanências em diferentes contextos históricos. Assim, ao se pensar o conceito de cidadania, devem-se buscar explicações, por exemplo, no conceito de cidadania na Grécia antiga – quem era cidadão naquele contexto histórico e quais eram

seus direitos e deveres; no contexto da Revolução Francesa – quais eram os direitos dos cidadãos; no Brasil Colônia, no Brasil Império, no Brasil República – quem eram os cidadãos, seus direitos e deveres; na atualidade – quem é cidadão hoje.

Esses conceitos estão propostos para que sejam trabalhados permeando todo o fazer pedagógico. Para que fiquem explícitos, estão sendo didatizados e elencados separadamente. No entanto, em suas aulas, o professor deverá trabalhá-los na perspectiva do entrelaçamento de conteúdos, não perdendo de vista as especificidades conforme os diferentes tempos e espaços.

Metodologicamente, sugere-se um encaminhamento que poderá auxiliar o professor na organização do seu planejamento didático. No entanto, deve-se ressaltar que não se pretende o esgotamento das reflexões neste documento. O professor precisa, permanentemente complementar, pesquisar, propor outras reflexões, procurando enriquecer ao máximo as discussões em suas aulas.

Toma-se o conceito de cidadania para exemplificar algumas possibilidades de reflexões, bem como apontar o aprofundamento em relação aos conteúdos propostos no decorrer da escolarização no Ensino Fundamental.

Ao propor para o Ciclo I discussões em relação a esse conceito, o professor poderá iniciar uma conversa perguntando aos estudantes o que fazem, o que estudam e do que brincam. A partir das colocações feitas por eles, solicitará que comentem o que conhecem e o que entendem sobre seus direitos e deveres.

Em seguida, o professor poderá mostrar e ler um artigo do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), direcionando a conversa para as questões colocadas no referido documento em relação à saúde, alimentação, moradia, educação, lazer. Ao mesmo tempo em que conversa sobre o ECA, o professor poderá propor outros encaminhamentos, utilizando imagens de crianças brincando e estudando, hoje. Para sistematizar as atividades, o professor poderá

solicitar aos estudantes que representem, por meio de desenho, os direitos e os deveres presentes em sua vivência cotidiana.

O professor poderá também organizar com os estudantes um roteiro de entrevista a ser feita com adultos com os quais eles convivem: pessoas da família, da escola e da comunidade. Os estudantes poderão investigar sobre quais são os direitos e os deveres das crianças hoje e quais eram os direitos e os deveres das crianças quando o entrevistado era criança.

A partir das informações obtidas com a entrevista, os estudantes poderão observar as semelhanças e diferenças entre os direitos e deveres das crianças de hoje e das de outros tempos. Para sistematizar a atividade, o professor poderá organizar juntamente com seus estudantes um mural que represente essa realidade de hoje e a de outros tempos, utilizando imagens, fotografias, desenhos das crianças, pequenos textos e outros. Essa metodologia no ensino de História oportuniza aos estudantes o acesso às informações transmitidas pelas pessoas com as quais convivem – as histórias de vida são a memória do grupo e da comunidade em que eles estão inseridos.

Nesse encaminhamento, indicam-se algumas reflexões e atividades, mas cabe ao professor complementá-las, caso haja necessidade, bem como promover discussões a partir dos conhecimentos que os estudantes tragam de suas vivências cotidianas, escolares ou não.

Para aprofundar a reflexão, o professor, no Ciclo II, deverá privilegiar conteúdos que possibilitem a compreensão de que o conceito de cidadania se constrói historicamente. Além disso, os estudantes devem perceber que esse conceito apresenta mudanças, e que essas ocorreram e ocorrem em diferentes contextos históricos.

A conversa com os estudantes pode iniciar sobre o que eles entendem por direitos e deveres das pessoas: da criança, do jovem, do idoso, de homens e mulheres na sociedade atual. A partir dos conceitos trazidos pelos estudantes, discute-se quais são os direitos e deveres

presentes nos documentos oficiais, tais como: Estatuto da Criança e do Adolescente, Código do Consumidor e Constituição Brasileira.

Em seguida, o professor poderá organizar os estudantes em pequenos grupos, para que eles elaborem um texto comparando os direitos definidos nos documentos e os problemas enfrentados pelas pessoas hoje. A partir dessa problematização, o professor possibilitará uma reflexão sobre a distância entre os direitos e deveres constitucionais e as vivências cotidianas: problemas com saúde, educação, desemprego, preconceitos étnicos e religiosos, presentes na nossa sociedade.

Na seqüência, é preciso considerar: que os direitos e deveres nem sempre foram os que hoje se apresentam; que o conceito de cidadania apresenta muitas mudanças em diferentes contextos; quem era o cidadão no Brasil Colônia, no Brasil Império e no Brasil República; quais eram os direitos das pessoas nesses diferentes contextos. Pode-se, ainda selecionar um item, como o voto, os direitos trabalhistas ou os direitos das mulheres, entre outros, e passar a fazer uma análise a partir das Constituições Brasileiras.

Para sistematizar uma atividade integradora, o professor poderá propor a elaboração de uma linha do tempo, localizando as mudanças que ocorreram em relação aos direitos e deveres. Esse exercício possibilitará aos estudantes a construção de conceitos próprios do ensino de História, como: anterioridade, posterioridade, simultaneidade.

No Ciclo III, a ênfase recai sobre o conceito de democracia, pois os estudantes já podem escrever a respeito. A partir dos conceitos elaborados por eles, o professor expandirá as idéias que considere relevantes para enriquecer o conceito. Em seguida, comentará que esse conceito nem sempre teve a conotação que tem hoje. Os estudantes devem compreender que a idéia de democracia surgiu em um determinado local e período; que os cidadãos na Grécia Antiga eram representados por uma minoria da população; que a grande maioria da população – estrangeiros, escravos e mulheres – não podia

participar da vida política, portanto não era considerada cidadã. A partir dessas reflexões, pode-se solicitar aos alunos que elaborem um texto explicando as mudanças que ocorreram em relação ao conceito de democracia, comparando a perspectiva dos gregos e a atual.

Para o Ciclo IV, inicialmente a cidadania deve ser abordada em diferentes contextos históricos nacionais. A análise das Constituições Brasileiras e a reflexão dos estudantes sobre o que era ser cidadão no Brasil Colônia, no Brasil Império, no Brasil República e no Brasil de hoje ajuda a construir o raciocínio histórico. A partir desses documentos oficiais, contextualiza-se a conquista desses direitos a partir de lutas do povo por seus direitos civis, políticos e sociais, em diferentes contextos históricos. Com essa atividade, os estudantes terão acesso a fontes históricas e poderão perceber a importância delas na construção do conhecimento histórico.

É necessário propor também uma reflexão a partir dos problemas, conflitos e dificuldades enfrentados pelas pessoas no mundo de hoje, para que os estudantes percebam que existem direitos garantidos oficialmente, mas que existe uma distância entre esses direitos institucionalizados e as vivências cotidianas.

Cabe ressaltar que a sugestão de encaminhamento metodológico apresentada refere-se a alguns conteúdos e inclui algumas reflexões. Ao organizar o seu planejamento o professor, poderá tomá-la como pano de fundo, mas as suas experiências pedagógicas e pesquisas poderão enriquecer muito as propostas de trabalho para as aulas de História.

Definidos os referenciais teóricos e metodológicos, podem-se apontar **objetivos e conteúdos**, bem como os **critérios de avaliação**.

6.2 Área de História Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas – (1.^o, 2.^o e 3.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Reconhecer a si e ao outro nas relações que se estabelecem nos diferentes grupos sociais com os quais convive, percebendo as diferenças individuais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Identidade da criança: crianças de hoje – quem é, o que faz, o seu cotidiano. ▪ Pessoas com as quais convive: familiares, amigos; grupos de convívio. ▪ Crianças de outros tempos: infância das pessoas com as quais convive. ▪ Cotidiano de crianças em outros tempos e lugares. 	<p>Verificar se o estudante: Demonstra, em suas produções escritas e orais, que reconhece a si e ao outro como partícipe de diferentes grupos sociais, familiares, escolares e comunitários, percebendo as diferenças individuais, estabelecendo relações de anterioridade e posterioridade.</p>
<p>2. Identificar as diferentes estruturas familiares existentes na sociedade hoje, percebendo a participação dos integrantes da família nos vários grupos sociais dos quais faz parte.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ As relações de parentesco: mudanças nos diferentes tempos e espaços. ▪ As diferentes estruturas familiares hoje, tais como: pai, mãe e filho; pai, mãe e filhos; pai e filho; pai e filhos; mãe e filho; mãe e filhos; avós e neto, avós e netos; tios e sobrinho, entre outros. ▪ Cotidiano das famílias hoje. ▪ Cotidiano das famílias de outros tempos e espaços: famílias indígenas, famílias afrodescendentes, famílias do Brasil colonial, outras famílias. 	<p>Verificar se o estudante: Expressa, em suas atividades escolares orais e escritas, que identifica as diferentes estruturas familiares da sociedade hoje, percebendo a participação dos integrantes do grupo familiar nos diferentes grupos sociais dos quais faz parte, estabelecendo relações de anterioridade e posterioridade.</p>

Área de História Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas – (1.^o, 2.^o e 3.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Participação dos integrantes da família nos diferentes grupos sociais: família, escola, comunidade. 	
<p>3. Reconhecer seus direitos e deveres, percebendo que estão presentes nas convenções sociais – familiares, escolares e comunitárias – e em documentos oficiais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Direito à cidadania: <ul style="list-style-type: none"> - Direito das crianças, hoje, a: saúde, alimentação, moradia, educação, lazer, assim como participação em atividades nos diferentes grupos sociais, como a família, a escola e a comunidade. - Dever das crianças hoje: estudar. - Crianças de outros tempos: infância das pessoas com as quais convive. - Respeito à diversidade cultural, étnica, religiosa, de gênero, etária (criança, idoso); pessoas com necessidades especiais. 	<p>Verificar se o estudante: Demonstra, em suas produções orais e escritas, que reconhece os direitos e os deveres das crianças, percebendo que eles estão presentes nas convenções sociais escolares e comunitárias e em documentos oficiais.</p>

Área de História Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas – (1.^o, 2.^o e 3.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>4. Reconhecer o ser humano como parte integrante da natureza, numa relação de interdependência, compreendendo a importância das questões socioambientais para a sociedade atual.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Questões socioambientais: o ambiente em que vive. ▪ Conhecimento e preservação do patrimônio natural e cultural. 	<p>Verificar se o estudante: Reconhece o ser humano como parte integrante da natureza, numa relação de interdependência, compreendendo a importância das questões socioambientais para a sociedade atual.</p>
<p>5. Reconhecer as diferentes manifestações culturais como produção da humanidade nos diferentes tempos e nos diferentes espaços, relacionando-as com o contexto local.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ As diferentes manifestações culturais hoje: na comunidade e na cidade de Curitiba. ▪ Os diversos grupos étnicos e as manifestações artísticas na comunidade e na cidade de Curitiba. ▪ As diferentes manifestações culturais em outros tempos e espaços: na comunidade e cidade de Curitiba. ▪ Os diversos grupos étnicos e suas manifestações artísticas. 	<p>Verificar se o estudante: Consegue expressar, em suas atividades escolares individuais e em grupo, que reconhece a presença de diferentes manifestações culturais no seu cotidiano, estabelecendo relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade.</p>
<p>6. Reconhecer, nas vivências cotidianas familiares, escolares e comunitárias, a influência da mídia no modo de viver das pessoas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Meios multimídia presentes no cotidiano das crianças hoje. ▪ Meios multimídia presentes no cotidiano das pessoas em outros tempos e espaços. 	<p>Verificar se o estudante: Demonstra, em suas produções escritas e orais, o entendimento de que existe influência da mídia no modo de viver das pessoas hoje.</p>

Área de História Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas – (1.^o, 2.^o e 3.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Influência da mídia no modo de viver das pessoas hoje. 	
<p>7. Identificar os meios de transporte e de comunicação, os instrumentos cotidianos, bem como as suas transformações e permanências em diferentes tempos e espaços.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Meios de transporte. ▪ Meios de comunicação. ▪ Instrumentos cotidianos. 	<p>Verificar se o estudante: Expressa, em suas atividades escolares orais e escritas, que reconhece os meios de transporte, comunicação, instrumentos cotidianos, bem como as transformações e permanências que ocorrem nos diferentes tempos e espaços.</p>

6.3 Área de História Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas – (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Reconhecer como ocorreu a construção e ocupação do espaço paranaense no contexto brasileiro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Regiões habitadas pelos povos indígenas; caminhos indígenas. ▪ Primeiros núcleos de povoamento: <ul style="list-style-type: none"> - dos espanhóis, como: Ontiveros, Ciudad Real Del Guayrá; - dos portugueses, como: Paranaguá, Curitiba. ▪ Núcleos de povoamento imigratório. ▪ Povoamentos de migrações internas. 	<p>Verificar se o estudante: Expressa, em suas atividades escolares, que reconhece como ocorreu a construção e a ocupação do espaço paranaense, estabelecendo relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade nesses diferentes contextos.</p>
<p>2. Compreender a construção da identidade cultural paranaense no contexto brasileiro, percebendo as diversidades culturais, étnicas e religiosas resultantes desse processo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cotidiano: <ul style="list-style-type: none"> - dos primeiros habitantes – as diferentes nações indígenas; - dos europeus; - dos povos trazidos do continente africano; - dos imigrantes; - dos migrantes. ▪ Diversidades culturais, étnicas, religiosas. 	<p>Verificar se o estudante: Demonstra, em suas argumentações orais e escritas, que compreende como ocorre a construção da identidade paranaense no contexto brasileiro, percebendo as diversidades culturais, étnicas e religiosas.</p>

Área de História Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas – (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivo	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>3. Compreender que o conceito de cidadania se constrói historicamente, percebendo as mudanças e permanências que ocorrem em diferentes contextos históricos nacionais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Direitos e deveres constitucionais de homens e mulheres – crianças, jovens e idosos, na sociedade atual: <ul style="list-style-type: none"> - Distância entre os direitos e deveres constitucionais e as vivências cotidianas: problemas com saúde, educação, desemprego, preconceitos étnicos e religiosos. ▪ Patrimônio histórico – cultural: valorização e preservação. ▪ Cidadania em diferentes contextos históricos: <ul style="list-style-type: none"> - O cidadão no: Brasil Colônia; Brasil Império; Brasil República. 	<p>Verificar se o estudante: Demonstra, em suas produções orais e escritas, que reconhece o que é ser cidadão na sociedade brasileira atual, percebendo as mudanças e permanências que ocorrem em diferentes contextos históricos.</p>
<p>4. Reconhecer a organização econômica, social e cultural do Paraná, estabelecendo relações com o contexto brasileiro, nos diferentes tempos e espaços.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ As questões econômicas no Brasil, em diferentes contextos históricos, no Paraná e em Curitiba: <ul style="list-style-type: none"> - chegada dos europeus; exploração do pau-brasil; agromanufatura da cana-de-açúcar; extração do ouro; pecuária: tropeirismo; extração da erva-mate e da madeira; agricultura; industrialização, hoje e em outros tempos; 	<p>Verificar se o estudante: Demonstra, em suas produções orais e escritas, que reconhece a organização econômica, social e cultural do Paraná, nos diferentes momentos históricos.</p>

Área de História Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas – (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Questões de terras no Brasil, nos diferentes contextos históricos: <ul style="list-style-type: none"> - ocupação; êxodo rural; conflitos sociais, hoje e em outros tempos. ▪ Questões ambientais no Brasil, nos diferentes contextos históricos, hoje e em outros tempos. 	
<p>5. Compreender como se constitui a organização política do Paraná e de Curitiba no contexto brasileiro, percebendo as mudanças e permanências que ocorrem nos diferentes momentos históricos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Paraná no Brasil Colônia: <ul style="list-style-type: none"> - Paranaguá elevada à categoria de Vila – 1648. - Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba – 1693. ▪ Paraná no Brasil Império: Emancipação Política do Paraná – 1853: <ul style="list-style-type: none"> - Curitiba – capital da Província do Paraná. ▪ Paraná no Brasil República: Estado do Paraná – 1889: <ul style="list-style-type: none"> - Curitiba – capital do Paraná. 	<p>Verificar se o estudante: Expressa, em suas produções escolares, que compreende como se constitui a organização política do Paraná e de Curitiba no contexto brasileiro, percebendo as mudanças e permanências que ocorrem nesses diferentes momentos históricos.</p>

Área de História Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas – (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>6. Reconhecer movimentos políticos, sociais e culturais que ocorrem em diferentes momentos históricos nacionais, estabelecendo relações com Curitiba e Paraná nesse contexto.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Revolução Federalista (1893-1895): Lapa e Curitiba. ▪ O Contestado (1912-1916). ▪ Paranismo (final séc. XIX – início séc. XX). 	<p>Verificar se o estudante: Demonstra, em suas produções orais e escritas, que reconhece a ocorrência de movimentos sociais no contexto brasileiro, estabelecendo relações desses movimentos com Curitiba e Paraná.</p>
<p>7. Reconhecer o processo das transformações tecnológicas que ocorrem nos meios de transporte e de comunicação e nos instrumentos cotidianos, identificando os impactos por elas produzidos na sociedade brasileira, em diferentes tempos e espaços.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Transformações tecnológicas – ontem e hoje: <ul style="list-style-type: none"> - meios de transporte; - meios de comunicação; - instrumentos cotidianos. ▪ Impactos produzidos pelas transformações tecnológicas na sociedade brasileira, em diferentes tempos e espaços. 	<p>Verificar se o estudante: Reconhece as transformações tecnológicas ocorridas na sociedade brasileira, percebendo os impactos produzidos por essas transformações, em diferentes tempos e espaços.</p>
<p>8. Refletir sobre o papel da mídia como um dos agentes modificadores dos padrões de conduta e do modo de viver das pessoas na sociedade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Indústria cultural. ▪ Os instrumentos midiáticos e os usos para manipulação de informações: a propaganda; a música; os programas de massa; jornais e revistas; os pôsteres e panfletos, entre outros. <p>Mídia como agente modificador de padrões de conduta, em diferentes tempos e espaços.</p>	<p>Verificar se o estudante: Demonstra, em suas produções escritas e orais, o entendimento de que existe influência da mídia nos padrões de conduta e no modo de viver das pessoas na sociedade atual.</p>

6.4 Área de História Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Compreender como ocorre a produção do conhecimento histórico e a sua relação com outros conhecimentos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O que é História. ▪ Produção do conhecimento histórico: o trabalho do historiador. ▪ A História e as concepções de tempo: <ul style="list-style-type: none"> - tempo cronológico, tempo biológico, tempo histórico. 	<p>Verificar se o estudante: Compreende como ocorre a produção do conhecimento histórico e a sua relação com outros conhecimentos.</p>
<p>2. Compreender como ocorreu a constituição das primeiras organizações sociais percebendo as mudanças, as continuidades e as rupturas nesses diferentes tempos e espaços.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ As primeiras organizações sociais. ▪ Os vestígios arqueológicos. ▪ Formas de organização dos primeiros grupos humanos: vida cotidiana; relações de poder, sociais e de trabalho; manifestações artísticas e religiosas; as técnicas. 	<p>Verificar se o estudante: Compreende como ocorreu a constituição das primeiras organizações sociais, percebendo as mudanças, as continuidades e as rupturas nesses diferentes tempos e espaços.</p>
<p>3. Compreender como se constituíam as formações sociais africanas e orientais, percebendo semelhanças e diferenças entre essas coletividades, em diferentes contextos históricos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Formações sociais africanas: Egito; Reinos africanos: Etiópia, Gana, Mali. ▪ Povos orientais: mesopotâmicos, hebreus, fenícios, persas, chineses, indianos. ▪ Formas de organização dessas formações sociais: vida cotidiana, relações de poder, sociais e de trabalho, manifestações artísticas e religiosas; as técnicas. 	<p>Verificar se o estudante: Compreende como se constituíam as formações sociais africanas e orientais, percebendo semelhanças e diferenças entre essas coletividades, em diferentes contextos históricos.</p>

Área de História Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>4. Compreender como ocorreu a constituição do mundo greco-romano, percebendo as mudanças, as continuidades e as rupturas decorrentes desse processo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Formas de organização do mundo greco-romano: <ul style="list-style-type: none"> - relações de poder na Grécia Antiga e Roma: guerras; - relações sociais: democracia; cidadania: quem era cidadão na Grécia Antiga; trabalho escravo; - relações culturais: vida cotidiana, a filosofia, as artes, a religiosidade, as técnicas. 	<p>Verificar se o estudante: Compreende como ocorreu a constituição do mundo greco-romano, percebendo as mudanças, as continuidades e as rupturas decorrentes desse processo.</p>
<p>5. Compreender como ocorreu a constituição do mundo medieval, percebendo as mudanças, continuidades e descontinuidades nesse contexto histórico.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Formas de organização do mundo medieval: <ul style="list-style-type: none"> - relações de poder no mundo medieval; - processo de dissolução do mundo romano; - ocupação dos povos bárbaros; - poder da Igreja; - fragmentação do poder: declínio do poder dos senhores feudais. • Relações sociais: clero, nobreza, servos, vilões. • Relações econômicas: posse da terra; contrato entre o senhor feudal e o vassalo; feiras; burgos. • Relações culturais: cultura popular e cultura dominante, vida cotidiana. 	<p>Verificar se o estudante: Compreende como ocorreu a constituição do mundo medieval, percebendo as mudanças, continuidades e descontinuidades nesse contexto histórico.</p>

Área de História Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>6. Reconhecer as mudanças que ocorreram no processo da crise do feudalismo e da formação das monarquias centralizadas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Crise do feudalismo. ▪ Fortalecimento das cidades: <ul style="list-style-type: none"> - Intensificação das atividades mercantis; - Condições de vida: mentalidade burguesa; mobilidade social. ▪ O Renascimento: <ul style="list-style-type: none"> - Cotidiano renascentista; questões culturais e sociais. ▪ A formação das monarquias centralizadas: <ul style="list-style-type: none"> - Centralização do poder monárquico; o absolutismo; políticas mercantilistas. ▪ Expansão marítima europeia: divisão do mundo – Tratado de Tordesilhas. ▪ Grandes navegações: <ul style="list-style-type: none"> - Portuguesa, espanhola, inglesa, francesa e holandesa; - A ocupação e colonização da América. 	<p>Verificar se o estudante: Reconhece as mudanças no processo da crise do feudalismo e na formação das monarquias centralizadas.</p>

Área de História Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>7. Compreender como ocorreu a construção e ocupação do espaço americano, especialmente o brasileiro, estabelecendo relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Diferentes formas de organização e modos de vida dos povos que habitavam o continente americano: <ul style="list-style-type: none"> - Regiões habitadas pelos diferentes grupos: <ul style="list-style-type: none"> - Incas, astecas, maias e os diferentes povos que habitavam o espaço que hoje chamamos Brasil. - Organização política e social. - Modo de vida. ▪ Cotidiano europeu, no contexto das grandes navegações: <ul style="list-style-type: none"> - Modo de vida. ▪ Chegada do europeu no espaço americano: <ul style="list-style-type: none"> - Encontro de culturas: europeus e indígenas. ▪ Ocupação das terras no continente americano: <ul style="list-style-type: none"> - América espanhola: mineração como produção de riquezas, cotidiano das pessoas. - América portuguesa: feitorias, engenho, mineração, cotidiano das pessoas. ▪ Primeiros núcleos de povoamento: <ul style="list-style-type: none"> - dos espanhóis – reduções 	<p>Verificar se o estudante: Expressa, em suas atividades escolares, que compreende como ocorreu a construção e ocupação do espaço americano e brasileiro, estabelecendo relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade nesses diferentes contextos assim como relações com o espaço paranaense.</p>

Área de História Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
	<p>jesuíticas. - dos portugueses.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Núcleos de povoaamentos imigratórios. ▪ Povoamentos de migração interna. ▪ Núcleos de povoamento no espaço paranaense em diferentes contextos históricos. 	
<p>8. Compreender como foi se constituindo a construção da identidade cultural no contexto brasileiro, estabelecendo relações com o espaço paranaense, bem como evidenciando as diversidades resultantes desse processo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Formas de organização e modo de vida: <ul style="list-style-type: none"> - dos primeiros habitantes; - dos europeus; - dos povos trazidos do continente africano; - dos imigrantes; - dos migrantes. ▪ Diversidades resultantes do processo de construção de uma identidade nacional: culturais, étnicas, religiosas. 	<p>Verificar se o estudante: Demonstra, em suas argumentações orais e escritas, que compreende como ocorre a construção da identidade cultural no contexto brasileiro, estabelecendo relações com o espaço paranaense, bem como percebendo as diversidades resultantes desse processo.</p>

6.5 Área de História Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Reconhecer como foi se constituindo o processo econômico no espaço brasileiro, percebendo as mudanças, permanências e simultaneidades nos diferentes contextos históricos, bem como estabelecendo relações com a Europa, América, América hispânica, Ásia e África.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Processo econômico no espaço brasileiro, nos diferentes contextos históricos: <ul style="list-style-type: none"> - exploração do pau-brasil, agromanufatura da cana-de-açúcar, extração do ouro, pecuária: nordeste, norte, sul – tropeirismo, extração da erva-mate e da madeira, agricultura, industrialização, hoje e em outros tempos. - Processo econômico no Paraná nesses contextos. ▪ Inter-relação socioeconômica do Brasil com outras partes do mundo, hoje e em outros tempos: <ul style="list-style-type: none"> - Relações com o continente europeu, americano, América hispânica, Ásia e África, hoje e em outros tempos. ▪ Questões de terras no Brasil, nos diferentes contextos históricos: <ul style="list-style-type: none"> - Ocupação e exploração, êxodo rural, conflitos sociais, movimentos sociais hoje e em outros tempos. ▪ Questões ambientais no Brasil, nos diferentes contextos históricos, hoje e em outros tempos. 	<p>Verificar se o estudante: Demonstra, em suas produções orais e escritas, que reconhece como foi se constituindo o processo econômico no espaço brasileiro, percebendo as mudanças, permanências e simultaneidades nos diferentes contextos históricos, bem como estabelecendo relações com a Europa, América, América hispânica, Ásia e África, hoje e em outros tempos.</p>

Área de História Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>2. Compreender como foi se constituindo a organização política do Brasil, evidenciando as mudanças, continuidades e rupturas que ocorrem em diferentes momentos históricos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A administração na América portuguesa: <ul style="list-style-type: none"> - Brasil Colônia. ▪ O Brasil no século XIX: <ul style="list-style-type: none"> - Brasil Império. - Paraná no Brasil Império: Emancipação Política do Paraná – 1853. ▪ O Brasil no século XX: <ul style="list-style-type: none"> - A construção do Brasil República: do processo de constituição do Brasil republicano até os dias atuais. - O Paraná no Brasil República. 	<p>Verificar se o estudante: Expressa, em suas produções escolares, que compreende como foi se constituindo a organização política do Brasil, percebendo as mudanças, continuidades e rupturas que ocorrem em diferentes momentos históricos.</p>
<p>3. Compreender o conceito de cidadania em diferentes contextos históricos, percebendo as semelhanças, diferenças, mudanças e permanências evidenciadas nos documentos oficiais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cidadania em diferentes contextos históricos nacionais: <ul style="list-style-type: none"> - Constituições brasileiras, nos diferentes contextos históricos. - Cidadania – <u>ser cidadão</u> no: Brasil Colônia; Brasil Império; Brasil República; hoje. - Lutas por garantias de direitos civis, políticos, sociais no Brasil, em diferentes contextos. ▪ Patrimônio histórico-cultural: valorização e preservação. 	<p>Verificar se o estudante: Demonstra, em suas produções orais e escritas, que reconhece o que é ser cidadão na sociedade brasileira atual, percebendo as mudanças e permanências que ocorrem em diferentes contextos históricos.</p>

Área de História Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>4. Reconhecer os movimentos revolucionários e guerras que ocorrem em diferentes contextos históricos nacionais, percebendo as implicações políticas, econômicas e sociais, bem como as mudanças, as continuidades e as rupturas decorrentes desses processos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Revolução Farroupilha (1835-1845). ▪ Guerra do Paraguai (1864-1870). ▪ Revolução Federalista (1893-1895). ▪ Guerra de Canudos (1896-1897). ▪ Guerra do Contestado (1912-1916). 	<p>Verificar se o estudante: Demonstra, em suas produções orais e escritas, que reconhece a ocorrência de movimentos revolucionários e guerras no contexto brasileiro, percebendo as implicações políticas, econômicas e sociais, bem como as mudanças, as continuidades e as rupturas decorrentes desses processos.</p>
<p>5. Reconhecer as transformações tecnológicas que ocorreram no mundo, no decorrer do século XX, identificando os impactos por elas produzidos na sociedade brasileira, em diferentes contextos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Impactos das transformações tecnológicas na sociedade brasileira. ▪ Indústria cultural. ▪ Brasil no mundo globalizado. 	<p>Verificar se o estudante: Expressa, em suas atividades escolares orais e escritas, que reconhece as transformações tecnológicas que ocorrem na sociedade brasileira, percebendo os impactos produzidos por essas transformações, em diferentes contextos.</p>

Área de História Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>6. Compreender como foi ocorrendo a constituição do mundo contemporâneo, percebendo as mudanças e rupturas em diferentes contextos, estabelecendo relações com o Brasil.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Iluminismo: idéias. ▪ Iluminismo e a independência na América inglesa. ▪ Revolução Francesa: <ul style="list-style-type: none"> - a velha ordem; - participação das camadas populares; - direitos humanos e cidadania: Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. ▪ Revoltas na América espanhola e portuguesa: <ul style="list-style-type: none"> - Formação e construção do Brasil independente: a primeira Constituição Brasileira. ▪ Revolução Industrial: <ul style="list-style-type: none"> - Mudanças no mundo do trabalho: máquinas e trabalho operário. - Condições de vida. - Mudanças na forma de acumular riquezas. ▪ Formação dos Estados Nacionais. ▪ Imperialismo europeu no século XIX: Ásia e África. 	<p>Verificar se o estudante: Compreende como foi ocorrendo a constituição do mundo contemporâneo, percebendo as mudanças e rupturas em diferentes contextos, assim como estabelecendo relações com o Brasil.</p>

Área de História Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>7. Analisar as mudanças e rupturas que ocorrem nos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, no contexto da primeira metade do século XX.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A Primeira Guerra Mundial: conflito e tratados de paz. ▪ Período entre guerras: tempos de crise. ▪ Revolução Russa. ▪ Regimes totalitários: nazismo e fascismo. ▪ Brasil nesse contexto: ditadura Vargas, condições de vida. ▪ A Segunda Guerra Mundial. 	<p>Verificar se o estudante: Analisa as mudanças e rupturas que ocorrem nos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais no contexto do século XX.</p>
<p>8. Compreender as transformações mundiais que ocorrem nos aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais do período do pós-guerra da segunda metade do século XX.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O mundo no contexto da guerra fria. ▪ A descolonização da África e da Ásia. ▪ Globalização no contexto mundial. ▪ Brasil no contexto da globalização: condições de vida. 	<p>Verificar se o estudante: Compreende as transformações mundiais que ocorrem nos aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais do pós-guerra da segunda metade do século XX.</p>

Área de História Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>9. Reconhecer a configuração política, social, econômica e cultural do final do século XX e início do século XXI.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O mundo europeu, asiático, americano e africano. ▪ Globalização no século XX e XXI: <ul style="list-style-type: none"> - Comunidade europeia - Barreiras econômicas e culturais. - Questões sociais: a luta pelos direitos civis; identidade cultural (regional e nacional). - O mundo em rede: fragilidade de limites territoriais; cidadania no mundo. - A unificação da moeda europeia. ▪ Guerras e conflitos mundiais no século XX e XXI. ▪ Terrorismo. ▪ Movimentos sociais, políticos, de classe, de gênero, ambientais e ecológicos, étnicos, religiosos. 	<p>Verificar se o estudante: Reconhece a configuração política, social, econômica e cultural do contexto mundial do final do século XX e início do século XXI.</p>

Área de História Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>10. Refletir sobre os problemas, conflitos e dificuldades enfrentadas pelas pessoas no mundo, hoje, nas dimensões culturais, étnicas, religiosas, de gênero; estabelecendo relações com o Brasil.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Direitos e deveres constitucionais. ▪ Distância entre os direitos e deveres institucionalizados e as vivências cotidianas: percebida na ampliação do desemprego e subemprego, na precariedade de atendimento nas questões de saúde, na falta de moradia, na falta de oportunidade de escolarização nas diferentes instâncias educacionais. ▪ Preconceitos implícitos e explícitos: nas relações culturais, étnicas, religiosas e de gênero. ▪ Diversidade: cultural, étnica, religiosa, de gênero, etária, pessoas portadoras de necessidades especiais; respeito a essas diversidades. 	<p>Verificar se o estudante: Reflete sobre os problemas, conflitos e dificuldades enfrentados pelas pessoas no mundo hoje, nas dimensões culturais, étnicas, religiosas, de gênero, bem como estabelecendo relações com o Brasil.</p>

7 LÍNGUA ESTRANGEIRA

“Todos somos filhos de Deus,
só não falamos a mesma língua.”
Trecho da música O Mundo, de André Abujamra

“O interesse pelas línguas estrangeiras faz-se presente ao longo do percurso da humanidade. A história demonstra que, desde as antigas civilizações até o mundo globalizado, os homens sentem necessidade de aprender outros idiomas com finalidades bélicas ou pacíficas. As línguas servem de mediadoras para ações políticas e comerciais, além de veicularem o conhecimento científico e a produção cultural.”

Vera Lúcia Menezes de O. e Paiva

7.1 Fundamentos teórico-metodológicos para área de Língua Estrangeira

Comunicar-se por meio de uma língua estrangeira é ter a possibilidade de aproximar-se e interagir com o mundo, pois o conhecimento de um segundo idioma constitui uma ferramenta importante para o acesso à comunicação intercultural, à atuação social, à tecnologia, às ciências modernas, à formação pessoal e acadêmica e ao mundo dos negócios.

O aprendizado de outro idioma propicia uma introvisão da língua materna, isto é, a comparação entre a primeira língua e a que está sendo aprendida pode, muitas vezes, levar o estudante a perceber e compreender melhor o seu próprio idioma. No entanto, é preciso ficar claro para os estudantes que os sistemas lingüísticos das duas línguas são diferenciados, para evitar processos de transferência negativa, nos quais o estudante tenta fazer relações com a sua língua materna, acreditando que as estruturas lingüísticas dos dois idiomas funcionam da mesma maneira. Em outras palavras, deve-se propiciar ao estudante

situações de aprendizado nas quais ele perceba as semelhanças e as diferenças entre os dois sistemas, de forma a reavaliar os processos lingüísticos da sua língua materna e, ao mesmo tempo, compreender os da língua estrangeira em estudo.

É necessário também evidenciar que a relação fonema/grafema (som/letra) em palavras da língua materna muitas vezes não acontece da mesma forma que em outras línguas. Portanto, precisa-se mostrar as diferenças em contextos diversos para que o estudante perceba peculiaridades de pronúncia e entonação do idioma em estudo, sendo capaz de compreender o que ouve e de comunicar-se com clareza.

A aprendizagem de um segundo idioma é também uma forma de ampliação dos conhecimentos culturais de grupos sociais que dele se utilizam. Por isso, quando se ensina uma língua estrangeira precisa-se de conhecimentos interculturais para auxiliar o estudante a estabelecer semelhanças e diferenças entre as culturas, evitando idéias homogeneizadoras, estereótipos e visões unilaterais, respeitando a diversidade e valorizando peculiaridades próprias do seu meio. Para POTHIN (2003, p. 37), “é muito difícil dissociar cultura e língua, visto que língua é a própria cultura”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (BRASIL, 1997, p. 19), referindo-se ao estudante, afirmam que, “ao entender o outro e sua alteridade, pela aprendizagem de uma língua estrangeira, ele aprende mais sobre si mesmo e sobre um mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política e social.”

Nas últimas décadas, teóricos como ELLIS (1985), KRASHEN (1987) e BROWN (2001) desenvolveram pesquisas sobre o processo de aquisição de uma segunda língua na tentativa de explicar como o indivíduo aprende. Da mesma forma, métodos e abordagens de ensino de línguas estrangeiras, tais como gramática – tradução, abordagem natural, audiolingual e comunicativa, foram desenvolvidos com o objetivo de mostrar a melhor metodologia a ser seguida no ensino de um segundo idioma.

Os professores de língua estrangeira, além de competência lingüística, precisam de referenciais teóricos relacionados ao processo de aquisição de uma segunda língua e conhecer uma variedade de opções metodológicas. Mas não devem ser meros executores de métodos prontos e acabados, devem sim ter uma visão crítica em relação a esses conhecimentos, adequando-os a cada situação de sala de aula, conforme o objetivo almejado, considerando as diferenças individuais dos aprendizes, como, por exemplo, a idade, a motivação e o ambiente. Para o trabalho com um segundo idioma é necessário ter um “embasamento teórico-lingüístico e conhecimento de metodologias apropriadas para esse ensino, adequadas aos objetivos de um curso e às circunstâncias do fazer diário em sala de aula” (KELLER, 2004, p. 105).

No trabalho com qualquer língua estrangeira, os conteúdos e os temas propostos devem ser contextualizados e partir do conhecimento de mundo do estudante. Por exemplo, episódios da vida em família, na escola e em seu grupo sociocultural, situações vivenciadas na comunidade, em ambientes sociais e virtuais devem estar presentes na prática do ensino de um idioma para que se desenvolvam, cada vez mais, habilidades interativas com diferentes culturas e modos de ver o mundo. Para tanto, no processo de ensino e aprendizagem da língua estrangeira deve-se evitar o uso de estruturas isoladas ou a memorização de listas de vocábulos. A língua precisa ser trabalhada em situações significativas, nas quais o estudante seja capaz de expressar algo relevante, não executando uma mera repetição de palavras ou frases memorizadas, mas algo que tenha e produza sentido. LORENZATTO (2003) afirma que, quando o uso ou a forma da língua está contextualizada, o estudante entende para que serve uma determinada expressão ou estrutura lingüística, como e quando utilizá-la, o que torna sua aprendizagem mais funcional.

Um recurso que deve ser bastante explorado no trabalho de sala de aula com língua estrangeira, independentemente da idade dos estudantes, é a música. Conforme HOLDEN e ROGERS (2001, p.83),

“Canções reais têm um sabor autêntico que serve de motivação para muitos alunos: formam o elo entre a linguagem da sala de aula e a linguagem do mundo exterior”.

Além de fonte de entretenimento, a música se torna um recurso didático que cria inúmeras possibilidades de ações pedagógicas. Ela pode, nesse contexto, representar um exercício de escuta, que auxilia na percepção da pronúncia e da entonação da língua em estudo, na compreensão de referências culturais e de estruturas da linguagem e na ampliação de vocabulário.

Também, a grande variedade de recursos tecnológicos existentes permite a utilização de CDs-ROM específicos para o aprendizado de língua estrangeira: sites da internet (para pesquisas ou atividades que favorecem a interatividade, permitindo conhecer novos aspectos lingüísticos e praticar conhecimentos já adquiridos); filmes, desenhos animados, entrevistas, documentários, etc. É fundamental, no entanto, que, ao buscar essas ferramentas, o professor saiba selecioná-las criteriosamente, de acordo com os objetivos que ele pretende atingir, definidos claramente em seu planejamento.

Salienta-se que o professor deve falar a língua que ensina o maior tempo possível em sala de aula, “em uma velocidade normal e sem fragmentar as frases” (ROTH, 1998, p. 21). Para o desenvolvimento da oralidade, escuta e fala, os estudantes precisam estar em contato o maior tempo possível com a língua e ser estimulados a fazer uso do vocabulário e das estruturas que estão aprendendo, pois isso facilitará a compreensão da forma e das funções da língua.

Um adulto aprende uma segunda língua de maneira diferente de uma criança. A idade na qual um indivíduo começa a aprender uma segunda língua tem sido tópico de muitos estudos por ser responsável pelas diferenças físicas, cognitivas e afetivas dos aprendizes.

LENNEBERG propôs, em 1967, uma hipótese na qual ele explica que um indivíduo, por uma questão neurológica, tem mais facilidade em aprender uma língua estrangeira se esse processo ocorrer antes da

puberdade, pois, nesse período, o cérebro humano possui maior plasticidade, e as funções operam em ambos os lados. Após os 13 anos de idade, essa plasticidade diminui, o que resulta na lateralização da função da linguagem para o hemisfério esquerdo do cérebro, causando uma dificuldade crescente entre os aprendizes mais velhos, visto que mudanças no cérebro mudam a natureza de aquisição de uma segunda língua. Com relação a essas mudanças, LENNEBERG (1967, p. 176) afirma que:

Muitos indivíduos de inteligência comum são capazes de aprender uma segunda língua depois do começo de sua segunda década, apesar da incidência 'língua – aprendizado – bloqueio' aumentar rapidamente depois da puberdade. A aquisição automática a partir de uma mera exposição a uma dada língua também parece desaparecer depois dessa idade, e as línguas estrangeiras são ensinadas e aprendidas através de um grande esforço. Sotaques estrangeiros não podem ser dominados facilmente após a puberdade. Porém, uma pessoa pode aprender a se comunicar em uma língua estrangeira aos quarenta anos.

Tal suposição implica na compreensão de que, apesar de a criança ter mais facilidade em aprender um segundo idioma, nada impede que um adulto venha a aprendê-lo, desde que lhe sejam dadas condições necessárias para isso.

De acordo com PÉRISSÉ (2004), o aprendizado de outro idioma não interfere no desenvolvimento da oralidade e não prejudica a aprendizagem da leitura e da escrita da língua materna, o que vai contra o argumento preconceituoso, baseado em concepções equivocadas da natureza humana, de que uma criança não deva aprender outro idioma antes de estar alfabetizada na sua própria língua.

Se o processo de aquisição de uma segunda língua for simultâneo ao de alfabetização na língua materna, o trabalho com a oralidade deve prevalecer ao da escrita. É preciso lembrar que normalmente se utiliza mais do que uma única habilidade nas diversas situações que se vivencia. Por isso, no ensino de uma língua estrangeira, as habilidades

de ouvir, falar, ler e escrever devem estar vinculadas e devem ser trabalhadas de maneira integrada.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394/96, no art. 26, parágrafo 5, preconiza que, na parte diversificada do currículo, será incluído, obrigatoriamente, no 6.º, 7.º, 8.º e 9.º ano do Ensino Fundamental de nove anos, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, e a língua inglesa é o idioma que vem sendo ensinado nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, nos quatro últimos anos do Ensino Fundamental.

No entanto, há escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba que oferecem aulas de língua estrangeira desde o início do período de escolarização. Em 2005, vinte e cinco delas ofereceram aulas de inglês, espanhol ou italiano para estudantes dos ciclos I e II. Esse número vem aumentando a cada ano, e há o incentivo à inserção dessas aulas para que, gradativamente, mais estudantes tenham acesso ao aprendizado de uma segunda língua. Para que essa inserção ocorra, a área de conhecimento língua estrangeira moderna deve estar integrada ao Projeto Pedagógico da escola, o qual deve ter sido aprovado pela Gerência de Currículo da SME.

Escolas de tempo integral constituem um espaço adequado para a oferta de aulas de uma língua estrangeira devido à extensão de sua carga horária, entretanto escolas regulares também podem ofertá-las, desde que o desenvolvimento do Núcleo Comum obrigatório do currículo não seja prejudicado.

A seguir, serão apresentados os objetivos, os conteúdos e os critérios de avaliação considerados básicos para a formação em Língua Estrangeira no Ensino Fundamental.

7.2 Área de Língua Estrangeira Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas (1.^o, 2.^o e 3.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Como forma de atender às especificidades do ensino de língua estrangeira, os conteúdos elencados devem instrumentalizar o fazer pedagógico, ampliando-se e tornando-se mais complexos à medida que os objetivos vão sendo atingidos. Os conteúdos devem ser trabalhados com a finalidade de se atingirem os objetivos propostos, e as habilidades, apesar de estarem apresentadas separadamente, devem ser trabalhadas de forma integrada.

Fala

Objetivo	Critério de Avaliação
Utilizar linguagem oral em situações comunicativas sobre temas do cotidiano, percebendo diferenças existentes na pronúncia e na entonação de palavras e expressões do idioma em estudo.	Verificar se o estudante: Consegue se expressar oralmente no idioma estrangeiro, de forma simples, sobre temas que fazem parte do seu cotidiano.

Escuta

Objetivo	Critério de Avaliação
Compreender o que ouve, sendo capaz de interagir no processo de interlocução.	Verificar se o estudante: Identifica a idéia global e informações específicas do que ouve.

Leitura

Objetivo	Critério de Avaliação
Identificar diferenças na relação fonema/grafema de palavras da língua em estudo na comparação com a língua materna.	Verificar se o estudante: Percebe que a pronúncia e a escrita de palavras da língua estrangeira são diferentes em relação à língua materna.

**Cultura**

Objetivo	Critério de Avaliação
Perceber a existência de outros idiomas e culturas, respeitando as diferenças, identificando e valorizando as peculiaridades da sua própria cultura.	Verificar se o estudante: Identifica a existência de outras formas de expressão e manifestações culturais, além daquelas que utiliza em seu cotidiano.

Estrangeirismos

Objetivo	Critério de Avaliação
Identificar palavras originárias de outros idiomas presentes no seu cotidiano.	Verificar se o estudante: Percebe a existência de palavras que provêm de outros idiomas e que foram incorporadas à sua língua materna, utilizando-as adequadamente em diferentes contextos.

Conteúdos

continua

<ul style="list-style-type: none">▪ Alfabeto.▪ Outros povos e idiomas.▪ Aspectos culturais relacionados à LE em questão (comidas típicas, datas comemorativas).▪ Estrangeirismos.▪ Cumprimentos e saudações informais.▪ Pedidos de desculpa, agradecimentos.▪ Informações pessoais a respeito de si mesmo.▪ Preferências, aversões e necessidades em relação a temas do cotidiano.▪ Temas do cotidiano:<ul style="list-style-type: none">- objetos e seus usos escolares e domésticos;- família – composição e atividades;- animais domésticos e rurais;- cores;- meios de transporte;- números de 1 a 20;- alimentos;- bebidas;- partes do corpo;- brinquedos e brincadeiras;- dias da semana;- estações do ano;
--

Conteúdos

conclusão

- | |
|--|
| - pontos de referência de uma cidade.
▪ Instruções e comandos.
▪ Localização espacial. |
|--|

7.3 Área de Língua Estrangeira Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Como forma de se atender às especificidades do ensino de língua estrangeira, os conteúdos elencados devem instrumentalizar o fazer pedagógico, ampliando-se e tornando-se mais complexos à medida que os objetivos vão sendo atingidos. Os conteúdos devem ser trabalhados com a finalidade de se atingirem os objetivos propostos, e as habilidades, apesar de apresentadas separadamente, devem ser trabalhadas de forma integrada.

Fala

Objetivo	Critério de Avaliação
Utilizar linguagem oral em situações comunicativas sobre temas do cotidiano, percebendo diferenças existentes na pronúncia e na entonação de palavras e expressões do idioma em estudo.	Verificar se o estudante: Se expressa oralmente no idioma estrangeiro sobre temas que fazem parte do seu cotidiano.

Escuta

Objetivo	Critério de Avaliação
Compreender a idéia global de frases, comandos ou diálogos que ouve, sendo capaz de executar atividades específicas relacionadas a eles.	Verificar se o estudante: Identifica o que ouve e é capaz de interagir no processo de interlocução.

**Leitura**

Objetivo	Crêterios de Avalia�o
Ler textos variados (pequenas histórias, histórias em quadrinhos, instru�es de jogos, anúncios, pequenos diálogos, cartas, bilhetes, postais, cartões – de aniversário, Natal, etc. –, convites, textos impressos em rótulos e embalagens, can�es, textos publicit�rios, poemas), como fonte de informa�o e prazer, compreendendo a id�ia global neles contida.	Verificar se o estudante: Interpreta textos. Responde e comenta a respeito dos textos. Usa o vocabulário e as estruturas textuais, empregando-os em outros contextos.

Escrita

Objetivo	Cr�terio de Avalia�o
Produzir pequenos textos escritos (histórias, histórias em quadrinhos, cartas, bilhetes, postais, cartões – de aniversário, Natal, etc. –, convites, textos publicitários e poemas), individual e coletivamente, na tentativa de ser bem compreendido na idéia que pretende veicular, considerando o processo de interlocu�o.	Verificar se o estudante: Escreve frases e/ou pequenos parágrafos relatando a respeito de seu cotidiano, ainda que baseado em modelos, de forma que os textos apresentem coerência e seq�ncia lógica.

Cultura

Objetivo	Cr�terio de Avalia�o
Identificar a existência de outros idiomas e culturas, reconhecendo a sua influência no mundo atual, bem como a importância de se conhecer uma língua estrangeira, respeitando as diferenças, identificando e valorizando as peculiaridades da sua própria cultura.	Verificar se o estudante: Reconhece a existência de outros idiomas como meios de comunica�o, percebendo a diversidade cultural existente entre outros países.

**Estrangeirismos**

Objetivo	Critério de Avaliação
Identificar palavras originárias de outros idiomas presentes no seu cotidiano.	Verificar se o estudante: Compreende a existência e utiliza palavras que provêm de outros idiomas e que foram incorporadas à sua língua materna.

Conteúdos

continua

<ul style="list-style-type: none">▪ Alfabeto.▪ Outros povos e idiomas.▪ Aspectos culturais relacionados à LE em questão (comidas típicas, datas comemorativas, jogos infantis).▪ Estrangeirismos.▪ Apresentação, cumprimentos e saudações informais.▪ Pedidos de desculpa, agradecimentos.▪ Informações pessoais a respeito de si mesmo e de outras pessoas.▪ Preferências, aversões e necessidades em relação a temas do cotidiano.▪ Temas do cotidiano:<ul style="list-style-type: none">- objetos e seus usos;- família – composição e atividades;- animais domésticos, rurais e selvagens;- elementos da natureza;- cores;- meios de transporte;- números de 1 a 99;- alimentos;- bebidas;- peças do vestuário;- pontos de referência de uma cidade;- esportes;- matérias escolares;- horas;

Conteúdos

conclusão

<ul style="list-style-type: none">- dias da semana;- meses;- estações do ano;- meios de comunicação.- Instruções e comandos.▪ Localização espacial.
--

7.4 Área de Língua Estrangeira Ciclos III e IV – (6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

Os objetivos e os critérios de avaliação apresentados para o ciclo III são os mesmos para o ciclo IV. Entretanto, como forma de se atender às especificidades do ensino de língua estrangeira, os conteúdos elencados estão separados. Esses devem instrumentalizar o fazer pedagógico, ampliando-se e tornando-se mais complexos à medida que os objetivos vão sendo atingidos. Os conteúdos devem ser trabalhados com a finalidade de se atingirem os objetivos propostos, e as habilidades, apesar de apresentadas separadamente, devem ser trabalhadas de forma integrada.

**Fala**

Objetivos	Crêterios de Avalia�o
Expressar-se oralmente sobre temas relacionados ao seu cotidiano, com o objetivo de ser compreendido na idéia que pretende veicular. Utilizar procedimentos para iniciar, manter e finalizar uma fala, atendo-se a aspectos relacionados com a pronúncia e a entona�o, visando comunicar-se com clareza.	Verificar se o estudante: Utiliza a linguagem oral associada ou não � linguagem corporal, com o objetivo de ser bem compreendido no processo de interlocu�o. Estabelece diálogo coerente, utilizando a pronúncia e a entona�o do idioma em estudo.

Escuta

Objetivos	Crêterios de Avalia�o
Compreender a idéia global de frases, comandos, textos e diálogos que ouve, sendo capaz de executar atividades específicas relacionadas a eles.	Verificar se o estudante: Identifica a idéia global e informa�es específicas do que ouve.

Leitura

continua

Objetivos	Crêterios de Avalia�o
Ler textos variados (histórias, instru�es, anedotas, anúncios, diálogos, textos impressos em rótulos e embalagens, can�es, notícias, entrevistas, textos publicitários, cartas, bilhetes, postais, cartões – de aniversário, Natal, etc. –, reportagens, editoriais de jornal e receitas) como fonte de informa�o e prazer, compreendendo a id�ia global neles contida. Comparar características e os elementos de apresenta�o de cada texto (título, vocativo ou manchete, data e autor). Reconhecer o objetivo e a intencionalidade do autor no texto escrito.	Verificar se o estudante: Compreende a id�ia global contida em textos variados (histórias, instru�es, anedotas, anúncios, diálogos, textos impressos em rótulos e embalagens, can�es, notícias, entrevistas, textos publicitários, cartas, bilhetes, postais, cartões – de aniversário, Natal, etc. –, reportagens, editoriais de jornal e receitas). Identifica diferenças entre os variados gêneros textuais. Compreende o objetivo e a intencionalidade do autor no texto escrito.

**Leitura**

conclusão

Objetivos	Crêterios de Avalia�o
Compreender que a leitura não � um processo linear e não exige o entendimento de cada palavra. Perceber que aspectos como entona�o, ritmo e pronúncia influenciam na compreensão do texto.	Compreende que não � necessário saber o significado de todas as palavras do texto para entender a idéia global. L� em voz alta utilizando-se da pronúncia e entona�o corretas do idioma em estudo para ser compreendido.

Escrita

Objetivos	Crêterios de Avalia�o
Produzir textos escritos, individual e coletivamente, fazendo tentativas para ser bem compreendido na idéia que pretende veicular. Reestruturar o próprio texto, considerando o processo de interlocu�o, visando veicular sua idéia com mais clareza, coerência e coesão.	Verificar se o estudante: Escreve textos com o objetivo de ser bem compreendido no processo de interlocu�o, preocupando-se com a legibilidade, a clareza e a coerência de suas produ�oes escritas. Reescreve o próprio texto, fazendo as adequa�oes necessárias de acordo com o gênero textual, a linguagem e o interlocutor, com auxílio do professor e colegas.

Estrangeirismo

Objetivos	Crêterios de Avalia�o
Identificar palavras, frases e expresso�es da língua estrangeira presentes no seu cotidiano, percebendo a rela�o com o que nomeiam. Perceber que as palavras não têm somente o significado fornecido pelo dicionário mas têm também um valor específico que � determinado pelo contexto.	Verificar se o estudante: Identifica a existência de palavras, frases e expresso�es provenientes de outros idiomas usados no cotidiano. Compreende que o significado das palavras pode variar conforme o contexto em que são utilizadas.

**Cultura**

Objetivo	Critério de Avaliação
Perceber diferenças e semelhanças entre aspectos culturais relacionados a grupos sociais usuários do idioma em estudo e aspectos da sua própria cultura, respeitando as diferenças culturais, etárias, étnicas e lingüísticas.	Verificar se o estudante: Identifica e respeita diferenças e semelhanças entre a sua cultura e a de outros grupos sociais.

Conteúdos – Ciclo III

continua

<ul style="list-style-type: none">▪ Cumprimentos e saudações formais e informais.▪ Pedidos de desculpa e agradecimentos.▪ Apresentações e informações pessoais a respeito de si mesmo e de outras pessoas.▪ Identificação e descrição de membros da família e de outras pessoas.▪ Descrição de pessoas e habilidades por elas desenvolvidas.▪ Preferências, gostos, aversões e necessidades em relação a temas do cotidiano.▪ Temas do cotidiano:<ul style="list-style-type: none">- objetos diversos;- peças do vestuário;- nacionalidades;- animais domésticos, rurais e selvagens;- elementos da natureza;- pontos de referência de uma cidade;- profissões;- matérias escolares;- meios de transporte;- meios de comunicação;- alimentos;- bebidas;- esportes;- dias da semana;- meses;- estações do ano;- clima;- horas.▪ Quantidades, medidas e números (1 a 999).▪ Pedidos de desculpa e de ajuda de maneira formal e informal.▪ Instruções e comandos.▪ Atividades diárias à mesa, hábitos e higiene.▪ Planos e intenções imediatos e futuros.▪ Sugestões.▪ Estrangeirismos.
--

**Conteúdos – Ciclo III**

conclusão

- Expressões de surpresa.
- Aspectos culturais (alimentação, datas comemorativas, esportes, entretenimento, aspectos geográficos).
- Localização espacial.

Conteúdos – Ciclo IV

- Cumprimentos e saudações formais e informais.
- Pedidos de desculpa e agradecimentos.
- Apresentações e informações pessoais a respeito de si mesmo e de outras pessoas.
- Preferências, gostos e aversões sobre assuntos diversos.
- Pedidos de permissão de maneira formal e informal.
- Informações pessoais a respeito de si mesmo e de outras pessoas.
- Relatos sobre atividades diárias e experiências recentes.
- Acontecimentos passados.
- Quantidades, medidas e números (centenas, milhares, milhões).
- Planos individuais e coletivos para o futuro.
- Comparações.
- Sugestões e conselhos.
- Obrigações e proibições.
- Instruções e comandos.
- Discussão e manifestação de opiniões sobre assuntos diversos.
- Estrangeirismos.
- Localização espacial com referência a si próprio ou a outras pessoas e objetos.
- Aspectos culturais (alimentação, datas comemorativas, esportes, entretenimento, história, geografia, literatura e música).

8 LÍNGUA PORTUGUESA

8.1 Fundamentos teórico-metodológicos para área de Língua Portuguesa

No contexto deste documento, é procedente reafirmar que o domínio da língua portuguesa, falada e escrita, é condição para as aprendizagens escolares e para a sobrevivência digna dos cidadãos em uma sociedade letrada e informatizada. É procedente também pontuar que as políticas públicas e o esforço histórico desenvolvido pelos profissionais da educação no sentido de oportunizar a aquisição da língua materna a todos os cidadãos não têm sido suficientes para a erradicação do analfabetismo e para o alfabetismo pleno.

Conforme SOARES (1995), há duas grandes dimensões no alfabetismo: a individual e a social. Na dimensão individual, compreende-se o alfabetismo como atributo pessoal, que se refere à posse individual de habilidades de leitura e de escrita. Na dimensão social, o alfabetismo é um fenômeno cultural, que se refere a um conjunto de atividades sociais que envolvem e demandam o uso da língua escrita. Por conseguinte, analfabetismo é a incapacidade absoluta de ler e de escrever.

No Brasil, 6% dos cidadãos que vivem na área urbana e 14% dos que vivem na área rural são analfabetos. Na Região Sul, são 5%. No caso de Curitiba, o analfabetismo atinge aproximadamente 3% da população. Isso significa que em torno de quarenta mil pessoas não conseguem realizar tarefas simples que envolvem decodificação de palavras e frases. Em geral, são pessoas idosas que não tiveram acesso à escola em idade apropriada.

A erradicação do analfabetismo continua sendo uma meta a ser alcançada em Curitiba e requer projetos e ações específicas de todas

as instâncias educacionais. Da mesma forma, um esforço conjunto adicional é necessário para que a formação na área de língua portuguesa atinja padrões universais de alfabetismo funcional.

Desde 2005, o Projeto Ler é um Direito integra o Programa Qualidade da Educação. Esse projeto tem como objetivos identificar, localizar e reencaminhar às escolas municipais de Curitiba todos os jovens e adultos que ainda não sabem ler e escrever para que tenham oportunidade de melhorar sua capacidade de agir na sociedade, em que a leitura e a escrita são condições básicas de sobrevivência. As ações do projeto são simples e mobilizadoras: cada estudante da Rede Municipal de Ensino de Curitiba é incumbido de envolver sua família na indicação e localização dos possíveis candidatos à aprendizagem da leitura e da escrita. Os profissionais das escolas e dos núcleos regionais organizam as informações coletadas pelos estudantes para posteriores orientações e reencaminhamento escolar das pessoas que precisam desenvolver as habilidades e competências básicas de acesso autônomo ao mundo letrado. Alguns resultados positivos já estão sendo observados e, em breve, ter-se-á, além de um novo panorama geográfico do alfabetismo em Curitiba, uma sensível diminuição do índice de analfabetismo da cidade. Com o empenho observado de todas as equipes escolares, é possível que o índice de analfabetismo se aproxime de zero, resultado que se pode esperar dos processos educativos de uma capital brasileira na atualidade.

O índice de analfabetismo de uma cidade está relacionado ao nível de qualidade da educação que ela oferece; da mesma forma, seu índice de alfabetismo funcional e as condições de letramento da população.

Questões fundamentais

Segundo estimativas nacionais, o analfabetismo funcional brasileiro chega a 76% na área rural e a 65% na área urbana, isto é, mais da metade dos brasileiros têm dificuldades para compreender e interpretar textos. Esses brasileiros são pessoas que tiveram acesso à escola, mas os conhecimentos de leitura e de escrita adquiridos não foram suficientes para que pudessem exercer de maneira plena as práticas da cultura letrada; estão entre os que conseguem ler títulos ou frases, localizando uma informação bem explícita em um texto (alfabetizado de nível rudimentar) e os que conseguem ler um texto curto, localizando uma informação explícita ou que exija uma pequena inferência (INAF, 2005)⁸.

Diante desses dados, de imediato vem a indagação: como estão os índices de alfabetismo dos estudantes do município de Curitiba? Nesta segunda metade da década que inicia o milênio, tem-se uma idéia sobre como está o índice de alfabetismo funcional dos estudantes da 2.^a etapa dos ciclos II e IV do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. Isso acontece por meio de uma avaliação de rendimento universal realizada em convênio com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas – INEP e por meio dos registros das avaliações de aproveitamento escolar que as equipes escolares e de núcleos regionais vêm fazendo sistematicamente.

Os dados levantados nesses processos levam a indicativos de ações que devem ser desenvolvidas regional e localmente. No entanto, já no primeiro semestre de 2005, as equipes centrais e de núcleos da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, ao ouvirem das equipes escolares a necessidade de melhoria dos processos de alfabetização, assumiram que isto é condição prioritária para melhoria da qualidade da educação municipal no seu todo. Desse modo, além dos esforços para a redução do analfabetismo de jovens e adultos, também são

⁸ INAF - Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional.

objetivos melhorar os resultados dos processos de alfabetização e melhorar as condições de letramento dos estudantes de nossas escolas. Isso significa que mais do que dominar o sistema alfabético de escrita, nossos estudantes, ao terminarem o segundo ciclo do Ensino Fundamental, precisam estar usando com desenvoltura a leitura e a escrita em diferentes situações práticas, isto é, devem ser alfabetizados funcionais.

Uma pessoa é alfabetizada funcional quando é capaz de utilizar a leitura e a escrita de forma independente para resolver problemas de seu contexto social e usar suas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida. Analfabetismo funcional, por outro lado e indiretamente, refere-se aos resultados dos processos de ensino da língua portuguesa, isto é, dos resultados dos processos escolares.

Analfabetos funcionais, em resumo, são pessoas que passaram pela escola, mas não construíram as habilidades de leitura e de produção textual suficientemente, isto é, de forma que possam realizar autonomamente as tarefas cotidianas que envolvem o uso de informações escritas. Pode-se considerar ainda que, mesmo com a universalização do Ensino Fundamental e com a criação e manutenção de programas paralelos de escolarização e de alfabetização de jovens e adultos, o desempenho atual da maioria dos brasileiros na leitura e na escrita é incompatível com o exercício pleno da cidadania.

Tomando-se por base estudos brasileiros por amostragem, os índices de analfabetismo funcional giram em torno de 67% por cento na Região Sul (INAF, 2005). Os estudos indicam que ações mais efetivas por parte da escola rumo à formação de leitores e escritores eficientes são necessárias.

Hoje avança-se para o entendimento de que, além de ter como função primordial a sistematização da inserção dos estudantes no mundo letrado por meio dos processos de alfabetização, a escola é responsável pela consolidação dos processos iniciais de letramento de todos os cidadãos que a ela têm acesso. Sabe-se que esse processo é

possibilitado aos estudantes quando as situações didáticas se dão pelo uso efetivo de diferentes linguagens, em diferentes práticas sociais.

Os resultados e as condições

É preciso avançar para a noção de que as crianças são capazes de aprender muito mais do que os resultados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica estão a demonstrar (RIBEIRO, 2002) e que professores-alfabetizadores são capazes de auxiliar efetivamente na melhoria substancial desses resultados.

Hoje, as crianças vivem num mundo onde os instrumentos culturais que estão disponíveis para os adultos também estão ao seu alcance e é comum o dito que crianças e jovens têm total desenvoltura no uso de novas tecnologias; que é mais fácil para eles usarem diferentes programas de computação do que para os adultos. Isso é um indicativo de que é preciso investir mais nas dinâmicas pedagógicas no sentido de elas se realizarem como verdadeiras práticas sociais, superando a falta de aprofundamento dos conteúdos escolares, fator limitador do desenvolvimento das competências e das habilidades necessárias à formação da cidadania.

Se as condições de letramento dos cidadãos implicam nas suas condições de atuação na sociedade e se a alfabetização é condição para os processos de letramento, a função do(a) professor(a) – alfabetizador(a) adquire importância fundamental na atualidade e, em especial, em nossas escolas, cujas equipes têm manifestado preocupação com o fato de que muitas crianças que já avançaram do primeiro ciclo de aprendizagem não têm domínio da leitura e da escrita. É preciso que os/as alfabetizadores(as) se sintam responsáveis pelas decisões sobre os procedimentos metodológicos que norteiam o seu trabalho de sala de aula; que tenham o apoio técnico necessário para o desenvolvimento de dinâmicas didáticas adequadas à construção da

aprendizagem da linguagem escrita e que tenham acesso a saberes científicos que sustentem ações pedagógicas efetivas.

Aprendizagem da língua materna e de outras linguagens

Linguagens são instrumentos de interação entre os seres humanos; influenciadoras nos juízos de valor, determinantes do poder de persuasão e de decisão em inúmeras situações sociais, pois são modificadoras de idéias e de comportamentos dos cidadãos, ao mesmo tempo em que são por eles influenciadas e modificadas. São produtos das atividades humanas e sociais; são históricas; articuladoras de verdades e de conhecimentos.

Por se realizarem na interação entre interlocutores, não é possível compreender as linguagens sem considerar seu vínculo com a situação de produção. Nos dias atuais, quando a multimídia é um recurso comunicacional abrangente, é preciso perceber as linguagens nas dimensões imagética, sonora e verbal e as articulações entre elas como igualmente importantes. Considerar a coexistência de diferentes linguagens nas relações sociais é o primeiro passo para apreender o movimento dos sentidos produzidos nas linguagens contemporâneas, onde se misturam signos indiciais, simbólicos e icônicos (BARRETO, 2004).

Nos últimos vinte anos, mudanças significativas têm ocorrido nas dinâmicas de sala de aula no que se refere à formação de leitores e de escritores. Elas advêm da incorporação escolar das novas linguagens, decorrentes do avanço tecnológico; das pesquisas sobre como crianças aprendem e sobre como são construídos histórica e individualmente os saberes lingüísticos.

Ao mesmo tempo, observa-se inquietação dos professores quanto aos aspectos gerais da escola brasileira e, especialmente, quanto aos resultados dos processos de alfabetização e de letramento.

Se, por um lado, os índices de analfabetismo e de analfabetismo funcional, francamente debatidos em nível acadêmico e político-educacional, revelam que é preciso aprimorar, à luz de estudos científicos, o fazer pedagógico da alfabetização e dos processos de letramento desenvolvidos na escola, por outro, ainda é senso comum muito do que a mídia divulga sobre o tema, o que tem repercutido de forma mais presente nos discursos escolares do que os avanços teóricos alcançados pelas pesquisas relacionadas a essa área do conhecimento.

Em parte, isso se deve porque os cursos de formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental ainda permitem que seus alunos sejam considerados habilitados ao exercício da profissão mesmo sem saberem como conduzir os processos didáticos de alfabetização. De qualquer forma, a garantia do direito à educação plena a todos os cidadãos passa pela condição de todos saberem ler e escrever, e essa condição social precisa ser atendida nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

8.2 Alfabetização e letramento

Entende-se alfabetização como o processo de aquisição da leitura e da escrita pela criança: é o “processo decifrativo do código na leitura e o processo composicional do código na escrita” (SOARES, 1998). E letramento como o “resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2002).

Afirmar que uma pessoa está alfabetizada significa dizer que ela já se apropriou do funcionamento do sistema alfabético e de outros microaspectos da linguagem escrita.

Estar ou não alfabetizado traz implicações para o processo de aprendizagem escolar e social; disso depende, em primeira instância, a condição de letramento de um cidadão, cujo processo não tem um fim definido, pois acontecerá durante toda a vida e está relacionado a diferentes áreas do conhecimento. O início do processo de alfabetização de uma pessoa também não pode ser precisado, pois a aquisição da linguagem escrita pela criança inicia antes mesmo de sua vida escolar.

Um cidadão está alfabetizado, portanto, e em processo de letramento, quando tem domínio de práticas sociais da escrita e da leitura e é capaz de utilizá-las como meios para fazer análises da realidade e nela intervir. Mas como alcançar isso de forma efetiva?

Construção de escrita e de texto

Grande parte da literatura que trata da alfabetização tende a polarizar a abordagem sobre o tema. De um lado observam-se estudos lingüísticos, que enfatizam a abordagem metodológica com os macroaspectos textuais, relacionados aos gêneros discursivos, entendidos como tipos relativamente estáveis de enunciados, e às condições sociais de enunciação (GOULART, 2005). De outro, os estudos da fonologia, que enfatizam a consciência fonológica e a abordagem metodológica com os microaspectos textuais, em especial os aspectos fônicos da linguagem escrita (CAPOVILLA, 2002). Mas, na sala de aula de alfabetização, não há espaços para polarizações ou reducionismos.

Nas salas de aula do Ciclo I, na Rede Municipal de Ensino de Curitiba, e mesmo em qualquer sala de alfabetização, encontram-se crianças com diferentes compreensões do que seja a escrita; com diferentes entendimentos sobre o funcionamento do sistema alfabético; com diferentes construções conceituais sobre os micro e os macroaspectos textuais. Encontram-se também crianças com a

consciência fonológica desenvolvida por conta de experiências anteriores com a sonoridade e a musicalidade verbal, e crianças que sequer foram levadas a constatar que a fala pode ser segmentada em sons de curta duração e diferentes entre si – sons que podem ser repetidos, parecidos ou confundidos se os ouvidos não estiverem *atentos voluntariamente*.

É nesse contexto de diversidade conceitual, externa e interna à sala de aula de alfabetização, que professores definem suas estratégias de ação. E estas só podem ser definidas em função das necessidades de aprendizagem que apresentam as crianças. Portanto, entende-se que está correto o procedimento docente que, baseado em uma avaliação rigorosa da condição de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças, vale-se tanto da abordagem metodológica textual quanto da fônica, pauta-se na ênfase nos aspectos microtextuais sem descontextualizá-los da unidade de significado que é o texto. Mas descontextualizar é diferente de sistematizar.

Sistematização do trabalho docente

A prática didática é eminentemente sistematização do processo ensino-aprendizagem, e isso é imprescindível para o sucesso do estudante. Se em um dado momento foi entendido que bastava a criança ter contato com a escrita para que viesse a aprender a ler e escrever, hoje tem-se clareza de que essa aprendizagem só ocorre se estiver inserida em práticas sociais relevantes a um contexto espacial e temporal; se for dinamizada por interações verbais e escritas significativas; e se contemplar tanto o significado textual quanto as unidades menores da linguagem escrita que o compõem. Isso quer dizer que tanto padrões enunciativos quanto padrões silábicos precisam ser sistematicamente abordados; que tanto o uso e composição de diferentes gêneros textuais em sala quanto a análise da

aplicação e do que representam as unidades menores da linguagem escrita nesses textos precisam ser efetivados.

Considerações sobre o ler e escrever

Conforme GUIMARÃES, MAGALHÃES e BARRETO (2004), é preciso rever as práticas de linguagem na sala de aula, especialmente as que dizem respeito à leitura. Dessa forma, “todo texto tem a leitura como horizonte” (BARRETO, 2004, p.8) logo é preciso que se resgate a importância desse enunciado considerando pelo menos quatro aspectos das relações entre leitores e sentidos de textos:

- 1 - a decodificação no sentido singular e explícito;
- 2 - a interpretação como desvelamento de sentidos;
- 3 - a compreensão dos sentidos historicamente possíveis;
- 4 - a possibilidade da livre atribuição de sentidos pelo sujeito-leitor.

Sabe-se que um texto não é uma sucessão de frases, que seu estudo deve superar o tratamento didático linear e mecânico, aquele que se caracteriza por se ater ao que está explícito na sua forma literal, que não se pode privilegiar a metalinguagem, mas os significados que se constroem por meio de diferentes leituras e que a abordagem didática de textos implica uma concepção de linguagem como fundamento.

Linguagens, discurso e texto

Produzir linguagens significa produzir discursos⁹, ou seja, dizer algo para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto. As escolhas feitas pelos interlocutores, ao manifestarem idéias, ao produzirem discursos, não são aleatórias, mas decorrentes das condições de realização destes nas diversas práticas sociais.

O discurso se organiza a partir dos conhecimentos que se acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que se supõe serem suas opiniões, suas afinidades e familiaridades, posição hierárquica e social que ocupa, entre outros aspectos. Todas essas considerações participam nas escolhas que serão feitas em relação aos recursos lingüísticos ou midiáticos utilizados para a materialização/configuração textual. No processo de interlocução, no entanto, essa escolha nem sempre ocorre de maneira proposital ou antecipada ao discurso, mas durante o processo de produção e nem sempre de modo consciente.

O texto como objeto de estudo

A principal manifestação de discursos acontece lingüisticamente por meio do texto, que é o objeto de estudo da atividade discursiva em seu todo significativo, ou seja, uma seqüência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e coerência. Dessa forma, um texto só é texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global¹⁰, isto é, ao apresentar

⁹ Enunciado de uma verdade situada no tempo e no espaço, com intenção e interlocutor determinados. Por exemplo, a frase “Sorria! Você está sendo filmado!” transmite um discurso que poderia estar materializado por “Você está sendo vigiado”.

¹⁰ Compreensão geral do texto, tanto de suas idéias como dos elementos lingüísticos que o compõem.

textualidade¹¹, caso contrário não passa de uma série de frases desconexas.

No ensino da língua materna, objetiva-se formar cidadãos capazes de compreender e emitir textos adequados aos diferentes contextos e práticas sociais. Para isso, durante a vida escolar, os estudantes devem operar, progressivamente, sobre diferentes *gêneros textuais*, visto que a produção humana se dá por intermédio de estruturas lingüísticas relativamente estáveis, compatíveis, em número, à variedade de atividades humanas (BAKHTIN, 1953;1979).

O trabalho didático que oportuniza a apropriação do funcionamento da língua materna é pautado na escolha e na abordagem de determinados gêneros textuais para cada ciclo de aprendizagem, de acordo com diferentes níveis de complexidade e de possibilidades manifestos em cada um dos gêneros, para que os estudantes apreendam características específicas e percebam as funções e intencionalidades das diferentes formas expressivas e temas focados.

8.3 Leitura – Condição básica para a formação da cidadania

Por meio da leitura de diversos textos, constrói-se a compreensão de diferentes visões de mundo e de caminhos lingüísticos para a expressão de idéias, propósitos, sentimentos e fazeres. Quanto mais se lê, mais se desenvolve a capacidade interpretativa. Por essa razão, a prática de leitura na escola precisa ser priorizada diariamente.

Desde o processo de alfabetização, precisa-se desenvolver com os estudantes a noção de que ler não é apenas identificar sons, reconhecer palavras (decodificação) e ter domínio dos aspectos mecânicos da leitura: ritmo, fluência e entonação. Ler implica também perceber o que está explicitado, subentendido ou omitido em um texto e

¹¹ Significação, inter-relação de todos os elementos do texto.

ainda processos de análise e de síntese, que levam à compreensão da intenção do autor e ao estabelecimento de relações entre diferentes formas expressivas e de visão de mundo. Leitores autônomos e competentes são capazes de interagir com os textos: emitem opiniões, fazem questionamentos, revêem suas idéias e valores prévios, ampliam suas visões de mundo.

Formar bons leitores

Para formar bons leitores, precisa-se de bons textos orais e escritos, entre os que circulam socialmente. Bons textos são os que possuem significação, ou seja, intencionalidade, interlocução e linguagem apropriada para o interlocutor, e que acrescentam informações e subsídios lingüísticos. Um bom texto encanta os leitores de diferentes maneiras. No ensino da leitura, bons textos são os que encantam pela leitura em si.

Em sala de aula, o trabalho com a leitura deve oportunizar ao estudante/praticante da leitura a interação com o lido/ouvido, isto é, a tomada de consciência do sentido do texto em um dado momento e situação, o que ocorre também em função de suas experiências sociais e lingüísticas anteriores. É preciso que o estudante seja levado a testar e verificar suas hipóteses interpretativas, o que pode ocorrer por meio de leituras sucessivas, pela interação com seus pares e com adultos capazes de elaborar questionamentos instigantes, estimulantes e motivadores de busca por mais leituras. Portanto, a interferência do professor é necessária para que aprendizagem de leitura se efetive e se construa como prática social consciente.

Para aprimorar e ampliar as práticas de leitura na escola é preciso entender, em primeiro lugar, que o “contato” do cidadão com materiais escritos não é suficiente para que ele aprenda a ler ou adquira o hábito da leitura. São necessárias práticas efetivas de

leitura, as quais se dão a partir de interações sociais e caminham para processos intrapessoais autônomos.

A prática de leitura deve levar os estudantes a reconhecerem e a buscarem nela a informação, o divertimento, o estudo e o aprendizado. A elaborarem classificações, inferências, antecipações e, dependendo da intencionalidade de cada texto, tomarem decisões, mudarem comportamentos, alterarem rotinas e procedimentos. A compreenderem que, durante a leitura, o leitor interage com quem escreve, segundo seus próprios referenciais prévios, advindos de outras leituras.

Determinados procedimentos que se restringem a levar os estudantes a “materializarem os conteúdos textuais” em maquetes, dramatizações, ilustrações não são suficientes para a formação de leitores ativos e permanentes.

É preciso:

- Disponibilizar coletâneas de textos com assuntos variados e retirados de várias fontes (textoteca).
- Oportunizar situações em que os estudantes selecionem e compartilhem leituras entre si.
- Promover a discussão sobre diferentes textos presentes em diferentes obras lidas e também sobre seus autores.
- Disponibilizar um acervo de livros, jornais e revistas para que os estudantes possam escolher entre vários os que desejam ler.
- Orientar registros sistemáticos sobre as obras lidas, tais como: nome do autor, título da obra, editora, data, comentários pessoais.
- Instigar a análise de diferentes linguagens interligadas em textos e hipertextos.
- Incentivar visitas a bibliotecas e explicitar suas formas de organização.
- Ler muito para e com os estudantes, diariamente.

Tais práticas colaboram para a formação de leitores reflexivos e proficientes, capazes de ler funcionalmente, ou seja, leitores que não

apenas decodifiquem as letras e os sinais gráficos, mas que leiam com compreensão e atenção voluntária.

Cada situação de leitura tem seus motivos e objetivos, relacionados diretamente às práticas culturais, ao interesse pessoal do leitor e à diversidade de textos aos quais ele tem acesso. Em situações escolares, segundo MORAES, BRANCO e MARINHO (2004), observa-se que se lê para:

- obter uma informação precisa (ex.: consulta ao dicionário);
- seguir instruções (ex.: regras para um jogo);
- obter uma informação de caráter geral (ex.: leitura somente de manchetes, lides ou chamadas em um jornal);
- aprender (ex.: pesquisa ou estudo elaborando resumos);
- revisar um escrito próprio (ex.: autocorreção das produções escritas);
- comunicar um texto a um auditório (ex.: leitura de poesia em uma apresentação);
- praticar a leitura em voz alta (com a finalidade de incentivar os estudantes a lerem com clareza, rapidez, fluência);
- verificar o que se compreende (verificar a compreensão do texto, respondendo a perguntas de entendimento).

Tais práticas tornam-se mais eficientes se tiverem base em diferentes gêneros textuais, o que auxilia na formação de leitores capazes de escolher o suporte mais adequado para suas intenções sociocomunicativas, orais ou escritas. E realizam-se em articulação com as práticas de oralidade e de escrita.

Para as práticas orais, os gêneros seguintes, entre outros, são indispensáveis à construção de estruturas cognitivas necessárias à compreensão e composição textual:

- contos (de fadas, de assombração, etc.), mitos e lendas populares;
- poemas, canções, quadrinhas, parlendas, adivinhas, trava-línguas, piadas;
- saudações, instruções, relatos;

- entrevistas, notícias, anúncios (via rádio, televisão e *internet*);
- seminários, palestras.

Para as práticas de leitura e de escrita, especificamente, acrescentam-se:

- receitas, instruções de uso, listas;
- textos impressos em embalagens, rótulos, calendários;
- cartas, bilhetes, postais, cartões (de aniversário, de Natal, etc.), convites, diários (pessoais, de classe, de viagem, entre outros);
- quadrinhos, textos de jornais, revistas e suplementos infantis: títulos, lides, notícias, classificados, entre outros.
- anúncios, *slogans*, cartazes, folhetos;
- parlendas, canções, poemas, quadrinhas, adivinhas, trava-línguas, piadas.
- contos (de fadas, de assombração, entre outros) mitos e lendas populares, folhetos de cordel, fábulas.
- textos teatrais.
- relatos históricos, textos de enciclopédia, verbetes de dicionário, textos expositivos de diferentes fontes (fascículos, revistas, livros de consulta, didáticos, entre outros).

Se as práticas decorrentes do trabalho com esses gêneros forem sistematicamente exercidas, podem formar leitores competentes para realizar críticas e reflexões, que atribuam sentido ao que lêem e articulam as informações dos textos com as que já possuem. Na escola, não se pode restringir apenas à leitura acadêmica, pois a leitura literária é imprescindível para a formação do leitor. Ela auxilia no reconhecimento e no desenvolvimento de diferentes percepções sobre o mundo real e na projeção e/ou imaginação sobre o viver humano em diferentes tempos e espaços culturais.

8.4 Literatura

Para que a inserção no mundo escrito ocorra de maneira agradável, uma estratégia bastante produtiva é propiciar ao estudante a possibilidade de adentrar nesse território por meio da leitura literária. É da competência de todos fazer da leitura uma atividade prazerosa, quer seja por meio da narrativa ficcional, quer seja pela poesia, gêneros literários que trazem, por sua natureza lúdica, estreita vinculação com o imaginário.

A narrativa ficcional compreende desde os contos clássicos – Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Branca de Neve – até prosas mais atuais, como as criadas por Ruth Rocha, Sylvia Orthof, João Carlos Marinho, Bartolomeu Campos de Queirós e outros autores contemporâneos. Dada a amplitude de oferta de títulos nas livrarias e bibliotecas, há necessidade de selecionar as obras segundo alguns critérios, que vão desde a análise do objeto livro, com suas ilustrações, diagramação, formato e tipo de letra, até os aspectos que dizem respeito às especificidades do texto narrativo ficcional, como marcação cronológica, características dos protagonistas, importância dos personagens secundários, ambientes em que se desenvolve o enredo e possibilidades de intertextualidade e de relações com saberes canonicamente constituídos.

Já a poesia segue, na atualidade, a premissa de leitura por prazer. Há especificidades temáticas e estruturais que conferem à poesia infantil um caráter lúdico e vivenciável, tratando de assuntos como o bichinho de estimação, a brincadeira com os amigos, as paixões da infância, o ser criança, entre outros.

Hoje, a poesia utiliza os recursos lingüísticos tendo por foco a estética e a sensibilidade do texto, rompendo os limites fonológicos e apresentando rimas muito mais livres, marcação de ritmo bastante musicalizada, vocabulário acessível, frases sem inversões. Enfim, ela se estrutura atualmente de modo a se tornar muito mais agradável e próxima do leitor.

Essas configurações fazem da literatura uma prática a ser exercitada constantemente, sem a exigência de sistematização metalingüística¹² dos textos analisados em sala de aula para apropriação de fatos lingüísticos que consolidem o acesso ao código verbal escrito. O viés pelo qual se trata o texto literário é outro: o de fruição, prazer, envolvimento emocional. É essa a sua função social e o seu objetivo, alcançado na escola pela leitura diária de textos literários, pelo professor, nos primeiros momentos escolares da criança e, gradativamente, pelos estudantes que se sintam à vontade em fazê-lo.

No trabalho com a literatura em sala de aula, tão importante quanto analisar o que a obra diz é perceber como ela o diz.

A sistematização da leitura de diversas obras clássicas faz com que o estudante aproprie-se da linguagem literária, fazendo as devidas inferências e até antecipando outras que contribuam para maior compreensão do que está lendo ou ouvindo. Recriar o texto lido em outras linguagens (visual, dramática, musical, coreográfica) não pode ser regra geral para que os estudantes demonstrem a leitura que fizeram da obra e o entendimento que dela tiveram. A leitura em si faz nascer e permanecer o gosto e a paixão pela literatura, fonte de prazer e de conhecimento, passaporte para uma nova dimensão de experiências sempre renovadas.

8.5 Práticas de oralidade

A maior parte da comunicação de nossa sociedade se dá pela oralidade, mesmo sendo uma sociedade letrada. É por meio da linguagem oral que o ser humano se desenvolve como participante de uma determinada cultura.

¹² Reflexão sobre a linguagem.

Ao ingressar na escola, porém, o estudante traz uma bagagem oral própria do grupo social no qual está inserido, que em momento algum deve ser ignorada.

Não cabe à escola questionar se o falar deste estudante está correto ou não, o que cabe é ensinar-lhe a modalidade oral padrão e ajudá-lo a perceber que a fala deve ser adequada à situação e ao interlocutor. Nesse trabalho, o professor deve ter cuidado para não reforçar o preconceito lingüístico, respeitando os diferentes modos de falar.

Para que os estudantes percebam os diferentes falares, é necessário que o professor oportunize em sala de aula atividades que ampliem sua forma de expressão, principalmente em momentos que estejam em grupos, nos quais devem ouvir e falar. Dessa maneira, eles podem (re)elaborar argumentos a partir de novas informações, construir conceitos, incorporar novas palavras e significados, compreender e avaliar o que ouvem e falam.

As atividades propostas para o trabalho com a oralidade não são exclusivamente para a disciplina de Língua Portuguesa, ao contrário, devem ser utilizadas em todas as áreas do conhecimento. Os estudantes devem ser levados a:

- Ordenar conteúdos para organizar falas.
- Participar de palestras e debates com apoio de roteiros.
- Elaborar esquemas, cartazes ou transparências para assegurar melhor controle da própria fala durante exposições.
- Conversar sobre assuntos alheios aos conteúdos escolares.
- Realizar auto-avaliações.
- Dramatizar textos ou situações do cotidiano.
- Participar de rodas de leitura.
- Discutir de maneira improvisada ou planejada sobre um tema polêmico.
- Entrevistar pessoas que possam ajudar a compreender determinados temas.
- Argumentar a favor ou contra determinadas posições.

- Expor trabalhos (escolares) em público.
- Representar textos teatrais ou adaptações de outros gêneros, explorando tom de voz, ritmo, aceleração e timbre.
- Falar, escutar e refletir sobre a linguagem oral, seus usos e suas diferentes formas de manifestação devem ser estratégias constantes em sala de aula, em todas as áreas do conhecimento, de forma a possibilitar ao estudante a utilização adequada da modalidade oral em qualquer situação.

8.6 Prática da escrita

Conceber a linguagem como sistema de interação entre os seres humanos e reconhecer que sua apreensão se dá por meio de práticas sociocomunicativas traz algumas implicações importantes a serem observadas pela escola.

Partindo do trabalho com a idéia de representação, por meio da observação e análise de símbolos, logotipos e logomarcas, chega-se ao texto como um todo significativo constituído na forma escrita, a qual depende, na Língua Portuguesa, do alfabeto como conjunto de símbolos convencionados socialmente. O trabalho com a idéia de representação é essencial para que a criança perceba que há convencionalidade nos símbolos¹³ como as cores e as formas, e que a organização do sistema gráfico é perpassada pela mesma lógica, pois grafemas¹⁴ são utilizados para que se possa ter o entendimento visual das palavras na língua escrita.

No que diz respeito à escrita, é preciso considerar que os encaminhamentos propostos devem ser sempre fundamentados em situações de uso carregadas de significado, como elaboração de

¹³ Códigos de trânsito, placas convencionais que indicam necessidades, áreas de restrições, acessos, proibições de determinados comportamentos, entre outras.

¹⁴ Símbolo gráfico uno, constituído por traços distintivos; abarca, além das letras, os diacríticos, os sinais de pontuação e ideogramas (Aurélio, 1987).

convites para a festa junina da escola ou para uma reunião de pais. É necessário que os estudantes percebam que a situação e o interlocutor são elementos determinantes da produção e devem compor, primordialmente, o rol de conhecimentos necessários para a elaboração de seus textos. No entanto, tais encaminhamentos metodológicos não podem prescindir de sistematização com as unidades menores da língua especialmente no processo de alfabetização. Isso quer dizer que, nos primeiros anos escolares, a criança precisa ser levada a identificar as relações fonema-grafema padronizadas e empregá-las. Este trabalho deve ser sistemático em sala de aula, envolvendo dinâmicas corporais, visuais, auditivas e enunciativas na resolução de problemas que compõem o construtor básico da cognição.

Ainda, segundo SOARES (apud RIBEIRO, 2003, p. 91) “... alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e a ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento”.

O processo de letramento é gradativo e implica habilidades de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos, como informar ou informar-se, interagir com os outros, imergir no imaginário, seduzir ou induzir, divertir-se, para orientar-se, apoiar a memória.

Sendo o texto um portador de significado, partindo dele é que deverá iniciar-se um trabalho de análise da língua, pois ele possui todos os recursos gráficos significativos que devem ser analisados e sistematizados, começando pelo próprio código convencional da escrita.

A coesão, a coerência, as concordâncias e a consideração ao interlocutor e à situação são fundamentais para o processo de produção textual, porém não são apenas esses os aspectos que devem ser trabalhados, pois o código componente da linguagem verbal, na língua portuguesa, é alfabético e organizado em sílabas que compõem uma série de padrões.

Trabalhar intensivamente com os variados padrões silábicos que existem na língua portuguesa auxiliará a percepção de como se estrutura a palavra, a ortografia e a prosódia (som).

As possibilidades estruturais de organização de padrões silábicos são: vogal (v) até; consoante e vogal (cv) bala; consoante, consoante e vogal (ccv) briga; consoante, consoante, vogal, consoante, consoante (ccvcc) transporte; consoante, vogal, consoante (cvc) carta; vogal, vogal (vv) aula; vogal, consoante (vc) arte; consoante, vogal, vogal (cvv) língua; consoante, consoante, vogal, vogal (ccvv) treino; consoante, consoante, vogal, consoante (ccvc) atrás; consoante, vogal, consoante, consoante (cvcc) substantivo; consoante, vogal, vogal, vogal (cvvv) Uruguai.

Cada uma dessas possibilidades deve ser sistematizada didaticamente desde o início do processo de alfabetização, seguindo-se a ordem alfabética, pois o padrão consoante vogal é insuficiente para a composição da maioria das palavras.

Falar, ler, repetir enunciações, recompor palavras, identificar, escrever e compor frases que contemplem tais padrões são práticas diárias obrigatórias, além da leitura textual.

Esse trabalho deve ser sistematizado constantemente em sala de aula. Partindo-se do todo (texto), procede-se à análise das palavras, das sílabas e das letras, e faz-se o trabalho com as unidades menores da língua, por meio de troca, supressão e acréscimo de letras e sílabas nas palavras trabalhadas. Ex.: **aula**; **Paula** (acrécimo); **Paulo** (troca); **ala** (supressão). O trabalho com a prosódia (som) também é importante nesse momento, pois faz com que o estudante perceba os variados sons que uma mesma letra pode ter (sal, asa) e as letras que podem ser usadas para representar um mesmo som (mesa, gazeta).

A reflexão acerca dos padrões silábicos e das possíveis relações entre letras e sons compõe atividade essencial de análise lingüística (reflexões sobre os elementos da língua utilizados no texto) no Ensino Fundamental. Portanto, os componentes da linguagem verbal escrita devem ser abordados por meio da análise lingüística, pois esta é uma

estratégia para sistematização dos elementos que integram os diversos textos que circulam socialmente.

8.7 Análise Lingüística

A análise lingüística é o processo pelo qual se sistematizam normas gramaticais dentro de um contexto de uso referenciado. Por meio dela, os usuários da língua se apropriam da organização lingüística, sem necessariamente decorar regras isoladas da linguagem verbal, pois o processo prevê uma situação prévia de uso significativo dos elementos lingüísticos do texto analisado.

Com base nessa análise do texto, a utilização da linguagem faz sentido para o aprendiz, visto que relega a segundo plano a nomenclatura gramatical e traz à tona o aspecto mais importante de um idioma: seu uso efetivo em situações reais de interação.

É preciso que os textos dos quais advenham os usos que se pretende analisar e sistematizar considerem situação e interlocutor, além de possuírem significado para os leitores em questão, porque somente nessas condições a organização normativa da linguagem verbal (gramática – morfologia – sintaxe) fará algum sentido para o aprendiz.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa sugerem o eixo USO-REFLEXÃO-USO como articulador da aquisição da língua, considerando a análise lingüística como a REFLEXÃO a respeito dos mecanismos da linguagem, que, advinda de uma situação de uso significativo, deve culminar em outra situação, reelaborada, também de uso significativo.

Todavia, é necessário tomar muito cuidado para que o texto não se torne um mero *pretexto* para a sistematização gramatical. É fundamental que os elementos analisados lingüisticamente para

posterior sistematização sejam relevantes para a compreensão do texto como veiculador de significados¹⁵.

Um exemplo clássico seria a utilização da letra da música “Construção”, de Chico Buarque, para a sistematização das proparoxítonas, o que reduziria a mensagem e tornaria todas as demais articulações textuais irrelevantes, desconsiderando a especificidade musical da produção. Antes, é preciso levar o estudante a reflexões sobre o que levou o autor do texto a utilizar uma ou outra forma de expressão lingüística. Deve-se ressaltar o papel significativo que é inerente ao texto.

Cada gênero, embora com variações de uso e estilo, possui especificidades recorrentes, que norteiam a utilização de alguns dos elementos textuais necessários para sua compreensão.

A respeito da nomenclatura gramatical, o professor deverá ser criterioso para selecionar o que é ou não relevante. Noções de número (plural, singular) e de gênero (masculino, feminino), bem como algumas categorias clássicas (verbo, substantivo, adjetivo) e suas respectivas concordâncias devem ser sistematizadas sempre que forem significativas no contexto do qual foram extraídas. Não há razão, todavia, para pretextualizar o uso desses elementos normatizando, por exemplo, os substantivos em comum, abstrato, epiceno, comum de dois gêneros e tantos outros que a gramática aponta, com base no uso de um deles no texto que se está analisando.

A análise lingüística deve compor todos os níveis de ensino da linguagem, sendo mais necessária no Ensino Fundamental, quando os estudantes estão se apropriando do uso da língua portuguesa e sistematizando a utilização dos elementos lingüísticos componentes do texto.

¹⁵ O significado inerente ao texto deve sempre ser priorizado em detrimento de eventuais normatizações gramaticais.

8.8 Área de Língua Portuguesa Ciclo I – Etapa Inicial, 1.ª e 2.ª etapas – (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Expressar sentimentos, opiniões e experiências pessoais em diversas situações comunicativas. ▪ Recontar fatos e histórias do cotidiano organizando suas idéias e seguindo uma seqüência lógica, ainda que com a mediação do professor. ▪ Utilizar argumentos coerentes em suas exposições orais em sala de aula. ▪ Ler textos (verbais e não-verbais) em diversos gêneros textuais, atribuindo-lhes significação, reconhecendo a intencionalidade e o processo de interlocução. ▪ Ler textos (verbais e não-verbais) de variados gêneros em voz alta, demonstrando capacidade de transposição fonografológica (relação fonema/grafema). ▪ Utilizar sistema gráfico da língua de forma adequada, reconhecendo sua organização alfabético-silábica e as possíveis relações fonema/grafema. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Idéia de representação. ▪ Escrita como sistema de representação. ▪ Alfabeto como conjunto de símbolos convencionais da escrita. ▪ Relação fonema/grafema. ▪ Direção da escrita. ▪ Espaçamento entre palavras. ▪ Unidade temática. ▪ Elementos de apresentação (título ou vocativo, data, autor). ▪ Unidade estrutural. ▪ Seqüência lógica. ▪ Paragrafação. ▪ Sinais de acentuação (grave, circunflexo, agudo). ▪ Sinais gráficos (til, trema, hífen, cedilha, apóstrofo). ▪ Elementos coesivos (pronomes, sinônimos). ▪ Argumentação. ▪ Ampliação vocabular. ▪ Concordância verbal (tempos presente, passado e futuro/número: singular e plural). ▪ Concordância nominal (número, gênero e grau). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Participa de situações que envolvam usos da linguagem oral no cotidiano escolar, respeitando as opiniões do outro e considerando os diferentes modos de falar. ▪ Relata experiências do cotidiano estabelecendo relação entre os fatos e seguindo sua seqüência cronológica ainda que com ajuda. ▪ Reconta histórias ouvidas e/ou lidas, evidenciando seus elementos relevantes. ▪ Expressa sentimentos e opiniões, procurando adequar-se ao interlocutor e à situação. ▪ Utiliza adequadamente os símbolos próprios da escrita, respeitando a convenção ortográfica, ainda que não o faça com precisão. ▪ Demonstra reconhecimento do processo de interlocução e da função social da linguagem. ▪ Lê em voz alta demonstrando, gradativamente, ritmo, fluência e entonação.

Área de Língua Portuguesa Ciclo I – Etapa Inicial, 1.ª e 2.ª etapas – (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos) conclusão

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Considerar o interlocutor¹⁶ e a situação¹⁷ em suas produções, respeitando as várias possibilidades estruturais dos gêneros trabalhados. ▪ Produzir textos (palavras, frases) coesos e coerentes, a partir dos conhecimentos de organização sintático¹⁸-morfológica¹⁹ da linguagem. ▪ Reconhecer a necessidade de acentuar e pontuar suas produções, percebendo a necessidade destes recursos e sua relação direta entre os recursos de acentuação e pontuação e a oralidade. ▪ Perceber a necessidade de melhorar seus textos por meio do aprimoramento da linguagem e do uso de elementos lingüísticos apropriados. ▪ Reconhecer que há diferentes formas de falar de acordo com a situação. ▪ Reconhecer a leitura fruição (prazer) do texto literário. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uso de letras maiúsculas e minúsculas. ▪ Sinais de pontuação (ponto-final, interrogação, exclamação). ▪ Legibilidade (traçado correto das letras). ▪ Segmentação das palavras. ▪ Discurso direto e indireto. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Faz uso de elementos coesivos (pronomes, sinônimos), com a maior adequação possível, mantendo clareza e coerência na veiculação escrita de suas idéias. ▪ Preocupa-se com os elementos de apresentação (título ou vocativo, autor, data, espaço para evidenciar parágrafos, margem) e legibilidade (traçado da letra) de seu texto. ▪ Utiliza os sinais de pontuação mais elementares (ponto-final, interrogação e exclamação). ▪ Faz uso dos mecanismos estruturais (organização do texto) caracterizadores dos gêneros trabalhados, ainda que com ajuda do professor. ▪ Reescreve seus textos adequando-os, da melhor maneira possível em aspectos de apresentação, legibilidade, concordância verbal e nominal, coesão e coerência, com auxílio do professor e colegas.

¹⁶ Reconhecer a diferença de linguagem num texto escrito para um colega e outro escrito para uma autoridade.

¹⁷ Diferenciar a linguagem de um convite para festa junina e a de outro para reunião de pais.

¹⁸ Organização das palavras no texto, com as devidas concordâncias.

¹⁹ Organização das estruturas internas das palavras (letras e sílabas) e suas variações de gênero e número.

Todos os conteúdos devem ser trabalhados em textos de diferentes gêneros, na perspectiva do eixo USO–REFLEXÃO–USO, abordando as três práticas do ensino de língua portuguesa – oralidade, leitura e escrita –, conforme algumas estratégias listadas no quadro a seguir.

Práticas no Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa		
Oralidade	Leitura	Escrita
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uso da oralidade, refletindo sobre a variedade lingüística em situações reais de sala de aula, tais como: relatórios orais de fatos ocorridos na escola ou não, hora do conto, cantinho da novidade, entre outras. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Identificação das idéias explícitas nos gêneros trabalhados, pois as diferentes maneiras de interagir com o texto são constituídas à medida que se lê e se reflete sobre sua estrutura e função. ▪ Leitura de textos para a compreensão das idéias principais e percepção da seqüência das idéias. ▪ A leitura deverá ser apontada, oral, individual, silenciosa, coletiva e jogralizada. ▪ Análise dos recursos lingüísticos utilizados nos textos, bem como do sistema alfabético. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Produção de textos com clareza e coerência, utilizando a convencionalidade do sistema alfabético. ▪ Introdução à análise das características formais dos gêneros trabalhados e dos recursos lingüísticos utilizados. ▪ A reescrita de textos é importante para que o estudante compreenda a organização do sistema convencional (alfabético-silábico) da escrita.

As três práticas de ensino-aprendizagem descritas acima devem estar pautadas no trabalho com os diferentes gêneros textuais, pois eles possibilitam a sistematização dos recursos lingüísticos (análise lingüística) e tornam claros os objetivos que se pretende atingir com a produção de determinado gênero. Para esse trabalho, sugere-se que alguns gêneros textuais sejam priorizados em cada ciclo.

continua

Objetivos e características de alguns gêneros		
Gêneros	Objetivos	Características
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Injuntivos (Instrução): receitas, instruções de jogos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dizer como fazer. ▪ Requerer uma ação. ▪ Levar à realização de uma ação. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compõe-se de duas partes específicas: <ol style="list-style-type: none"> 1. O que é necessário para executar determinada tarefa. 2. Como executar a tarefa: <ul style="list-style-type: none"> - Seqüência, em ordem, das ações; - objetividade e clareza nos itens; - utilização de desenhos no auxílio das ações; - emprego de verbos em tempos específicos: <ul style="list-style-type: none"> - imperativo afirmativo ou negativo (faça/não faça); - infinitivo impessoal (fazer).

Objetivos e características de alguns gêneros		
Gêneros	Objetivos	Características
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Literários: narrativas ficcionais ou não, fábulas, poemas, quadrinhas, parlendas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Contar fatos e/ou acontecimentos, reais ou não. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Garantir a ordem cronológica dos fatos (ordem dos acontecimentos). ▪ Enredo (desenvolvimento dos fatos/idéias). ▪ Participação do narrador (onisciente ou personagem). ▪ Cenário (onde ocorre a história). ▪ Personagens (principais, secundários, etc.).
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Informativos: reportagens. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fornecer informações sobre algum assunto, seja de cunho científico, técnico ou cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Concisão de idéias. ▪ Fidelidade aos fatos. ▪ Ausência de impressões pessoais.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Humorísticos: tiras, histórias em quadrinhos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Divertir, descontrair. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Quadrinhos apresentados em seqüência cronológica. ▪ Fala dos personagens apresentadas em balões. ▪ Escrita sucinta.

conclusão

Objetivos e características de alguns gêneros		
Gêneros	Objetivos	Características
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Utilização de recursos tais como: balões, traços para indicar movimento, expressões corporais e faciais, símbolos usuais, representação gráfica para indicar sons e ruídos, cores de fundo para o cenário, personagens desenhados sempre em movimento.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Epistolares: cartas, bilhetes, avisos, cartões, convites, correspondências eletrônicas, (<i>e-mails, chats, blogs</i>, entre outros). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Comunicar-se com alguém, podendo a linguagem ser formal ou informal. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Presença de vocativo (para quem se dirige). ▪ Presença de assinatura (quem é o autor). ▪ Data. ▪ Mensagem específica.

8.9 Área de Língua Portuguesa Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas – (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Utilizar a linguagem oral, começando a adequá-la às diferentes situações sociocomunicativas. ▪ Preocupar-se com a postura e o vocabulário, evitando a utilização de vícios de linguagem tanto na escrita quanto na oralidade. ▪ Recontar fatos e histórias do cotidiano, seguindo a seqüência lógica das idéias e dos fatos, procurando adequar a linguagem ao interlocutor. ▪ Defender seu ponto de vista com argumentos consistentes de acordo com as situações apresentadas. ▪ Ler textos (verbais e não-verbais) de diversos gêneros textuais, atribuindo-lhes significação, reconhecendo a intencionalidade e o processo de interlocução. ▪ Estabelecer relações do texto lido/ouvido com experiências vividas e/ou com outros textos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Unidade temática. ▪ Relação oralidade/escrita. ▪ Idéia de representação. ▪ Sinais de acentuação (agudo, grave e circunflexo). ▪ Sinais gráficos (til, cedilha, trema, hífen e apóstrofo). ▪ Sinais de pontuação (ponto-final, ponto-de-interrogação, exclamação, vírgula, dois-pontos, reticências). ▪ Unidade estrutural. ▪ Seqüência lógica. ▪ Elementos de apresentação (título, vocativo, autor, data). ▪ Elementos coesivos (pronomes, conjunções, advérbios, preposições, sinônimos). ▪ Argumentação. ▪ Expansão de idéias. ▪ Ampliação vocabular. ▪ Concordância verbal (tempos: presente, passado e futuro; número: singular e plural). ▪ Concordância nominal (gênero, número e grau). ▪ Uso adequado de maiúsculas e minúsculas. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreende que a linguagem oral a ser utilizada deverá estar de acordo com o interlocutor e a situação em que se encontra. ▪ Compreende a intencionalidade explícita do texto oral, especialmente do que é veiculado nos meios de comunicação. ▪ Identifica a intencionalidade do texto oral, respeitando a linguagem utilizada, mesmo não sendo a padrão. ▪ Defende seu ponto de vista com argumentos próprios, sendo flexível quando necessário. ▪ Identifica as diferentes funções da leitura (prazer, informação, estudo). ▪ Manifesta interesse em ler ou ouvir histórias para entretenimento e/ou informação própria ou do outro. ▪ Lê com autonomia textos verbais e não-verbais, fazendo inferências quando necessário. ▪ Lê com fluência, ritmo e entonação, respeitando as pausas pontuais e o tom de voz necessário para uma boa leitura.

Área de Língua Portuguesa Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas – (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler com autonomia diferentes gêneros textuais, identificando a idéia central neles contida. ▪ Utilizar o sistema gráfico da língua segundo a convenção, reconhecendo sua organização alfabético-silábica e as possíveis relações fonema/grafema. ▪ Considerar o interlocutor e a situação como elementos determinantes de atribuição de significado em suas produções, respeitando as várias possibilidades estruturais dos gêneros trabalhados. ▪ Produzir textos coesos e coerentes a partir de conhecimentos da organização sintático²⁰-morfológica²¹ da linguagem. ▪ Acentuar e pontuar suas produções textuais, reconhecendo a necessidade desses recursos e sua relação direta com a oralidade. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Legibilidade (traçado correto das letras). ▪ Discurso direto e indireto. ▪ Segmentação das palavras. ▪ Paragrafação. ▪ Ortografia. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Preocupa-se com a postura adequada durante a leitura ao público. ▪ Interessa-se em compartilhar idéias a respeito dos livros lidos. ▪ Percebe a intenção inerente ao texto, bem como o caráter interlocutório da linguagem e sua função social. ▪ Compreende e faz uso dos símbolos convencionais da escrita de forma adequada, respeitando as principais convenções ortográficas. ▪ Demonstra considerar o interlocutor, a intencionalidade e as características dos gêneros trabalhados nas suas produções. ▪ Utiliza-se de dicionário ou outras fontes para resolver dúvidas ortográficas. ▪ Preocupa-se com a legibilidade (traçado da letra) e apresentação (título, vocativo ou manchete, data, autor, espaço para evidenciar parágrafos, margem) em suas produções.

²⁰ Organização das palavras no texto com as devidas concordâncias.

²¹ Organização das estruturas internas das palavras (letras e sílabas) e suas variações de gênero e número.

Área de Língua Portuguesa Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas – (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perceber a necessidade de melhorar seus textos por meio do aprimoramento da linguagem e do uso de elementos lingüísticos apropriados. ▪ Reconhecer que existem diferentes modos de falar de acordo com a região e o contexto social dos interlocutores. ▪ Reconhecer a leitura fruição (prazer) do texto literário. 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Organiza e seqüencia suas idéias em parágrafos nas suas produções. ▪ Preocupa-se, ao redigir seu texto, em aproximar-se ao máximo da linguagem padrão. ▪ Faz uso dos elementos coesivos (pronomes, conjunções, advérbios, preposições, sinônimos) com a maior adequação possível, mantendo clareza e coerência na veiculação escrita de suas idéias. ▪ Utiliza os sinais de pontuação mais usuais (ponto-final, ponto-de-interrogação, ponto-de-exclamação, vírgula, dois-pontos, reticências) em maior similaridade possível com a norma padrão. ▪ Faz uso dos mecanismos estruturais (organização do texto) caracterizadores dos gêneros do discurso trabalhados, com determinada autonomia e segurança. ▪ Reescreve seus textos dando-lhes maior adequação possível, nos aspectos de apresentação, morfologia, sintaxe, coesão e coerência, com auxílio do professor e colegas.

Todos os conteúdos devem ser trabalhados em textos de diversos gêneros, na perspectiva do eixo USO–REFLEXÃO–USO, abordando as três práticas do ensino de língua portuguesa – oralidade, leitura e escrita – conforme algumas estratégias listadas no quadro a seguir.

Práticas no Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa		
Oralidade	Leitura	Escrita
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Práticas reais da oralidade, refletindo sobre a compreensão da variedade lingüística em situações de sala de aula, tais como: relatórios orais de narrativas ouvidas, exposição oral de trabalhos escolares (feira de Ciências, jornal falado, entre outros). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Identificação das idéias implícitas e explícitas nos gêneros trabalhados, pois as diferentes maneiras de interagir com o texto são constituídas à medida que lemos e refletimos sobre sua estrutura e função. ▪ Leitura de textos para compreensão das idéias principais, secundárias e da seqüência das idéias. ▪ A leitura deverá ser apontada, oral, individual, silenciosa, coletiva e jogralizada. ▪ Análise dos recursos lingüísticos utilizados no texto. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Produção de textos com clareza e coerência, procurando adequar a linguagem ao gênero textual (características); uso de recursos lingüísticos necessários para entendimento do texto, segundo seu interlocutor. ▪ A reescrita é essencial para analisar a linguagem utilizada, os recursos lingüísticos necessários para o texto e a adequação da estrutura textual, conforme o gênero utilizado.

As três práticas de ensino-aprendizagem acima descritas devem estar pautadas no trabalho com os diferentes gêneros textuais, pois eles possibilitam a sistematização dos recursos lingüísticos (análise lingüística) e tornam claros os objetivos que se pretende atingir com a produção de determinado gênero. Para esse trabalho, sugere-se que alguns gêneros textuais sejam priorizados em cada ciclo.

continua

Objetivos e características de alguns gêneros		
Gêneros	Objetivos	Características
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Injuntivos (Instrução): receitas, instruções de jogos, montagem de brinquedos (pipa, pião, etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dizer como fazer. ▪ Requerer uma ação. Levar à realização de uma ação. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compõe-se de duas partes específicas: <ol style="list-style-type: none"> 1. O que é necessário para se executar determinada tarefa. 2. Como executar a tarefa: <ul style="list-style-type: none"> - Seqüência das ações; - objetividade e clareza nos itens; - utilização de desenhos no auxílio das ações; - emprego de verbos em tempos específicos: <ul style="list-style-type: none"> - imperativo afirmativo ou negativo (Ex.:pegue/não pegue); - infinitivo impessoal (Ex.:pegar).

Objetivos e características de alguns gêneros		
Gêneros	Objetivos	Características
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Literários: narrativas ficcionais, fábulas, lendas, poemas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Contar fatos e/ou acontecimentos, reais ou não. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Garantia da ordem cronológica dos fatos (ordem dos acontecimentos). ▪ Enredo (desenvolvimento dos fatos/idéias). ▪ Participação do narrador (onisciente ou personagem); ▪ Cenário (onde ocorre a história). ▪ Personagens (principais, secundários, etc.).
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Informativos: notícias. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fornecer informações sobre algum assunto, seja de cunho científico ou cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Concisão de idéias. ▪ Fidelidade aos fatos. ▪ Ausência de impressões pessoais.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Publicitários: propagandas, classificados. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Divulgar informações e mensagens com objetivo de influenciar e/ou convencer o leitor a adquirir algum produto, adotar certas atitudes, aceitar idéias. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Linguagem apelativa. ▪ Utilização de outros recursos além da escrita. ▪ Diagramação específica. ▪ Argumentos procedentes. ▪ Originalidade.

Objetivos e características de alguns gêneros		
Gêneros	Objetivos	Características
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Humorísticos: tiras, histórias em quadrinhos, piadas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Divertir, descontrair. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Quadrinhos apresentados em seqüência cronológica. ▪ Fala dos personagens apresentada em balões. ▪ Escrita sucinta. ▪ Utilização de recursos tais como: balões, traços para indicar movimento, expressões corporais e faciais, símbolos usuais, representação gráfica para indicar sons e ruídos, cores de fundo para o cenário, personagens desenhados sempre em movimento.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Epistolares: cartas, bilhetes, avisos, cartões, convites, correspondências eletrônicas (<i>e-mails, chats, blogs</i>, entre outros). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Comunicar-se com alguém, podendo a linguagem ser formal ou informal. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Presença de vocativo (para quem se dirige). ▪ Presença de assinatura (quem é o autor). ▪ Data. ▪ Mensagem específica.

8.10 Área de Língua Portuguesa Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Recontar fatos e histórias com seqüência lógica, adequando a linguagem ao interlocutor. ▪ Utilizar a linguagem oral procurando adequá-la às situações de comunicação e ao interlocutor. ▪ Planejar o discurso para defender seu ponto de vista com argumentos coerentes. ▪ Ler com entonação, ritmo e fluência textos dos diversos gêneros discursivos, compreendendo sua idéia global. ▪ Identificar, nos textos lidos e ouvidos, as idéias do autor e sua intenção ao produzi-los. ▪ Produzir textos escritos com clareza, coesão e objetividade, utilizando estrutura adequada aos gêneros textuais. ▪ Considerar o interlocutor em suas produções escritas, utilizando a linguagem e o gênero textual adequados. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Unidade temática. ▪ Unidade estrutural. ▪ Elementos coesivos. ▪ Paragrafação. ▪ Expansão de idéias. ▪ Maiúsculas e minúsculas. ▪ Seqüência lógica. ▪ Ampliação vocabular. ▪ Argumentação. ▪ Concordância verbal. ▪ Concordância nominal. ▪ Concordância pronominal. ▪ Regência verbal. ▪ Regência nominal. ▪ Ortografia. ▪ Sinais de acentuação. ▪ Sinais de pontuação. ▪ Sinais gráficos. ▪ Segmentação das palavras. ▪ Legibilidade. ▪ Discurso direto e indireto. ▪ Apresentação do texto. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Expressa suas idéias com clareza e objetividade, adequando sua fala ao interlocutor. ▪ Utiliza argumentos coerentes para convencer o interlocutor nas discussões e debates promovidos em sala de aula. ▪ Lê com fluência, ritmo e entonação, identificando a idéia global do texto. ▪ Faz tentativas para compreender o significado das palavras desconhecidas no texto, de acordo com o contexto ou com ajuda do dicionário. ▪ Produz textos de vários gêneros discursivos, considerando o interlocutor, a linguagem a ser utilizada e as estruturas textuais de cada gênero produzido. ▪ Utiliza, de forma adequada, a pontuação (vírgula, dois-pontos, ponto-de-interrogação, ponto-final, ponto-de-exclamação) em suas produções escritas, considerando a especificidade de cada gênero.

Área de Língua Portuguesa Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhecer e utilizar-se das variantes da língua, de acordo com as situações apresentadas. ▪ Reconhecer a leitura fruição (prazer) do texto literário, realizando inferências. 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Faz uso dos elementos coesivos (pronomes, conjunções, advérbios e preposições) em suas produções escritas, evitando repetições desnecessárias. ▪ Utiliza, em suas produções, de forma adequada, os tempos verbais do modo indicativo. ▪ Procura respeitar a convenção ortográfica das palavras recorrendo à consulta ao dicionário ou à pesquisa oral. ▪ Segmenta adequadamente as palavras em suas produções escritas. ▪ Utiliza adequadamente as letras maiúsculas em suas produções. ▪ Faz uso dos recursos lingüísticos para expansão de idéias, mesmo que ainda necessite do auxílio do professor, tanto em suas produções orais quanto escritas. ▪ Preocupa-se com a legibilidade em suas produções escritas, fazendo o traçado correto das letras. ▪ Reescreve seu próprio texto fazendo as adequações necessárias, com auxílio do professor e dos colegas.

Todos os conteúdos devem ser trabalhados em textos de diversos gêneros, na perspectiva do eixo USO–REFLEXÃO–USO, abordando as três práticas do ensino de língua portuguesa – oralidade, leitura e escrita – conforme algumas estratégias listadas no quadro a seguir.

Práticas no Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa		
Oralidade	Leitura	Escrita
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Atividades de reflexão que levem à compreensão da variedade lingüística e ao reconhecimento das modalidades padrão e coloquial, em situações de uso real em sala de aula, tais como: debates, relatórios orais de narrativas ouvidas, exposição oral de trabalhos escolares (feira de Ciências, seminários, júri simulado, jornal falado, entre outras). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Identificação das idéias implícitas, subentendidas e explícitas nos gêneros textuais trabalhados. ▪ Leitura de textos para a análise e compreensão das idéias principais e secundárias, da seqüência das idéias, da organização estrutural e da temática. A leitura deverá ser oral, individual, silenciosa, coletiva e jogralizada. ▪ Análise dos recursos lingüísticos utilizados nos textos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Produção de textos com clareza, coerência e respeito ao grau de formalidade da linguagem para determinada situação, de acordo com o interlocutor. ▪ Observação às características dos gêneros, ao grau de formalidade e às unidades estruturais da linguagem. ▪ Reescrita de textos para melhor adequação da linguagem, bem como de seus elementos estruturais.

As três práticas de ensino-aprendizagem devem estar pautadas no trabalho com os diversos gêneros textuais. Embora esses gêneros não apresentem características fixas que os uniformizem em uma ou outra denominação (injuntivo, narrativo, etc.), alguns aspectos lingüísticos, temáticos ou estruturais são recorrentes a cada gênero.

Esses aspectos, bem como as especificidades que cada unidade textual apresenta, possibilitam a sistematização dos recursos lingüísticos (análise lingüística) e deixam claro que objetivos se pretende atingir ao produzir determinado gênero.

continua

Gêneros	Objetivos	Características
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Injuntivos (Instrução): receitas, instruções de jogos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dizer como fazer. ▪ Requerer uma ação. ▪ Levar à realização de uma ação. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compõe-se de duas partes específicas: <ol style="list-style-type: none"> 1. O que é necessário para se executar determinada tarefa. 2. Como executar a tarefa: <ul style="list-style-type: none"> - Seqüência, em ordem, das ações; - objetividade e clareza nos itens; - utilização de desenhos no auxílio das ações; - emprego de verbos em tempos específicos: <ul style="list-style-type: none"> - imperativo, (afirmativo ou negativo); - infinitivo impessoal.

continua

Gêneros	Objetivos	Características
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Literários: narrativas ficcionais, contos, fábulas, lendas, poemas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Contar fatos e/ou acontecimentos, reais ou ficcionais. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Garantir a ordem cronológica dos fatos (ordem dos acontecimentos). ▪ Enredo (desenvolvimento dos fatos/idéias). ▪ Participação do narrador (onisciente ou personagem). ▪ Cenário (onde ocorre a história). ▪ Personagens (principais, secundários, etc.).
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Informativos: notícias, reportagens, entrevistas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fornecer informações sobre algum assunto, seja de cunho científico, técnico ou cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Concisão de idéias. ▪ Fidelidade aos fatos. ▪ Ausência de impressões pessoais.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Humorísticos: tiras, histórias em quadrinhos, piadas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Veicular idéias por meio de recursos gráficos (verbais e não-verbais). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Quadrinhos apresentados em seqüência cronológica. ▪ Fala dos personagens apresentada em balões. ▪ Escrita sucinta. ▪ Utilização de recursos, tais como: balões, traços para indicar movimento, expressões corporais e faciais, símbolos usuais, representação gráfica para indicar sons e ruídos, cores de fundo para o cenário, personagens desenhados sempre em movimento.

conclusão

Gêneros	Objetivos	Características
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Epistolares: cartas, bilhetes, avisos, cartões, convites, correspondências eletrônicas (<i>e-mails, chats, blogs</i>, entre outros). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estabelecer comunicação com alguém, utilizando a linguagem formal ou informal. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Presença de vocativo (para quem se dirige). ▪ Presença de assinatura (quem é o autor). ▪ Data. ▪ Mensagem específica.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Argumentativos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Persuadir um público mais específico. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Opinião a respeito de assunto polêmico. ▪ Concisão de idéias. ▪ Defesa do ponto de vista.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Publicitários: propagandas, <i>folders, outdoors</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Divulgar informações e mensagens com o objetivo de influenciar e/ou convencer o leitor a adquirir algum produto, adotar certas atitudes ou aceitar idéias. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Linguagem apelativa. ▪ Utilização de outros recursos além da escrita. ▪ Diagramação específica. ▪ Argumentos procedentes. ▪ Originalidade.

8.11 Área de Língua Portuguesa Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Recontar fatos e histórias com seqüência lógica, adequando a linguagem ao interlocutor. ▪ Utilizar adequadamente a linguagem persuasiva nas diferentes situações de comunicação, considerando o interlocutor. ▪ Planejar o discurso para defender seu ponto de vista, apresentando argumentos consistentes e coerentes em situações diversas. ▪ Ler textos de diferentes gêneros discursivos com entonação, ritmo e fluência, compreendendo sua idéia global. ▪ Identificar a opinião e a idéia principal nas produções orais e escritas de seu(s) interlocutor(es) – colegas e professores. ▪ Produzir textos de vários gêneros discursivos com clareza, coerência e objetividade, adequando a linguagem ao interlocutor. ▪ Reconhecer e utilizar-se das variantes da língua, de acordo com as situações apresentadas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Unidade temática. ▪ Unidade estrutural. ▪ Elementos coesivos. ▪ Paragrafação. ▪ Seqüência lógica. ▪ Expansão de idéias. ▪ Maiúsculas e minúsculas. ▪ Ampliação vocabular. ▪ Argumentação. ▪ Concordância verbal. ▪ Concordância nominal. ▪ Regência verbal. ▪ Regência nominal. ▪ Concordância pronominal. ▪ Ortografia. ▪ Sinais de acentuação. ▪ Sinais de pontuação. ▪ Sinais gráficos. ▪ Segmentação de palavras. ▪ Legibilidade. ▪ Discurso direto e indireto. ▪ Apresentação do texto. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Utiliza argumentos coerentes para convencer o interlocutor nas situações sociocomunicativas promovidas em sala de aula, adequando a linguagem à situação. ▪ Expressa suas idéias com clareza e objetividade, adequando sua fala ao interlocutor. ▪ Demonstra, por meio de argumentos e opiniões, que reconhece as intenções dos diferentes interlocutores nas diversas situações. ▪ Identifica, no texto, os argumentos utilizados pelo autor para defender seu ponto de vista. ▪ Contextualiza as palavras desconhecidas no texto para a compreensão de seu significado. ▪ Produz textos utilizando o discurso direto e indireto de forma adequada. ▪ Utiliza, adequadamente, a letra maiúscula (início de frases, títulos de obras, abreviaturas, substantivos próprios).

Área de Língua Portuguesa Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhecer a leitura fruição (prazer) do texto literário, realizando inferências a partir de leituras prévias e experiências vividas. 		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Produz, de forma adequada, textos de vários gêneros discursivos, levando em consideração o interlocutor, a linguagem e as estruturas textuais a serem utilizadas. ▪ Identifica os gêneros discursivos de acordo com suas características. ▪ Compreende a função da linguagem utilizada em cada texto oral e escrito. ▪ Utiliza adequadamente a pontuação (aspas, travessão, dois-pontos, vírgula, ponto-de-interrogação, ponto-final, ponto-de-exclamação) nas suas variadas funções. ▪ Utiliza argumentos adequados para tentar convencer o leitor em suas produções de opinião. ▪ Utiliza as várias possibilidades de flexão e concordância nas suas produções escritas. ▪ Reconhece verbos irregulares (haver, ser, etc.) e os utiliza de forma adequada em suas produções escritas. ▪ Utiliza em suas produções escritas a concordância pronominal.

Área de Língua Portuguesa Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
		<ul style="list-style-type: none">▪ Respeita as convenções ortográficas da escrita, recorrendo à consulta ao dicionário quando necessária.▪ Faz a segmentação das palavras de forma adequada.▪ Faz uso dos elementos coesivos adequados em suas produções escritas, evitando repetições desnecessárias.▪ Reescreve seu próprio texto, fazendo as adequações necessárias, de acordo com o gênero textual, a linguagem e o interlocutor, com auxílio do professor e colegas.

Todos os conteúdos devem ser trabalhados em textos de diversos gêneros, na perspectiva do eixo USO–REFLEXÃO–USO, abordando as três práticas do ensino de língua portuguesa – oralidade, leitura e escrita – conforme algumas estratégias listadas no quadro a seguir.

Práticas no Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa		
Oralidade	Leitura	Escrita
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Atividades de reflexão que levem à compreensão da variedade lingüística e ao uso da modalidade padrão, o que permite o acesso à cultura letrada. ▪ Situações de uso real da linguagem oral em sala de aula, tais como: debates, relatórios orais de narrativas ouvidas, exposição oral de trabalhos escolares (feira de Ciências, seminários, júri simulado, jornal falado, dramatizações, entre outras). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Identificação das idéias implícitas, subentendidas e explícitas dos gêneros trabalhados, compreendendo que as diferentes maneiras de interagir com o texto são construídas à medida que lemos refletindo sobre sua estrutura e função. ▪ Leitura de textos para a análise e compreensão das idéias principais e secundárias, da seqüência das idéias, da organização estrutural e temática. A leitura deverá ser oral, individual, silenciosa, coletiva e jogralizada. ▪ Análise e reflexão dos recursos lingüísticos utilizados nos textos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Produção de textos com clareza, coerência e objetividade, respeitando o grau de formalidade da linguagem para determinada situação, de acordo com o interlocutor. ▪ Observação às características dos gêneros, à formalidade e às unidades estruturais da linguagem. ▪ Reescrita de textos para melhor adequação da linguagem padrão, bem como dos elementos estruturais do texto e recursos a serem utilizados.

As três práticas de ensino-aprendizagem devem estar pautadas no trabalho com os diversos gêneros textuais. Embora esses gêneros não apresentem características fixas que os uniformizem em uma ou outra denominação (injuntivo, narrativo, etc.), alguns aspectos lingüísticos, temáticos ou estruturais são recorrentes a cada gênero.

Esses aspectos, bem como as especificidades que cada unidade textual apresenta, possibilitam a sistematização dos recursos lingüísticos (análise lingüística) e deixam claro que objetivos se pretende atingir ao produzir determinado gênero.

continua

Gêneros	Objetivos	Características
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Injuntivos (Instrução): receitas, instruções de jogos, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dizer como fazer. ▪ Requerer uma ação. ▪ Levar à realização de uma ação. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compõe-se de duas partes específicas: <ol style="list-style-type: none"> 1. O que é necessário para se executar determinada tarefa. 2. Como executar a tarefa: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Seqüência das ações; ▪ objetividade e clareza dos itens; ▪ utilização de desenhos no auxílio das ações; ▪ emprego de verbos em tempos específicos: <ul style="list-style-type: none"> - imperativo afirmativo ou negativo; - infinitivo impessoal.

continua

Gêneros	Objetivos	Características
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Literários: narrativas ficcionais, contos, fábulas, lendas, poemas, peças teatrais, crônicas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Contar fatos e/ou acontecimentos, reais ou não. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Garantir a ordem cronológica dos fatos (ordem dos acontecimentos). ▪ Participação do narrador (onisciente ou personagem). ▪ Cenário (onde ocorre a história). ▪ Personagens (principais, secundários, etc.).
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Informativos: notícias, reportagens, entrevistas, biografias, resenhas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fornecer informações sobre algum assunto, seja de cunho científico, técnico ou cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Concisão de idéias. ▪ Fidelidade aos fatos. ▪ Ausência de impressões pessoais.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Publicitários: propagandas, <i>folders</i>, <i>outdoors</i>, cartazes, classificados. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Divulgar informações e mensagens com o objetivo de influenciar e/ou convencer o leitor a adquirir algum produto, adotar certas atitudes ou aceitar idéias. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Linguagem apelativa. ▪ Utilização de outros recursos além da escrita. ▪ Diagramação específica. ▪ Argumentos procedentes. ▪ Originalidade.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Humorísticos: tiras, histórias em quadrinhos, piadas, charges. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Veicular idéias por meio de recursos gráficos (verbais ou não-verbais). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Quadrinhos apresentados em seqüência cronológica. ▪ Fala dos personagens apresentada em balões. ▪ Escrita sucinta.

conclusão

Gêneros	Objetivos	Características
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Utilização de recursos, tais como: balões, traços para indicar movimentos, expressões corporais e faciais, símbolos usuais, representação gráfica para indicar sons e ruídos, cores de fundo para o cenário, personagens desenhados sempre em movimento.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Epistolares: cartas, bilhetes, avisos, cartões, convites, correspondências eletrônicas (<i>e-mails, chats, blogs</i>, entre outros). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Comunicar-se com alguém, podendo a linguagem ser formal ou informal. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Presença de vocativo (para quem se dirige). ▪ Presença de assinatura (quem é o autor). ▪ Data. ▪ Mensagem específica.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dissertativos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentar e discutir fatos, dados e ponto de vista acerca de questões propostas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Opinião a respeito de assunto polêmico. ▪ Concisão de idéias. ▪ Defesa do ponto de vista. ▪ Presença de elementos que comprovem a tese defendida.

9 MATEMÁTICA

9.1 Fundamentos teórico-metodológicos para a área de Matemática

A realidade social, cada vez mais dinâmica e complexa, exige o desenvolvimento da autonomia intelectual de todos os cidadãos. Buscando desenvolver essa autonomia na compreensão e interpretação do mundo, a Educação Matemática tem por objeto de estudo “a compreensão, interpretação e descrição de fenômenos referentes ao ensino e à aprendizagem da matemática...” (PAIS, 2002, p. 10).

Esse ensino e essa aprendizagem da Matemática se evidenciam por seus aspectos intrínsecos (relativos à obtenção de pré-requisitos, como técnicas e conhecimentos necessários à continuidade do estudo dentro da própria Matemática); utilitários (na vida cotidiana e profissional); e formativos (representações feitas pelo indivíduo, relacionadas com o seu desenvolvimento intelectual) (RODRIGUES, 1993), aspectos que se complementam na formação de cidadãos letrados.

Letrar-se matematicamente significa aprender a utilizar com compreensão as diferentes linguagens²² matemáticas²³, estabelecendo relações significativas entre elas e mobilizando conhecimentos na solução de problemas relacionados ao mundo do trabalho, da ciência, da vida cotidiana e escolar.

São linguagens matemáticas a:

- Aritmética (estuda os números e as operações numéricas);

²² Linguagens, segundo COSTA (1992, p. 68), são “... conjuntos de símbolos cujo emprego é regido por meio de normas adequadas.”

²³ “A linguagem matemática desenvolveu-se para facilitar a comunicação do conhecimento matemático entre as pessoas” (ZUCHI, 2004, p. 51).

- Algébrica (generaliza a aritmética, introduzindo variáveis que representam os números);
- Geométrica (estuda o espaço e as figuras geométricas);
- Probabilística (estuda as hipóteses de ocorrência de acontecimentos – o previsível, o determinado e o que é impossível, possibilitando a descrição, a previsão, a contagem e a representação);
- Gráfica (é a representação de dados numéricos, por meio de gráficos, diagramas e tabelas);
- Lógica (é a ciência do raciocínio e da demonstração, que “...trata das formas de argumentação, das maneiras de encadear nosso raciocínio para justificar, a partir de fatos básicos, nossas conclusões” (MACHADO, 1994, p. 29)).

Essas linguagens matemáticas possibilitam fazer análises qualitativas²⁴ e/ou quantitativas²⁵. E é nessas análises que a Matemática possui um papel relevante de investigação, interpretação e compreensão dos aspectos histórico, filosófico, social e cultural, articulando-se com todas as áreas do conhecimento, incluindo as questões socioambientais. Nesse sentido, a aprendizagem em Matemática está relacionada à compreensão, ao estabelecimento de relações, ao aprender e produzir significados.

A construção do conhecimento lógico-matemático ocorre em situações que permitam ao aluno “...desenvolver ações, físicas ou mentais, e refletir sobre essas ações, descobrindo as propriedades lógico-matemáticas subjacentes à situação” (SCHLIEMANN et al., 1995, p. 115), as quais devem ser trabalhadas, inicialmente, por meio de materiais manipulativos. No entanto, não é a simples utilização do material que garantirá a abstração para a construção dos conceitos,

²⁴ Que representam qualidade ou característica dos dados, exemplo: sexo, nível de escolaridade, preferências, opinião, entre outros.

²⁵ Que indicam quantidades referentes aos dados e que podem ser expressas por números, exemplo: idade, estatura, salário mínimo, entre outros.

mas a reflexão por parte do estudante sobre as situações com as quais se depara. Em termos pedagógicos, a aprendizagem será tão ou mais eficaz quanto mais autênticas forem as situações propostas.

Nesse processo, erros, dúvidas, impasses, lacunas de entendimento serão tão freqüentes quanto as descobertas, os acertos e o encontro de novas soluções. Levando-se em consideração a relação de ensino-aprendizagem, segundo PINTO (2000), deve-se destacar a necessidade de um olhar multidimensional (psicogenético, pedagógico, cognitivo, epistemológico, didático e sociológico) relativo ao erro do estudante. O erro deve ser considerado como parte do processo de construção do conhecimento e como possibilitador de reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem, e o professor, ao observá-lo, poderá fazer intervenções que levem o estudante à reconstrução de determinados conhecimentos. Portanto, não basta que o erro seja apontado. Ele deve ser investigado, discutido e tratado como uma verificação das hipóteses construídas pelos estudantes.

Assim sendo, o foco do ensino da Matemática fundamenta-se na Investigação Matemática, a qual pressupõe uma atitude de autonomia, pois instiga o estudante a levantar hipóteses, analisar, relacionar as observações feitas com a representação matemática adequada, argumentar, verificar e interpretar resultados comunicando²⁶ suas idéias com segurança. Dessa forma “O aluno é chamado a agir como um matemático, não só na formulação de questões e conjecturas e na realização de provas e refutações, mas também na apresentação de resultados e na discussão e argumentação com os seus colegas e o professor” (PONTE et al., 2003, p. 23). Assim sendo, a ênfase deve ser dada às estratégias de pensamento do estudante.

Para tanto, parte-se do pressuposto de que é por meio da Investigação Matemática realizada em diferentes contextos – científicos, sociais, econômicos, ambientais, entre outros –, que

²⁶ A comunicação na matemática se refere à capacidade de expressão do estudante, seja de forma oral, escrita ou por representação, utilizando a linguagem matemática específica.

algumas das metodologias de ensino devem ser abordadas. Essas metodologias podem ser tratadas de forma a permear todo o trabalho com a Matemática, uma vez que utilizamos a Resolução de Problemas dentro da Modelagem Matemática; a abordagem Etnomatemática permeando as relações estabelecidas entre os conteúdos e os conhecimentos prévios dos estudantes, sejam eles crianças ou adultos; e a História da Matemática para justificar a construção dos conceitos matemáticos e a evolução tecnológica. Incorporando-se diferentes metodologias, possibilita-se maior democratização do saber que vem sendo produzido historicamente. Entretanto, cada metodologia tem suas especificidades. São elas:

Resolução de problemas: possibilita que o estudante seja instigado a pensar sobre situações desafiadoras, desconhecidas e principalmente significativas, levantando hipóteses e elaborando estratégias de resolução, por meio de um processo de investigação, valendo-se de suas experiências e conhecimentos. Na resolução de problemas a ênfase deve se dar sobre os procedimentos utilizados pelos estudantes, visando à construção dos conceitos matemáticos e não ao resultado final. O que implica em um domínio da linguagem matemática, que dá aos estudantes condições de argumentar e justificar os procedimentos utilizados.

É importante observar que existem diferentes tipos de problemas que, muitas vezes, não são desafiadores ou já possuem em seus enunciados indicações sobre a forma de resolução. No entanto, também auxiliam no desenvolvimento do pensamento e das linguagens matemáticas.

De acordo com BUTTS (1997), é possível classificar os problemas em cinco categorias:

- exercícios de reconhecimento: são aqueles que exigem somente que o estudante relembre ou reconheça fatos ou definições (o triângulo que possui um ângulo reto é chamado de...);

- exercícios algorítmicos: são aqueles que podem ser resolvidos por meio de um procedimento passo a passo (Resolva: $\frac{1}{4} + 6 - 15 =$);
- problemas de aplicação: são aqueles que requerem mudança na linguagem escrita para a linguagem matemática adequada, para que se possa resolvê-los utilizando os algoritmos apropriados (Qual o valor da prestação de um televisor de R\$ 569,00 que foi parcelado em 5 vezes?);
- problemas de pesquisa aberta: não contêm no enunciado pistas para a resolução (Quantos triângulos diferentes podem ser desenhados tendo os dois maiores lados de comprimento 5 cm e 7 cm?);
- situações-problema: são aquelas em que, primeiramente, é necessário identificar o problema presente na situação, cuja solução irá possibilitar a manipulação da situação original (Construa a planta da casa em que você gostaria de morar.).

Essas categorias devem ser contempladas sempre que possível, de forma a atingir os objetivos propostos, sejam eles: a construção de conceitos, a tradução dos enunciados para a linguagem matemática e o domínio da técnica operatória.

Modelagem Matemática: consiste na análise de situações reais e significativas, a partir das quais são formuladas questões problematizadoras que possibilitam aos alunos fazer uma abordagem sob vários enfoques. Ao aplicar seus conhecimentos e experiências na busca de soluções, serão formulados modelos matemáticos²⁷. Posteriormente, avalia-se o resultado encontrado, segundo esse modelo, para validá-lo ou não. Incide na aplicação da Matemática formal em situações cotidianas que exijam criatividade, intuição e instrumental matemático.

²⁷ “Chamaremos simplesmente de Modelo Matemático um conjunto de símbolos e relações matemáticas que representam de alguma forma o objeto estudado” (BASSANEZI, 2002, p. 20).

Como exemplo de Modelagem Matemática, é possível propor a montagem de uma horta na escola. Antes é preciso verificar se os estudantes sabem o que é preciso para montar uma horta; qual o tamanho e formato ideais; se o tipo de solo é apropriado. Em seguida, os estudantes farão um esboço da planta da horta, a partir do qual serão feitos questionamentos e introduzidos os conceitos matemáticos. Após essa etapa, pode-se propor a elaboração de uma nova planta contendo todas as especificações necessárias à montagem da horta. Essa nova elaboração é o modelo segundo o qual a horta deverá ser montada.

Etnomatemática: etimologicamente, significa: “...arte ou técnica (techné = tica) de explicar, de entender, de se desempenhar na realidade (matema), dentro de um contexto cultural próprio (etno)” (D’AMBROSIO, 2002, p. 10). Visa explicar os processos de geração do conhecimento nos diferentes grupos culturais, partindo das relações sociais e dos significados produzidos dentro de uma determinada prática social. De acordo com D’AMBROSIO (apud: GIARDINETTO, 1999, p. 60), “A Etnomatemática lança mão dos diversos meios de que as culturas se utilizam para encontrar explicações para a sua realidade e vencer as dificuldades que surjam no seu dia-a-dia. Em todas as culturas, porém, nessa busca de entendimento, acaba-se tendo necessidade de quantificar, comparar, classificar, medir, o que faz surgir a Matemática, *espontaneamente*.”

A Etnomatemática valoriza as raízes históricas e culturais de forma a contextualizar a Matemática presente na cultura e no meio social dos estudantes, ou seja, a Matemática pertencente aos grupos étnicos presentes numa mesma sala de aula. Assim sendo, “...não existe um modelo a ser seguido em Etnomatemática, pois os alunos e professores são distintos e cada professor se vale de suas experiências e reflexões para orientar suas práticas pedagógicas” (DOMINGUES, 2003, p. 40).

Cabe ao professor conhecer a cultura da comunidade escolar na qual está inserido, com o objetivo de compreender as necessidades de seus estudantes para estabelecer relações significativas, levando-os “...a comparar e fazer analogias com o que já é conhecido em sua cultura e grupo social” (DOMINGUES, 2003, p. 38).

Pode-se citar, como exemplo, as técnicas algorítmicas (como a divisão) que, muitas vezes, diferem em suas origens culturais e nacionais.

História da Matemática: parte do pressuposto de que a construção dos conceitos matemáticos deve se dar a partir do estudo da construção histórica da evolução do conhecimento matemático. Dessa forma, a utilização da História da Matemática como metodologia não se resume na simples citação de dados, datas, nomes ou então na simples narração de alguns fatos. É imprescindível uma articulação entre os acontecimentos históricos de diferentes momentos e das diferentes culturas com o desenvolvimento da Matemática, percebendo-se que é resultado das necessidades humanas. Isso nos possibilita entender que, muitas vezes, as mesmas dificuldades que encontramos até a formalização de um conceito também ocorreram historicamente. Como exemplo, pode-se propor que os estudantes calculem as medidas da sala de aula com pedaços de corda medindo um metro, verificando o que deve ser feito quando necessitarem de medidas menores. A partir disso, devem investigar e comparar os acontecimentos, problemas e soluções que foram encontrados historicamente, construindo conceitos.

Jogos Matemáticos: visam tornar as aulas de Matemática mais atrativas, despertando no estudante o interesse por situações que exijam: cálculo mental, raciocínio lógico, respeito às regras, levantamento de hipóteses e autonomia. Em situações de jogo, é possível abordar diversos conceitos matemáticos.

Como metodologia de ensino da Matemática, o trabalho com jogos deve ser sistematizado por meio de um planejamento que

contemple objetivos, conteúdos e critérios de avaliação. Nesse sentido, eles não devem ser trabalhados esporadicamente, sem relação com os conteúdos abordados, como forma de premiação ou apenas como um momento lúdico.

Por meio de situações de jogos, o professor tem a possibilidade de verificar como os alunos estão abordando as questões matemáticas que surgem, podendo nesse momento intervir de forma a proporcionar algumas reflexões sobre o modo como os alunos estão formulando suas idéias e estratégias de resolução.

Tecnologias: constituem importantes ferramentas que o ser humano vem desenvolvendo no decorrer da história e que têm possibilitado, entre outras coisas, desde o registro dos primeiros códigos até a invenção do computador.

Dessa forma, não podem estar desvinculadas do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que permitem ao estudante participar de maneira ativa e crítica, desenvolvendo a criatividade e estendendo suas capacidades de pensamento e ação. A principal característica das tecnologias está no que se pode fazer com elas: representar graficamente, processar e transformar dados, agilizar cálculos, investigar modelos matemáticos, simular conjecturas, visualizar conceitos e aprofundar conteúdos, além de desencadearem nos estudantes novas formas de ler, escrever e se comunicar.

É necessário lembrar que as calculadoras e os computadores apenas executam procedimentos como cálculos e representações e “Liberados da execução de cálculos tediosos, os alunos, apoiados numa ação pedagógica apropriada, podem dedicar seus esforços para a busca de diferentes soluções, concentrando-se nos raciocínios que o problema exige, trocando idéias, discutindo e verificando outras possíveis soluções” (NOGUEIRA ; ANDRADE, 2004, p. 28).

Todas essas metodologias, que ampliam o número de estratégias, contribuem para o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando um desenvolvimento intelectual mais significativo e permitindo aos

estudantes a construção do conhecimento matemático, o que favorecerá a sua inter-relação com o mundo que os cerca.

Na perspectiva de inter-relação, o trabalho com os objetivos deve se dar em rede, havendo uma constante retomada e aprofundamento dos conteúdos. Assim, para cada objetivo, foram relacionados alguns conteúdos que o tratam mais especificamente. Entretanto, é a relação entre todos os conteúdos presentes nos objetivos que auxilia no desenvolvimento dos conceitos matemáticos e na formação de cidadãos mais críticos.

9.2 Área de Matemática Ciclo I – Etapa Inicial, 1.ª e 2.ª etapas – (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Construir o significado dos números naturais (classe das unidades simples: unidade, dezena e centena) em situações de contagem, medidas e códigos numéricos, em diferentes contextos, compreendendo os princípios de organização do Sistema de Numeração Decimal.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Seqüências. ▪ Ordenação. ▪ Classificação. ▪ Seriação. ▪ Conservação. ▪ Comparação. ▪ Agrupamentos (diferentes bases, menores que 10). ▪ Composição e decomposição. ▪ Antecessor e sucessor. ▪ Valor posicional. ▪ Pares e ímpares. ▪ Proporcionalidade (relação multiplicativa entre duas grandezas, dois números ou duas medidas, por exemplo, ao comprarmos pães, o preço varia de acordo com a quantidade comprada). ▪ História dos números (contagem, diferentes sistemas de numeração). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhece os símbolos numéricos, estabelecendo relação com a quantidade. ▪ Compreende o valor posicional dos números (classe das unidades simples: unidade, dezena e centena). ▪ Realiza composição e decomposição de números. ▪ Organiza agrupamentos para facilitar a contagem. ▪ Percebe a regularidade numérica presente em determinadas situações (exemplo: nos números ímpares $\rightarrow 1, 3, 5, 7, \dots$). ▪ Percebe a importância da história dos números, compreendendo a construção das diferentes bases numéricas e suas propriedades internas, que compõem os sistemas de numeração. ▪ Utiliza raciocínio de proporcionalidade numérica para resolver as situações-problema. ▪ Encontra soluções adequadas para uma situação-problema.

Área de Matemática Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas – (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Resolve situações-problema, utilizando com compreensão a linguagem matemática.
<p>2. Utilizar-se da linguagem oral e da linguagem escrita para comunicar-se e produzir escritas matemáticas, na resolução de situações-problema de diferentes contextos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Linguagens matemáticas. ▪ Estimativa. ▪ Cálculo mental. ▪ Adição. ▪ Subtração (idéia aditiva, subtrativa e comparativa). ▪ Multiplicação (como adição de parcelas iguais e proporção). ▪ Divisão (como idéia subtrativa e repartitiva). ▪ Combinatória (possibilitar ao estudante lidar com situações-problema que envolvam diferentes tipos de agrupamentos). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhece e utiliza a linguagem matemática como forma de representação e comunicação. ▪ Utiliza a estimativa e o cálculo mental como estratégias de resolução de problemas e analisa a coerência dos resultados. ▪ Realiza cálculos aditivos e subtrativos corretamente. ▪ Utiliza as operações para resolver situações-problema. ▪ Utiliza o princípio multiplicativo da contagem (contagens de 2 em 2, 3 em 3, ...). ▪ Estabelece relações entre as operações, reconhecendo que estas podem solucionar diferentes problemas. ▪ Utiliza o raciocínio proporcional na realização de cálculos.

Área de Matemática Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas – (1.^o, 2.^o e 3.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>3. Ler, construir e interpretar tabelas e gráficos como forma de comunicar e representar informações quantitativas e qualitativas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estatística: tabelas, pictogramas²⁸, gráficos de barras e colunas. ▪ Probabilidade. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Utiliza formas pessoais de registro para comunicar informações. ▪ Utiliza com compreensão a linguagem matemática, estabelecendo relações entre situações e quantidades. ▪ Representa diferentes situações por meio da linguagem gráfica. ▪ Lê, interpreta e constrói gráficos simples. ▪ Identifica resultados possíveis em uma situação aleatória, tais como: previsão de tempo, situações de jogos, entre outros.
<p>4. Construir o significado dos sistemas de medidas e representar grandezas, utilizando medidas arbitrárias e convencionais, estimando e probabilizando resultados.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Medida de tempo: hora e meia hora, dia, semana, mês, ano. ▪ Medida de valor monetário: reais e centavos na composição das demais quantidades (2 reais, 5 reais, 10 reais, 20 reais, 50 reais, 100 reais). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Utiliza medidas arbitrárias para realizar medições. ▪ Reconhece e utiliza as unidades padrão de medida para representar quantidades.

²⁸ Maneira de apresentar os resultados de um levantamento de dados, por meio de símbolos” (SMOOTHEY, 1998, p. 61)

	<ul style="list-style-type: none"> Medida de massa: quilograma e grama. 	<ul style="list-style-type: none"> Estabelece relações entre as unidades de medidas.
--	--	---

Área de Matemática Ciclo I – Etapa Inicial, 1.^a e 2.^a etapas – (1.º, 2.º e 3.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
	<ul style="list-style-type: none"> Medida de capacidade: litro e partes do litro (Para compor 1 litro, são necessários quantos copos de 200 ml ou 500 ml?). Comprimento: km, m, cm. 	<ul style="list-style-type: none"> Estima resultados em situações-problema. Faz relação entre grandezas: quantidade x preço, quantidade x tamanho, entre outras. Realiza cálculos proporcionais na relação entre as grandezas.
5. Orientar-se e deslocar-se no espaço, interpretando, comunicando e representando a localização e a movimentação de pessoas e objetos, a partir de pontos de referência.	<ul style="list-style-type: none"> Noções topológicas: envolvem relações num mesmo objeto ou entre um objeto e outros elementos do espaço (aberto/fechado, interior/exterior, longe/perto, separado/unido, contínuo/descontínuo, alto/baixo, vizinhança, fronteira). Noções de lateralidade: direita e esquerda. Representação do espaço (malhas quadriculadas, mapas, maquetes e outras). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> Utiliza a linguagem matemática para se comunicar, descrever e orientar-se no espaço. Interpreta e comunica a localização em malhas quadriculadas, mapas e em outras formas de representação. Representa proporcionalmente (em malhas, mapas e maquetes) espaços e objetos.

Área de Matemática Ciclo I – Etapa Inicial, 1ª e 2ª etapas – (1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Objetivo	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>6. Identificar formas tridimensionais e bidimensionais em diferentes contextos, percebendo semelhanças e diferenças entre os objetos do espaço e do plano fazendo descrições orais, construções e representações.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Formas tridimensionais: esfera, cone, cubo, paralelepípedo, pirâmide e outras. ▪ Formas bidimensionais: quadrado, retângulo, círculo, triângulo e outras. ▪ Planificação. ▪ Ampliação e redução. ▪ Simetria. ▪ Noções projetivas: envolvem relações entre a figura e o sujeito, estuda a transformação que sofrem os objetos ao serem representados. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Identifica e representa figuras geométricas estabelecendo relações com objetos do espaço e do plano. ▪ Percebe relações simétricas nos objetos do espaço e do plano. ▪ Representa proporcionalmente objetos do espaço (em malhas, maquetes e outros). ▪ Realiza a planificação de formas como a do cubo e a do paralelepípedo, percebendo que suas faces e bases formam figuras bidimensionais conhecidas.

9.3 Área de Matemática Ciclo II – 1.ª e 2.ª etapas – (4.º e 5.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Compreender os princípios de organização do Sistema de Numeração Decimal (classe dos milhões) e valer-se deste para registrar, elaborar e resolver situações-problema em diferentes contextos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Agrupamentos (diferentes bases). ▪ Valor posicional. ▪ Composição e decomposição. ▪ História dos números (princípio da contagem, diferentes sistemas de numeração). ▪ Proporcionalidade (relação multiplicativa entre duas grandezas, dois números ou duas medidas, por exemplo, ao contarmos a quantidade de rodas que há em um estacionamento de carros, a quantidade de rodas aumenta conforme o número de carros). ▪ Números decimais. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Encontra soluções adequadas para uma situação-problema. ▪ Utiliza com compreensão e corretamente a linguagem matemática (aritmética, algébrica, geométrica, probabilística, gráfica, estatística, lógica) na resolução de situações-problema; ▪ Reconhece o valor posicional dos números. ▪ Realiza composição e decomposição de números. ▪ Percebe a importância dos fatos históricos da matemática, como estratégia para uma maior compreensão da evolução dos conceitos. ▪ Utiliza a regularidade numérica presente em determinadas situações na resolução de situações-problema. ▪ Estabelece relações entre as operações e as utiliza corretamente para resolver as situações-problema propostas. ▪ Representa e comunica com argumentação informações quantitativas.

Área de Matemática Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas – (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>2. Utilizar-se da linguagem oral e da linguagem escrita para comunicar-se e produzir escritas matemáticas, na resolução de situações-problema de diferentes contextos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Linguagens matemáticas. ▪ Operações. ▪ Estimativa. ▪ Cálculo mental. ▪ Proporcionalidade. ▪ Combinatória. ▪ Probabilidade. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Elabora estratégias pessoais de registro para solucionar problemas. ▪ Reconhece e utiliza a linguagem matemática como forma de representação e comunicação. ▪ Utiliza a estimativa e o cálculo mental como estratégias de resolução de problemas e analisa a coerência dos resultados. ▪ Justifica com argumentação os procedimentos e cálculos utilizados na resolução de problemas. ▪ Estabelece relações entre as operações de tal forma a reconhecer que elas podem solucionar diferentes problemas. ▪ Identifica possíveis maneiras de combinar elementos de uma coleção e de contabilizá-los, usando estratégias pessoais. ▪ Utiliza o raciocínio proporcional na realização de cálculos. ▪ Utiliza a idéia de probabilidade em situações-problema simples, identificando resultados possíveis ou impossíveis.

Área de Matemática Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas – (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>3. Analisar, coletar e representar informações que são apresentadas em linguagem gráfica, percebendo a intencionalidade com que elas foram representadas e a frequência de acontecimentos previsíveis ou aleatórios, por meio de recursos estatísticos e probabilísticos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estatística: tabelas, gráfico de barras, colunas, setores, linhas e outros. ▪ Probabilidade. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Lê, interpreta e constrói gráficos. ▪ Analisa dados e informações apresentados em linguagem gráfica. ▪ Utiliza a linguagem gráfica para representar informações quantitativas e qualitativas. ▪ Identifica resultados possíveis em uma situação aleatória, faz inferências e prevê possíveis resultados.
<p>4. Fazer uso dos sistemas de medidas, comparando e estabelecendo relações entre as grandezas, assim como fazendo estimativas e probabilizando resultados.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Medida de tempo: hora, minutos, segundos. ▪ Medida de valor monetário: reais e centavos na composição das demais quantidades. ▪ Medida de massa: quilograma e grama. ▪ Medida de capacidade: litro, ml (Para compor 1 litro são necessários quantos copos de 200 ml ou 500 ml?). ▪ Comprimento: km, m, cm, mm, cálculo do perímetro. ▪ Medida de superfície: km², m², cálculo da área. Medida de volume: m³, cm³, cálculo do volume. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Utiliza medidas arbitrárias para realizar medições. ▪ Reconhece e utiliza as unidades padrão de medida para representar grandezas. ▪ Relaciona os múltiplos e submúltiplos das unidades de medidas mais utilizadas. ▪ Faz conversão e estabelece relações entre as unidades de medida (como, por exemplo, a transformação do metro cúbico para o litro, presentes nas contas de água).

Área de Matemática Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas – (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)
continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Realiza cálculos proporcionais na relação entre as grandezas: quantidade x preço, quantidade x tamanho, entre outras. ▪ Estima e probabiliza resultados de grandezas em situações-problema.
<p>5. Ampliar o Sistema de Numeração Decimal dos números naturais para os racionais, reconhecendo as relações entre as operações e suas diferentes representações.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Representação fracionária. ▪ Frações de unidade e de quantidade. ▪ Equivalência de frações. ▪ Representação decimal. ▪ Operações com números decimais. ▪ Porcentagem. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhece as relações entre as diferentes representações de um número e faz uso dessas representações (fracionárias, decimais e percentuais). ▪ Estabelece relações entre as operações e as utiliza corretamente para resolver as situações-problema propostas. ▪ Utiliza a equivalência de frações, com compreensão, na resolução de situações-problema. ▪ Estabelece relações entre o todo e suas partes e utiliza as operações para quantificá-las. ▪ Reconhece e faz uso do conceito de porcentagem, calculando-a em situações-problema.

Área de Matemática Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas – (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos)
continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Utiliza o raciocínio proporcional na realização de cálculos.
<p>6. Orientar-se no espaço, interpretando e representando a localização e a movimentação de pessoas e objetos, a partir de pontos de referência, utilizando corretamente a linguagem matemática.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Noções topológicas: envolvem relações num mesmo objeto ou entre um objeto e outros elementos do espaço (aberto/fechado, interior/exterior, longe/perto, separado/unido, contínuo/descontínuo, alto/baixo, vizinhança, fronteira). ▪ Lateralidade: direita e esquerda. ▪ Representação do espaço (mapas, malhas quadriculadas, maquetes e qualquer outro tipo de representação). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Utiliza a linguagem matemática para representar (em mapas, malhas, maquetes ou qualquer outro tipo de representação), comunicar, descrever (itinerários, posição e movimentação de pessoas e objetos) e orientar-se no espaço. ▪ Representa utilizando a proporção, espaços e objetos.
<p>7. Identificar características das figuras geométricas por meio de descrições orais, construções e representações, percebendo semelhanças e diferenças entre os objetos do espaço e do plano.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Formas tridimensionais: poliedros e corpos redondos. ▪ Formas bidimensionais: polígonos e círculos. ▪ Noções projetivas: envolvem relações entre a figura e o sujeito, mantendo determinados elementos invariantes (noções de direita, esquerda, em cima, embaixo, na frente, atrás, etc.) numa projeção. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Identifica e faz uso das relações simétricas nas figuras geométricas. ▪ Representa proporcionalmente (no plano ou em maquetes) objetos do espaço. ▪ Realiza planificações, percebendo as relações entre as formas tridimensionais e bidimensionais.

Área de Matemática Ciclo II – 1.^a e 2.^a etapas – (4.^o e 5.^o anos do Ensino Fundamental de nove anos) conclusão

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Noções euclidianas: investigam o que ocorre com as figuras geométricas quando estas sofrem deslocamentos, mantendo suas características (forma, dimensão). ▪ Planificação. ▪ Ampliação e redução. ▪ Simetrias. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Identifica as características e representa figuras geométricas, estabelecendo relações com objetos do espaço e do plano. ▪ Realiza composições de figuras geométricas utilizando formas tridimensionais e bidimensionais. ▪ Percebe e utiliza as noções projetivas e euclidianas em representações.

9.4 Área de Matemática Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Construir e ampliar conceitos envolvendo números naturais, inteiros e racionais, na resolução de situações-problema envolvidas em diversos contextos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ História dos números (diferentes sistemas de numeração). ▪ Sistema de numeração decimal. ▪ Propriedades dos números: naturais, inteiros e racionais. ▪ Operações com números: naturais, inteiros e racionais. ▪ Potenciação de números: naturais, inteiros e racionais. ▪ Radiciação de números: naturais, inteiros e racionais. ▪ Conceitos de múltiplos e divisores, números primos e suas técnicas de resolução. ▪ Razão e proporção. ▪ Regra de três. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhece a importância de problemas que originalmente motivaram o desenvolvimento da matemática, como estratégia para uma maior compreensão da evolução de seus conceitos. ▪ Compreende, utiliza e opera com o Sistema de Numeração Decimal na leitura, escrita e representação de situações-problema, identificando seus símbolos e propriedades. ▪ Utiliza e opera com compreensão e corretamente a linguagem matemática (aritmética, algébrica, geométrica, probabilística, gráfica, estatística, lógica), na resolução de situações-problema. ▪ Representa e comunica com argumentação informações quantitativas. ▪ Compreende e realiza cálculos envolvendo múltiplos, divisores e números primos, bem como potências com expoentes naturais.

Área de Matemática Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estabelece relação entre as diferentes formas de representação de um número e faz uso dessas representações (fracionárias, decimais e percentuais). ▪ Compreende e realiza cálculos envolvendo raiz quadrada e faz relação com as potências quadradas. ▪ Identifica, representa e resolve situações por meio das propriedades da proporção e da razão, compreendendo seus conceitos.
<p>2. Reconhecer regularidades presentes nas linguagens matemáticas, estabelecendo relações e as representando algebricamente.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Seqüências numéricas. ▪ Expressões numéricas. ▪ Noções de variáveis. ▪ Equações de 1.º grau. ▪ Sistema de coordenadas cartesianas. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Utiliza e opera de acordo com as propriedades da linguagem algébrica, percebendo a existência de regularidades. ▪ Identifica e utiliza a linguagem algébrica relacionando-a às demais linguagens matemáticas, por meio da elaboração e resolução de expressões numéricas e equações de 1.º grau. ▪ Compreende a noção de variável expressa pela equação.

Área de Matemática Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>3. Analisar qualitativa e quantitativamente dados relativos a uma determinada situação utilizando linguagens matemáticas para coletar, operar e representar informações.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estatística (tabelas e gráficos). ▪ Probabilidade (na compreensão dos acontecimentos de natureza aleatória e na previsão de resultados possíveis em um evento). ▪ Combinatória (na verificação das possíveis combinações entre elementos em situações de agrupamento). ▪ Porcentagem. ▪ Média aritmética e ponderada. ▪ Noções de matemática financeira. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Interpreta, faz estimativas, representa e comunica informações utilizando a linguagem matemática. ▪ Pesquisa, organiza e interpreta informações, fazendo uso dos raciocínios: probabilístico, estatístico e combinatório, por meio de tabelas, gráficos e demais representações, posicionando-se sobre a intencionalidade com que foram apresentados. ▪ Lê, interpreta e constrói gráficos, representando informações quantitativas e qualitativas. ▪ Identifica, representa e opera na resolução de situações, utilizando a razão na forma percentual, fracionária e decimal, estabelecendo relações entre elas. ▪ Reconhece e utiliza os conceitos de média para estabelecer um parâmetro da frequência dos acontecimentos. ▪ Identifica e aplica conceitos relativos à matemática financeira em situações do cotidiano.

Área de Matemática Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>4. Estabelecer relações, identificando as propriedades nas diferentes representações geométricas (espacial e plana) na resolução de situações-problema que estimulem o desenvolvimento do pensamento geométrico.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Poliedros e corpos redondos. ▪ Círculos e polígonos. ▪ Planificação das figuras espaciais. ▪ Ampliação, redução, composição e decomposição de figuras planas. ▪ Simetrias: rotacional, central, axial ou reflexiva, de translação. ▪ Reta, semi-reta, segmento de reta e plano. ▪ Ângulo (conceituação, construção, classificação e operações com ângulos). ▪ Paralelismo e perpendicularismo. ▪ Círculo e circunferência (centro, raio, corda, diâmetro). ▪ Plano cartesiano. ▪ Razão entre dois segmentos. ▪ Segmentos proporcionais. ▪ Noção de semelhança. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Estabelece relações na análise das figuras geométricas tridimensionais e bidimensionais, identificando e aplicando suas propriedades. ▪ Identifica relações simétricas nas figuras geométricas, utilizando os procedimentos de transformações dessas figuras na resolução de situações-problema. ▪ Utiliza as noções de direção, sentido, ângulo, paralelismo e perpendicularismo para a representação e construção de figuras planas e espaciais. ▪ Localiza e representa o deslocamento de pontos, posição e a translação de figuras, no sistema de coordenadas planas, utilizando as noções de direção e sentido. ▪ Identifica e calcula a razão e a proporção entre dois segmentos, percebendo a relação entre eles.

Área de Matemática Ciclo III – (6.º e 7.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>5. Compreender, utilizar e operar nos sistemas de medidas, estabelecendo relações entre as diferentes grandezas presentes em diversos contextos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sistemas de medidas: comprimento, superfície, massa, capacidade, volume, valor monetário, tempo, temperatura. ▪ Operações e conversões nos diversos sistemas de medidas e entre eles. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreende e opera nos diferentes sistemas de medidas, lendo, interpretando e representando grandezas, por meio da resolução de situações-problema. ▪ Relaciona significativamente e converte unidades de medida nos diferentes sistemas e entre eles. ▪ Resolve situações que envolvam o raciocínio proporcional, fazendo relações: quantidade x preço, quantidade x volume, entre outras. ▪ Estima e probabiliza resultados de grandezas em situações-problema.

9.5 Área de Matemática Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>1. Construir e ampliar conceitos envolvendo números naturais, inteiros, racionais, irracionais e reais, na resolução de situações-problema, em diversos contextos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ História dos números (diferentes sistemas de numeração). ▪ Sistema de numeração decimal. ▪ Propriedades dos números: naturais, inteiros, racionais, irracionais e reais. ▪ Operações com números: naturais, inteiros, racionais, irracionais e reais. ▪ Potenciação de números: naturais, inteiros, racionais, irracionais e reais. ▪ Radiciação de números: naturais, inteiros, racionais e reais. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhece a importância de problemas que originalmente motivaram o desenvolvimento da matemática, como estratégia para uma maior compreensão da evolução de seus conceitos. ▪ Compreende, utiliza e opera com o Sistema de Numeração Decimal na leitura, escrita e representação de situações-problema, identificando seus símbolos e propriedades. ▪ Utiliza e opera com compreensão e corretamente a linguagem matemática (aritmética, algébrica, geométrica, probabilística, gráfica, estatística, lógica) na resolução de situações-problema. ▪ Representa e comunica com argumentação informações quantitativas. ▪ Compreende e realiza cálculos envolvendo múltiplos, divisores e números primos, bem como potências com expoentes racionais.

Área de Matemática Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivo	Conteúdos	Critérios de Avaliação
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estabelece relação entre as diferentes formas de representação de um número real e faz uso dessas representações (fracionárias, decimais, percentuais, entre outras). ▪ Compreende e realiza cálculos envolvendo a radiciação de números reais.
<p>2. Reconhecer e utilizar a linguagem algébrica como forma de generalização e estruturação das demais linguagens matemáticas, percebendo regularidades e estabelecendo relações.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Seqüências numéricas. ▪ Expressões numéricas. ▪ Fatoração. ▪ Expressões algébricas (polinômios, produtos notáveis). ▪ Equações (1.º e 2.º graus). ▪ Inequações. ▪ Sistemas de equações (1.º e 2.º graus). ▪ Sistema de coordenadas cartesianas. ▪ Funções (1.º e 2.º graus, gráfico de uma função). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Utiliza e opera de acordo com as propriedades da linguagem algébrica, percebendo a existência de regularidades e a dependência entre as variáveis. ▪ Identifica e utiliza a linguagem algébrica, relacionando-a às demais linguagens matemáticas, por meio da elaboração e resolução de expressões numéricas, algébricas, equações e sistemas (1.º e 2.º graus). ▪ Interpreta e resolve geometricamente situações algébricas. ▪ Analisa, resolve e representa gráfica ou algebricamente uma função, percebendo algumas de suas aplicações.

Área de Matemática Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>3. Analisar qualitativa e quantitativamente dados relativos a uma determinada situação utilizando linguagens matemáticas para coletar, operar e representar informações.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estatística (tabelas e gráficos). ▪ Probabilidade (na compreensão dos acontecimentos de natureza aleatória e na previsão de resultados possíveis em um evento). ▪ Combinatória (na verificação das possíveis combinações entre elementos em situações de agrupamento). ▪ Porcentagem. ▪ Média aritmética e ponderada. ▪ Matemática financeira (juro simples, lucro, prejuízo, acréscimo, decréscimo, capital). 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Interpreta, faz estimativas, representa e comunica informações utilizando a linguagem matemática. ▪ Pesquisa, organiza e interpreta informações fazendo uso dos raciocínios: probabilístico, estatístico e combinatório, por meio de tabelas, gráficos e das demais representações, posicionando-se sobre a intencionalidade com que foram apresentados. ▪ Lê, interpreta e constrói gráficos, representando informações quantitativas e qualitativas. ▪ Generaliza regularidades, representa e desenvolve novas formas de compreender e interpretar informações. ▪ Reconhece e utiliza os conceitos de média para estabelecer um parâmetro da frequência dos acontecimentos. ▪ Compreende e utiliza termos, como: frequência, amostra, entre outros. ▪ Identifica e aplica conceitos relativos à matemática financeira em situações do cotidiano.

Área de Matemática Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>4. Reconhecer e utilizar as propriedades geométricas de figuras planas na resolução de situações-problema que estimulem o desenvolvimento do pensamento geométrico.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Círculos (área de regiões circulares). ▪ Polígonos (ângulos, diagonais, perímetro, áreas). ▪ Simetrias: rotacional, central, axial ou reflexiva, de translação. ▪ Retas (coplanares, reversas). ▪ Ângulo (correspondentes, alternos, colaterais e outras relações). ▪ Paralelismo e perpendicularismo. ▪ Relações métricas na circunferência (ângulo, arco, comprimento, número PI, polígonos inscritos). ▪ Plano cartesiano. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Identifica e aplica as propriedades relativas às figuras geométricas bidimensionais, na resolução de situações-problema. ▪ Utiliza relações simétricas presentes nas figuras geométricas, elaborando procedimentos de transformação dessas figuras. ▪ Interpreta e representa figuras planas utilizando as noções de direção, sentido, ângulo, paralelismo e perpendicularismo. ▪ Localiza e representa o deslocamento de pontos, posição e a translação de figuras, no sistema de coordenadas planas, utilizando as noções de direção e sentido. ▪ Classifica e opera em situações geométricas, utilizando corretamente as propriedades e nomenclatura.

Área de Matemática Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

continua

Objetivos	Conteúdos	CrITÉrios de AvaliaÇão
<p>5. Compreender, utilizar e operar nos sistemas de medidas, estabelecendo relações entre as diferentes grandezas, presentes em diferentes contextos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sistemas de medidas: comprimento, superfície, massa, capacidade, volume, valor monetário, tempo, temperatura, velocidade, ângulo, entre outras grandezas. ▪ Operações e conversões nos diversos sistemas de medidas e entre eles. ▪ Arredondamentos e aproximações de valores numéricos. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreende e opera nos diferentes sistemas de medidas, lendo, interpretando e representando grandezas, por meio da resolução de situações-problema. ▪ Relaciona significativamente e converte unidades de medidas nos diferentes sistemas e entre eles. ▪ Resolve situações que envolvam o raciocínio proporcional, fazendo relações: quantidade x preço, quantidade x volume, entre outras. ▪ Estima e probabiliza resultados de grandezas em situações-problema. ▪ Estabelece relações entre as unidades de medidas, comparando com estimativas prévias, visando à compreensão do significado das aproximações, através dos algarismos significativos.

Área de Matemática Ciclo IV – (8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental de nove anos)

conclusão

Objetivo	Conteúdos	Critérios de Avaliação
<p>6. Reconhecer e utilizar as relações métricas e trigonométricas nos triângulos, compreendendo a dedução dos teoremas que as envolvem, aplicadas em situações que estimulem o desenvolvimento do pensamento trigonométrico.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Teorema de Tales (aplicações nos triângulos). ▪ Teorema de Pitágoras. ▪ Relações métricas no triângulo retângulo. ▪ Relações trigonométricas nos triângulos. ▪ Semelhança de triângulos. ▪ Congruência de triângulos. 	<p>Verificar se o estudante:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhece e utiliza o Teorema de Tales, identificando a semelhança de triângulos na resolução de situações-problema. ▪ Compreende e aplica o Teorema de Pitágoras, bem como as relações métricas no triângulo retângulo nas situações propostas. ▪ Compreende as relações trigonométricas nos triângulos (seno, cosseno e tangente) e opera aplicando suas propriedades. ▪ Reconhece e utiliza os casos de congruência de triângulos na resolução de situações-problema.

REFERÊNCIAS

ENSINO FUNDAMENTAL

BRASIL. **Ensino fundamental de nove anos: orientações gerais.** Brasília: MEC, 2004.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

COLL, C., et al. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conhecimentos, procedimentos e atitudes.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

MORO, M. L. **Semana de estudos pedagógicos.** Desenvolvimento e aprendizagem. Disponível em: <<http://www.aprendercuritiba.org.br/ensinofundamental>> Acesso em 10 set. 2005.

PERRET-CLEMONT, A. N. **La construction de l'intelligence des l'interaction sociale.** Madri: Aprendizaje Visor, 1984.

POZO, J. (Org.) **A solução de problemas: aprender a resolver, resolver para aprender.** Tradução: Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

RIBEIRO, D. **Nossa escola é uma calamidade.** Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

SANTOS, J. G. **O compromisso social da escola organizada em ciclos: por uma verdadeira aprendizagem.** Curitiba, 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná.

SARABIA, B. A aprendizagem e o ensino das atitudes. In: COLL, C., et al. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conhecimentos, procedimentos e atitudes.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

CIÊNCIAS NATURAIS

ALVES, N. (Org.). **Criar currículo no cotidiano**. Série cultura, memória e currículo, v.1. São Paulo: Cortez, 2002.

AXT, R. O papel da experimentação no ensino de Ciências. In: MOREIRA, M. A; AXT, R. **Tópicos em Ensino de Ciências**. Porto Alegre: Sagra, 1991.

BIZZO, Nelio. **Ciências: fácil ou difícil?** 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.º 4.024/61.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Ciências Naturais. Brasília, 1997.

CAMPOS, M. C. da C.; NIGRO, R. G. **Didática de ciências: o ensino-aprendizagem como investigação**. São Paulo: FTD, 1999.

CHASSOT, Á. **A ciência através dos tempos**. São Paulo: Moderna, 1997.

CURITIBA. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo Básico: compromisso permanente para melhoria da qualidade do ensino na escola pública**. Curitiba, 1998.

KRASILCHIK, M. **O professor e o currículo das ciências**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

LEMKE, J. L. **Aprender e hablar ciência: lenguaje, aprendizaje y valores**. Barcelona: Paidós, 1997.

MACEDO, E. (Org.). **Currículo de ciências em debate**. São Paulo: Papyrus, 2004. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

NARDI, R. (Org.). **Questões atuais no ensino de ciências**. Educação para a ciência. São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, D. L. (org.). **Ciências nas salas de aula**. 2. ed. Porto Alegre: Meditação, 1998.



OLIVEIRA, R. J. **A escola e o ensino de ciências**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

POZO, J. I.; CRESPO, G. M. A. **Aprender y enseñar ciencia: del conocimiento cotidiano al conocimiento científico**. Madrid, ESP: Morata, 1998.

SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2000.

EDUCAÇÃO FÍSICA

BRACHT, V. A. Constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. In: UNICAMP. **Corpo e educação**. Campinas, SP: Unicamp, ano XIX, n. 48, ago. 1999. Cadernos Cedes.

BREGOLATO, R. A. **Cultura corporal da ginástica**. São Paulo: Ícone, 2002. v.2 (Coleção Educação Física Escolar: no princípio de totalidade e na concepção histórico-crítica-social).

_____. **Cultura corporal do jogo**. São Paulo: Ícone, 2005. v. 4 (Coleção Educação Física Escolar: no princípio de totalidade e na concepção histórico-crítica-social).

CURITIBA, Secretaria Municipal da Educação. **Diretrizes Curriculares**: em discussão. 2000-2004.

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. Subsídios para implementação de programas direcionados à promoção da saúde através da educação física escolar. **Revista APEF**, Londrina v. 8, n.15. p. 3-11, 1993.

HEINE, V. A capoeira e a escola: criando relações. **Revista Discutindo Educação Física**, São Paulo, ano 1, n.1, 2005.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. Londrina, Midiograf, 2001.

SILVA S. A. P. S. Educação Física escolar: relação com outros componentes curriculares. **Revista Motriz**, São Paulo, v. 2, n. 2, dez. 1996.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TEUBER, S. P. et al. **Aprendendo a Educação Física da pré-escola até a 8.ª série do 1.º grau**. São Paulo: Bolsa Nacional do Livro, 1996.

REFERÊNCIAS DE APOIO - EDUCAÇÃO FÍSICA

AMARAL, J. D. **Jogos cooperativos**. São Paulo: Phorte, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília, 1997.

BREGOLATO, R. A. **Cultura Corporal da Dança**. São Paulo: Ícone, 2000. V.1 (Coleção Educação Física Escolar: No princípio de totalidade e na concepção histórico-crítica-social).

_____. **Cultura corporal do esporte**. São Paulo: Ícone, 2003. V.3 (Coleção Educação Física Escolar: No princípio de totalidade e na concepção histórico-crítica-social).

BROTTO, F. O. **O jogo e o esporte como um exercício de convivência**. São Paulo: Cooperação, 1996.

_____. **Jogos cooperativos**: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. São Paulo: Re-Novada – Projeto Cooperação, 1997.

_____. **Manual de jogos cooperativos**. São Paulo: Projeto Cooperação, 2003.

FILHO, C.K. Educação Física: por uma prática fundamentada. In: IV SEMANA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Anais**. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu, 1996.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da Educação Física. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e Ação no Magistério).

HERMIDA, J. F. O lugar da Educação Física na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: trajetória, limites e perspectivas. **Revista Paranaense de Educação Física**, v. 1, n. 1. maio, 2000.

RIZZI & HAYDT. **Atividades lúdicas na Educação Física**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Educação).

RODRIGUES, M. **Manual teórico prático de Educação Física Infantil**. São Paulo: Ícone, 1997.



SOLER, R. **Jogos cooperativos**. Sprint Magazine, Rio de Janeiro, n. 125, mar./abr. 2003.

_____. **Jogos cooperativos e auto-estima**. Sprint Magazine, Rio de Janeiro, maio/jun. 2003.

TANI, G. et al. **Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: Ática, 1988.

ENSINO DA ARTE

BARBOSA, A. M. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BOURDIEU, P. A. Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte**. Brasília, 1997.

BUORO, A. B. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.

CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo Básico: compromisso permanente do ensino na escola pública: Educação Artística: uma questão de compromisso**. 1995.

FORQUIN, J. C. A. Educação artística: para quê? In: PORCHER, L. (Org.). **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982.

FABIANO, L. H. Indústria cultural e educação estética. In: ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; OLIVEIRA, N. R. de (Org.). **A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

KOSÍK, K. **Dialética do concreto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, M. C. F. D. **Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos**. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PAREYSON, L. **Os problemas da estética**. 3. ed. Tradução: Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Original italiano.

PINTO, A. V. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SWANWICK, K. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

SOUZA, J. (Org.). **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

GEOGRAFIA

ALMEIDA, R. D. de. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1989.

HANNOUN, H. **El niño conquista el medio: las actividades exploratorias en la escuela primaria**. Buenos Aires: Kapelusz, 1977.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

PULASKI, M. A. S. **Compreendendo Piaget: uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

RUA, J. et al. **Para ensinar Geografia**. Rio de Janeiro: Access, 1993.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico internacional**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SCHÄFFER, N. O. et al. **Ensinar e aprender Geografia**. Porto Alegre: AGB, 1998.



ENSINO RELIGIOSO

BARROS, M. **O sonho de paz: a unidade nas diferenças: ecumenismo religioso e o diálogo entre os povos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

BIRCK, B. O. **O sagrado em Rudolf Otto.** Porto Alegre: Edipucrs, 1993. (Coleção Filosofia 7).

BOWKER, J. **Para entender as religiões.** São Paulo: Ática, 1997.

_____. **O livro de ouro das religiões: a fé no ocidente e no oriente, da pré-história aos nossos dias.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BOFF, L. **Ecologia, mundialização, espiritualidade.** São Paulo: Ática, 2003.

BRASIL. Lei n.º 9.475, de 22 de julho de 1997. Dá nova redação ao artigo 33 da LDBEN n.º 9.394/96.

_____. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Resolução n.º 2, de 7 de abril de 1998.

DICCIONÁRIO del Cristianismo. Barcelon: Editorial Herder, 1974.

DICIONÁRIO de Filosofia. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **O conhecimento sagrado de todas as eras.** São Paulo: Mercúryo, 2004.

FONAPER. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso.** 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1997.

_____. _____. **Caderno temático n.º 1: Ensino Religioso.** Referencial curricular para a proposta pedagógica da escola, 2000.

GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas.** São Paulo: Ática, 2003.

HELLERN, V.; NOTAKER, H.; GAARDER, J. **O livro das religiões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

OTTO, R. **O sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1992.

ROSENDAHL, Z. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

SANDNER, D. **Os navajos e o processo simbólico da cura**. São Paulo: Summus, 1990.

HISTÓRIA

BARCA, I. Verdade e perspectivas do passado na explicação em história: uma visão pós-desconstrucionista. **Revista O Estudo da História** – O ensino da História: problemas da didática e do saber histórico, Lisboa, A. P. H. Associação de Professores de História, n. 3, 1998, p. 163-173.

BEZERRA, H. G. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, L. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2004.

BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001. (Repensando o ensino).

CABRINI, C.; et al. **O ensino de história: revisão urgente**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FORQUIN, J-C. **Escola e cultura: bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

KARNAL, L. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2004.

LEE, P. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, I. (Org.). **Perspectivas em educação histórica: Actas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Minho: Universidade do Minho, 2001.

_____. **Educação histórica**. Opinião. Associação de Professores de História. Disponível em: <<http://www.aph.pt/opinião/opinião>> Acesso em: 06 jun. 2005.

PAIS, J. M. **Consciência histórica e identidade: os jovens portugueses num contexto europeu**. Oeiras: Celta Editora, 1999.

SCHMIDT, M. A. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001. (Repensando o ensino).

LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira**. Brasília, 1997.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BROWN, H. D. **Teaching by principles**: an interactive approach to language pedagogy. San Francisco: Longman, 2001.

ELLIS, R. **Understanding second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1986.

HOLDEN, S.; ROGERS, M. **O ensino de língua inglesa**. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2001.

KELLER, T. M. G. **Aula de língua estrangeira**: uma microecologia das ações. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.

LENNEBERG, E. **Biological foundations of language**. New York: Wiley, 1967.

LORENZATTO, A. O ensino do inglês como língua estrangeira: uma metodologia contextualizada. In: MORAES, G.; BUCHWEITZ, R.; SANTOS, M. (Org.). **A questão cultural no processo ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras**. Passo Fundo: UPF Editora, 2003. p. 9-16.

PAIVA, M. de O. V. L. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C.; CUNHA, M. (Org.). **Caminhos e colheita**: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003. p. 53-84.

PÉRISÉÉ, P. Crianças pequenas aprendem quantos idiomas simultâneos o ambiente lhes proporcionar. **Pátio**, Rio Grande do Sul, ano VIII, n. 31, p. 46-47. ago/out. 2004.

POTHIN, D. Compartilhando realidades: uma experiência virtual entre alunos brasileiros e britânicos. In: MORAES, G.; BUCHWEITZ, R.; SANTOS, M. (Org.). **A questão cultural no processo ensino-**



aprendizagem de línguas estrangeiras. Passo Fundo: UPF Editora, 2003. p. 37-43.

ROTH, G. Teaching very young children. London: Richmond Publishing, 1998.

LÍNGUA PORTUGUESA

BAKHTIN, M. (1953/79/1997). Os gêneros do discurso. In: M. BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes. INAF, Relatório 2005. Disponível em: <http://www.ipm.org.br/an_ind_inaf_5.php> Acesso em: 25 de set. 2005.

BOZZA, S. **Avaliação**: uma questão de critério ou os verdadeiros parâmetros curriculares de língua portuguesa. Curitiba: Ócios do Ofício, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

_____. Ministério da Educação e dos Desportos. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. 2001.

ROJO, R. (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula**: praticando os PCNs. São Paulo: EDUC, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino**: exercício de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

KATO, M. A. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 2002.

KLEIMAN, Â. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

OLIVEIRA, I. de. **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?**: com a palavra o escritor. 1. ed. São Paulo: DCL, 2005.

FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2002.

ZEN, M. I. H. D.; XAVIER M. L. M. **Ensino da língua materna**: para além da tradição. Porto Alegre: Mediação, 1998.

BATISTA, Â.; BOZZA, S. **Produção textual**: a voz e a vez do aluno na sociedade. Sugestões de encaminhamento para produção textual no ensino fundamental. Cascavel: Assoeste, 2000.

BARRETO, R. G. et al. A articulação palavra imagem no movimento dos sentidos. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL AS REDES DE CONHECIMENTO E A TECNOLOGIA: IMAGEM E CIDADANIA, Rio de Janeiro, 2003.

BRANCO, G. et al. **Desenvolvendo a competência leitora**: Projeto Presente. São Paulo: Moderna, 2004. Disponível em <http://www.projetopresente.com.br/projetopresente/formacao/competencia.leitora.pdf> Acesso em: 21 jun. 2005.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Alfabetização**: método fônico. São Paulo: Mennon, 2002.

KATO, M. A.; MOREIRA, N. R.; TARALLO, F. **Estudos em alfabetização**. Campinas, SP: Pontes; Juiz de Fora, MG: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1997.

FERREIRO, E. (Org.). **Relações de (in)dependência entre oralidade e escrita**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KLEIMAN, Â. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005.

NEMIROVSKY, M. **O ensino da linguagem escrita**. Trad. Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003.

RIBEIRO, C. **Aprender a aprender**: algumas considerações sobre estratégias de estudo. Disponível em: www4.crb.ucp.pt/biblioteca/Mathesis/Mathesis11/mathesis11_273.pdf Acesso em: 20 jul. 2005.

SOARES, M. B. Língua escrita, sociedade e cultura. **Revista Brasileira Educacional**, 1995.

MATEMÁTICA

ARAÚJO, A. M. **A passagem da 4.^a para a 5.^a série:** o que pensam professores dessas séries sobre os conteúdos essenciais de matemática. Curitiba, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

BASSANEZI, R. C. **Ensino-aprendizagem com modelagem matemática: uma nova estratégia.** São Paulo: Contexto, 2002.

BIEMBENGUT, M. S.; HEIN, N. **Modelagem matemática no ensino.** São Paulo: Contexto, 2000.

BOYER, C. B. **História da matemática.** 2. ed. Tradução: Elza F. Gomide. São Paulo: Edgar Blücher Ltda., 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Matemática.** v. 3. Brasília, 1997.

_____. _____. _____. **Parâmetros curriculares nacionais: Matemática – 5.^a a 8.^a série.** Brasília, 1998.

BUTTS, T. Formulando problemas adequadamente. In: KRULIK, S.; REYS, R. E. **A resolução de problemas na matemática escolar.** Tradução: Hygino H. Domingues e Olga Corbo. São Paulo: Atual, 1997. p. 32-48.

CAMPOS, T. M. M. (Coord.). Transformações no ensino de Matemática: experiência positiva de professores do pólo 4. In: **SEMINÁRIO**, 1997, Serra Negra, SP. Anais. São Paulo: PROEM, 1998.

COLL, C.; TEBEROSKY, A. **Aprendendo matemática:** conteúdos essenciais para o ensino fundamental de 1.^a a 4.^a série. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, D. M. B. et al. **Elementos de geometria:** geometria plana e espacial. 2. ed. Curitiba, UFPR, 2000. (Apostila).

COSTA, N. C. A. da. **Introdução aos fundamentos da matemática.** São Paulo: Hucitec, 1992. p. 68.

D'AMBROSIO, B. **Como ensinar matemática hoje?** Temas e Debates – Sociedade Brasileira de Educação Matemática, ano VII, 2. ed. n. 1 e 2, 1994.

D'AMBROSIO, U. Etnomatemática: um programa. **Educação Matemática em Revista**, Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, ano 9, n. 1, p. 10, jul. 2002.

_____. **Educação matemática: da teoria à prática.** Campinas, SP: Papirus, 2002.

_____. **Etnomatemática.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

DOMINGUES, K. C. de M. O currículo com abordagem etnomatemática. **Educação Matemática em Revista**, Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, ano 10, n. 14, p. 35-44, ago. 2003.

FONSECA, M. C. F. R. et. al. **Letramento no Brasil: habilidades matemáticas.** São Paulo: Global, 2004.

GIARDINETTO, J. R. B. **Matemática escolar e matemática da vida cotidiana: polêmicas do nosso tempo.** Campinas: Autores Associados, 1999. p. 60.

GONÇALVES, A. **Introdução à álgebra.** Rio de Janeiro: Projeto Euclides – IMPA, 1979.

IMENES, L. M. P.; LELLIS, M. C. **Microdicionário de matemática.** São Paulo: Scipione, 1998.

INMETRO. Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial. **Sistema Internacional de Unidades SI.** 4. ed. Duque de Caxias: INMETRO, 1991.

KAMII, C.; DECLARK, G. **Reinventando a aritmética: implicações da teoria de Piaget.** Campinas, SP: Papirus, 1986.

LIMA, E. L. **Curso de análise.** Instituto de Matemática Pura e Aplicada, Cnpq. Rio de Janeiro: Projeto Euclides – IMPA, 1976.

LINS, R. C. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V. et al. **Pesquisa em educação matemática: concepções e perspectivas.** São Paulo: Editora UNESP, 1999.

LOPES, C. A. E. **A probabilidade e a estatística no ensino fundamental**: uma análise curricular. Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

LOPES, C. A. E.; MOURA, A. R. L. de. (Org.) **Encontro das crianças com o acaso**: as possibilidades, os gráficos e as tabelas. Campinas, SP: UNICAMP – Cempem, 2002. (Desvendando mistérios na educação infantil, v. 1).

_____. **O conhecimento profissional dos professores e suas relações com estatística e probabilidade na educação infantil**. Campinas, 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

MACHADO, N. J. **Lógica? é lógico!** 6. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

MONTEIRO, A.; POMPEU JR., G. **A matemática e os temas transversais**. São Paulo: Moderna, 2001.

NACIONAL COUNCIL OF TEACHERS OF MATHEMATICS. Normas para o Currículo e a Avaliação em Matemática Escolar. Tradução: Associação de Professores de Matemática e Instituto de Inovação Educacional, 1989. Portugal: APM, 1991. Original inglês.

NEVES, I. C. B. et al. **Ler, escrever**: compromisso de todas as áreas. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

NOGUEIRA, C. M. I.; ANDRADE D. Você quer discutir com o computador? **Educação Matemática em Revista**, Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, ano 11, n. 16, p. 25-29, mai. 2004.

OREY, D. C. **Etnomatemática como ação pedagógica**: algumas reflexões sobre a aplicação do Programa Etnomatemática. Disponível em: <www.csus.edu/indiv/o/oreyd/papers/EtnoSalvador.html> Acesso em: 27 jun. 2005.

PAIS, L. C. **Didática da matemática**: uma análise da influência francesa. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002. (Coleção Tendências em Educação Matemática).

PINTO, N. B. **O erro como estratégia didática**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

PIRES, C. M. C. **Currículos de matemática**: da organização linear à idéia de rede. São Paulo: FTD, 2000.

_____; CURI, E.; CAMPOS, T. M. M. (Org.) **Espaço e forma**: a construção de noções geométricas pelas crianças das quatro séries iniciais do ensino fundamental. São Paulo: PROEM, 2000.

PONTE, J. P. da. et al. **Investigações matemáticas na sala de aula**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003. (Coleção Tendências em Educação Matemática).

POZO, J. I. et al. **A solução de problemas**: aprender a resolver, resolver para aprender. Tradução: Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

RODRIGUES, E. da F. **Perspectivas dos professores sobre o ensino da matemática**. Lisboa, 1993. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação, Universidade de Lisboa.

SCHEFFER, N. F.; CAMPAGNOLLO, A. J. **Modelagem matemática**: uma alternativa para o ensino-aprendizagem da matemática no meio rural. Revista Zetetiké – Círculo de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática, Campinas, SP, n. 10, v. 6, p. 35-56, jul-dez. 1998.

SCHLIEMANN, A. de. et al. Da compreensão do sistema decimal à construção de algoritmos. In: ALENCAR, E. S. de. (Org.) **Novas contribuições da Psicologia aos processos de ensino e aprendizagem**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 98-117.

SMOLE, K. S.; DINIZ, M. I. (Org.). **Ler, escrever e resolver problemas**: habilidades básicas para aprender matemática. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SMOOTHEY, M. **Atividades e jogos com estatística**. São Paulo: Scipione, 1998.

TOLEDO, M.; TOLEDO, M. **Didática de matemática**: como dois e dois – a construção da matemática. São Paulo: FTD, 1997.

ZUCHI, I. A importância da linguagem no ensino da matemática. **Educação Matemática em Revista**, Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, ano 11, n. 16, maio 2004. p. 49-55.

FICHA TÉCNICA

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Nara Luz Chierighini Salamunes (Diretora)

Gerência Pedagógica

Maria Leonor Nuñez (Gerente)

Elizabeth Balão dos Santos

Fernanda Scaciota Simões da Silva

Thulla M. Guimarães Mattar

Gerência de Projetos

Rosemari de Oliveira Castro (Gerente)

Fabiola Martins Dalcol

Rosi Cleia Frazão Nadalin

Sueli Simões de Oliveira Waszczymsky

Gerência de Currículo

Maria José Domingues da Silva Giongo (Gerente)

Wilma Born Borges de Macedo

Zulmira Rosa Machado

Ciências

Santina Célia Bordini

Educação Física

Eliane Aparecida Trojan Butenas

Marta Meira de Castro Laranjo



Ensino Religioso

Borres Guilouski

Diná Raquel Daudt da Costa

Emerli Schlögl

Ensino da Arte

Cleonice dos Santos

Daniela Gomes de M. Pedroso

Josilene de Oliveira Fonseca

Teresa Cristina Trizzolini Piekarski

Geografia

Cíntia Maria Fernandes de Paula

Márcia da Cruz

Valéria Edith Gardai Collodel

História

Lilian Costa Castex

Rosi Terezinha Ferrarini Gevaerd

Língua Estrangeira

Angela Cristina Cavichiolo Bussmann

Língua Portuguesa

Alexsandra Cibelly Finkler

Christiane Martins Dallagassa

Nara Lee Hewitt

Matemática

Angelita Minetto Araújo
Anne Heloise Coltro Stelmastchuk
Marcelo Wachiliski
Michelle Tais Faria Feliciano

Colaboração

Denise Nemoto Piccoli
Mariete Helena Choinski

Pedagogos e Alfabetizadores

Núcleo Regional – CIC

Letícia Mara de Meira
Vera Lucia Cordeiro Delezu
Kátia Regina Gracia Vianna

Núcleo Regional – CJ

Maria da Luz Malucelli Prendin
Viviane do Rocio Barbosa
Adriana Ferreira Martins Alflen

Núcleo Regional – BQ

Laura Maria Carbanera Tracz
Alzira da Graça Mendes de Carvalho
Maria do Carmo Souza Neto Schellin

Núcleo Regional – BN

Márcia Bley Raitani Merlin
Rosane Noely Kuchnir Martins de Oliveira
Elaine Dorotea Helliwig Braz

Núcleo Regional – BV

Rita de Cássia Ramos Ribeiro M. Costa

Edeltraud Schmidt Calliari

Joceli Macedo Borges

Núcleo Regional – MZ

Cláudia Maria Carvalho

Marilene Cardoso Kiche

Núcleo Regional – PN

Adriana Barbosa

Karin Cristina Santos

Karin Hemann Horn

Núcleo Regional – PR

Marlene Junges Lanferdini

Regina de Aparecida Damas de Oliveira

Teresinha da Silva Medeiros

Érika Christina L. P. Motta

Núcleo Regional – SF

Edinete Fátima de Souza

Poliana de Araújo Rodrigues

COORDENADORIA DE ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DE ENSINO

Eliane de Souza Cubas Zaions (Coordenadora)

Legislação Educacional

Rosália Kasburg (Gerente)

DEPARTAMENTO DE TECNOLOGIA E DIFUSÃO EDUCACIONAL

Ricardo Antunes de Sá (Diretor)

Gerência de Apoio Gráfico

Dilma Seino Ribeiro Protzek (Gerente)

Capa: João Carlos Ongaro Maciel

Diagramação: Thulla Guimarães Mattar

Revisão: Beatriz de Castro da Cruz

Joseli Siqueira Giublin

Ladanir Millack

Rita Spacki

Sonia Aparecida Glodis Medeiros

Valquiria Trochmann Molinari